UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Função psicológica do trabalho como elemento de enfrentamento ao HIV/Aids

Dario Henrique Teófilo Schezzi

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Função psicológica do trabalho como elemento de enfrentamento ao HIV/Aids

Dario Henrique Teófilo Schezzi

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio de Castro Figueiredo

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Schezzi, Dario Henrique Teófilo
Função Psicológica do trabalho como elemento de
enfrentamento ao HIV/Aids
312 p. : il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP Área de concentração:
Psicologia

Orientador: Figueiredo, Marco Antonio de Castro.

1. HIV/Aids. 2. Trabalho. 3. Enfrentamento.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SCHEZZI, Dario Henrique Teófilo Schezzi

Função Psicológica do trabalho como elemento de enfrentamento ao HIV/Aids

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências
para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

“Para se achar no Ilimitado
Some o indivíduo de Bom Grado
Lá, onde cessa o que é maçante
E sem desejo ou volição,
Sem exigência e obrigação
Todo se dar, já lhe é bastante”

Goethe

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a uma estória de um garoto e seu avô ocorrida já há alguns anos, da mesma época quando o Coronel Aureliano Buendia labutava seus peixes de ouro em Macondo. Dentre muitas estórias que ouvi sobre esta dupla, uma me tocou de modo especial, pois após o avô vir a falecer, o neto descobrira um presente deixado por ele, em uma caixa um formão, com uma orientação: que ele não perdesse “o fio”.

Hoje, nos dias em que trabalhamos para compreender os nomes das coisas, expresso minha profunda gratidão a este garoto, pai do homem de hoje, por conduzido o fio até um ponto em que tive a oportunidade de percebê-lo e ter despertado em mim o desejo de segui-lo.

Este trabalho é a primeira tentativa de manter o fio.

AGRADECIMENTOS

Luizinho e Zilminha, de quem herdei minhas melhores qualidades, recebi tanto que meus esforços são minha tentativa de me fazer merecedor de tudo, este é meu principal sentido de vida.

Marco, orientador da vida pra academia, reinventou minha noção de humanismo me demonstrando na prática que a universidade ainda pode ser um lugar de relações verdadeiras e significativas.

Glauco, amigo e irmão, tu é um grande exemplo de vida pra mim.

Agradeço também às pessoas que me dão muito afeto, aos companheiros de militância, aos que vejo sempre ou aos que falo pela net, ou pelas preces; aos que reencontrei, depois de tantos anos; às caminhadas de domingo de manhã, aos chás de garagem; aos parceiros de blues, jazz, na “coisa” ou não; às conversas nas ruas de madrugada, aos amigos de esquina, aos “piapareiros”; aos que partilham comigo o dia-a-dia do trabalho, aos moradores da Casa Terracota; à minha imensa família, de pessoas batalhadoras e afetuosas, vocês me dão minha terra e meu sentido.

Tenho a necessidade de citar algumas pessoas que me ajudaram concretamente com a finalização da “Dirce”: Lucci, pessoa que aprofundou minha noção de amizade e vínculo, devo este trabalho à sua dedicação e ao seu vigilante São Longuinho; Rê, minha supervisora clínica, tive o privilégio de contar com seu olhar treinado, sensibilidade aguçada e precisão semântica... Glauco, em sua face de tradutor e intérprete, além de um grande alargador de idéias e percepções aos sábados. Fabiano, o “Caldeira”, e sua caneta encantada; ao Delmiro e sua facilitação de idéias; São Vespaziano, obrigado pela graça alcançada e por ter me salvo da ansiedade com seu bolo de cenoura especial além de ser o maior contador de causo que conheço. Queridos Corepianos, Loiro, Marcelinho, Domic, Drieiko e Simone e minha querida amiga de Nupesco Karen, que me ajudaram com referências; aos militantes SUS-Cebeanos-caipiras Pedrão e Tânia, Jabá, Zé, Nati, Julia, Johnny, Gui e Lara e gestores do CRP: Márcia e Lis, Chris, Massumi, Léo Gabarra, Alice, Dan, Taís e Lú – obrigado pela paciência, compreensão e torcida. Ju e Vera, sensíveis docentes que muito colaboraram na qualificação. Jô, veterana adorada e quase co-orientadora, me ajudou a formatar este texto, colaborou com inúmeras referências além de sua dissertação que usei de modelo, e por fim Gislaine, companheira de trabalho, sua tolerância e capacidade de compreensão é um exemplo profissional e Aldo, grande irmão e exemplo, cujos sonhos humanistas estão impregnados em todo este trabalho.

Este trabalho foi concebido para ir de encontro às necessidades de todas as pessoas que tive e tenho a oportunidade de me encontrar profissionalmente. Pessoas a qual tenho a responsabilidade do cuidado em saúde, vocês são meu principal motivo para acordar de manhã.

Quero agradecer e também dedicar este trabalho, por fim, às pessoas, amigas, que sentaram comigo para um bom dedo de prosa em frente a um gravador, me permitiram conhecer suas alegrias e momentos difíceis, vocês não tem idéia sobre o quanto este momento me fez crescer e no quanto mudou a idéia que eu tenho de vocês e de mim mesmo.

RESUMO

SCHEZZI, D. H. T. **Função Psicológica do Trabalho como elemento de enfrentamento à Aids**. 2011. 266 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Desde o advento dos Antiretrovirais, a literatura científica tem se debruçado em compreender os elementos associados à adesão dos pacientes ao tratamento medicamentoso. Pesquisas indicam que a experiência de produtividade e senso de utilidade poderiam estar positivamente associados ao enfrentamento à doença. O ato do trabalho pode ser então compreendido como um ponto em que se cruzam as condições materiais de vida, processos de criação de valores e da própria identidade humana. Esta pesquisa buscou compreender elementos relacionados ao enfrentamento da condição de soropositivo, associado a determinantes históricos e questões materiais de sobrevivência. Objetivou-se criar elementos de visibilidade sobre processos envolvidos no enfrentamento da Aids, relacionados com o trabalho, com a finalidade de conceber e subsidiar programas de atenção e promoção à saúde no âmbito do HIV/Aids. Foram coletadas seis histórias de vida de pessoas vivendo com HIV/Aids via procedimentos semi-estruturados, focalizados em experiências vivenciadas no trabalho por processos de apropriação das condições de vida. Tais dados foram processados com base em análise qualitativa sobre conteúdos, agrupados em categorias temáticas. As análises realizadas identificaram cinco categorias gerais: Origem que traz elementos de vivência familiar e contexto sócio-histórico; Condições Materiais de Vida, com as subcategorias subsistência, trabalho e atuação política. As categorias Vulnerabilidade e Descoberta do HIV/Aids, demonstram processos como estigma, vulnerabilidade de gênero, pobreza, acesso à serviços de saúde e significação da soropositividade. Ainda a categoria principal, “Atenção em Saúde” descreve as ações de encontro à vulnerabilidade programática, e a categoria Enfrentamento apresentou reflexões sobre compromisso, experiência religiosa, apoio e superação. Aqui, a Fé religiosa, mostrou-se um elemento que dá tranquilidade e perspectiva de melhora futura, o Apoio, como um ponto estratégico para a significação do viver com HIV/Aids, o Compromisso se destacou como um elemento significativo de enfrentamento. Foi relatado que o enfrentamento foi proporcionado através do compromisso compreendido a partir do vínculo ético e empático com pessoas afetadas; A subcategoria Descoberta do HIV apontou como um momento de fragilidade e necessitando de atenção e cuidado. A categoria “Superação”, apresentou dados do Trabalho como enfrentamento” traz os elementos onde os participantes relataram o trabalho como produtor da realização das potencialidades de cada um, esta experiência tida como prazerosa e provedora de sentido e compreendida como uma questão além do ser soropositivo; aqui, quando perguntados se a experiência de desenvolvimento das potencialidades de cada um no trabalho eram tidas como positivas ao enfrentamento da Aids.

Palavras- Chave: HIV/Aids; Enfrentamento; Trabalho.

ABSTRACT

SCHEZZI, D. H. T. **Psychological Function of Labor as coping response to AIDS**. 2011. 266 f. Thesis (Master) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Since the advent of antiretroviral drugs, the scientific literature have devoted their attention to understand the factors associated with patient adherence to drug treatment. Research indicates that the productivity experience and sense of usefulness could be positively associated with coping with the disease. The act of work can then be understood as a cross point where the material conditions of life, processes of value creation and the very human identity. This research sought to understand factors related to coping with HIV status, associated with material issues and historical determinants of survival. The objective was to create elements of visibility into processes involved in fighting AIDS-related work, in order to develop and subsidize care programs and health promotion in the context of HIV / AIDS. We collected six life stories of people living with HIV / AIDS through semi-structured procedures, focusing on experiences in the work processes of appropriation of the living conditions. These data were analyzed based on qualitative content analysis, grouped into thematic categories. The analysis has identified five general categories: source that brings elements of family life and the socio-historical, material conditions of life, with the subcategories livelihood, work and play politics. The categories and Vulnerability Discovery of HIV / AIDS, demonstrate processes such as stigma, gender vulnerability, poverty, access to health services and significance of seropositivity. Although the main category, "health care" describes the actions against the programmatic vulnerability, and coping category presented reflections on commitment, religious experience, support and improvement. Here, religious faith, was one element that gives peace and future prospect of improvement, the support as a strategic point to the significance of living with HIV / AIDS, the commitment has emerged as a significant element of confrontation. It was reported that the confrontation was provided through engagement understood from the ethical and empathic bond with those affected; Subcategory pointed Discovery of HIV as a moment of weakness and need of care. The category "Overcome", presented data from Labour as coping "brings the elements where the participants reported work as producer of the realization of the potentialities of each one, taken this experience as pleasurable and provider of meaning and well understood as a matter of being HIV positive and here, when asked if the experience of developing the potential of each one at work were taken as positive the fight against AIDS.

Keywords: HIV / AIDS; Coping; Work.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	21
2. INTRODUÇÃO	29
3. OBJETIVOS.....	37
3.1 Objetivos Gerais.....	39
3.2 Objetivos Específicos.....	39
4. METODOLOGIA.....	41
4.1 Referencial Teórico	43
4.2 Caracterização das Entrevistas e do Local onde ocorreu o Estudo.....	44
4.3 Procedimentos para a coleta de Dados.....	44
4.4Aspectos Éticos.....	46
5. RESULTADOS.....	49
6. DISCUSSÃO.....	73
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
8.1 ANEXOS A.....	101
8.2 ANEXOS B.....	105
9. APÊNDICES	107

Quem tem consciência pra se ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra mola que resiste

Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade decepado
Entre os dentes segura a primavera

Primavera Nos Dentes
Secos & Molhados
João Ricardo/João Apolinário

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 A Origem deste fio: trajetória do pesquisador e contexto deste tema de pesquisa

Considerando que este trabalho entende que a compreensão das histórias é um bom método para a compreensão dos contextos, é apresentado aqui, com certa licença poética, o desenho do fio pela qual estas reflexões caminharam.

Esta Dissertação é fruto de uma trajetória que começou há doze anos, quando iniciei a pesquisa “noção de sentido e significado em Merleau-Ponty”, orientado pelo Prof. Dr. Reinaldo Furlan, onde, após iniciar um projeto de extensão universitária a partir da prática profissional no Centro de Testagem em Aconselhamento, da prefeitura de Ribeirão Preto, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio de Castro Figueiredo e sob supervisão da psicóloga e sexóloga Cristina Caliento, pude optar por continuar a pesquisa de elementos de sentido e significado a partir da história de vida de pessoas com o HIV/Aids, na monografia de bacharelado especial em pesquisa intitulada “História e sentido de vida: relatos de pessoas que vivem com o hiv/aids”, finalizada em 2004 e orientado pelo Prof. Dr. Marco Antonio Figueiredo. Desde então tive a oportunidade de trabalhar durante quatro anos neste serviço de testagem para HIV/Aids da Prefeitura de Ribeirão Preto, realizando aconselhamentos prévios e posteriores como parte da testagem sorológica para o hiv, com o objetivo de observar os elementos presentes no processo de elaboração da soropositividade para o hiv, paralelamente fui convidado pelo Prof. Dr. Sr. X Duarte a continuar o trabalho de extensão universitária iniciado pela Profa. Dra. Ana Alayde Werba Saldanha, junto ao Ambulatório de Moléstias Infecto Contagiosas em Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, o AMIGO, trabalho que também foi realizado durante quatro anos, onde pudemos abordar aspectos psicossociais relevantes na atenção junto à com gestantes infectadas pelo hiv, hepatites verais, sífilis e outras infecções contagiosas. Paralelamente à este trabalho, pude contar com uma experiência no Programa Municipal de DST/aids em Jaboticabal, desde o ano de 2003, atuando como psicólogo do Ambulatório de Infectologia, que cuida de cerca de 300 pessoas vivendo com o hiv e cerca de 250 pessoas com hepatites virais, dados atuais. Neste trabalho pude conviver com o Prof. Dr. Aldo de Albuquerque Cunha, um infectologista não muito convencional, que certo dia acordou com uma idéia obtida através de um sonho, em que via “cabras pastando no

jardim”, na música de Elis Regina, e em uma noite escreve um projeto de adesão à terapia antirretroviral intitulado “*Comunidade Agrícola Terapêutica – Adesão ao tratamento AntiRetroviral*” para um prêmio da Sociedade brasileira de Infectologia, o qual ganha o primeiro lugar e o prêmio de trinta mil reais para a execução do projeto.

Após a doação de um terreno com cerca de quatro mil metros quadrados, num lugar tranquilo da cidade, pela Prefeitura Municipal de Jaboticabal, contrui-se um Centro de Vivência e iniciou-se junto aos usuários do serviço um projeto de geração de renda a partir de uma horta comunitária.

Após inúmeras dificuldades iniciais, convidamos para a gestão do projeto as Profas. Dras. Ana Claudia Gianini e Ana Paula Brancaloni, coordenadoras do “Projeto Suporte” da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP de Jaboticabal, que o incorporam como projeto de extensão universitária e encaminham diversos estagiários do curso de administração e agronomia para a horta.

A experiência de realização de grupos junto aos usuáριοa da horta foi de uma riqueza inestimável, mesmo considerando as dificuldades de nossa inexperiência em lidar com um projeto de geração de renda, porém a observação, a partir da realização destes grupos, dos relatos das transformações vivenciadas na horta, pelos participantes, despertou a atenção para a influência da função psicológica do trabalho e sua relação com o enfrentamento que resultou no tema desta presente Dissertação. A escolha do tema “trabalho” foi uma feliz sincronicidade, entre o que foi vivenciado em 3 anos de coordenação do projeto da horta e a especialidade do orientador deste projeto.

Como psicólogo (com licença poética para a primeira pessoa), muitas vezes me percebia realizando o trabalho de uma assistente social, pois muitas e muitas de nossas demandas eram da “área social” (como se também não fizesse parte de uma concepção mais ampliada de saúde);

Muito nos prejudicou o modo com que esperávamos as demandas dos usuários.

Segundo o artigo “(IR)Racionalidade Médica, os paradoxos da clínica”, de Kenneth Rochel de Camargo Jr, propõe que as categorias “Saúde, doença, cura e homem”, sejam substituídas pelo sofrimento como eixo principal de reorganização da prática médica. (CAMARGO, 1992)

Nesta experiência, pelo que foi percebido e vivenciado como um disparador à esta reflexão, a vivência da espera da demanda em um formato multiprofissional, onde o médico aguarda demandas sobre o tratamento a partir de informações clínicas, laboratoriais e sobre a adesão do

paciente, nas consultas e regularidade na retirada de medicamentos junto à farmácia; a enfermeira buscando agilizar seus protocolos clínicos de produção do cuidado e o psicólogo buscando enquadrar a todos os usuários dentro de um setting de psicoterapia clínica, levava a observar as reais demandas psicossociais dos usuários com estranhamento e frustração, pois algo não estava se encaixando, onde os pacientes estariam errando?

A experiência do trabalho com adolescentes com dificuldades de disciplina e aprendizado em uma unidade de saúde da família de um distrito rural de Jaboticabal trouxe a discussão sobre a necessidade da escola de se adaptar às suas demandas. Transpor esta experiência para o ambulatório de infectologia foi bem mais difícil que o Insight, dado os modos cristalizados com que foram construídas e estabelecidas nossas práticas profissionais.

A prática junto aos usuários ocorreu através de grupos operativos relacionados ao trabalho na horta, como também à grupos de adesão, em que se discutiu problemas e dúvidas relacionadas ao tratamento. Porém sempre apareceram inúmeras dificuldades e demandas, de cunho pessoal e psicossocial, referentes às realidades e reais necessidades dos participantes envolvidos, que foram interpretados como normais de se apresentarem em qualquer trabalho.

A prática humanista de promoção de saúde que se desenvolveu nestes anos de produção do cuidado em saúde a partir da convivência, permitiu que a equipe pudesse ir além do enfrentamento à Aids baseado no discurso da Adesão ao tratamento, compreendido como limitado pois não prevê uma “adesão à vida”, e permitiu-se compreender as demandas concretas que nos eram apresentadas já há anos e que sempre tinham sido delegadas à responsabilidade de outras áreas que não a saúde, como a Assistência Social ou a Educação.

Certo dia, em uma conversa com duas das participantes, foi dita uma frase que demonstrou a importância daquela experiência de trabalho na transformação da vida destas pessoas como um todo.

A fala despertou um interesse em compreender melhor como os processos de trabalho influenciam na dinâmica da personalidade humana, e como poderiam influenciar programas voltados para a melhoria das condições de vida (que é algo prévio à noção de qualidade de vida). E como os programas podem se organizar para orientar seus usuários neste processo. Não apenas do trabalho como um todo, um enfrentamento não à Aids, pois o enfrentamento à Aids está contido dentro do enfrentamento às condições inadequadas de vida.

Ao final da leitura deste texto, ficará claro o questionamento de que se está apresentando muito mais elementos para subsidiar o enfrentamento à Aids do que apenas uma categoria;

1.2 Contexto Crítico desta pesquisa

Desde o advento dos Antiretrovirais, a literatura científica da área tem se debruçado em compreender os elementos associados à adesão dos pacientes ao tratamento medicamentoso.

Os principais elementos destes estudos apontam para: manuais de adesão, segundo os manuais de adesão produzidos pelo Programa Estadual de DST/Aids e Programa Nacional de DST/Aids. (CARACIOLO, 2007; BRASIL, 2010)

Uma crítica que tem sido apresentada, como contraponto ao discurso da adesão, é que esta leitura enquadra a tomada de medicamento como ponto central para o sucesso do tratamento médico, em detrimento das questões psicossociais relativas à subjetividade da pessoa que vive com o HIV/Aids. (SCHEZZI, 2004)

Este trabalho parte da necessidade de compreensão dos aspectos subjetivos relacionados às pessoas que vivem com HIV/Aids, partindo do indicativo de suas vivências como ponto central de análise, como os sentidos e significados relacionados ao viver com a infecção do HIV/Aids, e principalmente, as condições materiais de vida, que estão além do viver com Aids.

Como continuidade à monografia de bacharelado, apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no ano de 2004, a busca de compreender os processos de construção dos sentidos e significados de vida, relacionados ao viver com Aids, a partir de construções no contexto sócio-histórico de construção destas pessoas.

Este trabalho gerou elementos que apontaram para a experiência subjetiva do trabalho como possibilidade de reconstrução de uma nova identidade, e novas relações, o perceber-se potencialmente produtivo é um fator que remete à pessoa ao futuro, tema este em conflito na experiência de enfrentamento da Aids. (SCHEZZI, 2004)

Este trabalho representa um esforço para criar elementos que dêem visibilidade aos efeitos da experiência positiva do trabalho, entendido aqui como processo subjetivo de criação, auto-realização e sentido de vida.

2. INTRODUÇÃO

2. INTRODUÇÃO

2.1. Considerações sobre a construção brasileira da epidemia de Aids.

Já se passaram 30 anos desde a identificação dos primeiros pacientes apresentando o mesmo quadro clínico, que mais tarde veio a se chamar de Aids (LIMA, 1996). Desde então teceu-se toda uma história da luta da sociedade contra esta doença, que ao ter se disseminado globalmente, provocou e provoca profundas transformações sociais. (PARKER, 2000)

Em um dos exemplos destas transformações podemos citar as mudanças que ocorreram nos esforços para compreender a própria epidemia. O aprendizado resultado deste esforço foi significativo e transformou até mesmo a própria concepção da relação saúde-doença. Neste sentido, pode-se citar a análise de Parker (2000), em que descreve a mudança da concepção de ‘risco individual’ para a noção de ‘vulnerabilidade social’. Existiram principalmente três modos de se compreender o fenômeno da Aids. Inicialmente, segundo este autor, concebia-se a noção de grupos de risco, e modificou-se para o comportamento de risco, até a percepção de que estes modelos não respondiam aos dados epidemiológicos, quando então ficou claro a necessidade de identificar determinações sociais e políticas para a compreensão da epidemia, surgindo a noção de vulnerabilidade social.

A construção destas concepções levaram em conta os valores de cada período, e marca os processos de compreensão do fenômeno da Aids no Brasil. Acerca da noção de grupos de risco, comenta Saldanha (2003):

“Os estudos epidemiológicos iniciais passaram a buscar ativamente os fatores de risco associáveis à doença, dando origem aos “grupos de risco”, expressão esta, que embora superada, marcou irreversivelmente a construção social e histórica da Aids implicando na discriminação, estigma, preconceito e exclusão do indivíduo contaminado. É a recomendação ao sujeito que se comportou fora do recomendável, que transgrediu as normas do prazer e do uso do sexo, da utilização de drogas. (p. 16)”

Do ponto de vista das práticas de identificação destes grupos, dentro das representações e imaginários sociais, esta síndrome então teve inicialmente sua caracterização marcada pela hegemonia do discurso médico, reforçada pelas práticas midiáticas, resultando em

representações configuradas em morte, contágio e sexo. (PAULILO, 1999). A influência da mídia, detentora de posição relevante na construção dos significados sociais, implicou inicialmente na associação da imagem da epidemia aos seus próprios membros, homossexuais da classe média e de alto nível intelectual, artistas, e membros de grupos sociais próximos à mídia sobre os quais esta costuma falar. Nas práticas sociais de identificação destes grupos, inclui-se o estranho, que passa a ser olhado com desconfiança, tendo por consequência a instalação de um tipo de violência caracterizada pela hostilidade e isolamento contra os pertencentes aos grupos de risco. (SALDANHA, 2003).

Em resposta a estes dispositivos sociais, surge a noção de comportamento de risco, que objetivou retirar o peso do estigma dos grupos; entretanto Ayres (1999) afirma que este conceito também fracassa, pois tende a acentuar a culpabilização individual, ou seja, quanto mais o comportamento se afasta do tradicional, maior o suposto risco do contágio.

A partir destas contestações, adotou-se a noção de vulnerabilidade, buscando compreender os elementos que tornam os indivíduos predispostos à infecção, elementos estes que significam não se ter meios para se proteger, não ter acesso aos cuidados com a saúde, à educação, trabalho, fonte de renda, moradia. (SALDANHA, 2003). É, também, não ter voz ativa politicamente, não ter escuta social nem liberdade para escolher ou propor mudanças. Este conceito então leva em conta influências sociais, governamentais e institucionais. Segundo Ayres (1999), a vulnerabilidade de um grupo populacional à epidemia de HIV *é definida pelo conjunto das características macropolíticas, econômicas e socioculturais que reforçam ou diluem o risco individual*. Esta noção possibilitou a universalização da preocupação com os problemas da transmissão, potencializando as estratégias de prevenção a encontrar o indivíduo e a trabalhar com possibilidades reais de todos se contaminarem. O conceito de vulnerabilidade busca estabelecer uma síntese conceitual e prática das dimensões político-institucionais e comportamentos, associada às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e reações a infecção por HIV e às suas consequências indesejáveis (doença e morte).

Para Parker (1994), com este conceito houve um avanço significativo nas políticas de prevenção da epidemia:

“Talvez a mais importante transformação isolada em nossa maneira de pensar sobre HIV/Aids no início dos anos noventa tenha sido o esforço para superar essa contradição

(entre “grupos de risco” e “população geral”) pela passagem da noção de risco individual a uma nova compreensão da vulnerabilidade social, passagem crucial não só para nossa compreensão da epidemia, mas para qualquer estratégia capaz de conter seu avanço.” (p.05)

Ao mesmo tempo, revela-se a importância de um cuidado especial para se evitar a atribuição de culpa ao indivíduo, pois a atuação no nível individual, pode transpor a estigmatização dos grupos de risco. Ainda citando Parker, é confirmado que quando o comportamento do indivíduo é trazido para o centro da cena, a consequência inevitável é que se atribua à displicência, para dizer o mínimo, à eventual falha na prevenção.

Concomitantemente às estratégias de prevenção governamentais, surgiram associações de pessoas que vivem com HIV/Aids, junto a seus familiares e pessoas solidárias à causa da luta em prol da melhoria da qualidade de vida desta população; grupos de homens que fazem sexo com homens, “profissionais do sexo”, puderam criar um novo discurso sobre a epidemia, e novos modos de convívio, em detrimento ao discurso médico-científico, e ao midiático, ganhou e tem obtido reconhecimento e estrutura política e social, surgindo assim um novo setor na luta contra a enfermidade. (FIGUEIREDO, 2000).

Em relação à atenção de pessoas vivendo com Aids, surge a noção de enfrentamento à doença, termo que se relaciona com a idéia de uma luta ativa contra a doença. A atenção à pessoa vivendo com o HIV/Aids foi construída a partir da própria reivindicação dos pacientes portadores do HIV, e inicialmente a partir de grupos de defesa dos direitos dos homossexuais. (GALVÃO, 2000)

Esta origem política da estruturação da atenção à Aids, no âmbito do SUS, e seu enfrentamento, no âmbito social, exacerbou, no Brasil, a concepção de enfrentamento como uma atividade que engloba um processo de ressignificação psicológica da doença, no sentido de elaboração, conjuntamente com uma atitude de luta pela vida, dentro de uma perspectiva política.

Ao lado dos processos psicossociais de enfrentamento à Aids, desde 1996, com o advento de novas classes de Anti-Retrovirais (inibidores da protease e os inibidores de transcriptase reversa não nucleosídios) foi possível alcançar, mediante politerapia anti-retroviral combinada, êxitos significativos no tratamento de pessoas infectadas por HIV. Em decorrência, constatou-se uma diminuição relevante nos índices de morbidade e mortalidade por Aids. (SEIDL, 2007).

Ao mesmo tempo, há que salientar que o uso inferior à 95% dos comprimidos prescritos ao tratamento à Aids não é suficiente para manter a supressão da replicação viral e, em consequência, sua resistência às medicações. Surgem então novos desafios junto ao cuidado de pessoas vivendo com HIV/Aids como, por exemplo a qualidade de vida e a chamada “adesão ao tratamento” encontrando-se em destaque nos últimos anos nas literaturas psicossocial e biomédica. Segundo Joselita Caraciolo, infectologista do Programa Estadual de DST/Aids do Estado de São Paulo, a adesão é:

nos dias de hoje, o maior determinante da resposta terapêutica e também o maior desafio para sua manutenção. O uso correto dos medicamentos precisa ser garantido, desde o princípio do tratamento, e existe uma tendência para sua oscilação e diminuição ao longo do tempo. (p.11) (CARACIOLO, 2007);

Adão, (2007), num artigo intitulado “fatores que influenciam a adesão aos anti-retrovirais, relata que um dos fatores observados à baixa adesão ao tratamento é a baixa escolaridade e os baixos salários, relacionando a noção de vulnerabilidade social, à dificuldade de êxito no tratamento anti-Aids.

2.2 Contexto do grupo “Programa de Atenção Psicossocial” na construção do Enfrentamento à Aids no Brasil

Este trabalho surge neste contexto, a partir da prática do cuidado em saúde junto à pessoas com hiv/aids e também a partir da militância política junto ao movimento de pessoas com hiv/aids, na busca da compreensão de elementos de síntese, entre os sentidos e significados implícitos nas vivências das pessoas que vivem com o hiv/aids e as perspectivas de atendimento oferecido pelos profissionais no âmbito do Sistema Único de Saúde.

Na busca pela compreensão destes elementos de enfrentamento à Aids, em 2004 foi realizado pelo Programa de Atendimento Psicossocial à Aids, da Universidade de São Paulo (PAPSI) uma pesquisa sobre História e Sentido de Vida de pessoas vivendo com o HIV/Aids, buscando compreender o processo de enfrentamento à Aids a partir da concepção de sentido de vida de Viktor Frankl (SCHEZZI, 2004). Nos relatos das pessoas com HIV/Aids a experiência do trabalho era citada como relacionado à experiência de enfrentamento e ressignificação do viver com HIV/Aids.

O ato do trabalho pode ser então compreendido como um ponto em que se cruzam as condições materiais de vida; processos de criação de valores e da própria identidade humana. Acerca desta relação, comenta Erbès-Seguin:

“Il n'utilise que rarement le terme d'identité, mais, pour lui, l'identité professionnelle est l'un des éléments constitutifs de l'identité sociale, c'est le métier ou la profession, tel que forgé par le milieu socioprofessionnel et l'apprentissage.”(p.12) (ERBES-SEGUIN apud DUBAR, 1994)

Yves Clot, 2007, busca definir a função psicológica do trabalho situando-o sob a perspectiva da psicologia do trabalho, entre uma psicologia cognitiva do trabalho e a psicodinâmica do trabalho, aproximada à tradição compreensiva por Dejours:

“é uma análise fenomenológica da relação com o trabalho que se dedica Dejours, que procura compreender a conversão do sofrimento originário do sujeito – protensão voltada para o mundo constitutivo de toda subjetividade -, em prazer, graças à intersubjetividade da ação”(p.60) (apud DEJOURS, 1996)

É sabido que as condições materiais de vida têm papel fundamental na construção da identidade e das relações sociais. As condições sócio-econômicas caminham junto à busca de qualidade de vida e aos projetos de promoção e prevenção de saúde; o ato do trabalho pode ser compreendido como um ponto em que se cruzam as condições materiais de vida, os processos de criação de valores da própria identidade humana. (FIGUEIREDO, 1989; GONÇALVES, 1988).

A prática profissional no ambulatório de HIV/Aids de Jaboticabal também tem corroborado que a atividade do trabalho, entendida aqui enquanto sua perspectiva intersubjetiva, mobiliza e interfere na qualidade de vida da pessoa, por ser elemento de constituição da própria subjetividade, podendo estar associada aos processos de enfrentamento à Aids.

Segundo a pesquisa em Schezzi (2004), o trabalho é visto como fonte de apropriação e autonomia da própria vida e significação de si como pessoa capaz (poder pessoal em realização). O trabalho permite a pessoa perceber-se auto-realizadora e apropriar-se de projetos em que se vê capaz e disposta a ajudar a outras pessoas e/ou a si mesma). Nesta experiência, o perceber-se capaz, revela à pessoa um poder em que esta se vê capaz de suportar dificuldades. O trabalho proporciona à pessoa elementos para a redução do estigma, uma sensação de igualdade social.

Sendo estes processos significativos para a compreensão da relação entre a vulnerabilidade social e o enfrentamento à Aids, têm-se, na experiência do trabalho, um local estratégico para a compreensão destes elementos.

Este trabalho busca compreender elementos relacionados ao enfrentamento da condição de soropositivo, associado a determinantes históricos e questões materiais de sobrevivência.

3. OBJETIVOS

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Criar elementos de visibilidade sobre processos envolvidos no enfrentamento da Aids, relacionados com o trabalho, com a finalidade de conceber e subsidiar programas de atenção e promoção à saúde no âmbito do HIV/Aids.

3.2. Objetivos Específicos

Especificamente propõe-se ampliar a compreensão acerca destes elementos, instrumentalizando as políticas de atenção em HIV/Aids para a promoção de recursos junto à comunidade organizada, visando a apropriação de elementos para reduzir a vulnerabilidade social em HV/Aids: cuidado doméstico, *direitos* reprodutivos da mulher, pauperização, HIV/Aids e feminilização do contágio.

Criar elementos de visibilidade sobre processos envolvidos no enfrentamento da Aids, relacionados com o trabalho, com a finalidade de conceber e subsidiar programas de atenção e promoção à saúde no âmbito do HIV/Aids.

Especificamente propõe-se ampliar a compreensão acerca destes elementos, instrumentalizando as políticas de atenção em HIV/Aids para a promoção de recursos junto à comunidade organizada, visando a apropriação de elementos para reduzir a vulnerabilidade social em HV/Aids: cuidado doméstico, *direitos* reprodutivos da mulher, pauperização, HIV/Aids e feminilização do contágio.

4. METODOLOGIA

4. METODOLOGIA

4.1. Referencial Teórico

Foram realizadas entrevistas verbais de História de Vida, a partir do que caracteriza Minayo (2004, p.126-128), realizada como uma *entrevista prolongada*, a partir de uma interação do pesquisador e do informante. As entrevistas foram estruturadas como entrevistas focalizadas, *onde se aprofunda a conversa sobre determinado tema sem prévio roteiro, (...), e visa a colocar as respostas do sujeito no seu próprio contexto, evitando-se a prevalência comum nos questionários estruturados, do quadro conceitual preestabelecido do pesquisador* (MINAYO 2004 p.108-109).

Foram coletadas histórias de vida de pessoas vivendo com HIV/Aids via procedimentos semi-estruturados, focalizados em experiências vivenciadas no trabalho por processos de apropriação das condições de vida. Tais dados foram processados com base em análise qualitativa sobre conteúdos, agrupados em categorias temáticas, identificados *ex post facto*. (FIGUEIREDO, 2007).

4.2. Caracterização das Entrevistas e do local onde foi realizado o Estudo.

Inicialmente este trabalho foi concebido para ser realizado junto a dez pessoas vivendo com HIV/Aids que frequentam o Centro de Referência em Infectologia de Jaboticabal, porém a medida que as entrevistas foram sendo oferecidas, teve-se a oportunidade de entrevistar outras pessoas que não faziam o tratamento no município, incluindo pessoas de outras cidades, na intenção de diversificar as experiências, especialmente as ligadas à militância política. Após a coleta de dez entrevistas, obteve-se uma grande quantidade de informações onde optamos por analisar seis destas e apresentamos neste trabalho a análise de quatro entrevistas, consideradas mais significativas do ponto de vista das vivências relatadas, que incluem pacientes do ambulatório de DST/Aids de Jaboticabal e de pessoas de outros municípios.

4.3. Procedimento para coleta dos dados

4.3.1 Procedimento para coleta de dados:

4.3.1.a. Entrevistas:

Foram realizadas entrevistas individuais com os sujeitos, gravadas e transcritas na íntegra (Apêndice A), onde se cuidou de preservar a identidade dos participantes, tomando como conduta procedimentos semi-estruturados, de acordo com a proposta de Figueiredo (2007), que compreendem três etapas:

Evocação: Após o rapport com o sujeito, onde foram discutidas questões referentes à sua participação, envolvendo o consentimento informado e as informações relevantes sobre o trabalho, como a adesão espontânea, o sigilo, a devolução dos resultados e resolução das dúvidas, foi solicitado à pessoa entrevistada que refletisse, durante um tempo determinado, sobre as coisas mais importantes, boas ou ruins, ocorridas na sua história de vida;

Enunciação: Após o sujeito ter pensado sobre o que lhe foi solicitado, o entrevistador entrega uma caneta e uma folha de papel em branco e solicita que o participante escreva com suas próprias palavras, o que de mais importante pensara durante a fase anterior. Caso o sujeito tenha dificuldades para escrever, o entrevistador recolherá a caneta e a folha de papel e pedirá para que a pessoa diga (ou dite) o que iria escrever, para que seja transcrito *ipsis litteris*.

Averiguação: Após a enunciação do sujeito, o entrevistador inicia a entrevista propriamente dita, que consiste em verificar e discutir com o entrevistado os conteúdos evocados na primeira fase. De posse dos conteúdos enunciados o entrevistador orienta a narrativa do sujeito construindo sua história de vida, verificando cada enunciação em particular. Em consenso com o sujeito (caso este já tenha consentido durante o rapport), o entrevistador avisa do acionamento do gravador antes de iniciar esta etapa.

4.3.1.b. Análise de conteúdo e tratamento dos dados: Foi realizado com base na transcrição do material da entrevista. Esta análise passa por uma averiguação de conteúdos, processada segundo procedimentos propostos por Figueiredo (2007) conforme apresentamos a seguir:

QUADRO₁ Etapas do procedimento de Análise de Conteúdo das entrevistas

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL	
PRIMEIRA FASE (SESSÕES/SUJEITOS)	A. LEITURA INICIAL
	B. MARCAÇÃO
	C. CORTE
	D. PRIMEIRA JUNÇÃO*
	E. NOTAÇÃO
	F. ORGANIZAÇÃO E PRIMEIRA SÍNTESE
SEGUNDA JUNÇÃO**	
SEGUNDA FASE (CONTEÚDOS)	G. LEITURA INICIAL
	H. ORGANIZAÇÃO
	I. NOTAÇÃO
	J. REDAÇÃO FINAL

* Conteúdos relacionados a várias Categorias, no mesmo sujeito ou mesmo grupo.

**Conteúdos de vários sujeitos ou vários grupos, em uma mesma Categoria

Primeira Fase: Fase a ser realizada sobre as transcrições das gravações das entrevistas individuais. Nesta fase, a primeira síntese o deverá se efetuar *partindo de conteúdos comuns dentro de uma mesma entrevista*. Deverá compreender as seguintes etapas:

a. Leitura Inicial: Compreende uma série de leituras em profundidade, onde são identificados alguns trechos preliminares, ligados a Categorias Temáticas de conteúdos tratados nas entrevistas.

b. Marcação: Nesta etapa, alguns trechos das transcrições são selecionados, destacando os conteúdos correspondentes às Categorias Temáticas, além de outros conteúdos julgados significantes.

c. Corte: Os trechos selecionados são, então, retirados do texto.

d. Primeira Junção: Os trechos recortados são agrupados por sujeito e dispostos em um protocolo de análise.

e. Notação: Observações marginais são então realizadas sobre cada um dos trechos, comentando-os e localizando-os na literatura e no contexto das entrevistas, servindo de referencial para a organização dos dados em uma segunda junção, onde foram agrupados os trechos dos participantes, incluindo-os em Categorias Temáticas (Apêndice B).

f. Organização: As observações marginais servem de referencial para a organização dos dados em uma *segunda junção*, onde serão agrupados os trechos de todos os sujeitos dentro de uma mesma Categoria Temática.

Segunda Fase: Realizada sobre a Segunda Síntese, se referindo aos conteúdos comuns às várias sessões de entrevistas. Compreende as seguintes etapas:

g. Leitura: Da mesma forma que para a fase anterior, compreende uma série de leituras em profundidade, onde serão identificados alguns trechos preliminares, agora *por Categoria Temática*.

h. Organização: Os trechos selecionados são agrupados e classificados em subcategorias, ou seja, em função de conteúdos específicos de uma das Categorias Temáticas, em particular.

i. Notação: Tomando um protocolo semelhante ao da Notação realizada na primeira fase, as primeiras notações são ampliadas e relacionadas entre si, dentro de uma mesma Categoria Temática.

j. Redação Fina, ou Segunda Síntese: Finalmente, de posse dos resultados da segunda notação, realizará-se a redação definitiva, considerando os processos conjugados, de todos os subgrupos estudados (Apêndice C).

4.4. Aspectos Éticos.

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, estando de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e tendo sua aprovação em 16/12/2009 de acordo com o processo CEP-FFCLRP de número 473/2009, protocolo número 2009.1.2221.59.4 (Anexo 1); Foram entrevistadas 06 pessoas que vivem com HIV/Aids há mais de dois anos, representantes de ambos

os sexos, com idades superiores à 18 anos. Todas as pessoas realizam seguimento médico e psicossocial. Todos os sujeitos estavam em condições de saúde que permita a participação e manifestaram-se manifestar de acordo com a participação na pesquisa após a leitura e discussão de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). Considerando que a pesquisa qualitativa prioriza a compreensão de significados, é necessário ressaltar que não houve preocupação da realização estatística dos dados, sendo que os participantes foram escolhidos a partir do critério de conhecimento prévio de pessoas com densidade de significados de sua biografia.

Foi solicitada a autorização junto ao Programa Municipal de DST/Aids de Jaboticabal e à Secretaria Municipal de Saúde de Jaboticabal, que foram registradas como instituição sediadora da pesquisa junto ao Sisnep (Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde). As entrevistas foram registradas em gravador digital e caso desejassem, os participantes poderiam receber uma cópia da sua entrevista.

5. RESULTADOS

Aquilo que Tarquínio, o Soberbo, queria
significar com as papoulas do seu jardim, o
filho compreendeu-o, porém o mensageiro não.

HAMANN

In: Temor e Tremor, Soren Kierkegaard

5. RESULTADOS

Inicialmente foram realizadas tentativas de agrupar as categorias temáticas resultantes das duas análises a partir de fluxogramas orientados no modo de “hierarquia”, como o exemplo abaixo:

Porém percebeu-se que os elementos das categorias inter cruzavam-se durante os relatos de história de vida, o que gerou um impasse em utilizar o método hierárquico tradicional, propõe-se então, como uma tentativa de dar melhor visibilidade para a percepção de que as categorias se inter cruzam, um modelo de gráfico que dê a idéia de PROCESSO, como o apresentado então a partir do seguinte modelo:

5.1 APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS PRINCIPAIS: Os dados resultantes da análise foram congregados em cinco categorias temáticas, chamadas de principais, apresentadas no esquema a seguir:

Figura 1: Categorias Temáticas Principais apresentadas como processo

- A. ORIGEM:** Nesta categoria agrupamos os relatos de vivências que indicam momentos de construção da identidade e das representações de si e do mundo.
- B. CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA:** A partir dos relatos definimos esta categoria como um lugar onde concretamente a vida é produzida e reproduzida. Ela é uma categoria que atravessa e determina os modos como se responderá as vivências e dificuldades relatadas.
- C. VULNERABILIDADE SOCIAL:** Esta categoria sintetiza os elementos de dificuldade relatadas pelos participantes, a noção de vulnerabilidade social é um conceito atualmente hegemônico utilizado na compreensão da interrelação dos elementos individuais, grupais, comunitários e sociais, como um conjunto de fatores que pode predispor determinadas populações à determinadas doenças.
- D. DESCOBERTA DA AIDS:** Esta categoria apresenta-se como um momento divisor da vida dos relatos apresentados. Os objetivos desta pesquisa, em compreender os processos vivenciados à soropositividade também orientou para uma leitura mais cuidadosa deste momento. É uma categoria próxima da “Atenção em Saúde” pois os profissionais de saúde que participam da revelação diagnóstica, influenciam no modo como a pessoa significará o que é viver com a infecção pelo HIV/Aids.
- E. ATENÇÃO EM SAÚDE:** Aqui foi observada a qualidade e influência da resposta governamental e acadêmica, compreendendo separadamente os três níveis de resposta governamental, com uma relação junto aos cuidados domésticos, que se relacionam com as condições concretas de vida da pessoa.
- F. ENFRENTAMENTO:** Contém os relatos concretos de Enfrentamento vivenciados pelos participantes, possibilitando uma melhor correlação com outros elementos apresentados.

Apresentamos abaixo o desenho em processo das Categorias e SubCategorias Temáticas, onde se compreende que as vivências apresentadas nas categorias, como seus significados, ultrapassam os limites das categorias, criando um processo interrelacional entre os temas, a setas indicam a triangulação das categorias utilizadas na análise apresentadas por capítulos, em Discussão.

Figura 2: Apresentação das Subcategorias temáticas associadas em processo

APRESENTAÇÃO DAS SUBCATEGORIAS:

A Análise de Conteúdos da Categoria “ORIGEM”, permite um desdobramento em três subcategorias e tem a principal finalidade de permitir uma compreensão dos modos de criação de sentidos e significados singulares à pessoa e ao contexto sócio-histórico ao qual ela vivencia.

1. **VIVÊNCIAS FAMILIARES:** Relatos das vivências significativas de infância e adolescência, contam sobre a relação com os pais ou responsáveis, como eram as relações afetivas, os incentivos, os bloqueios, o processo de socialização, as primeiras relações afetivas, conjugais e eróticas e a inserção no mercado de trabalho, abaixo apresenta-se alguns recortes onde consideramos estes dados:

1.01	<i>eu brincava no quintal de casa, tinha porco, tinha galinha, brincava eu, minhas irmãs, minhas primas, a gente brincava de casinha, minha mãe dava comidinha pra gente brincar de comidinha no quintal,..., era fogão de lenha neste tempo, a gente fazia o fogão com tijolo e acendia de verdade, pegava óleo, sal..</i>
1.02	<i>ai eu fui na escola até mais um tempo e parei. Tinha que trabalhar pra poder sobreviver né. E a gente foi na roça pra catar a ponta do milho, e eu era pequena eu tinha que puxar até embaixo pra arrancar. E eu tinha que trabalhar o dia inteiro pra comprar as coisas naquele barzinho que rouba o pessoal que trabalha na roça, tudo mais caro, pra eu colocar as coisas dentro de casa. Comprava arroz, comprava mistura pra dentro de casa, e no final da semana ficava tudo no bar.</i>
1.03	<i>eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.</i>
1.04	<i>Eu nunca tive a possibilidade de morar em casa depois que eu casei, todos ele moraram! Nunca eu tive a possibilidade de estudar porque eu tive de manter minhas duas irmãs, e meu pai que manteve o estudo pra eles. Lá na casa do meu irmão, depois eu fiquei sabendo que ele deu oportunidade pra todos, até construir casa, menos pra mim. Eu falei, meu deus do céu, eu não acredito numa coisa desta. Ai fiquei arrasada, ..., por isso que eu falo, Deus, quero levar a vida de outro jeito, não quero as coisas na facilidade. se eu não lutar eu não consigo nada não.</i>

2.01	<i>a minha infância foi um tanto conturbada, não tive uma estrutura familiar, meu pai tinha problemas com álcool, minha mãe não tinha sabedoria pra lidar com isso, era despreparada, então havia muita briga, muitas agressões sabe, com meus irmãos e tal, esta lembrança ruim eu tenho da minha infância, embora eu tenha alguns momentos felizes também, que eu morava numa chácara, minha mãe ia plantar, ela me levava junto, me ensinava</i>
2.01a	<i>e a gente acabou se conhecendo, e assim, eu tinha quinze anos, o que eu achei que ia ser maravilhoso na minha vida, de repente se transformou num pesadelo, porque ele era uma pessoa que morou em são paulo, era mais experiente que eu, uma pessoa que me passava uma estrutura de vida, uma segurança, ah esta pessoa tem experiência, pra me ensinar a viver, realmente ele me ensinou a viver, mas não pelo amor, pela dor né.. porque ele foi uma pessoa assim, que ao mesmo tempo que ele parecia que ele amava, ele odiava também; ele era assim, uma pessoa aparentemente muito estranha, depois que eu fui entender que ele tinha sido rejeitado desde o ventre da mãe, ele teve paralisia infantil, depois de adulto ele sofreu um acidente de moto, ficou com sequelas teve deficiência né, e ele era uma pessoa revoltada,</i>
3.01	<i>a minha família, família é tudo, pra mim família é tudo, eu tive a sorte de ter uma família maravilhosa, independentes das dificuldades que a gente passou na vida, mas eu sempre tive uma família que se resume em amor, independente das nossas diferenças, mas sempre meu pai, minha irmã, minha mãe, sempre estiveram do meu lado, independente do que fosse acontecer comigo, acontecer não, do que aconteceu comigo,</i>
4.03a	<i>sim, sim, porque eu, eu , foi um barato porque eu me sentia responsável por ele, aí depois confirmou, quando eu apresentei Janis Joplin pra ele, ele não acreditou. Na época eu tava com 18, 19, ele tava com 11, 12.</i> <i>Então rolou esse lance de carinho e cuidado, eu adorei ter um irmão, adorei! Adorei muito. De cuidar, brincar junto né?</i>
4.04	<i>Quando eu já tava com a minha sexualidade lá pros 16 anos e tudo, e eu continuava trepando pra caralho mas ainda não me incluía num contexto de um mundo gay. <u>E eu sempre me achei só..</u> e era aquela coisa, eu fazia, me deliciava e tudo, mas a minha visão dos meus primos, eu sabia que eu era gay e eles não, por mais que a gente transasse juntos, eles eram os caras, e aquela coisa assim de eu não poder contar pra ninguém, e eu virei a ovelha negra.</i>
4.21	<i>porque era tão difícil o convívio com a bipolaridade, né, a bipolaridade é tão complicada, eu pedia tanto “Pai, por que que o Senhor não deu um HIV pra ele, cara?”, que é muito mais fácil a gente controlar essa porra, né,</i>
4.32	<i>Falar de meu pai, homenageei minha mãe e tudo, chorei e tal. depois de falar da minha mãe eu olhei, falei “pai, quantas diferenças marcaram sempre a nossa vida, hein? Eu de esquerda, o senhor, de direita, né”. “algumas diferenças que sempre desafiaram nosso amor, mas ele superou tudo isso, superou tudo isso e hoje eu tenho o prazer, hoje eu tenho o orgulho de dizer que o senhor sempre foi uma referencia pra mim, o senhor me ensinou que realmente o dinheiro não é isso tudo”. E ele dura, com aquela cara de paisagem que eu conheço que é quando ele tá estourando de emoção!</i>
4.33	<i>Meu pai ... não transmite essas coisas, mas muita gente já chegou e falou “nossa, Betinho, com seu pai se orgulha de você, quando ele começa a falar de você os olhos dele brilham e ele fala com muito orgulho de você, não sei que lá”. Isso pra mim é uma outra vitória, essa é minha medalha, essas medalhas.</i>

2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: Apreende-se através dos acontecimentos relatados para uma melhor compreensão das condições sociais de vida.

1.05	<p><i>(tua lembrança mais antiga..)</i> <i>mais antiga? Ichhh, quando eu entrei na escola..</i> <i>a professora ruim.. (...)</i> <i>Eu não sabia é, não aprendia, a professora batia..!</i> <i>não sofria muito porque quase não mostrava a cara pra professora né?...!</i></p> <p><i>A sua mãe faleceu com onze anos?! Dona Lindu: com onze anos! Eu tinha onze anos! Aí minha irmã, a que mora embaixo aqui, ela disse, agora vocês se viram, arrumou um marido e foi embora e ficou só nós três sozinhos, aí que a porca torceu o rabo mesmo. Aí ficamos de um lado pro outro. Não tinha comida.. a gente comia cambuquira, caruru, né.. aí eu pensei, acho que vou pra roça, eu e minha irmã, a que hoje é professora..</i></p>
2.02	<p><i>, até quando eu estava com ele, porque depois de três meses de namoro, como eu era muito pressionada na minha casa, porque eu não podia sair, eu morava com essa moça onde eu trabalhava de semana, e de final de semana eu ia pra casa, eu não podia sair, eu poderia ficar com meus amigos ali de frente, pra ir numa quermesse vai, mas eu não podia fazer isso, então pra eu não me sentir presa, eu achei que a solução era a gente morar junto, eu e ele, daí que começou meu pesadelo,</i></p>
3.02	<p><i>a gente supera através do trabalho, acho que o problema de toda família é por isso né, situação financeira, mas nem por isso que não tivemos união, meu pai se separou da minha mãe, meu pai chegou a ter ciúme doentio, eu convivi com meu pai com isso desde pequeno, meu pai tinha um ciúme doentio tão grande, minha mãe não podia sair pra varrer a calçada que ele punha coisas na cabeça que não existia, ele falava que tava olhando pra vizinho, e não sei o quê, não sei o quê, ele chegava a dormir com aquelas peixeirinha de antigamente né, e ficava ameaçando a minha mãe mas nunca fez nada pra minha mãe, eu era criança, e minha irmã, e a gente era pequeno e convivia com aquilo, e este foi um sofrimento que a gente teve de conviver com aquilo,</i></p>
4.01	<p><i>eu venho de uma família de professoras, minha mãe e minhas tias são professoras</i></p>
4.02a	<p><i>é umas das minha melhores lembranças que eu tenho, eu com uma sunguinha, ..., e eu ficava, como uma ninfazinha, ou um satirozinho, ainda não tava definida a coisa, pulando de bananeira em bananeira, mostrando a bundinha pro pessoal mais velho da sala de aula, atrapalhando as aulas da minha tia, pra desespero da minha tia,</i></p>
4.02b	<p><i>não foi por minha vontade, não houve violência também mas me foi apresentada a vida sexual.. eu fui o presente de aniversário de quinze anos de uma pessoa, próxima, e gostei, quis repetir, repeti e adorei e a partir daí a minha vida de empreendedor social começou aí.. eu fui o fundador de inúmeros clubinhos da molecada.</i></p>
4.05	<p><i>Foi essa música, ovelha negra, que me estimulou a abrir minha sexualidade pra minha mãe. Eu já tinha 17 pra 18 anos, eu já tava na faculdade, e tinha entrado com 17, e aquela onda né, de ovelha negra, e não sei o que e tudo, e minha mãe dava sinais de que.. né, eu contei.. pra ela foi terrível, eu não esperava aquela reação, ela entrou em choque, e depois veio com a seguinte onda, que ou você vai num psiquiatra, ou eu conto pro seu pai. Lembra que eu falei que o papai era enérgico?</i></p>
4.03b	<p><i>eu, 49. Vou fazer quarenta e nove em agosto. 13 de agosto, 49! Aliás eu nasci no mesmo dia, mês e ano que o muro de Berlim e em 89 eu contraí o HIV e o Muro de Berlim ca-iu. E hoje eu tou aqui e e-le-não! Eu ainda não sou peça de museu de algum colecionador!</i></p>

A Análise de Conteúdos da Categoria “**CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA**”, permite um desdobramento em três subcategorias e baseia-se na noção de trabalho de tem a principal finalidade de permitir uma compreensão dos modos de criação de sentidos e significados singulares à pessoa e ao contexto sócio-histórico ao qual ela vivencia.

3. **CONDIÇÕES DE SUBSISTÊNCIA:** São os elementos que fazem parte da base material da vida.

1.05	<i>eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.</i>
2.05	<i>aí comecei a viver minha vida depois disso, fui morar na casa da minha mãe.. comecei a morar ali com ela,</i>
3.05	<i>na minha família a gente teve as dificuldades financeiras que foram muito sofridas, mas superamos tudo,</i>
4.06a	<i>E sou aposentado pelo banco, graças a deus, tenho um grande plano de saúde.</i>

4. **TRABALHO:** Orientou-se as entrevistas a dar uma melhor atenção na relação desta categoria com as vivências dos entrevistados. Aqui o trabalho aparece como atividade de fonte de garantia da sobrevivência como também oportunidade de crescimento e auto-realização.

1.06	<i>E eu ia direto na Assistente Social, e arrumei trabalho e vim pra cá e nunca mais parei, sempre tive condição, comprei geladeira, televisão, rádio, fogão, tudo, e meus filhos veem, se eu quero comprar uma geladeira, eu vou ver quanto é.. e compro novo, faço prestações pequenas mas pago. As pessoas ficam de boca aberta comigo. E meu sogro fala que eu não deixo atrasar nem água nem luz, e lá sempre cortam a água e a luz. Quer dizer que as</i>
------	---

	<i>peessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!</i>
	<i>foi uma maneira de eu ver os outros trabalhos na minha vida, que <u>se eu tivesse não tido nada naquele tempo lá, eu não teria conseguido, eu não teria aberto os olhos, não tinha expandido na vida como estou expandindo hoje.</u></i>
	<i>eu gosto do que eu faço na horta, de mexer na terra, de plantar.. que nem agora, hoje os meninos da frente de trabalho não vieram e é a gente que tem que mexer na terra.. eu não me incomodo de quando eles não vem, eu gosto.. mas eu falei, depois que eu voltei a estudar, eu não pretendo ficar aqui..</i>
	<i>eu venho aqui pra cuidar da horta, pra que outras pessoas possam vir, usufruir da horta, mas cuidar da horta, não pra falar não, eu quero é ganhar da horta. Eu tenho compromisso com a horta pra horta não fechar.. quero ficar aqui, por bens materiais não compensa não.. tanto que eu nem pego mais faxina de semana, por conta do projeto, eu limpo duas casas no sábado e outra no domingo.. quando me perguntam se eu tenho compromisso na sexta feira, eu digo no projeto! A pessoa tem que querer estar aqui, a pessoa tem que gostar do que faz. Tem vez que eu venho aqui e não vendo uma alface, não é com esse objetivo que eu venho aqui na horta, não é pra ganhar, pra ganhar eu faço meus bicos de final de semana.</i>
2.06	<i>depois disso, a minha vida foi trabalhar, aí eu meti as caras no meu emprego que eu eu arrumei um emprego num escritório, foi onde começou tudo, eu comecei a gostar da profissão, enfiei as caras.. fiquei sozinha.. Dario: foi bom pra você fazer isso? Tarsila: foi maravilhoso, porque ali eu comecei a descobrir que eu era útil, ali eu descobri que eu não viveria 24 horas pensando que eu era portadora do vírus HIV e que de repente eu já tinha uma sentença de morte e que eu não viveria muito tempo e que minha vida seria inútil, na verdade, como foi dado a sentença pra mim, e eu tive condições suficientes também, aquilo foi a minha independência, foi a minha superação, na época, e no fim eu comecei a ganhar muito bem, acabei sendo a ser chefe do setor, comecei a ganhar melhor, comecei a me vestir melhor, comecei a sair com meu filho,</i>
3.06	<i>, e eu enxergo isso no trabalho, e as pessoas de fora falavam que eu estava lá por ter este problema na empresa, mas eu sempre fui um grande profissional, eu mudei de cargo, meu salário melhorou, quer dizer, eles não fizeram isso pra me ajudar o meu ego, pra me ajudar, eu já tava bem, eu falei “eu não preciso provar nada pra ninguém”, minha qualidade de vida mudou,</i>
4.06	<i>eu já trabalhava, eu trabalho desde os quinze anos, trabalhei no depósito do meu avô, aí depois eu entrei no banco, passei no concurso do banco e comecei, e trabalhei lá 20 anos.</i>
4.19a	<i>eu tive pais que me deram educação e carinho esmeradíssimos, eu tive muito, muito, fartura de carinho e condições de estudo, disso, daquilo outro, isso não me tornou cidadão. Aí, pumba, veio a porra do HIV. Isso também não me tornou cidadão. Quando eu fiquei doente, porrada, pá, e quase morri, isso também foi com o ativismo que rolou. O ativismo foi quem moldou o espírito, meu caráter que eu tenho até hoje.</i>
4.19b	<i>mas foi o ativismo que me deu esse sentimento de não tá sozinho, né, de me sentir fortalecido</i>
4.20	<i>Falei “mãe, vou dar uma braçada de rosas na minha última sessão de quimio pra essa mulherada toda”. Foi 08 de março de 2004, cara. Foi uma das maiores emoções que eu guardo. Foi uma coisa extremamente emocionante, tinha gente que chorava que foi a primeira rosa que ganhou na vida.</i>

4.29a	<i>meu trabalho? Eu sou um instrumento nas mãos de Deus. um grande amigo meu, o taxista que presta serviço pra mim, tal, uma vez falou pra mim: “você não tem noção do tamanho, da abrangência do teu trabalho, cada notícia, cada pessoa que vira pra você e fala o quanto você ajudou a ele, ao filho, tudo, tem um monte de gente que foi afetada e você não sabe, você não fica sabendo”</i>
4.29b	<i>Então, assim, eu vejo o trabalho como, primeiro de tudo, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, essa trabalho foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, disparado, porque, mais uma vez, o maior beneficiado fui eu, se eu tive possibilidade de interferir positivamente em tantas vidas assim,</i>
4.30	<i>ela me fala que simplesmente eu a tirei de uma depressão profunda, por conta de 1 minuto e 57 segundos de mensagem que eu passei.</i>

5. **ATUAÇÃO POLÍTICA:** Categoria inspirada no conceito de “ação” de Hannah Arendt, 2008, é onde a pessoa relata experiências de protagonismo social e adquire um papel útil no meio social em que vive.

4.12	<i>Todo mundo no lugar já começou a avisar: “já começou a agitar, já começou a agitar”. Em determinado momento “prim”, “não tem nenhuma ONG que trabalha com ONGs aqui, né?” Eu já fui ouvir, né, já falou de ONG, tal. “Ué, não tem nenhuma ONG aqui”. “Será que é isso?” Aí comecei, aí fudeu.</i>
4.12	<i>Todo mundo no lugar já começou a avisar: “já começou a agitar, já começou a agitar”. Em determinado momento “prim”, “não tem nenhuma ONG que trabalha com ONGs aqui, né?” Eu já fui ouvir, né, já falou de ONG, tal. “Ué, não tem nenhuma ONG aqui”. “Será que é isso?” Aí comecei, aí fudeu.</i>
4.25	<i>“escuta, você já fez até doutorado, né? Você sabe que pra apresentar uma tese você tem que apresentar aquilo que você submeteu, você não pode fugir daquilo que você tá programado pra falar, ele que vai falar do jeito que ele quiser, não tem essa, pá. E aí eu fui, cara, não sei se você reparou também, a primeira coisa que eu falei foi corrigir o Ministro e o Presidente do Supremo...”</i>

A Análise de Conteúdos da Categoria “**VULNERABILIDADE SOCIAL**”, permite um desdobramento em quatro subcategorias e tem origem na conceituação teórica de Ayres (1999), Goffman (1993) e Ministério da Saúde (2010), indica a influência de elementos sociais e culturais na produção do risco psicossocial.

VULNERABILIDADE SOCIAL

6. ESTIGMA

7. VULNERABILIDADE DE GÊNERO

8. POBREZA

9. ACESSO À SERVIÇOS DE SAÚDE

- 6. ESTIGMA:** Apresentam elementos de estigmatização dos participantes, como elemento de vulnerabilidade social.

4.08	<i>não, eu tive um amigo que eu fui visitá-lo, no HC, ruim. Não sei se foi em 2006 ou 2007. Ele tava no 6º andar do HC, eu tinha que colocar luva, pantufa, gorro, máscara, eles me colocaram o jalecão que ia até os pés, e esse jalecão ele fica com, ele não tinha saída do braço, embora cê tivesse de luva, ele era fechado.</i>
5.08	<i>ai eu falei “então, porque eu gosto de homem, tô com vontade de beijar vocês dois aqui agora”. Nossa, foi um tal de que neguinho levantou pra ir embora, que tava atrasado, e num sei o que. Nunca mais vieram. Eu já sabia que eu ia causar esse impacto, então... nunca mais vieram, aí a igreja me deixou em paz.</i>

- 7. VULNERABILIDADE DE GÊNERO:** Esta categoria seria proposta inicialmente como Vulnerabilidade Feminina, porém este termo é uma tentativa de ampliar o conceito de encontro às vulnerabilidades em relação à características conjugais de homens e mulheres, independente da orientação sexual.

1.10	<i>aí conheci meu excelentíssimo esposo. desde criança, Aí de repente começamos a namorar..! eu 16, ele 17..! fomos morar na casa do pai dele, tinha as coisas na casa, um fogão de seis boca, uma tia arrumou um armarinho. Até um certo ponto ele era certo, depois o pai dele que tirou o sossego, o pai dele falava que ele era bobo, chamava ele de bobo; aí começou, ele ia trabalhar, e ficava no bar, e o meu sogro que começou a arrumar amigada pra ele. e ele já ia tomar banho na casa das amigas, dormia na casa das amigas, e chagava em casa de madrugada e falava que tava no bar com os amigos. E depois, descobri, briguei com as amigas deles. Aí queria vortá pra casa.. queria voltar pra casa.. eu tinha dezenove anos, meu primeiro filho nasceu eu tinha dezoito. Aí meu pai falou</i>
------	--

	<i>assim – você não vai voltar pra cá não! Agora vai morar com ele!</i>
6.12	<i>Aí em 2007, eu tava no ativismo, aquela coisa, e em abril eu fui pra Argentina, Fórum Latino-Americano de HIV/AIDS. E tomei um puta boa-noite-cinderela naquela porra de cidade naquela porra de cidade,</i>

8. **POBREZA:** Diferentemente do que é compreendido pelas condições materiais de vida, a pobreza é uma categoria que vulnerabiliza a pessoa, frente às perspectivas de desenvolvimento, atenção e cuidado.

1.11	<i>eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.</i>
------	---

9. **ACESSO À SERVIÇOS DE SAÚDE:** Categoria que determina as condições materiais de acesso à saúde.

1.12	<i>descobri foi assim, sabe a enfermeira que trabalhou aqui, um dia eu fui no Ciaf e ela me disse, engraçado, você tá emagrecendo muito, você não quer agendar uma consulta no médico do Ciaf 1? Ele é muito bom e tudo.. e eu pedi pra marcar, ela que marcou, senão eu tinha morrido e nem sabia que tinha acontecido. Ela salvou minha vida.</i>
2.12	<i>, que ele começou a fugir de médico, fugir de médico, mas eu creio que ele já pressentia de ‘tar infectado pelo vírus, e foi aonde ele, ele recusou várias vezes até o dia que a gente pegou ele na força, não vamos lá, vamos fazer os exames e tal, e uma médica pneumologista do posto de saúde pediu exame de escarro, porque ele estava muito estranho e pediu o exame de sangue, e ele não quis ver o resultado, quem foi ver, foi eu, aliás as enfermeiras, a mando do infectologista, ligaram na mãe dele e disseram, é pra vir urgente na consulta, daí eu já falei... “já era”, e eu fui falei se você não vai, vou então, e o médico me falou que tinha dado positivo, os dois né? Tuberculose e HIV, que tinha dado positivo.. e foi a tia dele também.</i>
3.12	<i>eu nunca usei assim de falar droga, homossexualismo, nunca, eu não tenho preconceito nada, mas nunca tive, tive minhas adolescências de não usar camisinha, nada, nunca fui frequentador constantemente de pegar essas meninas, mas a gente acha que nunca vai acontecer com a gente né..</i>
5.12	<i>Aí eu fui com ele ali no postinho ali embaixo, aí eu falei pro médico: “não vem falar que isso é norma, porque não é”. “Ah, mas a gente já fez exame disso, disso, disso, não deu nada”. “Então, não deu nada, então que que é?” Aí ele pegou, ficou meio assim e falou “ah, eu vou fazer uma guia pro... pra ele internar em algum lugar e vê o que tá acontecendo. Aí a gente conseguiu uma internação na UE,</i>

A Análise de Conteúdos da Categoria “**DESCOBERTA DA AIDS**”, é uma categoria estratégica, determinada pelos objetivos desta pesquisa, de compreender elementos específicos de enfrentamento.

DESCOBERTA DA AIDS

10. PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA SOROPOSITIVIDADE

10. PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA SOROPOSITIVIDADE: sobre a importância do momento do diagnóstico, onde a qualidade do serviço profissional determina os modos de significação do viver com hiv/aids.

1.13	<p><i>aí começou, eu pensei que as pessoas que eu conhecia que tiveram o HIV morreram, e eu pensei que ia morrer</i></p> <p><i>e eu fiquei desesperada né, qualquer coisa que acontecia eu sentia mal, achei que fosse morrer, eu sentia muita falta de ar, eu chegava a sufocar e eu pensava que ia morrer agora. Até que chegar a melhorar. Minhas filhas pegaram uma carga de piolho; aí eu pensei que tinha que melhorar pra cuidar das minhas filhas. Eu lavava a cabeça delas.</i></p> <p><i>Quando eu comecei a melhorar eu comecei a tomar conta da cabeça delas.</i></p> <p><i>aí depois eu comecei a cuidar da casa, cuidar delas. Aí de lá pra cá foram melhorando as coisas. Minha saúde, melhorando, não é ficar falando não, mas depois que meu finado marido faleceu eu não fiquei ruim mais. Risos.</i></p> <p><i>eu tava tratando com um monte de médicos e um dia aí ele me disse que até hoje eu te tratei, mas de hoje em diante eu vou te curar! É como se fosse Deus falando na boca dele.</i></p>
2.13	<p><i>e eu falei, mas e aí doutor, e se eu tiver? Com HIV também? “olha a tua perspectiva de vida, mais ou menos, eu vou te dar assim, ó, estourando tá, cinco anos de vida!”</i></p>
2.13a	<p><i>e nisso depois eu encontrei o Dr. Aldo, neste tempo, eu encontrei no ciaf mesmo, eu não me dei por vencida, eu quis conversar com ele, porque tinha gente ali que tinha falado muito bem dele, e preferia ele ao invés do outro, porque o outro te dava a tua sentença de morte e acabou, e ele falou olha, então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer um exame pra você, não é bem assim as coisas, me receitou remédio, o azt, uma bomba, que me deixou na cama vários dias, ele disse “tou fazendo isso pra você porque se você tiver com a sua.. é..</i></p>
3.13	<p><i>Ah mas, não mas, você viu depois, mas não sei o que estava acontecendo, se ele já tinha ido no laboratório, ele já me levou direto pra sala, discretamente, e na hora que ele abriu assim eu vi a aparência dele de susto né.. aí peguei no braço dele, chacoalhei ele com as duas mãos e falei doutor.. pode falar, o que é esse negócio de reagente aí? Pó falar, pó falar, fala.. “não, Cândido, calma”; eu peguei no braço dele e chacoalhei mesmo.. fala dr. Fala dr. eu sei que tem alguma coisa errada aí, fala, é só isso que você pediu pra mim, não tem nada de coisa cardiológica, só pediu o HIV, e eu não tava sabendo de nada né.. e ele me pediu calma e ele falou, vou no laboratório e já volto, e ele foi no laboratório e</i></p>

	<p><i>voltou, e ele olhou pra minha cara e falou assim “é isso mesmo que você tá pensando..” e começou a sair lágrima do olho dele, e eu falei, caramba, ao invés do doutor me dar força eu tenho que dar força pro médico.. não, aí, mas é verdade isso daí, assim não saiu lágrima do olho dele, eu vi aquela cara de espanto dele, chateado, ele não queria, ele tinha mais ou menos conhecimento da minha vida, eu comecei a chorar e a ficar em prantos assim, eu comecei a chorar e não parava, ele chegou a pegar lenço assim e me abraçar e colocava eu no ombro, não, você tem HIV e tal e tal.. aí onde minha vida começou a se transformar pra melhor.. minha vida começou a se transformar, e eu chorei, chorei e não tinha ninguém ali que podia me dar força, e ele tinha que continuar o trabalho dele, e eu fiquei um tempão ali até que eu consegui sair do consultório, e eu peguei meu carro</i></p>
4.13	<p><i>aí falei “ai, num fizeram por que?”, “faz, né?”. E ele ia me visitar todo dia, porque eu tava no isolamento lá na UE. Aí beleza, a visita terminava às quatro, né? É às quatro. A médica apareceu cinco e meia pra dar a notícia. Virou e falou “ó, já tem o resultado do HIV, cê tá numa fase muito avançada, cê tá com Aids”. eu senti? Vontade de esganar ela. : que passam esse diagnóstico pro paciente. Comigo foi assim, na lata, “poft”, né. Ela ainda virou pra mim e falou “ah, não se preocupa não, a gente vai se ver muitas vezes por aqui”. Eu falei “hã, hã, engano teu, cê nunca mais vai me ver aqui”. “o que eu posso é vir aqui pra visitar alguém, e te ver, mas como paciente cê nunca mais vai me ver”.</i></p>
4.09	<p><i>Aí, um cara que foi meu amigo, me liga da casa dele, que a namorada dele tava com AIDS, tava mal. Foi meu primeiro contato com uma pessoa que tinha perdido, de uma hora pra outra, completamente. Eu cheguei no momento da alimentação, ela foi recusando a comida. “Meu deus, é isso. Então é isso que espera?”. Não tinha uma pessoa com AIDS avançada, com já manifestação clínica, tal...</i></p>

A Análise de Conteúdos da Categoria “**ATENÇÃO EM SAÚDE**”, refere-se aos modos de enfrentamentos programáticos, ou seja, organizado pelo Estado, pelos municípios e por organizações não governamentais e a academia.

ATENÇÃO EM SAÚDE

11. CUIDADO BIOLÓGICO

12. CUIDADO PESSOAL

13. CUIDADO PSICOSSOCIAL

11. CUIDADO BIOLÓGICO: Aqui são apontamentos de como se produz o cuidado biomédico, de manutenção da vida.

1.14	<i>eu comecei a melhorar, ir no ciaf né, eu só lembrava o que eu tinha no dia que tinha de ir no médico. Tanto que o Dr. Aldo comentava que ele que me fazia lembrar né? Faz onze anos que eu trato com o Dr. Aldo, vai fazer dia dezesseis de setembro.</i>
2.14	<i>e ele falou olha, então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer um exame pra você, não é bem assim as coisas, me receitou remédio, o azt, uma bomba, que me deixou na cama vários dias, ele disse “tou fazendo isso pra você porque se você tiver com a sua.. é..</i>
4.13	<i>e já tinha tido lipodistrofia na história, já tinha ficado horroroso, já tinha ido pioneiramente numa clínica no Rio de Janeiro pra fazer implante</i>
4.16	<i>... é, depois da notícia, acho que depois da notícia. Aí tava ansioso pra começar logo o tratamento, porque, assim, eu já tava na UE, me deram encaminhamento pra UETDI e o médico foi me contar... eu tava ansioso porque queria começar, tudo... do coquetel, como que era o coquetel. E depois, hoje, nas palestras, né, eles fazem a mistificação de que existe um coquetel, tem esse nome, uma misturada de comprimido, um monte de coisa, né...</i>
4.23	<i>Tinha região que tava queimada, que tava em bolha ainda, tinha região que tava fazendo uma rachadura, e eu chorando, gritava, “Dr., pelo amor de deus”, e ele respondeu: “ah, faz banho de camomila”. Quase que eu falei: “Dr., o senhor pega esse banho de camomila e enfia no cu, porque eu tô cansando, ou senhor entra com uma droga pra parar essa dor ou eu vou ficar louco aqui no hospital”. Aí ele começou com tramal, aí quando ele viu que não dava, ele me encaminhou pra central da dor, até que enfim. Cheguei lá já falei “escuta, querida, desculpa”, depois ela passou um monte de coisa, aí na próxima consulta, pumba, eu já tinha melhorado. Mas gente, por que é que eu não vim pra cá antes? Falei “posso fazer uma pergunta?”, “pode”, a médica e a enfermeira: “por que é que eu não vim pra cá antes?”. “Pode contar um segredo pra você?”, “pode”, “é que tem médico que acha que sabe de tudo”. Aí eu falei: “ah, minha querida, isso não é segredo pra ninguém”.</i>

12. CUIDADO PESSOAL: Na esfera dos cuidados domésticos e referentes ao grupo de socialização das pessoas que vivem com o hiv/aids.

1.15	<i>comecei a fazer isso, e aí comecei a.. ir na reunião na escola, comecei a descer na cidade.. comecei a sair, comecei a mostrar pras pessoas que eu não tava tão ruim como falavam né..</i>
------	---

	<i>as pessoas perguntavam “você tá bem?” eu respondia “tou bem..graças a Deus né..” muitas vezes as pessoas me viam encostando na parede, andando, encostada na parede pra poder ficar de pé.</i>
4.13	<i>Aí comecei a ficar esperto, atento, né, mas já pensar “bom, se eu fiquei, por que que eu fiquei?” Eu fiz de tudo pra ir, tantos amigos meus foram, deve ter alguma coisa aí pela frente, pra trás não vai memo. Foi quando eu tava assistindo um programa local, lá da região, em que o Secretário da Saúde tava falando de uma iniciativa da Secretaria dele e tal e que pessoas com HIV que haviam superado a situações difíceis, que estavam tomando o medicamento, estavam dando apoio a outros que tavam com dificuldade, tal. Aí eu falei “vou chegar, ver se tem alguma coisa”.</i>

13. CUIDADO PSICOSSOCIAL: Versa sobre intervenções organizadas pelos programas de DST/Aids, a partir de equipes psicossociais, como também grupos de ajuda mútua de Organizações não-governamentais.

1.16	<i>depois veio o projeto, eu comecei a pensar.. no material, o projeto não ajudou em nada, mas no espiritual o projeto ajudou bastante.. eu voltei pra escola, tive minha experiência na política, consegui, agora eu vejo a vida de outra maneira, vejo que a gente não tem como ficar parado olhando as coisas caírem do céu.. a gente tem que se virar, se explicar, que procurar e correr atrás do prejuízo.. não tem ficar parado e que esperar do céu..</i>
3.16	<i>nunca eu escondi nada de ninguém, me dando força, meus amigos verdadeiros descobri quem foram os meus amigos verdadeiros, fiquei uns dois ou três meses acuado, até que um dia uma palavra que a gente fala, eu chutei o balde, não, vou viver minha vida, vou ser feliz, pra que eu vou ficar aqui acuado, tem coisa pior que acontece na vida do que isso, eu não perdi uma perna ou um braço, eu falei , esse vírus é tão pequenininho perto de mim, modo de dizer, eu vou detonar ele, ele não vai conseguir me detonar, e em parte disto foi por conta do meu psicólogo, onde eu consegui superar isso, aí começou a vir outras barreiras né, eu tinha uma paquera aqui eu tinha que falar, eu não gostava de esconder, graças a deus as que eu tive aí, eu sempre me cuidei perante eles, eu também não fui nenhum assim, exagerado, saí com uma ou com outra, eu tive umas três ou quatro vamos dizer, uma só que não aceitou.</i>
4.34	<i>“Tudo,eu queria dar uma força, vocês têm alguma coisa, uma reunião, tal?” É, nós precisamos de um grupo conversei com o psicólogo dele. “Pô, legal”, e eu já tava com internet, com informações e já com a cabeça já a milhão, né.</i>

A Análise de Conteúdos da Categoria “**ENFRENTAMENTO**”, apresenta algumas categorias que buscam dar visibilidade aos fatores que concretamente auxiliaram estas pessoas à permite um desdobramento em três subcategorias e baseia-se na noção de trabalho de tem a principal finalidade de permitir uma compreensão dos modos de criação de sentidos e significados singulares à pessoa e ao contexto sócio-histórico ao qual ela vivencia.

ENFRENTAMENTO

14. EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

15. APOIO

16. SUPERAÇÃO

15. EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: A Religiosidade aparece como um element de força para o enfrentamento em várias situações, não apenas pela crença numa vida futura, mas em uma lógica que dá sentido ao sofrimento.

1.18	<i>não eu tava no hospital, depois que eu saí do hospital que ela falou que.. ficou sabendo que eu tava no hospital que eu ia morrer. Aí ela tava na pia, chorando, arrumando a cozinha, falando não é possível isso, né, aí ela abriu a palavra, e Deus disse isso a ela, que havia ainda esperança pra Israel; quer dizer, eu ia sair do hospital e voltar pra casa; ah, é, ela me disse pra eu fazer resplandecer a glória de Deus na minha vida, aí eu pensava que na condição que eu tava não tinha nem condições de sair pra rua; e ela me dizia você tem que deixar, você tem que deixar (resplandecer a glória de Deus na vida) e eu comecei a sair e comecei a ver que o que eu achava que era o fim, iria ser o começo..</i>
2.18	<i>, e a única escora que eu tenho agora, o Deus que eu conheci, o verdadeiro Deus que eu conheci, eu fui direto na igreja, eu fui, sabe, fui de pé, fui andando, normal, porque a irmã dele me deixou na porta de igreja, subi as escadas da igreja e tal e o pastor me recebeu, subi as escadas e eu disse pra ele que eu precisava urgente conversar com você, agora e de porta fechada, e ele falou “não, vamos lá”.. , e nisso eu já quase me desfaleci nos braços dele, contei pra ele e tal, e ele me falou assim “olha, eu não posso te garantir uma vida longa porque eu não sei o que Deus tem pra você, mas eu posso te dizer o seguinte, a única coisa que você pode fazer agora, nesse momento é colocar a sua vida totalmente nele, é a única coisa que você pode fazer e crer, que Ele vai fazer a vontade dele na tua vida, e se ele tiver algo pra você aqui ainda, você vai permanecer</i>
3.18	<i>Minha vida mudou, em paz, não, sempre peço à Deus, independentemente de Religião, eu tenho a minha, mas independente de religião hoje eu agradeço à Deus, hoje eu enxergo as coisas de uma maneira diferente, as vezes a gente precisa tomar uma bordoadas nas costas pra saber como que é a vida, pra dar valor, isso me ensinou, isso também me ensinou saber entender as pessoas, porque ninguém é igual a ninguém,</i>
1.26	<i>Então eu falo, por exemplo, com relação a Deus ou a um tratamento: “ah, Jesus vai me curar”, eu falo “você esqueceu que na palavra tá escrito que faça tua parte que serei por ti”. “É meu lindo, ele tá no controle, mas você esqueceu que quem guia é ele, mas quem dirige o veículo é a gente”.</i>

16. APOIO: Categoria importante na construção do enfrentamento, que contém os relatos das experiências de ajuda concreta, que foram influentes na motivação para o enfrentamento.

1.19	<i>E eu sempre trabalhando fora, fora, fora, e no momento que eu mais precisei, quem me deu o maior apoio foram as duas. As duas! Nem as irmãs da igreja que ficaram sabendo. Elas me deram aquele abraço caloroso. Elas saíram da garagem da prefeitura e foram direto no cemitério. As pessoas que eu achava que eu tinha que manter distância foram as que mais me acolheram. E eu contei, eu dei este testemunho na igreja. Que a gente não pode ter preconceito de ninguém</i>
	<i>Quantas vezes você falava, não, vocês tem que estudar, pra fazer alguma coisa na prefeitura, pra poder mudar de situação! O projeto não é pra vocês ficarem aqui, vocês tem que estudar pra vocês arrumar um serviço bão pra vocês! Estas coisas foi indo que.. as pessoas até imaginam você e o Dr. Aldo já.. (risos) é, do projeto, das coisas que acontecem.. do psicólogo louco.. (risos) do médico louco (risos) melhorou bem.. as vezes eu penso em desistir daqui, mas as coisas boas que a gente passa, não dá pra desistir não.. ajudar a transformar uma pessoa! Eu sei que no ponto que entrei aqui, se eu tivesse ficado estacionada também eu não tinha..</i>
2.19	<i>meu filho foi meu amigo, foi aquele amigo que saia de final de semana comigo, a gente comia pizza, a gente fazia várias coisas.. aí eu me entrosei num grupo de jovens da igreja, foram as minhas amigas, minhas amigas do coração, assim que eu tenho elas como amigas até hoje, me abri com elas, foram essas amigas que mostraram que realmente eram minhas amigas, que não teve preconceito, porque vinham na minha casa, que comiam da minha comida, porque a primeira sensação é “será que se eu comer alguma coisa feito por ela que ela cortou o dedinho ali, será que vai passar pra mim também, eu tenho essa amizade com elas, fui madrinha do casamento de todas, e elas foram do meu também.. ..aí eu conheci um moço, namorei um tempo, aí eu vi que de repente eu poderia ser amada por um homem sem problema nenhum, antes da gente se envolver eu contei pra ele.. ele quis se envolver mesmo assim, foi uma pessoa que me ajudou muito, sabe, sem preconceito nenhum, ... e por fim eu conheci o amor da minha vida, e assim, também foi a mesma coisa antes dele se envolver comigo, me aconselharam a antes de me envolver, antes de eu dar um beijo, pra contar, se eu sentisse que iria virar messmo, aí eu contaria, não é a coisinha de ficar não, aí eu conto..</i>
3.19	<i>ah, vou trabalhar, mas eu não tinha caído em si.. eu cheguei no serviço, aí meu gerente que era uma pessoa muito boa na época, hoje ele trabalha na mesma empresa, só que ele tem outro cargo, aí ele me perguntou, e eu falei pra ele, ele foi a primeira pessoa que eu falei, e ele me deu força também, ele me deu força, naquele momento,</i>
4.06	<i>aí chamei meu irmão. Fomo pra praia, sentamo, né, aí ele “que que tá pegando?” eu preciso conversar com você. Aí, sentamo, pá, eu virei pra ele e falei “tô com AIDS”. eu sempre fui de brincadeirinha obscuras. Aí ele nem olhou pra mim direito, começamo a chorar um no ombro do outro. “E os pais?” “tem que contar” “vou te dar uma força”, ele sempre me dá força, sempre dá força.</i>
4.07	<i>aí minha mãe me olhou, com uma cara de que já sabe uma “puta duma, manda, apunhala, que eu</i>

	<p><i>já tô esperando”. “Tô com AIDS”. Sabe quando parece que congela tudo, congela, aquela atmosfera pesada, irrespirável. <u>Aí caiu, a única coisa que aconteceu, caiu uma lágrima do olho da minha mãe.</u> A gente não conseguia falar, simplesmente. Aí meu pai quebrou: “como foi que você pegou?”, falei: “transando, usando droga”. E... é, agora vê o que tem que fazer. Depois ele disse que foi pro quarto e despencou também; Vixi; eu não sei se eu tenho um Édiposinho, mas eu tenho muito amor pela minha mãe, muito.</i></p> <p><i><u>aí, a partir daí é que a nossa relação foi que nós vivia junto, ela ia comigo nas consultas. Eu falei “vai comigo, pelo amor de deus”, ela também tem saber tudo que acontece e tal e... teve um outro momento também, que aí eu não aguentei, antes dessa parte terrível. “vamo embora então”, né, tinha as droguinhas, tal, tudo, mas nenhum abuso absurdo, ainda era um uso social.</u></i></p>
4.08	<p><i>Mas antes de eu ser considerado terminal com 34, dois meses antes eu tive o e eu fui deitar lá na ocasião em que eu tinha sido internado, tal 96 em especial, eu durmo num canto da casa, minha mãe no outro. E, de repente, eu comecei a ter uma convulsão, eu tinha vindo pra casa, tudo, eu só murmurei “mãe?”. Aí automaticamente, ela tava lá, não sei como ela ouviu. Eu tava vendo tudo tremido, tudo esquisito, mas eu vi nitidamente o olhar dela de “tô perdendo meu filho”, ali foi a faca né, eu falei “ah, caralho, ela perdeu a esperança”, “meu porto foi pro espaço”.</i></p>

17. SUPERAÇÃO: A percepção desta categoria foi inspirada no conceito de “tese do otimismo trágico” de Viktor Frankl, 1995, em que sugere que a necessidade de superação e enfrentamento à situações de limitação é otimizada a partir da percepção de um outro dependente de si. O nome da categoria foi batizado a partir do relato da participante 01.

1.17	<p><i>eu fiquei otimista, eu pensei: “eu tenho meus filhos pra criar” a uma delas tinha seis anos; falei: “não! Eu tenho que criar meus filhos”; não posso ficar nesta situação não. como eu sentia isso? Quando meus filhos chegavam perto de mim, eles choravam, passavam a mão no meu rosto.. aí eu pensei, “não posso deixar meus filhos, ainda nas garras do finado meu esposo, né..</i></p> <p><i>ia acontecer a mesma coisa com estas crianças aí.. iam ficar jogadas, abandonadas.. é.. aí, eu pensei, eu morro e coloco uma mulher pra maltratar meus filhos?? Falei: “não!”...</i></p>
1.20	<p><i>ele tinha falado né, e eu pensei, não, eu tenho meus filhos pra criar, e eu comecei a andar, pensava que eu não conseguia e eu me empurrava na marra, aí de lá pra cá, até que meu finado marido morreu, e um dia minha sogra falou, se eu achava que tinha sofrido antes, eu ia sofrer mais agora. E eu fiquei pensando assim, e pus aquilo na cabeça né. E me disseram que quem ajudava com meus filhos era ele né. Mas eu disse que com meus filhos eu me virava. E eu ia direto na Assistente Social, e arrumei trabalho e vim pra cá e nunca mais parei, sempre tive condição, comprei geladeira, televisão, rádio, fogão, tudo, e meus filhos veem, se eu quero comprar uma geladeira, eu vou ver quanto é.. e compro novo, faço prestações pequenas mas pago. As pessoas ficam de boca aberta comigo. E meu sogro fala que eu não deixo atrasar nem água nem luz, e lá sempre cortam a água e a luz. Quer dizer que as pessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!</i></p> <p><i>eu continuei, e ainda acabei a cuidar dele.. dava comida na boca pra ele.. ele morava comigo, era meu espoooso né..</i></p>

	<p><i>Pra começo de assunto tive que cuidar deles, tratar eles no médico, um tinha anemia, o outro verme. Primeiro eu tive que tratar deles, pra depois começar... a gente fez todos os exames, tudo certinho.. e não deu nada. Tem outro filho dele que está pra rua, tem catorze anos. Ele vai lá de vez em quando em casa. Sempre que eu faço alguma coisa em casa, eu faço primeiro pros dois, que é pra eles verem que não tem diferença, como quando eu fiz os documentos dos meninos em casa.</i></p>
	<p><i>é o que nós já falamos né que no começo foi assim, que eu entrei em depressão e tudo mas que depois com o tempo, que no decorrer do tempo, pra cá, que foi uma maneira de eu ver os outros trabalhos na minha vida, que se eu tivesse não tido nada naquele tempo lá, eu não teria conseguido, eu não teria aberto os olhos, não tinha expandido na vida como estou expandindo hoje.</i></p>
1.21	<p><i>eu era uma pessoa inibida, tava sempre ali parada, comecei a ver as coisas de outro jeito, comecei a me expressar, comecei a ver o erro e a falar do erro pras pessoas.. ajudar a orientar as pessoas também, como a gente ajudava, conversava tudo.. sei lá, um monte de coisas..</i></p> <p><i>Dario: a senhora começou a sentir que pode ajudar outras pessoas..</i></p> <p><i>Dona Lindu: ajudar outras pessoas, dá apoio. eu tava conversando com minha cunhada lá.. ela diz, cê mudou hein.. tem coisas que eu aprendi aqui no projeto e eu falo pra elas, e elas falam “ah, mas você tá no projeto, você tem um projeto que me ajuda a expandir..” elas falam que elas não tem ajuda pra sair de onde elas tão, e eu falo que isto é falta de vontade..</i></p>
	<p><i>quero crescer.. aqui vai ser o ponto de referência..</i></p>
2.20	<p><i>meus motivos de estar viva? Primeiramente foi o meu filho, porque eu queria ver ele crescendo, se formando um homem também.. é um dos meus motivos é.. Deus.. também um dos meus motivos, de me manter viva, não dos meus motivos de viver, porque é Ele que sabe de todas as coisas, e Ele me mantém aqui, e é Ele que me dá estas coisas, este casamento maravilhoso, meu filho maravilhoso, meu trabalho, a faculdade.. e é.. meu marido.. um dos motivos do meu viver, é uma pessoa que eu amo, é uma pessoa que se eu tiver que entrar na frente pra tomar um tiro eu entro na frente pra tomar o tiro por ele, eu amo demais a vida dele, é um dos maiores motivos da minha vida.. os meus amigos, minhas amigas, lindas maravilhosas, que me deram força pra eu continuar, pra tar vivendo, o meu trabalho que é uma das minhas alavancas da minha vida, e agora minha faculdade, e eu esqueci, tem mais um item da minha querida netinha que vai ser meu motivo de viver também que eu vou precisar conhecer, crescer, correr, ir pra escola namorar.. é um dos motivos da minha vida também, que eu tinha esquecido porque é muito recente, são esses...</i></p>
2.21	<p><i>realizado pra mim, é quando você faz algo, que você domina, que você sabe dominar aquela área, é algo que te dá prazer em fazer, porque você pega um trabalho que tá todo enrolado, por exemplo, uma empresa que está toda estorada, e você vai desvendando tudo aquilo e deixa ela perfeita, isto é fazer teu trabalho com excelência, é algo que te deixa realizada, que te deixa assim ó, tá vendo isso daqui, você viu a porcaria que era?</i></p> <p><i>Você viu o que você fez com que isso se transformasse? Sabe, é competência.. sabe, é algo assim, você mostrar pra você mesmo que você pode..que você é capaz, isso que é se</i></p>

	<i>sentir realizado também.. lógico que também tem a parte financeira, mas eu acho que só da questão de você saber que você é capaz de você pegar aquela coisa assim, aquela pedra, esculpir naquela pedra algo lindo, é algo realizado pra mim, sabe, eu tenho clientes no escritório que reclamavam que tinham problemas na empresa (conteúdo detalhado suprimido pelo entrevistador), e hoje em dia eles ligam pro meu patrão e dizem meu deus, vocês está de parabéns, porque hoje os problemas não existem mais! Méritos pra mim!! Então isso, outro dia até falei nossa, massageia o ego, e não é um orgulho, ou uma soberba, porque eu não tenho isso.. eu falo nossa, que gostoso você poder ouvir, e eram clientes que quando eu entrei, que a empresa estava problemática, me tacavam pedras, falaram “nossa, nós já estávamos com problemas e entrou uma nova?”</i>
3.20	<i>eu estou fazendo o meu caminho CERTO, eu tenho as falhas, mas eu estou fazendo o meu caminho certo. Antigamente eu levava no “tá bom, não deu certo deu, não deu”, hoje não, eu chego aqui em casa e as vezes vejo a minha mulher de cara feia, cara feia não, eu vejo ela meio assim e pergunto se aconteceu alguma coisa, e ela “não” e eu brinco, pode parar hein,</i>
3.21	<i>mas a cabeça da gente é tudo, a cabeça da gente é uma coisa maravilhosa, o pensamento da gente é maravilhoso.</i>
4.14	<i>Tem esse problema da pessoa sem movimento. Até que eu comecei a usar bengala, vida social acabou, acabou mesmo, definitivamente. Isso foi até bom. E aí com a bengala, com tudo. E com a necrose foi jogo duro, porque envolveu muita dor. Ele falou: “vamos fazer uma cirurgia?”, Eu falei “caraca, eu sou assim, eu simplesmente não quebro um osso, eu quebro o osso de um jeito que vai complicar um pouco a reabilitação”.</i>
4.15	<i>“é isso memo que eu ouvi? AIDS, câncer, é isso que me aguarda na vida? Vamo embora, né?”</i>
4.16	<i>“tá bastante avançado, vai ser complicado, sua quimioterapia vai ser bastante, vai ser um pouco pesada, mas ainda é um linfoma, e linfoma é outro tipo de câncer que tem 100% de chance de cura”. Falou a palavra mágica. Então, se num (caí) pra uma coisa que não tem cura até hoje, não vai ser pra uma que tem, né</i>
4.17	<i>Até lá eu tinha um monte de amigos, se eu ficava doente ficavam pouquíssimos, ao meu lado. Na verdade, todos sumiram. Eu ainda não tinha aprendido a usar o HIV, cê entende? Nesse negócio de selecionar, por exemplo, seres humanos através dele é batata, é uma coisa bem legal.</i>
4.23	<i>Tinha região que tava queimada, que tava em bolha ainda, tinha região que tava fazendo uma rachadura, e eu chorando, gritava, “Dr., pelo amor de deus”, e ele respondeu: “ah, faz banho de camomila”. Quase que eu falei: “Dr., o senhor pega esse banho de camomila e enfia no cu, porque eu tô cansando, ou senhor entra com uma droga pra parar essa dor ou eu vou ficar louco aqui no hospital”. Aí ele começou com tramal, aí quando ele viu que não dava, ele me encaminhou pra central da dor, até que enfim. Cheguei lá já falei “escuta, querida, desculpa”, depois ela passou um monte de coisa, aí na próxima consulta, pumba, eu já tinha melhorado. Mas gente, por que é que eu não vim pra cá antes? Falei “posso fazer uma pergunta?”, “pode”, a médica e a enfermeira: “por que é que eu não vim pra cá antes?”. “Pode contar um segredo pra você?”, “pode”, “é que tem médico que acha que sabe de tudo”. Aí eu falei: “ah, minha querida, isso não é segredo pra ninguém”.</i>
4.28	<i>Eu, em 96, fui condenado à morte, fui condenado não, fui executado, né, eu morri em vida pra muita gente, pra muitas coisas e, de repente, depois de tanta dificuldade, depois de tanto tempo a gente aprende que o monstinho que veio com a missão de me matar se tornou talvez o maior aliado hoje. Se não fosse ele, se não fossem todas as situações que vieram dele, tudo, inclusive o ativismo, não sei se eu teria trilhado um caminho tão legal como eu tô trilhando, né</i>

6. DISCUSSÃO

Hoje me parecem novos estes campos
e a camisa xadrez do moço,
só na aparência fortuitos.
O que existe fala por seus códigos.
As matemáticas suplantam as teologias
com enorme lucro para minha fé.
A mulher maldiz falsamente o tempo,
procura o que falar entre as pessoas
que considera letradas,
ela não sabe, somos desfrutáveis.
Comamo-nos pois e a desconcertante beleza
em bons bocados de angústia.
Sofrer um pouco descansa deste excesso.

UMA JANELA E SUA SERVENTIA

Adélia Prado – A duração do dia

6. DISCUSSÃO

6.1 Descoberta da Aids, Vulnerabilidade e Atenção em Saúde

O processo de descoberta da Aids, e sua consequência, que é a definição da representação que a pessoa terá do que seja viver com hiv/aids, que pode ser influenciada pela experiência concreta junto à outras pessoas que também tiveram o hiv, como expresso no relato de Betinho

4.09 Aí, um cara que foi meu amigo, me liga da casa dele, que a namorada dele tava com AIDS, tava mal. Foi meu primeiro contato com uma pessoa que tinha perdido, de uma hora pra outra, completamente. Eu cheguei no momento da alimentação, ela foi recusando a comida. “Meu deus, é isso. Então é isso que espera?”. Não tinha uma pessoa com AIDS avançada, com já manifestação clínica, tal...

As ações de atenção em saúde, a partir do nível psicossocial, que pode influir na atenção pessoal e biomédica, colaboram para a ressignificação das representações do que é viver e morrer com Aids. Nas palavras de Betinho, (não deste texto, mas sim o Herbert de Souza) a Aids não é mortal, mortais somos todos nós.

Os elementos de vulnerabilidade são presentes nas condições de saúde, ultimamente bem trabalhadas no conceito de “Determinantes Sociais de Saúde”, que segundo BUSS,

As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. (p.02 2007)

2. 13 e eu falei, mas e aí doutor, e se eu tiver? Com HIV também? “olha a tua perspectiva de vida, mais ou menos, eu vou te dar assim, ó, estourando tá, cinco anos de vida!”

2.13b porque tinha gente ali que tinha falado muito bem do outro médico, e preferia ele ao invés do outro, porque o outro te dava a tua sentença de morte e acabou, e ele falou olha, então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer um exame pra você, não é bem assim as coisas, me receitou remédio, o azt, uma bomba, que me deixou na cama vários dias, ele disse “tou fazendo isso pra você porque se você tiver com a sua.. é..

3.04 *a minha mãe, eu moro com a minha mãe e minha mulher, mas todo domingo é difícil falhar, todo domingo ele tá aqui, é o que eu gostaria que fosse diferente, naquela época ele fosse diferente, hoje taria meu pai, a minha mãe junto, eu não culpo ele também, porque ele também não teve uma.. uma família eu tive uma família que me apoiou,*

4.22 *E tomei um puta boa-noite-cinderela naquela porra de cidade naquela porra de cidade, cara, tu acredita?*

1.16 *depois veio o projeto, eu comecei a pensar.. no material, o projeto não ajudou em nada, mas no espiritual o projeto ajudou bastante.. eu voltei pra escola, tive minha experiência na política, consegui, agora eu vejo a vida de outra maneira, vejo que a gente não tem como ficar parado olhando as coisas caírem do céu.. a gente tem que se virar, se explicar, que procurar e correr atrás do prejuízo.. não tem ficar parado e que esperar do céu..*

1.19b *Quantas vezes você falava, não, vocês tem que estudar, pra fazer alguma coisa na prefeitura, pra poder mudar de situação! O projeto não é pra vocês ficarem aqui, vocês tem que estudar pra vocês arrumar um serviço bom pra vocês! Estas coisas foi indo que.. as pessoas até imaginam você e o Dr. Aldo já.. (risos) é, do projeto, das coisas que acontecem.. do psicólogo louco.. (risos) do médico louco (risos) melhorou bem.. as vezes eu penso em desistir daqui, mas as coisas boas que a gente passa, não dá pra desistir não.. ajudar a transformar uma pessoa! Eu sei que no ponto que entrei aqui, se eu tivesse ficado estacionada também eu não tinha..*

1.21 *eu era uma pessoa inibida, tava sempre ali parada, comecei a ver as coisas de outro jeito, comecei a me expressar, comecei a ver o erro e a falar do erro pras pessoas.. ajudar a orientar as pessoas também, como a gente ajudava, conversava tudo.. sei lá, um monte de coisas.. Dario: a senhora começou a sentir que pode ajudar outras pessoas.. Dona Lindu: ajudar outras pessoas, dá apoio. eu tava conversando com minha cunhada lá.. ela diz, cê mudou hein.. tem coisas que eu aprendi aqui no projeto e eu falo pra elas, e elas falam “ah, mas você tá no projeto, você tem um projeto que me ajuda a expandir..” elas falam que elas não tem ajuda pra sair de onde elas tão, e eu falo que isto é falta de vontade.. quero crescer, aqui vai ser o ponto de referência.*

O espaço da unidade de saúde então pode ser compreendido como reprodutor do estigma, incorporando a ideia de morte na pessoa, caso baseie a relação de ajuda em categorias como “doença, morte, saúde, homem” e não na busca de amenizar o sofrimento humano. (CAMARGO, 2007)

Além disto, quando o serviço de saúde incorpora sua vocação para promoção do bem estar físico, social e mental, ele se torna um “ponto de referência” para o crescimento pessoal da pessoa.

Discutindo as categorias “atenção em saúde”, subdividida em três partes, cuidados biológicos, pessoais e psicossociais, compreendida como categorias que produzem discursos diferentes referentes ao cuidado em saúde.

Em relação aos “Cuidados Biológicos”, referimos ao discurso biomédico, que prioriza a manutenção da vida e coloca a tomada de medicamentos antirretrovirais como centrais ao tratamento e estabelecendo critérios de observação e controle das variáveis envolvidas, como a regularidade nos atendimentos clínico, regularidade na retirada de medicação nas farmácias e regularidade na realização dos exames laboratoriais de rotina, onde se observam alguns indicadores que denotam se o tratamento está sendo efetivo, ou não.

Posteriormente observou-se necessário a atenção junto à saúde psicossocial, a partir da necessidade de se garantir a Adesão, (Cuidados Psicossociais) com sentido de preservação da vida, que permitiu incorporar na atenção e cuidado em saúde uma ampliação da compreensão de seus processos, considerando então elementos cognitivos como relevantes à prática clínica, como compreensão pelo usuário da importância da regularidade da tomada de medicamentos, compreensão sobre o impacto negativo das angústias e ansiedades, muitas vezes geradas pela não aceitação do viver com Aids, onde finalmente foi incorporado o discurso de promoção de qualidade de vida. O Discurso de qualidade de vida, como meta a se atingir durante a “sobrevivência” dos pacientes, já baseados nos ganhos quantitativos do controle biológico da infecção e buscando melhorar os esforços em saúde para o equilíbrio dos elementos cognitivos da personalidade. Aqui, o modelo de psicoterapia clínica colaborou muito para ampliar esta atuação e orientar as práticas de saúde junto às pessoas que vivem com o HIV/Aids.

Em Cuidados Pessoais, organizamos os relatos relacionados ao cuidado doméstico, familiar, e comunitário.

6.2 Relação entre Trabalho, Condições de Vida, e Vulnerabilidade Social

Na prática diária em um ambulatório de HIV/Aids realizam-se ao menos uma solicitação diária do “benefício de prestação continuada”, pela Lei Orgânica da Assistência Social, a LOAS, o que demonstra uma busca da garantia de condições materiais mínimas, sendo vivenciada e percebida por quase a totalidade dos usuários que se encontram em dificuldades financeiras, pelo fato de que as pessoas que vivem com Aids terem medo e que suas sorologias sejam descobertas, ou medo de perder, ou não conseguir emprego, principalmente quando se tem o estigma da soropositividade, algo difícil de se esconder, onde concretamente ocorrem situações dos empregadores descobrirem a sorologia de seus empregados, o que é uma realidade em cidades consideradas pequenas, ou pelo fato da pessoa temer levantar suspeitas pela necessidade de faltar periodicamente no trabalho para frequentar consultas médicas e cujo carimbo do atestado médico conste o termo “infecologia”, “infecologista”, ou “dst/aids” na marca d’água da receita municipal.

É interessante perceber aqui como a própria prática de saúde pode aumentar a vulnerabilidade do seu usuário, muitos uniformes de profissionais de saúde constam o laço da luta contra a Aids, ou o próprio termo “Aids”, ou então constam nas viaturas de saúde, que são utilizadas para a realização de visitas domiciliares.

Pode-se interpretar a resistência de muitos usuários com tentativas de esquivar de qualquer contato com a equipe de saúde (em infecologia, ou as vezes de qualquer profissional de saúde, caso o paciente em crise de ansiedade generalize todos os profissionais de saúde como uma ameaça à seu sigilo sorológico), como uma forma de autoproteção contra o estigma social, pela exposição de indícios de sua soropositividade.

O Homem, filho do Trabalho: Invertamos a evocação que a filósofa Hannah Arendt faz da clássica formulação de Engels para iniciar nossa discussão a respeito da Experiência Subjetiva do Trabalho, e de seu papel de enfrentamento ao diagnóstico de Aids, como base para uma análise subjetiva da atividade do trabalho em complemento a concepção sociológica do trabalho, herdada também dos trabalhos de Marx.

Por esta concepção “clássica”, o resgate que Antunes (1999), faz do termo “classe que vive do trabalho”, buscando atribuir “validade contemporânea ao conceito marxista de “classe trabalhadora” possibilita um melhor esclarecimento nesta discussão; esta Classe Trabalhadora compreende todas as pessoas que vendem sua força de trabalho, sendo composta dos

trabalhadores produtivos, como seu núcleo central, e também os improdutivos cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço (p.102). Já o filósofo Dejours, 2007, encontramos uma busca de compreensão subjetiva entre a relação de trabalho e o adoecimento psíquico, quando ele por exemplo, relata o conceito de “Homem-Trabalho” ao dar o exemplo de Datilógrafas em um escritório, ao depararem-se com a ausência momentânea de trabalhos, procuram ocupar-se para não demonstrarem o ócio aos supervisores (p.29).

Dejours debruça-se sobre a definição de motivação no trabalho, utilizando-se de Pieron que aborda a subjetividade psíquica do trabalho, recortando a definição psicanalítica de Sublimação, aplicando-a no trabalho, como “um processo psíquico insólito graças ao qual as pulsões encontrariam uma saída dessexualizada no campo social”; conclui que a sublimação *se dá no campo social e notadamente no trabalho*; (p.37); Aqui Dejours também faz um apontamento necessário a este debate ao comentar o ponto de vista psicanalítico sobre o trabalho, onde sustenta que *a psicanálise não tem ponto de vista sobre o trabalho, nem sobre os trabalhadores, nem sobre os artistas ou pintores. Certos trabalhos de psicanálise foram publicados sobre tal ou tal artista,(...)Deve-se observar que a cada vez se trata de uma pessoa precisa e não de todos os pintores ou poetas ou trabalhadores. Este é o preço da tentativa psicanalítica: deve sem cessar, renovar-se a cada caso que presta sua investigação*. (p.38) Nesta discussão então, ele aponta para o caso de uma busca subjetiva da compreensão do processo de trabalho, passar necessariamente por uma busca idiossincrática de cada indivíduo; Dejours neste livro faz uma tentativa de posicionar o estudo do Desejo, em sua concepção psicanalítica, como um ponto estratégico na análise subjetiva do trabalho e como ponto de partida para a criação de uma clínica da relação psíquica do Sujeito no Trabalho.

Propomos apoiar para a análise dos dados as conceituações realizadas pela filósofa Hannah Arendt, autora que integra na expressão *Vita Activa*, seus conceitos de labor, trabalho e ação. Estas definições serão necessárias para uma melhor compreensão das intenções desta pesquisa, onde se buscou, durante as entrevistas, diferenciar a noção de trabalho da noção de emprego. Por labor, ela define a *“atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, ..., a condição humana do labor é a própria vida”* (Arendt, H. 2008, p.15). Define como trabalho a atividade correspondente ao artificialismo da vida humana, atividade que produz um mundo .

Ela dá um notório destaque à concepção de “ação”, onde define que esta é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo.

Resgatando a citação do início, assim como a citação clássica de Feuerbach “os filósofos apenas interpretam o mundo de diferentes maneiras; agora é preciso transformá-lo”, a epígrafe: “O trabalho criou o homem”, Arendt comenta como proposições-chave que não se alteram desde os primeiros escritos de Marx, até seus últimos volumes. A frase “o trabalho criou o homem” para ela *significa que em primeiro lugar, que o trabalho, e não Deus, criou o homem, em segundo lugar, que o homem, na medida que é humano, cria a si mesmo, que sua humanidade é resultado de sua própria atividade; e significa que aquilo que distingue o homem do animal, sua diferencia específica, não é razão, mas sim o trabalho, e que ele não é um animal rationale, mas sim um animal laborans; e que não é a razão, e até então o atributo máximo do homem, mas sim o trabalho, a atividade humana tradicionalmente mais desprezada, aquilo que contém a humanidade do homem. Marx desafia assim o Deus tradicional, o juízo tradicional sobre o trabalho e a tradicional glorificação da razão* (p.48, 2007).

Convém lembrar que este estudo tem a intenção de focalizar os processos de enfrentamento que foram narradas pelos participantes. Ao observarmos a interssecção das categorias temáticas apresentadas relacionamos as categorias de Origem: Infância e família, Conjugalidade e Trabalho como sendo fundantes para as atitudes de enfrentamento, não colocamos aqui num sentido determinista, mas é interessante observar atitudes de enfrentamento a outras dificuldades anteriores à descoberta do HIV, ou anteriores à experiência de trabalho como focalizado neste trabalho; Ao observarmos o relato abaixo da entrevista 01, esta comenta uma vivência de superação e enfrentamento, onde ela busca a superação e novas perspectivas, sentidos, como buscando a vida; esta categoria nos possibilitou compreender melhor que não são as experiências no trabalho que levarão necessariamente a processos de enfrentamento, mas sim predisposições subjetivas ao enfrentamento, como relatadas na entrevista 01:

1.15 *aí eu já falei, meu deus, como eu já vou começar no outro dia né.. tanto que eu comecei e não parei mais.. o meu sogro fala que “a dona lindu não cortam a agua dela, não cortam a força.. ela se vira sozinha com esse monte de fio (são oito), e aqui em casa sempre*

cortam a força, a água..” e, de lá pra cá foi sempre deste jeito, aí um dia eu tava preocupada, não tinha comida, e abri a palavra né, e li “aquietai-vos porque eu sou Deus”, aí eu.. é.. de lá pra cá eu não esquento mais.. tá faltando, sempre aparece alguma coisa..final de mês agora eu tava pensando, tenho não sei o que pra pagar, não sei o quê pra pagar..não vou ter como né, quantia pequena.. aí na segunda feira me pediram pra arrumar duas casas, só passei um pano me deu trinta real. Já paguei uma conta, hoje na horta deu dez reais, paguei outra conta, amanhã vou fazer duas faxinas e já pago as outras contas.. já paguei as contas do mês... (risos) é as vezes aparece cesta básica, frango que ganho.. outro dia apareceu uma compra do cogiba, quatro caixas de despesa, falamos que não era nosso, mas tava no meu nome, aí descobri que era uma irmã da igreja.. não se pode preocupar, queima os neurônios e não resolve.. (risos)

1.16 é, fora os atropelo da vida, a gente tira que vocês vem aqui pra ajudar a gente.. queria que a gente melhorasse e fizesse o projeto, não que a gente ficasse só plantando e vendendo na rua.. tanto que você levou a gente no São Luís, pra conseguir alguma coisa lá.. a.. aquele dia que você levou a gente pra matricular lá.. eu vejo que as pessoas querem ajudar a gente pra progredir, não pra regredir..

1.17 eu era uma pessoa inibida, tava sempre ali parada, comecei a me expressar, comecei a falar do erro pras pessoas.. ajudar a orientar as pessoas também, como a gente ajudava, orientava tudo.. sei lá, um monte de coisas.. eu tava conversando com minha cunhada lá.. ela diz, cê mudou hein lindu.. elas falam que eu tenho um projeto que me ajuda a expandir.. elas falam que elas não tem ajuda pra sair de onde elas tão, e eu falo que isto é falta de vontade..

As categorias sobre a Descoberta do HIV/Aids, demonstram alguns dos processos observados como enfrentamento, a religiosidade, tem-se mostrado um elemento que dá tranquilidade e perspectiva de melhora futura, o Apoio, se demonstra como um ponto estratégico para a significação do viver com HIV/Aids com saúde, o Compromisso se destacou como um grande elemento, ou melhor, como O elemento de enfrentamento nas narrativas. Aqui foi relatado que foi pelo compromisso com outras pessoas, compromisso compreendido a partir do vínculo ético e empático com pessoas afetadas; A subcategoria Descoberta do HIV em todas as entrevistas se demonstra como um momento em que as pessoas se encontram fragilizadas e necessitando de uma série de atenções e cuidados, visando o restabelecimento não só físico, mas principalmente

psíquico e espiritual. Na subcategoria Superação foi observado os esforços realizados para a melhora pessoal de cada depoente.

Em todas as narrativas, identificou-se no momento pós descoberta do HIV/Aids, onde é necessário também destacar que esta categoria é criada intrinsecamente à intencionalidade de compreensão desta pesquisa, que é de compreender os processos de enfrentamento vividos na busca da superação dos medos e sofrimentos das pessoas que descobrem-se portadoras do HIV. Sofrimentos relatados e condensados na subcategoria “Estigma”. A última categoria citada, “superação” traz os elementos que esta pesquisa buscou, onde os participantes colocaram a experiência do trabalho como produtora da realização das potencialidades de cada um, esta experiência tida como prazerosa e provedora de sentido e compreendida como uma questão além do ser soropositivo, ou não, conforme afirmar Viktor Frankl, 1995, a busca de sentido é inerente ao ser humano; aqui, quando perguntados se a experiência de desenvolvimento das potencialidades de cada um no trabalho eram tidas como positivas ao enfrentamento da Aids, todos responderam afirmativamente com exemplos, dos quais citamos a entrevista 02:

2.12 ...depois disso eu arrumei um emprego, foi onde começou tudo, eu comecei a gostar da profissão, enfiei a cara no trabalho. fiquei sozinha. foi maravilhoso, porque ali eu comecei a descobrir que eu era útil, ali eu descobri que eu não viveria 24 horas pensando que eu era portadora do HIV e não viveria muito tempo e minha vida seria inútil, como foi passado pra mim. Além disso ali foi minha independência, minha superação, comecei a ganhar bem, comecei a ser chefe do setor, comecei a ganhar melhor, me vestir melhor, comecei a sair com meu filho, meu filho foi meu amigo, foi aquele amigo que saía de final de semana comigo, a gente comia pizza, fazia um monte de coisas..

2.16 realizado pra mim, é quando você faz algo, que você domina, que você sabe dominar aquela área, é algo que te dá prazer pra fazer, porque você pega um trabalho que tá todo enrolado, por exemplo, uma empresa que está toda estorada, e você vai desvendando tudo aquilo e deixa ela perfeita, isto é fazer teu trabalho com excelência, é algo que te deixa realizada, que te deixa assim ó, tá vendo isso daqui, você viu a porcaria que era? Você viu o que você fez com que isso se transformasse? Sabe, é competência.. sabe, é algo assim, você mostrar pra você mesmo que você pode..que você é capaz, isso que é se sentir realizado também.. lógico que tem a parte financeira, mas eu acho que só da questão de você saber que você é capaz de

você pegar aquela coisa assim, aquela pedra, esculpir naquela pedra algo lindo, é algo realizado pra mim, sabe, tenho clientes que reclamavam que tinham problemas na empresa e hoje em dia eles ligam pro meu patrão e dizem meu deus, vocês estão de parabéns! Méritos pra mim!! Então isso, outro dia até falei nossa, massageia o ego, e não é um orgulho, ou uma soberba, porque eu não tenho isso.. eu falo nossa, que gostoso você poder ouvir (...) e é algo assim que não tem preço, e é algo realizável no profissional, satisfaz muito.. e vamos agregando nossa experiência no dia a dia.. esta facilidade que eu achei também é muito prazeroso.. por isso que eu me sinto realizada aonde eu estou..

2.17 vou comentar uma coisa contigo na revista veja de uma moça que tem o vírus, que queria fazer faculdade mas não tem perspectiva de vida, por isso que ela não faz faculdade, eu queria achar algum contato com ela, porque tão bonita, tão jovem, e pensa dessa forma? Porque quem não sonha, morre.. eu aprendi tanto a sonhar e fiquei com dó dessa moça.. porque é o sonho que movimenta a nossa vida dentro de nós e essa moça não tem perspectiva de vida nenhuma.. e ela não tem esta perspetiva nem de filhos nem de faculdade.. não sei se é porque ela se expôs muito.. e esse negócio de se expor.. eu tive uma experiência destas na igreja, só se exponha pra pessoas que você realmente confia.. não vou contar pros meus vizinhos, pro pessoal que eu trabalho.. é, mas tem gente que eu conheço do ambulatório que a cidade toda sabe que a pessoa tem, e isso só prejudica a pessoa, então não temos necessidade de ficar falando, só para as pessoas que você realmente confia.. que ama.. é isso..

6.3 Origem, Condições Materiais de Vida e Enfrentamento (Uma síntese do processo das Condições Materiais à produção do Cuidado da Vida)

Pode-se observar nas entrevistas, uma interrelação entre elementos apresentados na categoria ORIGEM que se corresponderam com elementos categorizados em outros momentos, com relação a produção da vulnerabilidade social e do próprio enfrentamento, como no exemplo abaixo da entrevista 01, em que primeiro é relatado uma vivência positiva com os pais, posteriormente com a morte da mãe, aos seus onze anos, esta é obrigada a aprender a cuidar de si e das irmãs, marca que a caracterizaria por toda a vida, tornando-se um dos elementos que embasaram o enfrentamento à Aids ,no momento da descoberta.

1.00 é, todo domingo ia chupar sorvete! Risos...! neste tempo minha mãe era viva.. era gostoso, a gente fazia pique-nique.

1.01 eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.

1.03 eu brincava no quintal de casa, tinha porco, tinha galinha, brincava eu, minhas irmãs, minhas primas, a gente brincava de casinha, minha mãe dava comidinha pra gente brincar de comidinha no quintal,..., era fogão de lenha neste tempo, a gente fazia o fogão com tijolo e acendia de verdade, pegava óleo, sal..

1.06 (após o contágio pelo hiv, já na vida adulta) Quer dizer que as pessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!

1.17 eu fiquei otimista, eu pensei: “eu tenho meus filhos pra criar” a uma delas tinha seis anos; falei: “não! Eu tenho que criar meus filhos”; não posso ficar nesta situação não.como eu sentia isso? Quando meus filhos chegavam perto de mim, eles choravam, passavam a mão no meu rosto.. aí eu pensei, “não posso deixar meus filhos, ainda nas garras do finado meu esposo,

né..ia acontecer a mesma coisa com estas crianças aí..iam ficar jogadas, abandonadas..é.. aí, eu pensei, eu morro e coloco uma mulher pra maltratar meus filhos?? Falei: “não!”...

1.20 ele tinha falado né, e eu pensei, não, eu tenho meus filhos pra criar, e eu comecei a andar, pensava que eu não conseguia e eu me empurrava na marra, aí de lá pra cá, até que meu finado marido morreu, e um dia minha sogra falou, se eu achava que tinha sofrido antes, eu ia sofrer mais agora. E eu fiquei pensando assim, e pus aquilo na cabeça né. E me disseram que quem ajudava com meus filhos era ele né. Mas eu disse que com meus filhos eu me virava. E eu ia direto na Assistente Social, e arrumei trabalho e vim pra cá e nunca mais parei, sempre tive condição, comprei geladeira, televisão, rádio, fogão, tudo, e meus filhos veem, se eu quero comprar uma geladeira, eu vou ver quanto é.. e compro novo, faço prestações pequenas mas pago. As pessoas ficam de boca aberta comigo. E meu sogro fala que eu não deixo atrasar nem água nem luz, e lá sempre cortam a água e a luz. Quer dizer que as pessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!

1.21 : ajudar outras pessoas, dá apoio. eu tava conversando com minha cunhada lá.. ela diz, cê mudou hein.. tem coisas que eu aprendi aqui no projeto e eu falo pra elas, e elas falam “ah, mas você tá no projeto, você tem um projeto que me ajuda a expandir..” elas falam que elas não tem ajuda pra sair de onde elas tão, e eu falo que isto é falta de vontade..

Como síntese do processo de enfrentamento, podemos resumir nas palavras de Betinho o fato do HIV ter aparecido nas quatro entrevistas como um acontecimento que despertou para a vida, isto após a trajetória dentro de um processo de elaboração do luto do diagnóstico e da vivência de um enfrentamento, que depende de uma postura ativa da pessoa, onde o HIV deixa de ser um agente da morte, para se tornar um agente (existencial) de vida.

Eu, em 96, fui condenado à morte, fui condenado não, fui executado, né, eu morri em vida pra muita gente, pra muitas coisas e, de repente, depois de tanta dificuldade, depois de tanto tempo a gente aprende que o monstrinho que veio com a missão de me matar se tornou talvez o maior aliado hoje. Se não fosse ele, se não fossem todas as situações que vieram dele, tudo, inclusive o ativismo, não sei se eu teria trilhado um caminho tão legal como eu tô trilhando, né...

6.5 Com licença poética - Análise do Diário de Campo

Algumas entrevistas me emocionaram, onde até cheguei a chegar a chorar, como na entrevista 01 e 03, quando fiquei tocado ao sentir que eu pude ser significativo na vida de alguém;

Acho importante registrar que descobri durante a entrevista 04 que eu tinha sido a pessoa que entregara o resultado de HIV positivo para a pessoa.

É interessante considerar o impacto da entrevista 01, uma pessoa que tem uma proximidade ao seu sentido de vida, que remete a sua própria fé e uma coerência com suas atitudes, com uma proximidade tamanha observada de um modo muito diferente; se pudesse realizar um julgamento, até num trecho, ela é uma das pessoas que mais conseguem vivenciar seu sentido de vida; esta entrevista também me fez refletir uma mudança conceitual, estava muito focado e interessado em entender como que uma pessoa com suas dificuldades, se é apresentada a uma perspectiva de trabalho, não digo a perspectiva de emprego, mas a perspectiva de trabalho, e seu “enquadre” subjetivo, como é a transformação dela; a participante durante a entrevista 01 demonstra uma transformação, notadamente uma opção, um posicionamento existencial, anterior a entrada no trabalho, sua virada de mesa foi marcada pela palavra compromisso, e este compromisso apareceu quando ela relata que não ela não teve escolha em relação ao cuidado dos filhos, pois se ela morresse os filhos ficariam aos cuidados de outras pessoas, e ela temeu pela criação deles, sentiu-se unicamente responsável pelo melhor cuidado que eles poderiam ter. Juntamente orientada pela fé, e o apoio de uma amiga, ela descreve o exato momento em que ela deixa de se relacionar com sua enfermidade de um modo passivo, quando começa a se esforçar a cumprir suas requisições diárias, como no exemplo levar os filhos à escola e a fazer caminhadas; na experiência do trabalho na horta, esta senhora sempre tem sido um dos pilares do trabalho, seu relato comenta sobre o aprendizado neste trabalho, ela relata de modo enfático que não teve ganho materiais, mas sim “espirituais”, onde relata do efeito terapêutico do trabalho na horta, ao esquecer os problemas e sentir-se produtiva e capaz ao ver as mudas se desenvolvendo; enfatiza também o bem-estar que sente por poder ajudar outras pessoas, sentir-se útil; aqui compreendemos que o enquadre do trabalho, compreendido como ação subjetiva, na concepção arendtiana, foi inicialmente por esta senhora percebido pela tarefa de criar e encaminhar seus filhos a uma vida melhor, com oportunidades que ela não teve, quando comenta que suas irmãs

tiveram oportunidade de estudo enquanto ela tinha que trabalhar para sustentá-las na infância; A Experiência do trabalho é colocado simplesmente como uma laborterapia, uma experiência, um momento em que se pode transcender as dificuldades, ampliar a consciência, a si próprio, como algo muito concreto, associado a uma dissociação terapêutico da atividade laboral, a sensação de utilidade, uma perspectiva de “ação” na vida ativa, onde a pessoa sente-se útil, é dado a pessoa uma nova abertura. Por que sentir-se útil atribui tanto sentido? Por que sentir-se útil dá tanto porquê à vida? Nos relatos das entrevistas 01 e 02 é algo que enquadra a vida, dá um trilho ao trem pode seguir.

A ênfase na satisfação ao perceber que seus filhos hoje já trabalham e estão longe das drogas é denominada “paz de espírito”, é interessante que este “trabalho”, que inicialmente é atrelado ao compromisso que a fez superar seus medos e o mal estar físico proveniente da enfermidade, podendo também ser compreendido como uma fonte de sentido para o enfrentamento da infecção pelo HIV/Aids, encontra ao final do depoimento uma nova proposta de formatação: ela propõe ampliar o público alvo do local onde hoje trabalha, uma horta comunitária para pessoas que vivem com HIV/Aids, para também incluir pessoas com abuso e dependência por Álcool e Drogas; Esta proposta foi ouvida como se “coubesse” mais pessoas no projeto pessoas de ajudar outras pessoas desta senhora; Atingiu um nível de apropriação tão grande que transcendeu o medo de que outros grupos possam roubar o espaço do grupo que lá está; a partir de seu critério de sentir-se útil a outras pessoas.

De certa forma esta mudança em relação a perspectiva de trabalho: a mudança não ocorreu na experiência de trabalho, mas foi anterior; a “virada de mesa” do relato da entrevista 02 ocorreu anteriormente, embasada em elementos,

Ela relata uma experiência conjugal apavorante, posteriormente a um encontro com sua fé, conexão com algo que lhe dá um chão, para que se possa ter uma perspectiva para além do sofrimento, como comenta Viktor Frankl na tese do otimismo trágico, o sofrimento passa a ser encarado como um modo de se polir um diamante, e não um sofrimento que levará necessariamente ao término da vida; esta perspectiva do otimismo trágico dá uma possibilidade de superar estas dificuldades;

Pautando-nos na concepção dos estádios de Sören Kierkegaard é possível compreender a qualidade da escolha, seus critérios, se as escolhas são pautadas em um critério material,

sentimental ou que transcenda o aqui agora e remeta a uma reconexão com a busca última de sentido da existência. A categoria melhora traz uma perspectiva de coisas boas, de esperança, de possibilidade de se viver com qualidade. Citando o aforismo célebre de Nietzsche, quem tem porquê viver, suporta quase qualquer como viver. É interessante trazer a tona as reflexões de Kierkegaard, cujo pensamento demonstrou o despreparo da ciência positivista, cunhada pela lógica material, e da dúvida como primazia da razão, a compreender o fenômeno da crença e da relação com a finitude do sujeito; com isto Kierkegaard pode resgatar não só uma resposta à falta de fé da modernidade, mas também resgatou a crença à razão. (Arendt, 2003, p.56) Assim, a discussão entre fé e ciência não necessita mais residir na compreensão da instituição religiosa, mas principalmente em um conflito interior. Arendt, ao comparar e aproximar as obras de Kierkegaard, Marx e Nietzsche, afirma que Kierkegaard queria *afirmar a dignidade da fé contra a razão e o raciocínio modernos, assim como Marx desejava reafirmar a dignidade da ação humana contra a contemplação e a relativização histórica modernas*; (2003, p.58)

É necessário compreender que nos relatos escolhidos, especialmente nas entrevistas 01, 02 e 03 onde aparece com melhor nitidez, o enfrentamento subjetivo ao significado que estas pessoas tem do “viver-com-HIV”, até antes do momento da descoberta compreendida como no “corpo-do-outro”, mas no momento do diagnóstico significado em seu corpo-próprio, trouxe o embate com finitude, o “ser-para-a-morte” heideggeriano, como também o medo da doença, o relato da entrevista 03 cita não temer a morte, mas a doença, o estigma; A atribuição de sentidos para o enfrentamento da doença foi compreendida como sendo um opção pessoal baseada em experiências positivas vivenciadas na categoria “origem”, relatos de vivências com a família associadas a um esforço de superação pessoal pautada na necessidade de cuidar de algum outro; a fé religiosa é descrita como sendo um elemento presente nestes processos de ressignificação; Antes destas entrevistas, concebia-se o trabalho, enquadrado aqui como experiência subjetiva de realização pessoal, diferenciado da experiência do emprego, socialmente associado à busca de subsistência, como elemento causador de processos de ressignificação de vida, porém a partir dos relatos e dos diálogos obtidos, compreende-se que o trabalho é um meio pelo qual a pessoa experiência uma descoberta de suas potencialidades, de sua perspectiva à realização pessoal, ao senso de utilidade social, a auto-estima, já o processo próprio de significação é observado como consequência da própria opção que a pessoa faz pela vida, pautada no sentimento da esperança e motivada pelo senso de compromisso com outras pessoas.

Compromisso – relatado com significado denso, com a impressão de “poder”, aparece como uma chave, uma senha, algo que transforma, experiência de compromisso que refletiu com os filhos, vivenciado na “descoberta” do HIV, este compromisso é ético, do ponto de vista kierkegaardiano, pois faz transcender o indivíduo sobre si mesmo, é algo que possibilita a cura da entrega a doença, proporciona uma reconexão as pessoas;

O processo de enfrentamento demonstra-se de modo mais complexo do que o projeto até o momento supôs; a coleta de dados imprimiu uma série de transformações nas concepções acerca da função do trabalho no enfrentamento à Aids, amplia-se a necessidade de compreensão acerca de processos subjetivos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Porque quem não sonha, morre...”

Tarsila

7 Considerações Finais

Para a construção de um atendimento de qualidade, é necessário que se garanta uma real escuta dos usuários finais do serviço nos próprios modos de organização das práticas e políticas de saúde. Alguns elementos decisivos como influentes na produção do cuidado, muitas vezes podem passar, ou passam, despercebidos pela equipe de saúde, principalmente se atua em uma perspectiva multiprofissional, onde cada profissional busca atuar de acordo com o centro de sua especialidade, negando à busca de uma visão mais integral do próprio usuário do serviço e seus elementos históricos (como foram apresentadas na categoria origem), contextuais (vulnerabilidades e condições de vida), e vivenciais (facilitadores do enfrentamento, junto aos serviços de saúde ou com a presença de grupos de apoio ou cuidadores domésticos ou comunitários).

Fica claro que orientar as ações de enfrentamento, tanto da resposta governamental, quanto das ações das organizações da sociedade civil, numa junção deste diálogo usuário-profissional de saúde, no microcosmo de cada unidade de saúde, onde o cuidado é efetivamente produzido (já que os esforços das gestões em saúde, cuidam de seus planejamentos e também tem necessidade de uma aproximação das demandas dos usuários, para melhorar a sensibilidade de suas propostas em relação às reais necessidades de saúde da população).

Conforme os expostos acima, enfrentar a Aids, implica, necessariamente, enfrentar à Vida.

Ironicamente, os quatro relatos apresentados, de pessoas escolhidas pela conhecida superação e elaboração do luto pessoal e de suas idealizações de vida pela descoberta do HIV/Aids, relataram que o HIV/Aids ampliou suas percepções sobre a própria vida, onde lemos nas palavras do (nosso) Betinho

“Eu, em 96, fui condenado à morte, fui condenado não, fui executado, né, eu morri em vida pra muita gente, pra muitas coisas e, de repente, depois de tanta dificuldade, depois de tanto tempo a gente aprende que o monstinho que veio com a missão de me matar se tornou talvez o maior aliado hoje. Se não fosse ele, se não fossem todas as situações que vieram dele, tudo, inclusive o ativismo, não sei se eu teria trilhado um caminho tão legal como eu tô trilhando, né..” Betinho

Observar as necessidades dos usuários deve superar as cristalizadas concepções de atuação dos profissionais.

Atendimento individual, multiprofissional, prejudica uma melhor compreensão das necessidades dos usuários do serviço, quando cada profissional parte de seu enquadre de sua área,

valorizando o que percebe como necessidade de saúde em detrimento dos outros profissionais da equipe, só com o diálogo, compreendido como uma ferramenta de trabalho, pode transformar estas equipes em interdisciplinares, onde as percepções se juntam na construção de uma visão mais próxima dos sentidos e significados vividos pelo usuário.

Neste sentido, só com estratégias de levantamento de demanda junto aos usuários pode aproximar a compreensão da equipe responsável pelo cuidado em saúde de determinada população e aproximar os esforços desta gestão na busca destas necessidades, neste sentido é necessário que a equipe leve em conta as condições materiais de vida, e os determinantes do processo saúde e doença, como elementos possíveis de intervenção.

Nesta visão os programas de atenção a pessoas que vivem com o HIV/Aids devem observar na saúde integral de seus usuários índices de “saúde laboral”, relacionados ao self ou auto-conceito da pessoa, proporcionando vivências coletivas, grupais ou individuais de expressão profunda dos conflitos internos e experiências de estímulo à produtividade e ao senso de utilidade, como busca de incentivo à criação de uma identidade positiva, capaz e autônoma, além de ir de encontro às necessidades reais destes usuários, encaminhando estas pessoas para a garantia de escolaridade, cursos de formação e recolocação profissional.

Aos usuários que são aposentados, situação comum no cenários do cuidado em HIV/Aids, em casos que estas pessoas apresentem necessidades laborais, como os próprios idosos, porém com uma garantia financeira, e no Brasil há de se considerar que os recursos da aposentadoria implicam muitas vezes em dificuldades financeiras, mas na impossibilidade de um trabalho de carteira assinada, há de se pesquisar atividades de expressão, criatividade e autonomia; As possibilidades de oferta e desenvolvimento de habilidades devem ser pesquisadas a partir do contexto vivido pelos usuários, observando que muitas pessoas podem ter as mesmas demandas, o que sugere a criação de grupos temáticos.

7.2 Perspectivas do trabalho

A observação dos elementos presentes nos processos de Enfrentamento, orientam para uma melhor necessidade de escuta dos programas de DST/Aids junto aos usuários, pois estes elementos apresentam características muito pessoais e particulares, com caráter de informalidade, algo que os serviços, muitas vezes em suas amarras burocráticas não conseguem nem perceber, nem intervir. Observar as necessidades dos usuários deve superar as cristalizadas concepções de atuação dos profissionais.

A crença de que apenas o atendimento individual, ou grupal, numa perspectiva multiprofissional focada em valores gerados pelos profissionais de saúde, prejudica uma melhor compreensão das necessidades dos usuários do serviço, quando cada profissional parte de seu enquadre de sua área, valorizando o que percebe como necessidade de saúde em detrimento dos outros profissionais da equipe, só com o diálogo, compreendido como uma ferramenta de trabalho, pode transformar estas equipes em interdisciplinares, onde as percepções se juntam na construção de uma visão mais próxima dos sentidos e significados vividos pelo usuário.

Neste sentido, só com estratégias de levantamento de demanda junto aos usuários pode aproximar a compreensão da equipe responsável pelo cuidado em saúde de determinada população e aproximar os esforços desta gestão na busca destas necessidades, neste sentido é necessário que a equipe leve em conta as condições materiais de vida, e os determinantes do processo saúde e doença, como elementos possíveis de intervenção.

Nesta visão os programas de atenção a pessoas que vivem com o HIV/Aids devem observar na saúde integral de seus usuários índices de “saúde laboral”, relacionados ao self ou auto-conceito da pessoa, proporcionando vivências coletivas, grupais ou individuais de expressão profunda dos conflitos internos e experiências de estímulo à produtividade e ao senso de utilidade, como busca de incentivo à criação de uma identidade positiva, capaz e autônoma, além de ir de encontro às necessidades reais destes usuários, encaminhando estas pessoas para a garantia de escolaridade, cursos de formação e recolocação profissional.

Aos usuários que são aposentados, situação comum no cenários do cuidado em HIV/Aids, em casos que estas pessoas apresentem necessidades laborais, como os próprios idosos, porém com uma garantia financeira, e no Brasil há de se considerar que os recursos da aposentadoria implicam muitas vezes em dificuldades financeiras, mas na impossibilidade de um trabalho de carteira assinada, há de se pesquisar atividades de expressão, criatividade e autonomia; As possibilidades de oferta e desenvolvimento de habilidades devem ser pesquisadas a partir do contexto vivido pelos usuários, observando que muitas pessoas podem ter as mesmas demandas, o que sugere a criação de grupos temáticos.

A prática dos grupos de ajuda mútua foi descrita como fonte de segurança e identificação pelos participantes, bem como o estímulo ao trabalho, ou laborterapia, como é praticado nas unidades de saúde, que não apenas deve ter um caráter terapêutico, pois deve levar em conta as necessidades materiais dos usuários, como também não deve apenas ter um caráter de geração de

renda, pois deve levar em conta suas necessidades de apoio psicossocial que o espaço do trabalho oferece: oportunidade de desenvolvimento de novas habilidades requeridas pelo mercado de trabalho, como também espaço de desenvolvimento do “senso de utilidade”, auto-realização e ressignificação da identidade de si, e da identidade social.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADÃO, V.; CARACIOLO, J.M.M.; *Fatores que influenciam a adesão aos anti-retrovirais*. In: *Adesão – da teoria à prática. Experiências bem sucedidas no Estado de São Paulo*. Organização de Joselita Maria Magalhães Caraciolo e Emi Shimma. São Paulo: Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids, 2007.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do Trabalho*. São Paulo. Boitempo Editorial. 1999.
- ARENDT. H. *A Condição Humana*. São Paulo. Forense Universitária. 2008.
- AYRES, J.R.M.C, FRANÇA JR, J; CALAZANS, G.D., Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: Barbosa RM, Parker R, organizadores. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; 1999.p.49-72
- CAMARGO, JR. K.R. Racionalidade Médica, os paradoxos da clínica. *Physes, Revista de Saúde Coletiva*, v.II, n.1, 1991 (203-28)
- CARACIOLO, J.M.M.; *Adesão aos Anti-Retrovirais*. In: *Adesão – da teoria à prática. Experiências bem sucedidas no Estado de São Paulo*. Organização de Joselita Maria Magalhães Caraciolo e Emi Shimma. São Paulo: Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids, 2007.
- CLOT, Y. *A Função Psicológica do Trabalho*. 2ª. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DEJOURS, C. *Psychologie clinique du travail et tradition compréhensive*. In : Clot, Y. *Les histoires de la psychologie du travail*. Toulouse : Octares. (1996).
- DUBAR, C. *Identités collectives et individuelles dans le champ professionnel*, in : DE COSTER et PICHULT, *Traité de sociologie du travail*.
- ERBÈS-SEGUIN, S. *La sociologie du travail*. Paris : Éditions La Découverte et Syros, 1999. (Repères ; 257).
- FIGUEIREDO, M.A.C. *O trabalho alienado e o psicólogo do trabalho: algumas questões sobre o papel de psicólogo no controle da produção capitalista*. São Paulo: EDICON, 1989.
- _____. *Aids, Ciência e Sociedade: A dicotomia entre conhecimento técnico e competência social no trabalho do profissional de saúde*. In: Universidade de Londrina. 2000.
- _____. *Avaliação da Prática Comunitária de Agentes de Saúde da Família. Um estudo com equipes multiprofissionais e usuários da cidade de Ribeirão Preto, SP*. Ribeirão Preto, 2007. 28p. (Projeto de Pesquisa, CNPq 2007 – 2009).
- GALVÃO, J. *A Aids no Brasil*. Rio de Janeiro. ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GONÇALVES, R.B.M. *Práticas de Saúde: Processos de Trabalho e Necessidades*. Artigo não publicado utilizado como referência para estudos do Departamento de Medicina Preventiva da FMUSP, São Paulo, 1988.

LIMA, A.L.M. et. all. *HIV/Aids: perguntas e respostas*. São Paulo. Editora Atheneu, 1996.

MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento*, 8ª. Edição. São Paulo. Editora Hucitec.

MONTEIRO. J.F.A. *O Processo de Trabalho em HIV/Aids: A visão dos profissionais*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. 2006.

PARKER, R. *A Construção da Solidariedade. Aids, Sexualidade e Política no Brasil*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ABIA, 1994.

_____. *Na Contramão da Aids: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro. ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____, CAMARGO, K.R.Jr *Pobreza e HIV/Aids: aspectos antropológicos e sociológicos*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16 (Sup 1) 89-102, 2000.

PAULILO, E.M.S; *Aids: os sentidos do risco*. São Paulo, Veras Editora, 1999.

SALDANHA, A.A.W. *Vulnerabilidade e Construções de Enfrentamento da soro positividade ao HIV por mulheres infectadas em relacionamento estável*. 2003. Tese de Doutorado – Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.

SCHEZZI, D.H.T.; Figueiredo, M.A.C. *História e Sentido de Vida de Pessoas Vivendo com HIV/Aids*. Monografia de Bacharelado apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP; 2004.

SEIDL, E.M.F. MELCHIADES, A.FARIAS, V. BRITO, A. *Pessoas vivendo com HIV/Aids: variáveis associadas à adesão ao tratamento anti-retroviral*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23(10):2305-2316, out, 2007.

8. ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**A experiência do trabalho como elemento de enfrentamento à Aids.**”, que será desenvolvida como parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, nível Mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Marco Antonio de Castro Figueiredo. O objetivo deste estudo é compreender a relação da experiência do trabalho com a finalidade de pensar em melhorias para o atendimento junto a pessoas que vivem com HIV/Aids.

Esta pesquisa está sendo realizada junto ao Ambulatório de DST/Aids de Jaboticabal, motivo pelo qual sorteamos seu nome.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa em participar do estudo não trará nenhum prejuízo em sua relação com o psicólogo pesquisador ou com atendimento junto ao ambulatório em que você faz seu seguimento médico e psicossocial.

Sua contribuição nesta pesquisa consistirá em conceder uma entrevista com base em sua história de vida, sobre questões também relacionadas à experiência do trabalho.

Não há ônus financeiro e riscos previsíveis relacionados com a sua participação. Caso você sinta necessidade de conversar sobre outros assuntos além do que foi abordado na entrevista, estaremos a sua disposição para oferecer o apoio necessário.

As informações que serão solicitadas sobre sua identificação serão mantidas em sigilo e você poderá escolher um nome fictício para ser utilizado no decorrer da entrevista. Sua entrevista será realizada individualmente, no dia e hora que forem mais convenientes para você, em local reservado. As informações que você fornecer poderão ser utilizadas em trabalhos científicos, mas seu nome, nem outros dados de identificação não serão revelado em nenhum momento. Depois de transcrita, caso você deseje poderá receber uma cópia da entrevista. O texto com a transcrição da entrevista será arquivado e ficará sob a responsabilidade do pesquisador pelo período de 05 (cinco) anos, após o qual será destruído.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador e do orientador da pesquisa, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento que desejar.

Dario Henrique Teófilo Schezzi
Psicólogo Pesquisador

Prof. Dr. Marco Antonio de Castro Figueiredo
Orientador da Pesquisa

Eu, _____, RG no _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante

OBS: Este termo será arquivado e mantido em sigilo.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Departamento de Psicologia e Educação Universidade de São Paulo

Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901 - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP – Brasil
Telefones: Prof. Marco (16) 3602-3726; Psi.Dario (16) 3203-8233/8115-5441

ANEXO B
DIGITALIZAÇÃO DA APROVAÇÃO JUNTO AO CEP DA FFCLRP-USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of. CEP/FFCLRP-USP.107/2009-16/12/2009

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "A experiência subjetiva do trabalho como elemento de enfrentamento à Aids", foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 83ª Reunião Ordinária realizada em 16/12/2009, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 473/2009 – 2009.1.2221.59.4.

Atenciosamente,

Profa. Dra. ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
Dario Henrique Teófilo Schezzi
Aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

C/C: Prof.(a) Dr.(a) Marco Antonio de Castro Figueiredo
Docente do Departamento de Psicologia
Desta FFCLRP-USP

CEP-FFCLRP-USP - Fone: (016) 602-3653 - Fax: (016) 633-5015
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco A - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

10. APÊNDICES

Quem tem consciência pra se ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra mola que resiste

Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade decepado
Entre os dentes segura a primavera

Primavera Nos Dentes
Secos & Molhados
João Ricardo/João Apolinário

APÊNDICE A - Categorias Temáticas – Primeira Síntese

Entrevista 01

N	Corte	Categoria Temática	CATEGORIA GERAL
1.01	<i>eu brincava no quintal de casa, tinha porco, tinha galinha, brincava eu, minhas irmãs, minhas primas, a gente brincava de casinha, minha mãe dava comidinha pra gente brincar de comidinha no quintal,..., era fogão de lenha neste tempo, a gente fazia o fogão com tijolo e acendia de verdade, pegava óleo, sal..</i>	1. Vivências Familiares	ORIGEM
1.02	<i>af eu fui na escola até mais um tempo e parei. Tinha que trabalhar pra poder sobreviver né. E a gente foi na roça pra catar a ponta do milho, e eu era pequena eu tinha que puxar até embaixo pra arrancar. E eu tinha que trabalhar o dia inteiro pra comprar as coisas naquele barzinho que rouba o pessoal que trabalha na roça, tudo mais caro, pra eu colocar as coisas dentro de casa. Comprava arroz, comprava mistura pra dentro de casa, e no final da semana ficava tudo no bar.</i>		
1.03	<i>eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.</i>		
1.04	<i>Eu nunca tive a possibilidade de morar em casa depois que eu casei, todos ele moraram! Nunca eu tive a possibilidade de estudar porque eu tive de manter minhas duas irmãs, e meu pai que manteve o estudo pra eles. Lá na casa do meu irmão, depois eu fiquei sabendo que ele deu oportunidade pra todos, até construir casa, menos pra mim. Eu falei, meu deus do céu, eu não acredito numa coisa desta. Aí fiquei arrasada, ..., por isso que eu falo, Deus, quero levar a vida de outro jeito, não quero as coisas na facilidade. se eu não lutar eu não consigo nada não.</i>		
1.05	<i>(tua lembrança mais antiga..) mais antiga? Ichhh, quando eu entrei na escola.. a professora ruim.. (...) Eu não sabia é, não aprendia, a professora batia..! não sofria muito porque quase não mostrava a cara pra professora né?...!</i>	2. Contexto Sócio-Histórico	
	<i>A sua mãe faleceu com onze anos?! Dona Lindu: com onze anos! Eu tinha onze anos! Aí minha irmã, a que mora embaixo aqui, ela disse, agora vocês se viram, arrumou um marido e foi embora e ficou só nós três sozinhos, aí que a porca torceu o rabo mesmo. Aí ficamos de um lado pro outro. Não tinha comida.. a gente comia cambuquira, caruru, né.. aí eu pensei, acho que vou pra roça, eu e minha irmã, a que hoje é professora..</i>		
1.04	<i>: é, aí minha irmã me disse, bora pra casa do papai, ele era vivo ainda, que está perto do ciaf 1 (posto do ambulatório de infectologia), e qualquer coisa o médico tá perto, pra poder cuidar de você na hora que você precisar né..</i>	3. Cuidadores Afeto-Familiares	CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA

1.06	<i>E eu ia direto na Assistente Social, e arrumei trabalho e vim pra cá e nunca mais parei, sempre tive condição, comprei geladeira, televisão, rádio, fogão, tudo, e meus filhos veem, se eu quero comprar uma geladeira, eu vou ver quanto é.. e compro novo, faço prestações pequenas mas pago. As pessoas ficam de boca aberta comigo. E meu sogro fala que eu não deixo atrasar nem água nem luz, e lá sempre cortam a água e a luz. Quer dizer que as pessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!</i>	4. Trabalho	
	<i>foi uma maneira de eu ver os outros trabalhos na minha vida, que <u>se eu tivesse não tido nada naquele tempo lá, eu não teria conseguido, eu não teria aberto os olhos, não tinha expandido na vida como estou expandindo hoje.</u></i>		
	<i>eu gosto do que eu faço na horta, de mexer na terra, de plantar.. que nem agora, hoje os meninos da frente de trabalho não vieram e é a gente que tem que mexer na terra.. eu não me incomodo de quando eles não vem, eu gosto.. mas eu falei, depois que eu voltei a estudar, eu não pretendo ficar aqui..</i>		
	<i>eu venho aqui pra cuidar da horta, pra que outras pessoas possam vir, usufruir da horta, mas cuidar da horta, não pra falar não, eu quero é ganhar da horta. Eu tenho compromisso com a horta pra horta não fechar.. quero ficar aqui, por bens materiais não compensa não.. tanto que eu nem pego mais faxina de semana, por conta do projeto, eu limpo duas casas no sábado e outra no domingo.. quando me perguntam se eu tenho compromisso na sexta feira, eu digo no projeto! A pessoa tem que querer estar aqui, a pessoa tem que gostar do que faz. Tem vez que eu venho aqui e não vendo uma alface, não é com esse objetivo que eu venho aqui na horta, não é pra ganhar, pra ganhar eu faço meus bicos de final de semana.</i>		
1.10	<i>ai conheci meu excelentíssimo esposo. desde criança, Ai de repente começamos a namorar..! eu 16, ele 17..! fomos morar na casa do pai dele, tinha as coisas na casa, um fogão de seis boca, uma tia arrumou um armarinho. Até um certo ponto ele era certo, depois o pai dele que tirou o sossego, o pai dele falava que ele era bobo, chamava ele de bobo; ai começou, ele ia trabalhar, e ficava no bar, e o meu sogro que começou a arrumar amigada pra ele.</i>	5. Vulnerabilidade Feminina	VULNERABILIDADE SOCIAL
	<i>e ele já ia tomar banho na casa das amigas, dormia na casa das amigas, e chagava em casa de madrugada e falava que tava no bar com os amigos. E depois, descobri, briguei com as amigas deles. Ai queria vortá pra casa.. queria voltar pra casa.. eu tinha dezenove anos, meu primeiro filho nasceu eu tinha dezoito. Ai meu pai falou assim – você não vai voltar pra cá não! Agora vai morar com ele!</i>		
1.11	<i>eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.</i>	6. Pobreza	

1.12	<i>descobri foi assim, sabe a enfermeira que trabalhou aqui, um dia eu fui no Ciaf e ela me disse, engraçado, você tá emagrecendo muito, você não quer agendar uma consulta no médico do Ciaf 1? Ele é muito bom e tudo.. e eu pedi pra marcar, ela que marcou, senão eu tinha morrido e nem sabia que tinha acontecido. Ela salvou minha vida.</i>	7. Acesso à serviços de Saúde	
1.13	<i>aí começou, eu pensei que as pessoas que eu conhecia que tiveram o HIV morreram, e eu pensei que ia morrer e eu fiquei desesperada né, qualquer coisa que acontecia eu sentia mal, achei que fosse morrer, eu sentia muita falta de ar, eu chegava a sufocar e eu pensava que ia morrer agora. Até que chegar a melhorar. Minhas filhas pegaram uma carga de piolho; aí eu pensei que tinha que melhorar pra cuidar das minhas filhas. Eu lavava a cabeça delas. Quando eu comecei a melhorar eu comecei a tomar conta da cabeça delas. aí depois eu comecei a cuidar da casa, cuidar delas. Aí de lá pra cá foram melhorando as coisas. Minha saúde, melhorando, não é ficar falando não, mas depois que meu finado marido faleceu eu não fiquei ruim mais. Risos. eu tava tratando com um monte de médicos e um dia aí ele me disse que até hoje eu te tratei, mas de hoje em diante eu vou te curar! É como se fosse Deus falando na boca dele.</i>	8. Processos de Significação da Soropositividade	DESCOBERTA DA AÍDS
1.14	<i>eu comecei a melhorar, ir no ciaf né, eu só lembrava o que eu tinha no dia que tinha de ir no médico. Tanto que o Dr. Aldo comentava que ele que me fazia lembrar né? Faz onze anos que eu trato com o Dr. Aldo, vai fazer dia dezesseis de setembro.</i>	9. Cuidados Biológicos	ATENÇÃO EM SAÚDE
1.15	<i>comecei a fazer isso, e aí comecei a.. ir na reunião na escola, comecei a descer na cidade.. comecei a sair, comecei a mostrar pras pessoas que eu não tava tão ruim como falavam né.. as pessoas perguntavam “você tá bem?” eu respondia “tou bem..graças a Deus né..” muitas vezes as pessoas me viam encostando na parede, andando, encostada na parede pra poder ficar de pé.</i>	10. Cuidados Pessoais	
1.16	<i>depois veio o projeto, eu comecei a pensar.. no material, o projeto não ajudou em nada, mas no espiritual o projeto ajudou bastante.. eu voltei pra escola, tive minha experiência na política, consegui, agora eu vejo a vida de outra maneira, vejo que a gente não tem como ficar parado olhando as coisas caírem do céu.. a gente tem que se virar, se explicar, que procurar e correr atrás do prejuízo.. não tem ficar parado e que esperar do céu..</i>	11. Cuidados Psicossociais	
1.17	<i>eu fiquei otimista, eu pensei: “eu tenho meus filhos pra criar” a uma delas tinha seis anos; falei: “não! Eu tenho que criar meus filhos”; não posso ficar nesta situação não. como eu sentia isso? Quando meus filhos chegavam perto de mim, eles choravam, passavam a mão no meu rosto.. aí eu pensei, “não posso deixar meus filhos, ainda nas garras do finado meu esposo, né.. ia acontecer a mesma coisa com estas crianças aí.. iam ficar jogadas, abandonadas.. é.. aí, eu pensei, eu morro e coloco uma mulher pra maltratar meus filhos?? Falei: “não!”...</i>	12. Compromisso	
1.18	<i>não eu tava no hospital, depois que eu saí do hospital que ela falou que.. ficou sabendo que eu tava no hospital que eu ia morrer. Aí ela tava na pia, chorando, arrumando a cozinha, falando não é possível isso, né, aí ela abriu a palavra, e Deus disse isso a ela, que havia ainda esperança pra Israel; quer dizer, eu ia sair do hospital e voltar pra casa; ah, é, ela me disse pra eu fazer resplandecer a glória de Deus na minha vida, aí eu pensava que na condição que eu tava</i>	13. Experiência Religiosa	ENFRENTAMENTO

	<i>não tinha nem condições de sair pra rua; e ela me dizia você tem que deixar, você tem que deixar (resplandecer a glória de Deus na vida) e eu comecei a sair e comecei a ver que o que eu achava que era o fim, iria ser o começo..</i>		
1.19	<i>E eu sempre trabalhando fora, fora, fora, e no momento que eu mais precisei, quem me deu o maior apoio foram as duas. As duas! Nem as irmãs da igreja que ficaram sabendo. Elas me deram aquele abraço caloroso. Elas saíram da garagem da prefeitura e foram direto no cemitério. As pessoas que eu achava que eu tinha que manter distância foram as que mais me acolheram. E eu contei, eu dei este testemunho na igreja. Que a gente não pode ter preconceito de ninguém</i>	14. Apoio	
1.19b	<i>Quantas vezes você falava, não, vocês tem que estudar, pra fazer alguma coisa na prefeitura, pra poder mudar de situação! O projeto não é pra vocês ficarem aqui, vocês tem que estudar pra vocês arrumar um serviço bão pra vocês! Estas coisas foi indo que.. as pessoas até imaginam você e o Dr. Aldo já.. (risos) é, do projeto, das coisas que acontecem.. do psicólogo louco.. (risos) do médico louco (risos) melhorou bem.. as vezes eu penso em desistir daqui, mas as coisas boas que a gente passa, não dá pra desistir não.. ajudar a transformar uma pessoa! Eu sei que no ponto que entrei aqui, se eu tivesse ficado estacionada também eu não tinha..</i>		
1.20	<i>ele tinha falado né, e eu pensei, não, eu tenho meus filhos pra criar, e eu comecei a andar, pensava que eu não conseguia e eu me empurrava na marra, aí de lá pra cá, até que meu finado marido morreu, e um dia minha sogra falou, se eu achava que tinha sofrido antes, eu ia sofrer mais agora. E eu fiquei pensando assim, e pus aquilo na cabeça né. E me disseram que quem ajudava com meus filhos era ele né. Mas eu disse que com meus filhos eu me virava. E eu ia direto na Assistente Social, e arrumei trabalho e vim pra cá e nunca mais parei, sempre tive condição, comprei geladeira, televisão, rádio, fogão, tudo, e meus filhos veem, se eu quero comprar uma geladeira, eu vou ver quanto é.. e compro novo, faço prestações pequenas mas pago. As pessoas ficam de boca aberta comigo. E meu sogro fala que eu não deixo atrasar nem água nem luz, e lá sempre cortam a água e a luz. Quer dizer que as pessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!</i>	15. Superação	
1.20 b	<i>eu continuei, e ainda acabei a cuidar dele.. dava comida na boca pra ele.. ele morava comigo, era meu espoooso né..</i>		
	<i>Pra começo de assunto tive que cuidar deles, tratar eles no médico, um tinha anemia, o outro verme. Primeiro eu tive que tratar deles, pra depois começar... a gente fez todos os exames, tudo certinho.. e não deu nada. Tem outro filho dele que está pra rua, tem catorze anos. Ele vai lá de vez em quando em casa. Sempre que eu faço alguma coisa em casa, eu faço primeiro pros dois, que é pra eles verem que não tem diferença, como quando eu fiz os documentos dos meninos em casa.</i>		
1.20c	<i>é o que nós já falamos né que no começo foi assim, que eu entrei em depressão e tudo mas que depois com o tempo, que no decorrer do tempo, pra cá, que foi uma maneira de eu ver os outros trabalhos na minha vida, que se eu tivesse não tido</i>		

	<i>nada naquele tempo lá, eu não teria conseguido, eu não teria aberto os olhos, não tinha expandido na vida como estou expandindo hoje.</i>		
1.21	<p><i>eu era uma pessoa inibida, tava sempre ali parada, comecei a ver as coisas de outro jeito, comecei a me expressar, comecei a ver o erro e a falar do erro pras pessoas.. ajudar a orientar as pessoas também, como a gente ajudava, conversava tudo.. sei lá, um monte de coisas..</i></p> <p><i>Dario: a senhora começou a sentir que pode ajudar outras pessoas..</i></p> <p><i>Dona Lindu: ajudar outras pessoas, dá apoio. eu tava conversando com minha cunhada lá.. ela diz, cê mudou hein.. tem coisas que eu aprendi aqui no projeto e eu falo pra elas, e elas falam “ah, mas você tá no projeto, você tem um projeto que me ajuda a expandir..” elas falam que elas não tem ajuda pra sair de onde elas tão, e eu falo que isto é falta de vontade..</i></p>	16. Autoconfiança	
1.21b	<i>quero crescer.. aqui vai ser o ponto de referência..</i>		

APÊNDICE A - Categorias Temáticas – Primeira Síntese

Entrevista 02

N	Corte	Categoria Temática	CATEGORIA GERAL
2.01	<p><i>a minha infância foi um tanto conturbada, não tive uma estrutura familiar, meu pai tinha problemas com álcool, minha mãe não tinha sabedoria pra lidar com isso, era despreparada, então havia muita briga, muitas agressões sabe, com meus irmãos e tal, esta lembrança ruim eu tenho da minha infância, embora eu tenha alguns momentos felizes também, que eu morava numa chácara, minha mãe ia plantar, ela me levava junto, me ensinava</i></p> <p><i>e a gente acabou se conhecendo, e assim, eu tinha quinze anos, o que eu achei que ia ser maravilhoso na minha vida, de repente se transformou num pesadelo, porque ele era uma pessoa que morou em são paulo, era mais experiente que eu, uma pessoa que me passava uma estrutura de vida, uma segurança, ah esta pessoa tem experiência, pra me ensinar a viver, realmente ele me ensinou a viver, mas não pelo amor, pela dor né.. porque ele foi uma pessoa assim, que ao mesmo tempo que ele parecia que ele amava, ele odiava também; ele era assim, uma pessoa aparentemente muito estranha, depois que eu fui entender que ele tinha sido rejeitado desde o ventre da mãe, ele teve paralisia infantil, depois de adulto ele sofreu um acidente de moto, ficou com sequelas teve deficiência né, e ele era uma pessoa revoltada,</i></p>	1. Vivências Familiares	ORIGEM
2.02	<i>, até quando eu estava com ele, porque depois de três meses de namoro, como eu era muito pressionada na minha casa, porque eu não podia sair, eu morava com essa moça onde eu trabalhava de semana, e de final de semana eu ia pra casa, eu não podia sair, eu poderia ficar com meus amigos ali de frente, pra ir numa quermesse vai, mas eu não podia fazer isso, então pra eu não me sentir presa, eu achei que a solução era a gente morar junto, eu e ele, daí que começou meu pesadelo,</i>	2. Contexto Sócio-Histórico	
2.03	<i>levei ele pra casa, cuidei dele, e nesse meio tempo ele começou a frequentar uma igreja, da qual hoje eu faço parte, a única parte boa que ele deixou pra minha vida, foi o meu filho e meu encontro com Deus, porque foi através disso que eu tive um encontro com Deus, verdadeiramente,</i>	3. Religiosidade	
2.05	<i>aí comecei a viver minha vida depois disso, fui morar na casa da minha mãe.. comecei a morar ali com ela,</i>	4. Condições de Subsistência	CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA
2.06	<p><i>depois disso, a minha vida foi trabalhar, aí eu meti as caras no meu emprego que eu eu arrumei um emprego num escritório, foi onde começou tudo, eu comecei a gostar da profissão, enfiei as caras.. fiquei sozinha..</i></p> <p><i>Dario: foi bom pra você fazer isso?</i></p> <p><i>Tarsila: foi maravilhoso, porque ali eu comecei a descobrir que eu era útil, ali eu descobri que eu não viveria 24 horas pensando que eu era portadora do vírus HIV e que de repente eu já tinha uma sentença de morte e que eu não viveria muito tempo e que minha vida seria inútil, na verdade, como foi dado a sentença pra mim, e eu tive condições suficientes também, aquilo foi a minha independência, foi a minha superação, na época, e no fim eu comecei a ganhar muito bem, acabei sendo a ser chefe do setor, comecei a ganhar melhor, comecei a me vestir melhor, comecei a sair com meu filho,</i></p>	5. Trabalho	

2.07	<i>e neste tempo eu parei de tomar anticoncepcional, só que eu falei com ele, vamos prevenir e tal, e eu engravidei, eu tava com 16 anos, e foi neste momento que ele me falou que eu tava traindo a confiança dele, que a gente estava guardando dinheiro pra poder comprar um terreno, e ele disse que eu traí a confiança dele, só que eu já tinha arrumado um trabalho, eu já não estava mais morando com essa moça, eu tinha arrumado um trabalho eu era representante comercial de uma empresa, então, tinha uma estrutura, só que aí ele falou, que não queria mais, me disse “some da minha vida, você me traiu, eu não quero essa criança, até me parece que esse filho não é meu”, por que tudo que a gente combinou você não cumpriu, e foi onde eu mudei pra araraquara, depois voltei, porque eu sozinha lá ia fazer o que? Tinha que ter meu filho na época, só que até então eu não sabia que ele era usuário de droga.. uma menina de quinze anos que nunca teve contato com um usuário de droga, você não vai perceber, se o cara saiu, se usou droga, se passou o efeito, mas ainda aparentemente você dá pra ver se ele usou droga naquele dia, você não tem como saber, eu era ingênua, achei que ele tinha bebido e tal, até um dia que eu peguei ele usando cocaína, em casa, ele não sabia que aquele dia eu ia chegar mais cedo e eu peguei ele usando cocaína, depois eu sentei e conversei com ele, eu fiquei desesperada..</i>	6. Vulnerabilidade Feminina	VULNERABILIDADE SOCIAL
2.12	<i>, que ele começou a fugir de médico, fugir de médico, mas eu creio que ele já pressentia de ‘tar infectado pelo vírus, e foi aonde ele, ele recusou várias vezes até o dia que a gente pegou ele na força, não vamos lá, vamos fazer os exames e tal, e uma médica pneumologista do posto de saúde pediu exame de escarro, porque ele estava muito estranho e pediu o exame de sangue, e ele não quis ver o resultado, quem foi ver, foi eu, aliás as enfermeiras, a mando do infectologista, ligaram na mãe dele e disseram, é pra vir urgente na consulta, daí eu já falei... “já era”, e eu fui falei se você não vai, vou então, e o médico me falou que tinha dado positivo, os dois né? Tuberculose e HIV, que tinha dado positivo.. e foi a tia dele também.</i>	7. Acesso à serviços de Saúde	
2.13	<i>e eu falei, mas e aí doutor, e se eu tiver? Com HIV também? “olha a tua perspectiva de vida, mais ou menos, eu vou te dar assim, ó, estourando tá, cinco anos de vida!”</i>	8. Processos de Significação da Soropositividade	DESCOBERTA DA AIDS
2.13a	<i>e nisso depois eu encontrei o Dr. Aldo, neste tempo, eu encontrei no ciaf mesmo, eu não me dei por vencida, eu quis conversar com ele, porque tinha gente ali que tinha falado muito bem dele, e preferia ele ao invés do outro, porque o outro te dava a tua sentença de morte e acabou, e ele falou olha, então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer um exame pra você, não é bem assim as coisas, me receitou remédio, o azt, uma bomba, que me deixou na cama vários dias, ele disse “tou fazendo isso pra você porque se você tiver com a sua.. é..</i>		
2.14	<i>e ele falou olha, então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer um exame pra você, não é bem assim as coisas, me receitou remédio, o azt, uma bomba, que me deixou na cama vários dias, ele disse “tou fazendo isso pra você porque se você tiver com a sua.. é..</i>	9. Cuidados Biológicos	ATENÇÃO EM SAÚDE

2.18	<i>, e a única escora que eu tenho agora, o Deus que eu conheci, o verdadeiro Deus que eu conheci, eu fui direto na igreja, eu fui, sabe, fui de pé, fui andando, normal, porque a irmã dele me deixou na porta de igreja, subi as escadas da igreja e tal e o pastor me recebeu, subi as escadas e eu disse pra ele que eu precisava urgente conversar com você, agora e de porta fechada, e ele falou “não, vamos lá”.. , e nisso eu já quase me desfaleci nos braços dele, contei pra ele e tal, e ele me falou assim “olha, eu não posso te garantir uma vida longa porque eu não sei o que Deus tem pra você, mas eu posso te dizer o seguinte, a única coisa que você pode fazer agora, nesse momento é colocar a sua vida totalmente nele, é a única coisa que você pode fazer e crer, que Ele vai fazer a vontade dele na tua vida, e se ele tiver algo pra você aqui ainda, você vai permanecer</i>	10.Experiência Religiosa	ENFRENTAMENTO
2.19	<i>meu filho foi meu amigo, foi aquele amigo que saía de final de semana comigo, a gente comia pizza, a gente fazia várias coisas..</i>	11.Apoio	
	<i>ai eu me entrosei num grupo de jovens da igreja, foram as minhas amigas, minhas amigas do coração, assim que eu tenho elas como amigas até hoje, me abri com elas, foram essas amigas que mostraram que realmente eram minhas amigas, que não teve preconceito, porque vinham na minha casa, que comiam da minha comida, porque a primeira sensação é “será que se eu comer alguma coisa feito por ela que ela cortou o dedinho ali, será que vai passar pra mim também, m eu tenho essa amizade com elas, fui madrinha do casamento de todas, e elas foram do meu também.. ..ai eu conheci um moço, namorei um tempo, ai eu vi que de repente eu poderia ser amada por um homem sem problema nenhum, antes da gente se envolver eu contei pra ele.. ele quis se envolver mesmo assim, foi uma pessoa que me ajudou muito, sabe, sem preconceito nenhum, ... e por fim eu conheci o amor da minha vida, e assim, também foi a mesma coisa antes dele se envolver comigo, me aconselharam a antes de me envolver, antes de eu dar um beijo, pra contar, se eu sentisse que iria virar mesmo, ai eu contaria, não é a coisinha de ficar não, ai eu conto..</i>		
2.20	<i>meus motivos de estar viva? Primeiramente foi o meu filho, porque eu queria ver ele crescendo, se formando um homem também.. é um dos meus motivos é.. Deus.. também um dos meus motivos, de me manter viva, não dos meus motivos de viver, porque é Ele que sabe de todas as coisas, e Ele me mantém aqui, e é Ele que me dá estas coisas, este casamento maravilhoso, meu filho maravilhoso, meu trabalho, a faculdade.. e é.. meu marido.. um dos motivos do meu viver, é uma pessoa que eu amo, é uma pessoa que se eu tiver que entrar na frente pra tomar um tiro eu entro na frente pra tomar o tiro por ele, eu amo demais a vida dele, é um dos maiores motivos da minha vida.. os meus amigos, minhas amigas, lindas maravilhosas, que me deram força pra eu continuar, pra tar vivendo, o meu trabalho que é uma das minhas alavancas da minha vida, e agora minha faculdade, e eu esqueci, tem mais um item da minha querida netinha que vai ser meu motivo de viver também que eu vou precisar conhecer, crescer, correr, ir pra escola namorar.. é um dos motivos da minha vida também, que eu tinha esquecido porque é muito recente, são esses...</i>	12.Superação	
2.21	<i>realizado pra mim, é quando você faz algo, que você domina, que você sabe dominar aquela área, é algo que te dá prazer em fazer, porque você pega um trabalho que tá todo enrolado, por exemplo, uma empresa que está toda estorada,</i>	13.Autoconfiança	

	<p><i>e você vai desvendando tudo aquilo e deixa ela perfeita, isto é fazer teu trabalho com excelência, é algo que te deixa realizada, que te deixa assim ó, tá vendo isso daqui, você viu a porcaria que era? Você viu o que você fez com que isso se transformasse? Sabe, é competência.. sabe, é algo assim, você mostrar pra você mesmo que você pode..que você é capaz, isso que é se sentir realizado também.. lógico que também tem a parte financeira, mas eu acho que só da questão de você saber que você é capaz de você pegar aquela coisa assim, aquela pedra, esculpir naquela pedra algo lindo, é algo realizado pra mim, sabe, eu tenho clientes no escritório que reclamavam que tinham problemas na empresa (conteúdo detalhado suprimido pelo entrevistador), e hoje em dia eles ligam pro meu patrão e dizem meu deus, vocês está de parabéns, porque hoje os problemas não existem mais! Méritos pra mim!! Então isso, outro dia até falei nossa, massageia o ego, e não é um orgulho, ou uma soberba, porque eu não tenho isso.. eu falo nossa, que gostoso você poder ouvir, e eram clientes que quando eu entrei, que a empresa estava problemática, me tacavam pedras, falaram “nossa, nós já estávamos com problemas e entrou uma nova?”</i></p>		
--	---	--	--

APÊNDICE A - Categorias Temáticas – Primeira Síntese Entrevista 03

N	Corte	Categoria Temática	CATEGORIA GERAL
3.01	<i>a minha família, família é tudo, pra mim família é tudo, eu tive a sorte de ter uma família maravilhosa, independentes das dificuldades que a gente passou na vida, mas eu sempre tive uma família que se resume em amor, independente das nossas diferenças, mas sempre meu pai, minha irmã, minha mãe, sempre estiveram do meu lado, independente do que fosse acontecer comigo, acontecer não, do que aconteceu comigo,</i>	1. Vivências Familiares	ORIGEM
3.02	<i>a gente supera através do trabalho, acho que o problema de toda família é por isso né, situação financeira, mas nem por isso que não tivemos união, meu pai se separou da minha mãe, meu pai chegou a ter ciúme doentio, eu convivi com meu pai com isso desde pequeno, meu pai tinha um ciúme doentio tão grande, minha mãe não podia sair pra varrer a calçada que ele punha coisas na cabeça que não existia, ele falava que tava olhando pra vizinho, e não sei o quê, não sei o quê, ele chegava a dormir com aquelas peixeirinha de antigamente né, e ficava ameaçando a minha mãe mas nunca fez nada pra minha mãe, eu era criança, e minha irmã, e a gente era pequeno e convivia com aquilo, e este foi um sofrimento que a gente teve de conviver com aquilo,</i>	2. Contexto Sócio-Histórico	
3.04	<i>a minha mãe, eu moro com a minha mãe e minha mulher, mas todo domingo é difícil falhar, todo domingo ele tá aqui, é o que eu gostaria que fosse diferente, naquela época ele fosse diferente, hoje taria meu pai, a minha mãe junto, eu não culpo ele também, porque ele também não teve uma.. uma família eu tive uma família que me apoiou,</i>	3. Cuidadores Afeto-Familiares	CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA
3.05	<i>na minha família a gente teve as dificuldades financeiras que foram muito sofridas, mas superamos tudo,</i>	4. Condições de Subsistência	

3.06 3.09	<i>, e eu enxergo isso no trabalho, e as pessoas de fora falavam que eu estava lá por ter este problema na empresa, mas eu sempre fui um grande profissional, eu mudei de cargo, meu salário melhorou, quer dizer, eles não fizeram isso pra me ajudar o meu ego, pra me ajudar, eu já tava bem, eu falei “eu não preciso provar nada pra ninguém”, minha qualidade de vida mudou,</i>	5. Trabalho	
3.12	<i>eu nunca usei assim de falar droga, homossexualismo, nunca, eu não tenho preconceito nada, mas nunca tive, tive minhas adolescências de não usar camisinha, nada, nunca fui frequentador constantemente de pegar essas meninas, mas a gente acha que nunca vai acontecer com a gente né..</i>	6. Acesso à serviços de Saúde	VULNERABILIDADE SOCIAL
3.13	<i>Ah mas, não mas, você viu depois, mas não sei o que estava acontecendo, se ele já tinha ido no laboratório, ele já me levou direto pra sala, discretamente, e na hora que ele abriu assim eu vi a aparência dele de susto né.. aí peguei no braço dele, chacoalhei ele com as duas mãos e falei doutor.. pode falar, o que é esse negócio de reagente aí? Pó falar, pó falar, fala.. “não, Cândido, calma”; eu peguei no braço dele e chacoalhei mesmo.. fala dr. Fala dr. eu sei que tem alguma coisa errada aí, fala, é só isso que você pediu pra mim, não tem nada de coisa cardiológica, só pediu o HIV, e eu não tava sabendo de nada né.. e ele me pediu calma e ele falou, vou no laboratório e já volto, e ele foi no laboratório e voltou, e ele olhou pra minha cara e falou assim “é isso mesmo que você tá pensando..” e começou a sair lágrima do olho dele, e eu falei, caramba, ao invés do doutor me dar força eu tenho que dar força pro médico.. não, aí, mas é verdade isso daí, assim não saiu lágrima do olho dele, eu vi aquela cara de espanto dele, chateado, ele não queria, ele tinha mais ou menos conhecimento da minha vida, eu comecei a chorar e a ficar em prantos assim, eu comecei a chorar e não parava, ele chegou a pegar lenço assim e me abraçar e colocava eu no ombro, não, você tem HIV e tal e tal.. aí onde minha vida começou a se transformar pra melhor.. minha vida começou a se transformar, e eu chorei, chorei e não tinha ninguém ali que podia me dar força, e ele tinha que continuar o trabalho dele, e eu fiquei um tempão ali até que eu consegui sair do consultório, e eu peguei meu carro</i>	7. Processos de Significação da Soropositividade	DESCOBERTA DA AIDS
3.14	<i>a força que eu tive foi do lado da minha mãe..</i>	8. Cuidados Pessoais	ATENÇÃO EM SAÚDE
3.16	<i>nunca eu escondi nada de ninguém, me dando força, meus amigos verdadeiros descobri quem foram os meus amigos verdadeiros, fiquei uns dois ou três meses acuado, até que um dia uma palavra que a gente fala, eu chutei o balde, não, vou viver minha vida, vou ser feliz, pra que eu vou ficar aqui acuado, tem coisa pior que acontece na vida do que isso, eu não perdi uma perna ou um braço, eu falei, esse vírus é tão pequenininho perto de mim, modo de dizer, eu vou detonar ele, ele não vai conseguir me detonar, e em parte disto foi por conta do meu psicólogo, onde eu consegui superar isso, aí começou a vir outras barreiras né, eu tinha uma paquera aqui eu tinha que falar, eu não gostava de esconder, graças a deus as que eu tive aí, eu sempre me cuidei perante eles, eu também não fui nenhum assim, exagerado, saí com uma ou com outra, eu tive umas três ou quatro vamos dizer, uma só que não aceitou.</i>	9. Cuidados Psicossociais	

3.18	<i>Minha vida mudou, em paz, não, sempre peço à Deus, independentemente de Religião, eu tenho a minha, mas independente de religião hoje eu agradeço à Deus, hoje eu enxergo as coisas de uma maneira diferente, as vezes a gente precisa tomar uma bordoadada nas costas pra saber como que é a vida, pra dar valor, isso me ensinou, isso também me ensinou saber entender as pessoas, porque ninguém é igual a ninguém,</i>	10.Experiência Religiosa	ENFRENTAMENTO
3.19	<i>ah, vou trabalhar, mas eu não tinha caído em si.. eu cheguei no serviço, aí meu gerente que era uma pessoa muito boa na época, hoje ele trabalha na mesma empresa, só que ele tem outro cargo, aí ele me perguntou, e eu falei pra ele, ele foi a primeira pessoa que eu falei, e ele me deu força também, ele me deu força, naquele momento,</i>	11.Apoio	
3.20	<i>eu estou fazendo o meu caminho CERTO, eu tenho as falhas, mas eu estou fazendo o meu caminho certo. Antigamente eu levava no “tá bom, não deu certo deu, não deu”, hoje não, eu chego aqui em casa e as vezes vejo a minha mulher de cara feia, cara feia não, eu vejo ela meio assim e pergunto se aconteceu alguma coisa, e ela “não” e eu brinco, pode parar hein,</i>	12.Superação	
3.21	<i>mas a cabeça da gente é tudo, a cabeça da gente é uma coisa maravilhosa, o pensamento da gente é maravilhoso.</i>	13.Autoconfiança	

APÊNDICE A - Categorias Temáticas – Primeira Síntese

Entrevista 04

Quadro : Primeira Junção a partir do relato do participante 06 (Betinho)

N	Corte	Notação	Palavra-Síntese	Agrupamento
4.01	<i>eu venho de uma família de professoras, minha mãe e minhas tias são professoras</i>	Contexto de sua vida	Contexto	Origem
4.02a	<i>é umas das minha melhores lembranças que eu tenho, eu com uma sunguinha, ..., e eu ficava, como uma ninfazinha, ou um satirozinho, ainda não tava definida a coisa, pulando de bananeira em bananeira, mostrando a bundinha pro pessoal mais velho da sala de aula, atrapalhando as aulas da minha tia, pra desespero da minha tia,</i>	Contextualiza de uma forma prudente como descobriu sua sexualidade na infância, enfatizando ser algo íntimo.	Contexto	Origem
4.02b	<i>não foi por minha vontade, não houve violência também mas me foi apresentada a vida sexual.. eu fui o presente de aniversário de quinze anos de uma pessoa, próxima, e gostei, quis repetir, repeti e adorei e a partir daí a minha vida de empreendedor social começou aí.. eu fui o fundador de inúmeros clubinhos da molecada.</i>			
4.03	<i>sim, sim, porque eu, eu , foi um barato porque eu me sentia responsável por ele, aí depois confirmou, quando eu apresentei Janis Joplin pra ele, ele não acreditou. Na época eu tava com 18, 19, ele tava com 11, 12.</i>	A partir da experiência de um vínculo afetivo, o nascimento do irmão, houve uma ampliação das possibilidades de vida.	Vivências Familiares	Origem
	<i>eu, 49. Vou fazer quarenta e nove em agosto. 13 de agosto, 49! Aliás eu nasci no mesmo dia, mês e ano que o muro de Berlim e em 89 eu contraí o HIV e o Muro de Berlim ca-iu. E hoje eu tou aqui e e-le-não! Eu ainda não sou peça de museu de algum colecionador! Então rolou esse</i>			

	<i>lance de carinho e cuidado, eu adorei ter um irmão, adorei! Adorei muito. De cuidar, brincar junto né?</i>			
4.04	<i>Quando eu já tava com a minha sexualidade lá pros 16 anos e tudo, e eu continuava trepando pra caralho mas ainda não me incluía num contexto de um mundo gay. <u>E eu sempre me achei só..</u> e era aquela coisa, eu fazia, me deliciava e tudo, mas a minha visão dos meus primos, eu sabia que eu era gay e eles não, por mais que a gente transasse juntos, eles eram os caras, e aquela coisa assim de eu não poder contar pra ninguém, e eu virei a ovelha negra.</i>	Percepção de vivência solitária da sexualidade, pode ser considerada como associada à vulnerabilidade	Vivências Familiares	Origem
4.05	<i>Foi essa música, ovelha negra, que me estimulou a abrir minha sexualidade pra minha mãe. Eu já tinha 17 pra 18 anos, eu já tava na faculdade, e tinha entrado com 17, e aquela onda né, de ovelha negra, e não sei o que e tudo, e minha mãe dava sinais de que.. né, eu contei.. pra ela foi terrível, eu não esperava aquela reação, ela entrou em choque, e depois veio com a seguinte onda, que ou você vai num psiquiatra, ou eu conto pro seu pai. Lembra que eu falei que o papai era enérgico?</i>	Conforme diz a música “agora é a hora de você assumir, e sumir – não adianta chamar”; quando tenta compartilhar a intimidade e é reprimido, dentro de um discurso biomédico.	Contexto Sócio-Histórico	Origem
4.06	<i>ai chamei meu irmão. Fomo pra praia, sentamo, né, ai ele “que que tá pegando?” eu preciso conversar com você. Ai, sentamo, pá, eu virei pra ele e falei “tô com AIDS”. eu sempre fui de brincadeirainha obscuras. Ai ele nem olhou pra mim direito, começamo a chorar um no ombro do outro. “E os pais?” “tem que contar” “vou te dar uma força”, ele sempre me dá força, sempre dá força.</i>	O ponto em que fala do diagnóstico é quando relata contá-lo ao irmão.	Apoio	Descoberta da Aids / Enfrentamento
4.07	<i>ai minha mãe me olhou, com uma cara de que já sabe uma “puta duma, manda, apunhala, que eu já tô esperando”. “Tô com AIDS”. Sabe quando parece que congela tudo, congela, aquela atmosfera pesada,</i>	Inicialmente o diagnóstico revela um distanciamento familiar; posteriormente o diagnóstico (e as	Apoio	Descoberta da Aids / Enfrentamento

	<p><i>irrespirável. <u>Aí caiu, a única coisa que aconteceu, caiu uma lágrima do olho da minha mãe.</u> A gente não conseguia falar, simplesmente. Aí meu pai quebrou: “como foi que você pegou?”, falei: “transando, usando droga”. E... é, agora vê o que tem que fazer. Depois ele disse que foi pro quarto e despençou também; Vixi; eu não sei se eu tenho um Édiposinho, mas eu tenho muito amor pela minha mãe, muito.</i></p> <p><i><u>aí, a partir daí é que a nossa relação foi que nós vivia junto, ela ia comigo nas consultas. Eu falei “vai comigo, pelo amor de deus”, ela também tem saber tudo que acontece e tal e... teve um outro momento também, que aí eu não aguentei, antes dessa parte terrível. “vamo embora então”, né, tinha as droguinhas, tal, tudo, mas nenhum abuso absurdo, ainda era um uso social.</u></i></p>	necessidades que impõe) aproxima a família.		
4.08	<p><i>Mas antes de eu ser considerado terminal com 34, dois meses antes eu tive o e eu fui deitar lá na ocasião em que eu tinha sido internado, tal 96 em especial, eu durmo num canto da casa, minha mãe no outro. E, de repente, eu comecei a ter uma convulsão, eu tinha vindo pra casa, tudo, eu só murmurei “mãe?”. Aí automaticamente, ela tava lá, não sei como ela ouviu. Eu tava vendo tudo tremido, tudo esquisito, mas eu vi nitidamente o olhar dela de “tô perdendo meu filho”, ali foi a faca né, eu falei “ah, caralho, ela perdeu a esperança”, “meu porto foi pro espaço”.</i></p>	Fala da importância e sustentação emocional que a mãe representa - Holding.	Apoio	Enfrentamento
4.09	<p><i>Aí, um cara que foi meu amigo, me liga da casa dele, que a namorada dele tava com AIDS, tava mal. Foi meu primeiro contato com uma pessoa que tinha perdido, de uma hora pra outra, completamente. Eu cheguei no momento da alimentação, ela foi recusando a comida. “Meu deus, é</i></p>	Relata uma impressão de doença e morte ao conhecer uma pessoa com aids.	Processos de Significação da Soropositividade	Descoberta da Aids

	<i>isso. Então é isso que espera?”. Não tinha uma pessoa com AIDS avançada, com já manifestação clínica, tal...</i>			
4.10	<i>Foi no dia 1º de maio de 98 que eu descobri que a internet tinha uma sala HIV, eu falei: “meu deus, até a sala tá contaminada!”</i>	Encontro com pessoas semelhantes – fortalecimento da identidade no convívio social.	Apoio	Enfrentamento
4.11	<i>porque eu comecei a conversar com as pessoas sobre a coisa, né, eu fui muito recluso com ela, sabe, só HIV, todo mundo sabia, mas outras pessoas com HIV eu não conhecia. Meu tratamento sempre foi em clínica particular etc. E ali eu comecei a conhecer alguns ativistas;</i>		Apoio	Enfrentamento
4.12	<i>Todo mundo no lugar já começou a avisar: “já começou a agitar, já começou a agitar”. Em determinado momento “prim”, “não tem nenhuma ONG que trabalha com ONGs aqui, né?” Eu já fui ouvir, né, já falou de ONG, tal. “Ué, não tem nenhuma ONG aqui”. “Será que é isso?” Aí comecei, aí fudeu.</i>	Descobre uma perspectiva de atuação política dentro da ONG	Atuação Política	Enfrentamento
4.13	<i>e já tinha tido lipodistrofia na história, já tinha ficado horroroso, já tinha ido pioneiramente numa clínica no Rio de Janeiro pra fazer implante</i>	Contextualiza que sofreu uma série de doenças em virtude dos ARVs, exigindo uma alta resiliência;	Cuidados Biológicos	Atenção em Saúde
4.14	<i>Tem esse problema da pessoa sem movimento. Até que eu comecei a usar bengala, vida social acabou, acabou mesmo, definitivamente. Isso foi até bom. E aí com a bengala, com tudo. E com a necrose foi jogo duro, porque envolveu muita dor. Ele falou: “vamos fazer uma cirurgia?”, Eu falei “caraca, eu sou assim, eu simplesmente não quebro um osso, eu quebro o osso de um jeito que vai complicar um pouco a reabilitação”.</i>	Enfatiza sua resistência em superar os limites e as doenças associadas ao tratamento da Aids	Superação	Enfrentamento
4.15	<i>“é isso mesmo que eu ouvi? AIDS, câncer, é isso que me aguarda na vida? Vamo embora, né?”</i>	Resiliência	Superação	Enfrentamento
4.16	<i>“tá bastante avançado, vai ser complicado, sua quimioterapia vai ser bastante, vai ser um pouco pesada,</i>	Como a oferta da cura motiva ao tratamento, mesmo de um câncer.	Esperança	Enfrentamento

	<i>mas ainda é um linfoma, e linfoma é outro tipo de câncer que tem 100% de chance de cura”. Falou a palavra mágica. Então, se num (caí) pra uma coisa que não tem cura até hoje, não vai ser pra uma que tem, né</i>			
4.17	<i>Até lá eu tinha um monte de amigos, se eu ficava doente ficavam pouquíssimos, ao meu lado. Na verdade, todos sumiram. Eu ainda não tinha aprendido a usar o HIV, cê entende? Nesse negócio de selecionar, por exemplo, seres humanos através dele é batata, é uma coisa bem legal.</i>	Comenta que a vida, ou o HIV, ensinou como ter mais qualidade nos relacionamentos	Processo de Significação da Soropositividade	Descoberta da Aids
4.18	<i>mas aí eu entrei numa depressão terrível, terrível, cara, minha mãe me consolando “calma, Betinho, você vai conhecer alguém que te mereça, um homem que te mereça”. Pela primeira vez ela falou isso, foi de uma maneira assim, aceitando integralmente.</i>	Deixa de ser ovelha negra – aceitação como base do apoio doméstico/familiar	Apoio	Enfrentamento
4.19a	<i>eu tive pais que me deram educação e carinho esmeradíssimos, eu tive muito, muito, fartura de carinho e condições de estudo, disso, daquilo outro, isso não me tornou cidadão. Aí, pumba, veio a porra do HIV. Isso também não me tornou cidadão. Quando eu fiquei doente, porrada, pá, e quase morri, isso também foi com o ativismo que rolou. O ativismo foi quem moldou o espírito, meu caráter que eu tenho até hoje.</i>	O trabalho no movimento social permite desenvolver a noção de cidadania e de coletividade.	Trabalho	Condições de Vida
4.19b	<i>mas foi o ativismo que me deu esse sentimento de não tá sozinho, né, de me sentir fortalecido</i>			
4.20	<i>Falei “mãe, vou dar uma braçada de rosas na minha última sessão de quimio pra essa mulherada toda”. Foi 08 de março de 2004, cara. Foi uma das maiores emoções que eu guardo. Foi uma coisa extremamente emocionante, tinha gente que chorava que foi a primeira rosa que ganhou na vida.</i>	Experiência positiva do senso de utilidade.	Senso de Utilidade	Enfrentamento
4.21	<i>porque era tão difícil o convívio com a bipolaridade, né, a bipolaridade é tão</i>	Comenta sobre o suicídio do irmão,	Vivência Familiar	Origem

	<i>complicada, eu pedia tanto “Pai, por que que o Senhor não deu um HIV pra ele, cara?”, que é muito mais fácil a gente controlar essa porra, né,</i>	expressa o quanto compreende que o HIV é mais controlável do que uma doença mental.		
4.22	<i>E tomei um puta boa-noite-cinderela naquela porra de cidade naquela porra de cidade, cara, tu acredita?</i>	Comenta dos riscos que correu	Vulnerabilidade de Gênero	Vulnerabilidade Social
4.23	<i>Tinha região que tava queimada, que tava em bolha ainda, tinha região que tava fazendo uma rachadura, e eu chorando, gritava, “Dr., pelo amor de deus”, e ele respondeu: “ah, faz banho de camomila”. Quase que eu falei: “Dr., o senhor pega esse banho de camomila e enfia no cu, porque eu tô cansando, ou senhor entra com uma droga pra parar essa dor ou eu vou ficar louco aqui no hospital”. Aí ele começou com tramal, aí quando ele viu que não dava, ele me encaminhou pra central da dor, até que enfim. Cheguei lá já falei “escuta, querida, desculpa”, depois ela passou um monte de coisa, aí na próxima consulta, pumba, eu já tinha melhorado. Mas gente, por que é que eu não vim pra cá antes? Falei “posso fazer uma pergunta?”, “pode”, a médica e a enfermeira: “por que é que eu não vim pra cá antes?”. “Pode contar um segredo pra você?”, “pode”, “é que tem médico que acha que sabe de tudo”. Aí eu falei: “ah, minha querida, isso não é segredo pra ninguém”.</i>	Comenta sua percepção da Dicotomia entre a competência profissional e a sensibilidade humana. Apresenta seu protagonismo como uma forma de interagir com os rumos de seu tratamento.	Apropriação	Enfrentamento
4.24	<i>A única pessoa, não sei nem se é do movimento ou da área de AIDS e já pisou no Supremo Tribunal Federal pra fazer uma defesa das nossas reivindicações, cara. Eu me senti, ali sim eu me senti o fudido, cara.</i>	Sente-se valorizado pela atuação política.	Atuação Política	Condições Materias de Vida / Enfrentamento

4.25	<i>“escuta, você já fez até doutorado, né? Você sabe que pra apresentar uma tese você tem que apresentar aquilo que você submeteu, você não pode fugir daquilo que você tá programado pra falar, ele que vai falar do jeito que ele quiser, não tem essa, pá. E aí eu fui, cara, não sei se você reparou também, a primeira coisa que eu falei foi corrigir o Ministro e o Presidente do Supremo...”</i>	Comenta sobre a importância de ter propriedade de um assunto, quando se experiencia ele.	Apropriação	Enfrentamento
4.26	<i>Então eu falo, por exemplo, com relação a Deus ou a um tratamento: “ah, Jesus vai me curar”, eu falo “você esqueceu que na palavra tá escrito que faça tua parte que serei por ti”. “É meu lindo, ele tá no controle, mas você esqueceu que quem guia é ele, mas quem dirige o veículo é a gente”.</i>	Seu protagonismo político está presente até em sua noção, e prática de religiosidade.	Experiência Religiosa	Enfrentamento
4.28	<i>Eu, em 96, fui condenado à morte, fui condenado não, fui executado, né, eu morri em vida pra muita gente, pra muitas coisas e, de repente, depois de tanta dificuldade, depois de tanto tempo a gente aprende que o monstinho que veio com a missão de me matar se tornou talvez o maior aliado hoje. Se não fosse ele, se não fossem todas as situações que vieram dele, tudo, inclusive o ativismo, não sei se eu teria trilhado um caminho tão legal como eu tô trilhando, né</i>	HIV não é visto como uma sentença de morte, mas sim como uma sentença de vida!	Processos de Significação da Soropositividade	Enfrentamento
4.29a	<i>meu trabalho? Eu sou um instrumento nas mãos de Deus. um grande amigo meu, o taxista que presta serviço pra mim, tal, uma vez falou pra mim: “você não tem noção do tamanho, da abrangência do teu trabalho, cada notícia, cada pessoa que vira pra você e fala o quanto você ajudou a ele, ao filho, tudo, tem um monte de gente que foi afetada e você não sabe, você não fica sabendo”</i>	Perspectiva religiosa do seu trabalho – trabalho como elemento de ajuda do outro	Senso de Utilidade pelo Trabalho	Enfrentamento

4.29b	<i>Então, assim, eu vejo o trabalho como, primeiro de tudo, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, essa trabalho foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, disparado, porque, mais uma vez, o maior beneficiado fui eu, se eu tive possibilidade de interferir positivamente em tantas vidas assim,</i>			
4.30	<i>ela me fala que simplesmente eu a tirei de uma depressão profunda, por conta de 1 minuto e 57 segundos de mensagem que eu passei.</i>			
4.31	<i>É tratar as pessoas com respeito, cara, né, isso é que o HIV, tudo isso, me ensinou o valor do respeito que tem que ter pelos outros e especialmente o valor eu mereço, cara. E já que eu mereço, todo mundo merece. É um círculo vicioso, né, que forma. Eu mereço um respeito e você também, é isso aí. Respeito, acho que é a palavra chave pra tudo isso.</i>	Aqui a noção de respeito parece associada a noção de	Superação	Enfrentamento
4.32	<i>Falar de meu pai, homenageei minha mãe e tudo, chorei e tal. depois de falar da minha mãe eu olhei, falei “pai, quantas diferenças marcaram sempre a nossa vida, hein? Eu de esquerda, o senhor, de direita, né”. “algumas diferenças que sempre desafiaram nosso amor, mas ele superou tudo isso, superou tudo isso e hoje eu tenho o prazer, hoje eu tenho o orgulho de dizer que o senhor sempre foi uma referencia pra mim, o senhor me ensinou que realmente o dinheiro não é isso tudo”. E ele dura, com aquela cara de paisagem que eu conheço que é quando ele tá estourando de emoção!</i>	Resgate do que foi apontado no início da história. Aqui ele manifesta seu afeto à sua família e sente que é recíproco.	Vivência Familiar	Origem
4.33	<i>Meu pai ... não transmite essas coisas, mas muita gente já chegou e falou “nossa, Betinho, com seu pai se orgulha de você, quando ele começa a falar de você os olhos dele brilham e ele fala com muito orgulho de você, não sei que lá”. Isso pra mim é uma</i>			

	<i>outra vitória, essa é minha medalha, essas medalhas.</i>			
4.34	<i>o que eu mais desejo, hoje, a coisa que eu mais desejaria, hoje, é parar o tratamento, se houvesse alguma maneira de tomar tanto medicamento que tá destruindo meu corpo aos poucos, e que me dá tanta insegurança com relação ao futuro.</i>	Desejo de uma melhoria das condições do tratamento biológico	Cuidados Biológicos	Atenção em Saúde
4.35	<i>se, por um lado, ele estabilizou meu sistema imunológico e a quantidade viral, por outro, meu corpo está sendo absolutamente detonado, já foram três cânceres, já foi cirurgia pra caralho, cirurgias ósseas, lipodistrofia e isso e aquilo e aquilo outro, sabe, acha, meu corpo tá cansado, chega, chega, tá pedindo pause. Meu maior desejo seria parar o tratamento, de maneira responsável. Eu tô indo pra um neurologista agora, tô pra marcar consulta, porque eu tô sentindo que a minha cabeça tá se desintegrando, sabe.</i>	Aponta os efeitos da terapia Antiretroviral e sintetiza todo seu protagonismo político e seu desejo de melhora das condições do tratamento existente	Cuidados Biológicos	Atenção em Saúde

10. ENTREVISTAS

Apêndice B – Transcrição das Entrevistas – Dona Lindu

Participante 01: P.01

Sexo Feminino, 52 anos, viúva;

Ensino Médio Incompleto – Cursando EJA no momento, 1º. Série do Ensino Médio, noturno;

Trabalho: Voluntária há 5 anos da Horta Municipal de Jaboticabal – VerdeVida – Projeto do Programa de DST/Aids.

Entrevista 01

Dario: Eu vou pegar o que a gente conversou e vou repassar um pouquinho tudo de novo.

Então é o seguinte, eu queria que a senhora começasse contando então, agora começou a entrevista, quero que você lembre e a gente vai falar um pouquinho da sua infância, o que você lembra, qual foi sua última.. tua primeira lembrança, tua lembrança mais antiga..

Dona Lindu: mais antiga? Ichhh, quando eu entrei na escola..

Dario: o que você lembra?

Dona Lindu: a professora ruim.. (risos) tinha as ruim e tinha as boa né. Eu não sabia é, não aprendia, a professora batia..!

Dario: você sofria?

Dona Lindu: não sofria muito porque quase não mostrava a cara pra professora né?...!

Dario: você tinha qual idade nesta época?

Dona Lindu: 7 anos...!

Dario: e o quê mais você lembra?

Dona Lindu: eu brincava no quintal de casa, tinha porco, tinha galinha, brincava eu, minhas irmãs, minhas primas, a gente brincava de casinha, minha mãe dava comidinha pra gente brincar de comidinha no quintal,

Dario: vocês faziam comida de verdade?

Dona Lindu: de verdade, era fogão de lenha neste tempo, a gente fazia o fogão com tijolo e acendia de verdade, pegava óleo, sal...!

Dario: a senhora morava aqui na cidade?

Dona Lindu: é...!

Dario: e o que mais vocês faziam?

Dona Lindu: de noite, minha mãe ficou grávida, a gente fazia tudo escondido, os adultos ficavam conversando e a gente ia pra rua, brincar de esconde-esconde...!

Dario: e o que mais você lembra da infância?

Dona Lindu: disto mesmo...

Dario: e este período foi até que ano?

Dona Lindu: até os onze anos!

Dario: aí você anotou aqui que.. de domingo vocês iam chupar sorvete..

Dona Lindu: então, aí era onze anos...!

Dario: ah, aí tou vendo aqui que vocês ganhavam roupa nova.. vestido novo..sapato novo e iam chupar sorvete de domingo.

Dona Lindu: é, todo domingo ia chupar sorvete! Risos...!

Dario: e o que mais vocês faziam nesta época??

Dona Lindu: neste tempo minha mãe era viva.. era gostoso, a gente fazia pique-nique. Então, onde é a faculdade, era um lugar que a gente passava o dia.. tinha mais árvores, tinha menos cursos. A gente ia até o aeroporto a pé.

Dario: até que você colocou aqui que tinha mais mata nativa..

Dona Lindu: éé. Era bem mato, praticamente de domingo enchia de gente fazendo piquenique. Não tem este monte de prédio como agora. Era só o curso de veterinária e era muito lá em baixo, e era tudo de terra, não era asfalto.

Dario: então antigamente era mais natural. Vocês aproveitavam. e vocês moravam com quem?

Dona Lindu: mais natural.. eu morava com meu pai, minha mãe e meus seis irmãos.

Dario: e seus pais eram da onde?

Dona Lindu: de minas.

Dario: e o que você queria fazer no futuro?

Dona Lindu: eu pensava em crescer e ser professora; nessa época o negócio era crescer pra ser professora...!

Dario: e aí? O tempo foi passando... e aí?

Dona Lindu: e aí com onze anos eu perdi minha mãe,

Dario: com onze anos?! A sua mãe faleceu com onze anos?!¹

Dona Lindu: com onze anos! Eu tinha onze anos! Aí minha irmã, a que mora embaixo aqui, ela disse, agora vocês se viram, arrumou um marido e foi embora e ficou só nós três sozinhos, aí que a porca torceu o rabo mesmo. Aí ficamos de um lado pro outro. Não tinha comida.. a gente comia cambuquira, caruru, né.. aí eu pensei, acho que vou pra roça, eu e minha irmã, a que hoje é professora..

Dario: porque o pai de vocês não cuidavam? Quem cuidava era sua mãe? Como era sua mãe?

Dona Lindu: era minha mãe. Minha mãe era uma pessoa calma. Não esquentava a cabeça com nada. Antigamente era tudo criado em casa né? Sempre tia fartura em casa. Meu pai e meus três irmãos, as mulheres ficavam em casa cuidando da casa.

Dario: como era então? O pai de vocês trabalhava e a mãe que cuidava de vocês? Aí depois que sua mãe morreu o seu pai não cuidava mais?

Dona Lindu: ele não ficava em casa, ele vivia viajando, ele nunca tinha ficado em casa.

Dario: ele não mandava dinheiro?

Dona Lindu: não. aí eu fui na escola até mais um tempo e parei. Tinha que trabalhar pra poder sobreviver né. E a gente foi na roça pra catar a ponta do milho, e eu era pequena eu tinha que puxar até embaixo pra arrancar. E eu tinha que trabalhar o dia inteiro pra comprar as coisas naquele barzinho que rouba o pessoal que trabalha na roça, tudo mais caro, pra eu colocar as coisas dentro de casa. Comprava arroz, comprava mistura pra dentro de casa, e no final da semana ficava tudo no bar.

Dario: trabalhava pra comer. Então você começou a trabalhar com onze anos e ficou nesta vida até que idade?

Dona Lindu: até os dezesseis anos.

Dario: e como você se sentia?

Dona Lindu: eu tinha que sobreviver e alguém tinha que tomar a responsabilidade, tomar a frente, e minha irmã mais velha de treze anos não deu conta, e a mais nova não deu porque era pequena, eu senti que tinha que assumir a responsabilidade. Eu sentia fome. E o que a gente aprendeu na infância, as brincadeiras de fazer fogãozinho, a gente usou pra fazer comida.

Dario: e sua irmã mais nova, quem cuidava dela?

¹ Esta frase esboça a surpresa do entrevistador em conhecer a participante há anos e desconhecer o fato.

Dona Lindu: ela ficava em casa, e no embalo ela ia pra escola. Elas ficavam sozinhas.

Dario: e o que aconteceu depois disto?

Dona Lindu: aí conheci meu excelentíssimo esposo.

Dario: você conheceu ele como?

Dona Lindu: desde criança, fomos criados no mesmo bairro. Aí de repente começamos a namorar..!

Dario: e vocês tinham que idade?

Dona Lindu: eu 16, ele 17..!

Dario: e como foi?

Dona Lindu: fomos morar na casa do pai dele, tinha as coisas na casa, um fogão de seis boca, uma tia arrumou um armarinho. Até um certo ponto ele era certo, depois o pai dele que tirou o sossego, o pai dele falava que ele era bobo, chamava ele de bobo; aí começou, ele ia trabalhar, e ficava no bar, e o meu sogro que começou a arrumar amigada pra ele.

Dario: aiaiai.. o sogro que arrumava?

Dona Lindu: e ele já ia tomar banho na casa das amigadas, dormia na casa das amigadas, e chagava em casa de madrugada e falava que tava no bar com os amigos. E depois, descobri, briguei com as amigadas deles. Aí queria vortá pra casa..

Dario: você queria separar dele..

Dona Lindu: é, queria voltar pra casa..

Dario: você tinha qual idade?

Dona Lindu: eu tinha dezenove anos, meu primeiro filho nasceu eu tinha dezoito. Aí meu pai falou assim – você não vai voltar pra cá não! Agora vai morar com ele!

Dario: uai, mas teu pai não ficava em casa..

Dona Lindu: mas depois de tudo o que aconteceu ele voltou, ele que formou minha irmã mais nova. Aí deu um derrame nele também.. e a minha irmã é professora hoje porque ele incentivou ela, ele que pagava o estudo.

Dario: e como que você vê isso?

Dona Lindu: não, eu não sabia, até que eu fiquei sabendo disso né! Mas que coisa hein? Eu nunca tive a possibilidade de morar em casa depois que eu casei, todos ele moraram! Nunca eu tive a possibilidade de estudar porque eu tive de manter minhas duas irmãs, e meu pai que manteve o estudo pra eles. Lá na casa do meu irmão, depois eu fiquei sabendo que ele deu

oportunidade pra todos, pra morar lá, até construir casa, menos pra mim. Eu falei, meu deus do céu, eu não acredito numa coisa desta. Aí fiquei arrasada.

Dario: você ficou arrasada quando soube disto..

Dona Lindu: fiquei, por isso que eu falo, Deus, quero levar a vida de outro jeito, não quero as coisas na facilidade. se eu não lutar eu não consigo nada não.

Dario: na tua vida tudo que você quer você tem que lutar.

Dona Lindu: tudo.. tudo, tudo! tudo...! (chora) e eu me sinto cansada Dario.

Dario: se sente cansada..

Dona Lindu: (chorando)

Dario: de tando que a senhora já lutou.

Dona Lindu: e eu tenho vontade é de hoje jogar tudo pra cima, e sei lá, sumir.

Dario: é muita dificuldade que a senhora tá passando.

Dona Lindu: muita. Nunca tive um objetivo pra nada.

Dario: sempre teve dificuldade.

Dona Lindu: por isso que eu falo pros meus filhos, vocês estuda, vocês fazem esforços pra estudar. Ninguém merece!

Dario: você tem esta preocupação com seus filhos hoje, de querer que eles estudem.

Dona Lindu: eu falo pro meu filho mais velho, já está com 24 anos, que ele tem que estudar. Pra poder ter alguma coisa pros filhos deles. E como é difícil a vida.

Dario: e ele, você sente que ele não escuta?

Dona Lindu: nenhum deles escuta, nenhum deles.

Dario: nenhum deles.

Dona Lindu: só dois que estão se engrenando na vida, porque o resto. um dia eu fiquei ruim e pensei, que se eu morrer agora, como é que eles vão fazer agora? Deus me deu força e eu consegui, mas eles não correm atrás.

Dario: é difícil até de entender o que está acontecendo. A necessidade da senhora hoje é ver estes meninos engrenados na vida.

Dona Lindu: eu não quero que eles passem pela situação que passei. Não tem sentido, eu não consigo achar uma lógica. Por isso que eu falo que eu prefiro ficar aqui na horta. Com tanta coisa errada, eu mostro que quero ajudar, e eles não quer saber de ajuda. É difícil viu.

Dario: as vezes eles não vê que a senhora também tem suas dúvidas, suas fraquezas né..

Dona Lindu: ..., até um dia eu falei que ia marcar o mais velho pra falar com você. Pra mim algum problema de cabeça ele tem, nunca vi alguém tão fraco de idéia.

Dario: fraco de idéia como?

Dona Lindu: negócio de droga. É sempre atrás de droga. Já aconteceu dele passar mal de travar de droga. Praticamente tem que vigiar ele a noite inteira. Agora ele tá trabalhando, e chega em casa, toma banho e vai dormir. Mas antes, ficava a noite inteira na rua. E eu perguntava o que tava acontecendo e ele não falava e começava a passar mal.

Dario: a senhora tá sem saber o que fazer?

Dona Lindu: o meu apoio mesmo, é uma das minhas filhas. O pessoal fala que ela é louca, ela tá sempre morando longe, mas ela tá sempre em casa, me apoiando, me ajudando.

Dario: ela casou?

Dona Lindu: graças a deus abandonou, tá solteira! (risos)

Dario: e ela te dá um apoio moral? Pq sozinha parece que fica tudo nas tuas costas e você não dá conta! Quantas pessoas tão lá contigo?

Dona Lindu: é, duas, três, quatro, cinco, seis.. oito!

Dario: é, muita gente pra senhora dar conta.

Dona Lindu: eles me cobram, o que eles podiam fazer. A mais nova tem treze e podia fazer e ajudar com alguma coisinha, mas não e nem ajudam. E eles tem que entender que eu quero o melhor pra eles.

Dario: eles não tão entendendo que a senhora está dando uma oportunidade deles não passarem o que a senhora passou, mas eles não entendem isso..

Dona Lindu: não entende.

Dario: e a senhora não sabe como explicar pra eles para eles aproveitarem melhor este tempo.

Dona Lindu: eles sabem de tudo o que aconteceu comigo! E eu digo: eu falo pra vocês pra que não aconteça com vocês o que aconteceu comigo. Eu não vou ter a vida inteira. De repente eu fico viva mais um ou dois anos só? E aí? Mas como eu não demonstro, ou mostro que a gente pode conseguir as coisas, eles acham que é só aquilo ali, e não é... meu sogro mesmo, ele fala “eu que matei meu filho”.. por causa da mulher..

Dario: foi ele que arrumou.. o seu sogro?

Dona Lindu: ele se sente culpado. Ele diz que as pessoas não sabem que foi ele que matou o filho dele, é uma forma de assumir a culpa.

Dario: e como você vê o seu sogro em relação a isto? Você pegou também por conta do seu marido e por conta do seu sogro né?

Dona Lindu: eu já tive muita raiva dele, ele me fez sofrer muito. Eu e os meus filhos sofrer muito. Mas eu pensei, Deus vai mostrar, é.. eu sei que tudo o que acontecer comigo, vai acontecer com ele também. Tudo que ele me fez eu passar, ele passou a mesma coisa. Necessidade.. em casa acontecia isso, mas só que mesmo morando com eles lá, ele fazia comida em outro fogão pra não deixar a gente comer com eles na casa dele. E eu pensei que com certeza ainda eles vão me pedir comida em casa. E hoje ele me pede comida em casa, e eu dou comida pra ele. Quer dizer, tudo o que a gente faz a gente tem que olhar a consequência um dia...!

Dario: tudo o que a gente faz a gente tem que olhar a consequência um dia. E hoje em dia a senhora não sente mais raiva dele?

Dona Lindu: se eu sentisse, eu não era evangélica né. Pra tomar a ceia na Santa Ceia a gente tem que estar de coração limpo.

Dario: eu entendo. Eu vejo que mesmo quando a pessoa tem uma religião, independente qual, as vezes pra perdoar, mesmo assim é difícil né?

Dona Lindu: é difícil, eu vejo tudo como experiência, o que foi um fortalecimento pra mim. Se eu fosse uma pessoa que desistisse fácil, quando acabou as bolsas aqui eu teria abandonado o projeto. Então tudo pra mim é uma experiência.

Dario: a senhora falou do fim da bolsa, eu vou guardar isso pra voltarmos depois; eu só vou te perguntar assim, a senhora está falando que a religião da senhora de certa forma, com o tempo, com a vida, a senhora aprendeu a enxergar.. a ter uma compreensão; então esta questão do seu sogro que levou o seu marido a conhecer, a amigada dele, que tinha o HIV, que passou pro seu marido que passou pra senhora, então a senhora me disse que adquiriu uma compreensão das coisas! Como foi que a senhora adquiriu esta compreensão?

Dona Lindu: no momento em que eu cheguei na sala do Dr. Aldo um dia, eu comecei ver que.. ele me disse, eu não vou te tratar, eu vou te curar! E de lá pra cá as coisas começaram a acontecer de uma maneira diferente na minha vida, comecei a fazer o tratamento, começou este espaço da horta, aí começou a vir, aquelas moças da faculdade, aquelas reunião, e eu comecei a me expressar, porque no começo eu era fechada, eu comecei a me expressar, comecei a me dar

com novos conhecimentos, eu sinto que tudo o que aconteceu no passado, foi uma experiência agora, e se eu não tivesse passado por tudo isso, tivesse lá, eu não teria conquistado o que eu conquistei até hoje. A capacidade que eu tive, eu consegui hoje.

Dario: que a senhora está conquistando estas coisas. Deixe eu entender uma coisa, quando a senhora, dentro da linha que estamos fazendo, quando a senhora descobriu o HIV, a senhora já era evangélica?

Dona Lindu: já;

Dario: e quando a senhora conheceu o Aldo, a senhora já tinha descoberto o HIV?

Dona Lindu: foi com ele. A primeira vez que minha irmã me levou lá, ela falou, ela vai pra ribeirão, mas não sei se vai voltar viva, e esta palavra não saiu da minha cabeça e aí eles me levaram pro carro e fomos embora pra ribeirão, e fizeram um tratamento com um monte de remédio e tudo....

Dario: e quando a senhora ouviu esta frase, como foi?

Dona Lindu: eu estava meio passada já, eu ouvi mas ficou gravado na minha cabeça. Eu lembro disto mas não me abalou aquele momento. Só depois eu fui melhorando e quando as coisas começaram a se encaixar que..e eu comecei a ver o que era e tudo.. e eu até abandonei a igreja, e pensei se dizem que Deus é vida e tudo, porque eu tou morrendo então? Eu ia abandonar. Aí uma cunhada minha me disse que você tem que deixar a luz de Deus brilhar dentro de você né? E eu ficava dentro de casa e comecei a sair.

Dario: e a senhora saía pra onde?

Dona Lindu: para as reuniões da escola que eu já não ia mais. Aqui no centro da cidade eu já tinha desanimado.

Dario: aí a senhora sentiu que tinha de deixar a luz de Deus brilhar dentro da senhora, que sentido fez esta frase?

Dona Lindu: é assim que as pessoas estavam esperando eu morrer.

Dario: a senhora também tava..

Dona Lindu: eu também tava, o pastor da igreja que eu ia, me disse que quando eu voltasse de ribeirão era pra me ajudar no caixão.. (risos)

Dario: nossa, rs, ele tinha até dito isso..

Dona Lindu: ele tinha falado né, e eu pensei, não, eu tenho meus filhos pra criar, e eu comecei a andar, pensava que eu não conseguia e eu me empurrava na marra, aí de lá pra cá, até

que meu finado marido morreu, e um dia minha sogra falou, se eu achava que tinha sofrido antes, eu ia sofrer mais agora. E eu fiquei pensando assim, e pus aquilo na cabeça né. E me disseram que quem ajudava com meus filhos era ele né. Mas eu disse que com meus filhos eu me virava. E eu ia direto na Assistente Social, e arrumei trabalho e vim pra cá e nunca mais parei, sempre tive condição, comprei geladeira, televisão, rádio, fogão, tudo, e meus filhos veem, se eu quero comprar uma geladeira, eu vou ver quanto é.. e compro novo, faço prestações pequenas mas pago. As pessoas ficam de boca aberta comigo. E meu sogro fala que eu não deixo atrasar nem água nem luz, e lá sempre cortam a água e a luz. Quer dizer que as pessoas achavam que eu ia acabar, que ia morrer e desistir da vida e tudo, e eu comecei a mostrar pras pessoas que eu sozinha podia fazer coisas que pessoas estruturadas não conseguem fazer...!

Dario: hum.. antes da gente avançar nesta questão, deixa eu resgatar um ponto que você colocou aqui que tá mais no passado, dos seus filhos, você colocou sobre a felicidade de ter seus filhos, como foi? Quantos filhos você teve?

Dona Lindu: cinco, e eu ficava grávida e pensava, como que eu vou manter esta criança? Mas depois que nascia e via a criança necessitando da gente, é a melhor felicidade da vida da gente. Eu tenho uma filha que teve problema e ficou um mês em ribeirão, e outra que eu perdi, mas eu chorei tanto quando eu fiquei sabendo. Eu tinha vinte e três anos. Porque mesmo que fiquei sabendo que eu tinha perdido, do meu lado uma moça tava dando o filho...!

Dario: deve ter sido difícil de entender... vamos dar um intervalo (ocorre uma interrupção).
(retomando)

Você tinha me colocado um pouco sua trajetória na adolescência.

Dario: você tinha comentado que bagunçavam, como era essa bagunça?

Dona Lindu: a gente saía no Estéfani, a noite, todos os finais de semana, era discoteca!

Dario: sério? Não consigo imaginar a senhora..

Dona Lindu: hoje se eles não ligam se eu não sei onde está eu ligo no celular e mando ir pra casa na hora. Esse negócio de segurança é ter os pais ali presentes. Os meninos estão começando a sair agora, um deles fica mais comigo, é mais amoroso, não é meu filho e fica mais comigo.

Dario: este não é seu filho?

Dona Lindu: não, são os dois, são os filhos da finada amiga com meu marido.

Dario: como é que esta estória? É que eu conheço, mas o gravador não conhece.

Dona Lindu: (conta o nome dos dois) de repente a (“amigada”) engravidou do primeiro, este tinha dois anos e meio quando ele morreu e as tias dele não queria ficar com ele e queria ficar no orfanato.

Dario: e você sabia que era filho do seu marido?

Dona Lindu: sabia. Já conhecia a estória dos dois já, ela já tinha ido na porta de casa, ela veio falar que ele queria ir morar com ela mas era eu que não deixava, aí eu catei tudo as coisas dele,

Dario: ela foi na tua casa brigar c’ocê?

Dona Lindu: é.. as mulheres iam em casa brigar comigo.

Dario: Nos’senhora..

Dona Lindu: (risos)é.. aí eu coloquei tudo as coisas dele num saquinho e falei pra levar as coisas dele e levar embora. Aí ele chegou e eu disse que não queria saber dele, eu morava na casa dele e não queria saber dele (risos).

Dario: e em relação aos meninos.

Dona Lindu: ele queria trazer..

Dario: ele que propôs de pegar os meninos?

Dona Lindu: ele que propôs, e no começo eu não queria deixar não. Eu tava chateada, eu não queria saber não. Aí eu pensei se fosse eu que tivesse morrido..

Dario: no começo pra você foi difícil.

Dona Lindu: foi difícil. Pra começo de assunto tive que cuidar deles, tratar eles no médico, um tinha anemia, o outro verme. Primeiro eu tive que tratar deles, pra depois começar... a gente fez todos os exames, tudo certinho.. e não deu nada. Tem outro filho dele que está pra rua, tem catorze anos. Ele vai lá de vez em quando em casa. Sempre que eu faço alguma coisa em casa, eu faço primeiro pros dois, que é pra eles verem que não tem diferença, como quando eu fiz os documentos dos meninos em casa.

Dario: Então, você sempre teve esta questão de se preocupar em como o outro pode pensar, em se colocar no lugar do outro..

Dona Lindu: desde criança..

Dario: desde criança? O que você lembra de criança de você ter esta experiência de se colocar no lugar do outro.

Dona Lindu: eu sempre protegi meus irmãos na escola, eu sempre me colocava na frente deles.

Dario: aí você pegou os meninos e pensou, se fossem seus filhos, você gostaria que alguém tratasse bem deles..

Dona Lindu: aí um deles sempre foi mais ligado comigo, até hoje sempre tá perto de mim, e me cativou muito, e sempre foi deste jeito, quando meu marido morreu meu sogro quis fazê-los de escravos dele, e eu defendi eles e disse “não, eu crio deles”, eu que trato deles e não vou deixar você maltratá-los não. Ele colocava os meninos pra trabalhar, e eu falei pra assistente social, e ela chamou ele pra conversar, ele não foi, mas ele pressionava que “eles tinham que catar papelão que eles tinham que pagar o leite que eu comprei pra eles quando eles eram pequenos”, e eu disse “o problema é teu, você comprou porque você quis”, você que arrumou a amante pro teu marido, pro teu filho, então é obrigação tua fazer isso. E ele começou a alterar comigo e eu comecei a alterar com ele e ele murchou a bola e nunca mais. Aí eu chamei eles e disse que se eles quiserem ser alguém na vida, que eles são capaz e falei pra eles “não me decepciona”, tanto que um tá me decepcionando, mas o outro tá indo no caminho certo. Quer dizer...! o outro é uma pessoa metida arrogante, não gosta de trabalhar mas gosta de andar bem vestido. A mãe só porque eu peguei o sapato do meu irmão? Ele pega minhas coisas também. E eu falo que é pra ele conquistar as coisas. Ele foi no conselho tutelar e disse que eu não gostava dele. E eu disse que se eu não gostasse dele, ele estaria na situação do outro irmão dele que está na rua. este outro irmão sempre vai em casa, ele almoça, janta, toma banho, pausa, tem vez que eu compro um lanche eu compro a mais ele come, mas assumir a responsabilidade pra tomar conta, aí não dá, ele tem criação diferente, se eu for falar com ele, ele vai avançar em mim, aí não vai dar certo. Uma vez ele pousou lá, um dos meninos me disse que amanhã cedo ia descarregar e o menino ia também, e eu disse que não que a responsabilidade é da tia dele, e ele disse que ia sim que a tia não ligava.. pra gente como uma família, mesmo na ignorância dele, é uma coisa que a gente tá vendo que é dele, que tinha que ter cortado desde pequeno, eu conheço meus meninos, até onde eles vão comigo. Meu mais velho até outro ano eu pus ele na cadeira e bati nele. Eu conheço meus filhos, mas o que eu não conheço não tem jeito.

Dario: você vê até onde você dá conta.. sente que dá conta dos seus filhos.

Dona Lindu: eu conheço eles, uma coisa é de convivência.

Dario: as vezes você tem até vontade de ajudar este menino. Mas mais do que isso..

Dona Lindu: e tem uma coisa que com catorze anos ele vai pro carnaval e festa do quitute, o meu mais novo tá saindo agora com dezessete anos.

Dario: e esses meninos foram crescendo..

Dona Lindu: e eu tento criar eles da melhor forma possível.

Dario: algo que você tem se dedicado é à educação destes meninos.

Dona Lindu: outro dia uma tia deles disse, nossa como cresceram. E se eles tivessem no orfanato?

Dario: é, acho que você deve sentir uma sensação de ter feito diferença pra vida deles,

Dona Lindu: é uai, aí eu chego em casa, eu falo pra todos eles, como é a casa do menor, da menina luz, como as crianças são judiadas.. eles falam que é ruim morando comigo, eu falo pra eles irem a casa do menor pra ver só.

Dario: o que a senhora mais gostaria é ver que estes meninos estão encaminhados.

Dona Lindu: por isso que eu trouxe eles uma vez aqui na horta pra carpir. Pra eles verem como é que é trabalhar na roça, sem estudo. Eu tenho certeza que o mais novo não vai querer ficar carpindo, trabalhar de servente. O outro disse que não quer não, mas eu disse, por isso que tem que estudar.

Dario: um entendeu, os outros não?

Dona Lindu: os outros não...!

Dario: entendi. E a senhora gostaria que todos estivessem estudando pra ter uma vida mais tranquila, mas que não tivesse que pegar no pesado. Até que se tiver que pegar no pesado, mas se gostar do que faz...

Dona Lindu: mas concursado na prefeitura lá.. na prefeitura tá exigindo estudo. Pra tudo tá precisando de estudo agora. Até pra ser servente de pedreiro.

Dario: algum parou de estudar.

Dona Lindu: sim, um parou, eu até falo que vou matricular, mas vou esperar ele ir por conta dele, os outros estão indo na marra, mas tão indo.

Dario: eu tou entendendo da sua história e das coisas recentes, que um jeito de você cuidar destes meninos é você cuidar de você também, quando você fala que voltou a estudar.

Dona Lindu: é isso que eu falei que eu estou estudando agora e no ano que vem eu vou estudar com eles, tudo junto, ano que vem eu vou pro colegial.

Dario: que bacana hein, eu lembro como se fosse hoje de manhã, o Dr. Aldo falando da aposta, (risos), que apostaria o que vocês quisessem e a senhora “um mês do seu salário”, se vocês levassem o estudo de vocês a frente.. (risos) é, tou vendo que esta questão do estudo pra você é muito importante né, pra você e pros seus filhos, não só estudar mas eles verem que é importante eles tomarem um rumo na vida. Tou vendo que é uma preocupação sua diária.

Dona Lindu: que nem o curso de computação, o ano retrasado, eles fizeram o curso de computação um mês, aí chegou o fim do mês a mulher mandou o famoso papelzinho, se eu queria pagar pra eles continuarem o curso. Aí eu fiz um esforço, e uma das meninas começou de manha e a outra à tarde. E aí começaram a não ir mais, porque o sol tava quente, e eu parei de pagar, a outra continuou. Uma terminou e quer estudar no Senac, a outra, os mais velhos, ficam aí. Ela treina atletismo, faz o curso e vai treinar, todo dia. Ela mesmo, por ela mesmo, ela tá pensando, e o outro também, tá treinando no Olé Brasil. Tem vez que ele sai de casa e vai. Tá correndo atrás de patrocínio e tudo. Já os outros, eles vão pra escola na marra, se eu deixasse eles não iam. Os outros dois tão mais encaminhado. É o que eu falei pra eles, que a situação que eles vivem, de um exemplo de um moço com mais de quarenta anos vivendo as custas do pai e da mãe e da irmã dele que já formou em pedagogia. Parece que tem uns mais espertos e outros que estão mais bobos né. Uma vez um estava na sétima série e queria treinar no Atlético, e chegou um dia que tinha que ter frequência na escola pra poder ir treinar e ele não tinha.

Dario: e não aprendeu com os erros..

Dona Lindu: não aprende. Eu falo pra eles que eles tem que mostrar que eles são melhores, não que são piores....!

Dario: e como foi quando você perdeu sua mãe.

Dona Lindu: nossa, eu chorava tanto, eu sentia que minha mãe tinha me traído.

Dario: sentiu que ela te traiu.

Dona Lindu: é, depois eu comecei a sofrer tanto. Uma tia minha foi em casa e roubou toda a nossa roupa, não deixou roupa nenhuma, e eu pensava como que minha mãe morre e nos deixa aqui sozinha? E eu chorava e chorava. A primeira vez que meu pai ficou internado, parecia aquela imagem do superhomem, e quando eu vi ele decadente, eu pensei o que que é isso.. eu cheguei no hospital, naquela cama, naquele hospital lá.. foi frustrante ver aquela massa de homem, acabou tudo. Quando ele teve derrame ele sobreviveu dez anos.

Dario: ele ficou acamado?

Dona Lindu: não, ele endireitou, tava trabalhando, ajudou os estudos da minha irmã, a casa da minha outra irmã e a construir a casa do meu outro irmão.

Dario: e depois que seu pai morreu?

Dona Lindu: sabe aquelas pessoas.. eu tava rastelando na escola e me veio um pensamento que o encarregado ia aparecer pra me chamar pra trabalhar, mas ele apareceu e deu a notícia que o papai morreu, todo mundo chamava o meu pai de papai, e logo seguinte eu tive o pensamento, e ele me abraçou e me deu a notícia. E aí pronto, foi aquele choque. Quando comecei a trabalhar mesmo na rua, e eu fiz duas amizades, duas colegas, a gente trabalhava junto, e eu tinha o maior preconceito delas né, porque uma só falava de homem, e a outra dizia que era evangélica mas só ficava de safadeza com os homens no caminhão né? E eu sempre trabalhando fora, fora, fora, e no momento que eu mais precisei, quem me deu o maior apoio foram as duas. As duas! Nem as irmãs da igreja que ficaram sabendo. Elas me deram aquele abraço caloroso. Elas saíram da garagem da prefeitura e foram direto no cemitério. As pessoas que eu achava que eu tinha que manter distância foram as que mais me acolheram. E eu contei, eu dei este testemunho na igreja. Que a gente não pode ter preconceito de ninguém.

Dario: é um aprendizado importante. Quando você mais precisou. Uma eu conheço, ela era mesmo terrível, risos, e foram quem te deram apoio, quem te sentiram seu sofrimento, as madalenas..

Dona Lindu: é, aquelas lá, tinha que ver que elas estava chorando comigo, de sentir o sofrimento junto comigo. De compartilhar a dor da gente. Tanto que eu vejo esta outra aí, a gente conversa, na época que a outra estava viva, a gente conversava, se abraçava.

Dario: vamos seguir a nossa listinha? Aí você contou em como foi quando você descobriu o HIV. Como foi?

Dona Lindu: descobri foi assim, sabe a enfermeira que trabalhou aqui, um dia eu fui no Ciaf e ela me disse, engraçado, você tá emagrecendo muito, você não quer agendar uma consulta no médico do Ciaf 1? Ele é muito bom e tudo.. e eu pedi pra marcar, ela que marcou, senão eu tinha morrido e nem sabia que tinha acontecido. Ela salvou minha vida.

Dario: nossa, ela sabe disso?

Dona Lindu: sabe, ela tá estudando no Coronel Vaz, nós pegamos o circular juntos né, ela pega e chega assim no ônibus “e aí, já tomou a vacina contra a gripe A”? é, desde sempre ela me controla, me cuida.

Dario: interessante esta experiência da Bel, bacana.. aí ela falou pra você fazer o teste, você marcou e veio.

Dona Lindu: ela marcou dia 19 de setembro de 99,

Dario: você lembrou certinho? Porque você lembra?

Dona Lindu: as datas que realmente marcaram minha vida, aí o Dr. Aldo marcou pra mim no dia 23 de novembro pra pegar o resultado. Aí minha sogra viu que eu tava emagrecendo né. Aí me disseram que tem que marcar, aí chegou no dia primeiro de novembro, no dia vinte e três meu primo me trouxe aqui carregada. Aí até eu recuperar, seria minhas filhas pra cuidar da casa lá e eu fiquei passada, elas que contam pra mim. Eu achava que ia morrer, que ia morrer.

Dario: quem te deu resultado?

Dona Lindu: o Dr. Aldo contou pra minha irmã e meu primo. Eles me seguraram dos dois lados.

Dario: você já tava meio ruizinha..

Dona Lindu: já tava ruizinha já, eu sentia fraqueza, dor nos ossos, e eu achava que era reumatismo e fraqueza que eu quase não como, e a dor de cabeça eu não sabia, eu mal sabia que eram os sintomas do HIV;

Dario: aí você foi direto pra Ribeirão?

Dona Lindu: quando o resultado chegou no Ciaf, o Dr. Aldo pegou minha pasta e disse pra me levar pra Ribeirão.

Dario: Nossa, a Bel salvou sua vida.

Dona Lindu: salvou minha vida, se eu tivesse que esperar mais um mês eu teria morrido.

(Pausa)

Dario: aí a Senhora descobriu o HIV e foi pro HC, como foi no HC?

Dona Lindu: eu sempre falo, não sei se eu variei, se eu vi, eu lembro que estava deitada e via um monte de cabeça sem corpo, corpo sem cabeça, até quando tava voltando pra cá, eu não sei se aconteceu mesmo, neste tempo era a Gislaine que estava no Pronto Socorro e vinha na ambulância e eu não sei se ele tava bêbado e parou num posto de gasolina no meio do caminho e comprou cerveja e começou a beber.. risos

Dario: risos, a senhora não sabe se estava variando ou se foi verdade. Bom em se tratando da Prefeitura eu não duvido de nada... risos que estória. E aí, como você foi voltando a si?

Dona Lindu: eu comecei a voltar mesmo quando comecei a tomar o coquetel.

Dario: E aí, como que a senhora entendeu o que estava acontecendo com a senhora?

Dona Lindu: aí começou, eu pensei que as pessoas que eu conhecia que tiveram o HIV morreram, e eu pensei que ia morrer também.

Dario: E a senhora desesperou? Como que foi?

Dona Lindu: e eu fiquei desesperada né, qualquer coisa que acontecia eu sentia mal, achei que fosse morrer, eu sentia muita falta de ar, eu chegava a sufocar e eu pensava que ia morrer agora. Até que chegar a melhorar. Minhas filhas pegaram uma carga de piolho; aí eu pensei que tinha que melhorar pra cuidar das minhas filhas. Eu lavava a cabeça delas. Quando eu comecei a melhorar eu comecei a tomar conta da cabeça delas.

Dario: quando você ficou ruim, suas filhas ficaram ruim juntas e você pensou que tinha que melhorar pra cuidar delas. E como foi?

Dona Lindu: é.. aí depois eu comecei a cuidar da casa, cuidar delas. Aí de lá pra cá foram melhorando as coisas. Minha saúde, melhorando, não é ficar falando não, mas depois que meu finado marido faleceu eu não fiquei ruim mais. Risos.

Dario: depois que seu esposo faleceu, melhorou?

Dona Lindu: eu comecei a entender como acontecia...

Dario: a senhora começou a entender como acontecia o quê?

Dona Lindu: da vida, eu comecei a melhorar, ir no claf né, eu só lembrava o que eu tinha no dia que tinha de ir no médico. Tanto que o Dr. Aldo comentava que ele que me fazia lembrar né? Faz onze anos que eu trato com o Dr. Aldo, vai fazer dia dezesseis de setembro.

Dario: e você tinha comentado que o Aldo falou da cura pra senhora, como foi isso.

Dona Lindu: eu tava tratando com um monte de médicos e um dia aí ele me disse que até hoje eu te tratei, mas de hoje em diante eu vou te curar! É como se fosse Deus falando na boca dele.

Dario: é, dá pra sentir, a senhora fala disso com emoção. Aí a senhora acreditou?

Dona Lindu: Acreditei e falei, não eu tenho que me reerguer...!

Dario: a senhora sentiu que foi um incentivo?

Dona Lindu: é..!

Dario: E a senhora comentou que neste período entrou em depressão. Como foi isso?

Dona Lindu: depressão eu quando eu comecei a melhorar, e achava que ia morrer. Eu ficava em casa o dia inteiro..!

antes eu é eu bebia, fumava, e uma vez fui no Ciaf pegar o leite e minha ex-cunhada disse que ia abrir a igreja e me perguntou se eu queria ir, e a igreja abriu e todo dia, ela me perguntava todo dia, todo dia, e ela sendo acolhedora, e no bairro onde eu moro, e eu pensava, meu deus do céu, lá vem ela me encher o saco, .

Dario: como foi essa experiência da senhora na igreja?

Dona Lindu: o negócio é orar e pedir e usava short, estas roupas escandalosas? Aí peguei e falei que neste negócio de doutrina eu não sinto aprovada em usar estas roupas, mas a mudança vem do homem, um dia coloquei a bermuda e blusa comprida e nunca mais consegui colocar estas roupas. Eu sempre falo que é Deus na minha vida. Eu tou na horta há quanto tempo sem receber e quantas coisas eu consigo na minha vida. Deus fala “foste fiel no pouco, no muito te colocarei”. As pessoas pensam que querem ficar bem financeiramente e só veem este lado, mas estou vendo que no pouco eu estou conseguindo, não é ficar rica, mas eu procuro ser fiel no pouco. E eu fui comprando tudo que precisamos né..

Dario: a senhora sente feliz de pouquinho e sente que vai conseguindo! e faz quantos anos que a senhora tá na igreja?

Dona Lindu: catorze anos.

Dario: e quando a senhora a senhora descobriu o HIV a senhora já tinha sua fé?

Dona Lindu: eu tava na fé mas ainda não estava vivendo a vida com abundância. Eu tava morrendo, como eu estaria vivendo a vida com abundância?

Dario: a senhora queria ver as coisas acontecer..

Dona Lindu: depois que eu pensei em sair da igreja que pensei, é eu que tenho que ir buscar.

Dario: como a senhora chegou à esta conclusão?

Dona Lindu: eu pensei, se eu sair da igreja eu vou fazer tudo o que eu fazia.

Segundo Dia

Dario: Onde a gente tinha parado? A senhora lembra? Agora eu acho que a senhora iria entrar na questão de como foi a descoberta do HIV pra frente, o que a senhora lembra em relação a isso?

Dona Lindu: é o que nós já falamos né que no começo foi assim, que eu entrei em depressão e tudo mas que depois com o tempo, que no decorrer do tempo, pra cá, que foi uma maneira de eu ver os outros trabalhos na minha vida, que se eu tivesse não tido nada naquele tempo lá, eu não teria conseguido, eu não teria aberto os olhos, não tinha expandido na vida como estou expandindo hoje.

Dario: Isso, eu lembro, a senhora está dizendo que a senhora descobriu e hoje a senhora entende que foi uma situação que expandiu a sua vida e hoje está acontecendo coisas diferentes pra você. Como que a senhora entende isso?

Dona Lindu: a primeira coisa é como minha amiga fala, nada é por acaso,

Dario: a senhora pensa que nada é por acaso desde quando?

Dona Lindu: desde que eu me tornei evangélica;

Dario: então a senhora começou a pensar que nada é por acaso..

Dona Lindu: tudo que acontece tem sempre o mistério de Deus na frente. Eu peguei isso, quando aconteceu, ah, uma cunhada minha estava na igreja tudo e ela tava lendo a palavra e a palavra disse que haveria ainda esperança pra Israel, e “Israel” era que eu que estava indo pra Ribeirão pra morrer, mas que ia voltar; aí um dia eu tava lá no supermercado aí..

Dario: Quando a sua amiga leu, pra você, que ainda há esperança em Israel, como a senhora entendeu isso?

Dona Lindu: não eu tava no hospital, depois que eu saí do hospital que ela falou que.. ficou sabendo que eu tava no hospital que eu ia morrer. Aí ela tava na pia, chorando, arrumando a cozinha, falando não é possível isso, né, aí ela abriu a palavra, e Deus disse isso a ela, que havia ainda esperança pra Israel; quer dizer, eu ia sair do hospital e voltar pra casa;

Dario: entendi.. ela te contou isto depois..

Dona Lindu: depois.

Dario: e como isso repercutiu depois que ela te falou isso?

Dona Lindu: ah, é, ela me disse pra eu fazer resplandecer a glória de Deus na minha vida, aí eu pensava que na condição que eu tava não tinha nem condições de sair pra rua; e ela me dizia

você tem que deixar, você tem que deixar (resplandecer a glória de Deus na vida) e eu comecei a sair e comecei a ver que o que eu achava que era o fim, iria ser o começo..

Dario: e aí você começou a sair..? o que que foi sair pra vida?

Dona Lindu: pra começo de assunto, quem levava meus filhos pra escola, era essa minha cunhada;

Dario: ah, a sua cunhada, você não dava conta disso antes?

Dona Lindu: não. Porque depois que eu fiquei doente eu não saía de dentro de casa.

Dario: aí a sua cunhada que levava seus filhos pra escola, que era o compromisso que você tinha? E aí você começou a fazer isto então?

Dona Lindu: é, comecei a fazer isso, e aí comecei a.. ir na reunião na escola, comecei a descer na cidade.. comecei a sair, comecei a mostrar pras pessoas que eu não tava tão ruim como falavam né.. as pessoas perguntavam “você tá bem?” eu respondia “tou bem..graças a Deus né..” muitas vezes as pessoas me viam encostando na parede, andando, encostada na parede pra poder ficar de pé.

Dario: você precisava escorar pra poder andar?

Dona Lindu: é.. mas mesmo assim eu falava, tou bem, graças a Deus né! E aí eu comecei a ver que as pessoas viam que mesmo eu tando ruim, eu tava otimista, eu queria viver!...

Dario: humhum.. mesmo você tando ruim, você ficou otimista!?

Dona Lindu: eu fiquei otimista, eu pensei: “eu tenho meus filhos pra criar” a uma delas tinha seis anos; falei: “não! Eu tenho que criar meus filhos”; não posso ficar nesta situação não.

Dario: você sentiu que tinha um compromisso com eles?

Dona Lindu: um compromisso!

Dario: e como é que você chegou nesta conclusão de pensar nos seus filhos? Por que é que você não pensou assim “ah, eu não dou conta nem de cuidar dos meus filhos”

Dona Lindu: a conclusão que eu pensei, eu tava na cama, com febre, e tudo..

Dario: você tava sentindo mal, indisposta?..

Dona Lindu: é, aí minha irmã me disse, bora pra casa do papai, ele era vivo ainda, que está perto do ciáf 1 (posto do ambulatório de infectologia), e qualquer coisa o médico tá perto, pra poder cuidar de você na hora que você precisar né.. aí eu disse “não, se eu tiver que morrer, vou morrer aqui perto dos meus filhos”, não vou abandonar meus filhos pra ficar lá né?;

Dario: por que é que você pensou nisso?

Dona Lindu: porque que mesmo na cama eu sentia que meus filhos precisavam de mim;

Dario: vc sentia que seus filhos precisavam de você, como que você sentia isso?

Dona Lindu: como eu sentia isso? Quando meus filhos chegavam perto de mim, eles choravam, passavam a mão no meu rosto.. aí eu pensei, “não posso deixar meus filhos, ainda nas garras do finado meu esposo, né..

Dario: Ah, porque eles estavam com o seu esposo, o finado..

Dona Lindu: é..

Dario: e vc não queria deixar com eles, porque ele bebia?

Dona Lindu: é, não bebia, ia acontecer a mesma coisa com estas crianças aí.. iam ficar jogadas, abandonadas..

Dario: ele não ia criar os meninos..

Dona Lindu: não ia criar..

Dario: então vc pensou, se você não, de certa forma, se você se entregasse os meninos iam ficar na mão do esposo, eles iam ficar largados e iam descambar na vida.. foi mais ou menos isso?

Dona Lindu: mais ou menos isso, tanto que ele tinha até, eu nao sabia, é, eu já sabia mas eu tava meio desconfiada, que ele tava com rolo com a finada Maria Rita, que morreu; eu já sabia já, mas não tinha certeza..

Dario: vc desconfiava..

Dona Lindu: é.. aí, eu pensei, eu morro e coloco uma mulher pra maltratar meus filhos??
Falei: “não!”...

Dario: vc pensou isso.. neste sentido?

Dona Lindu: eu pensei nisto, eu tinha que lutar; foi neste sentido.. eu queria melhorar, eu comia, voltava tudo, botava comida de novo, voltava tudo, e eu tomava remédio, voltava, tomava remédio de novo, voltada, falei não, preciso me recuperar, não posso ficar desse jeito não.

Dario: eu preciso me recuperar, não posso ficar deste jeito.. e como foi a mudança, aí você pensou isso e o que aconteceu depois?

Dona Lindu: é, aquela fraqueza que eu tava sentindo, eu comecei a sentir minhas forças vortá.., eu comecei a andar pros lugares; a fraqueza eu não sentia mais.. e se eu precisava pegar uma subida, ir até o centro da cidade, e chegava até a metade do caminho e não dava conta de

subir, e, era cansaço demais, e eu andava sozinha; e um dia eu peguei e saí lá de casa e fui até a “nova” a pé.. aí pensei, é Deus na minha vida mesmo.. aí pronto, acabou..

Dario: você consegue lembrar em que ponto aconteceu esta mudança?

Dona Lindu: eu comecei aos poucos né.. eu comecei a levar meus filhos na creche,

Dario: ah, você foi retomando as atividades aos poucos..

Dona Lindu: é.. levava no ciaf (UBS); aí depois eu cheguei a ir uma vez na cidade, cheguei perto do cemitério, começou a me dar uma coisa ruim, falta de ar, aquela moleza, aquela fraqueza, uma das minhas filhas tava comigo, ela teve que arrumar um carro pra me levar no posto que ia tirar sangue.. aí, eu pensava “eu não vou conseguir, eu não vou conseguir” até que um dia eu pensei “não, eu vou sim..” fui pra cidade a pé sozinha, comecei direto até um dia que...

Dario: você tava com medo de não dar conta de ir pra cidade..

Dona Lindu: é.. medo de passar mal no meio do caminho.. aí um dia eu pensei, “não, eu tenho que ir” eu fui um dia que graças a Deus eu fui e vortei.. aí comecei a ir direto.. aí pronto.. aí acabou.. aí comecei a ir na “nova” (Bairro) lá a pé; na casa dos meus parentes à pé (comenta alguns bairros distantes da casa dela, por volta de 2, 3 horas a pé de distância);

Dario: você ia a pé pra casa dos seus parentes?

Dona Lindu: pra tudo quanto é lugar ia a pé.. porque até então eu tinha que pegar o circular pra sair e não saía de casa..

Dario: e por que que você ia a pé? Vc sentia disposição?

Dona Lindu: é depois que eu comecei a sentir que eu podia andar, aí pronto, acabou né?

Dario: mas você pensava nisso? Vou a pé pra ver se eu melhoro?

Dona Lindu: é ué.. aí comecei a só andar a pé!

Dario: e você sentia mais disposição?

Dona Lindu: sentia, até que um dia, eu ia com minha cunhada pra cidade né, aí ela começou a ficar cansada, e perguntou como eu conseguia subir aquela subida sem cansar né.. e eu não tava sentindo nada.. não tava sentindo canseira, nada, e eu falei “nossa, não tou sentindo nada”.

Dario: aí você chegou um dia que você não sentia mais mal estar nenhum e mandava ver.

Dona Lindu: ...

Dario: hum.. pela sua expressão dá pra entender que você foi sentindo que foi melhorando.. esse bem estar foi aumentando..

Dona Lindu: foi aumentando.. aí eu fui melhorando e meu ex foi caindo.. aí foi o fim (pra ele);

Dario: e porque você acha que isso aconteceu?

Dona Lindu: isso é uma coisa que até hoje eu não entendi o porque... no meu ver, ele deveria ficar doente antes do que eu né, mas eu fui no fundo do poço, e só depois ele ficou doente.

Dario: até que ele chegou a falecer.. e você continuou?

Dona Lindu: eu continuei, e ainda acabei a cuidar dele.. dava comida na boca pra ele.. ele morava comigo, era meu espoooso né..

Dario: tá certo, você ainda o ajudou.. e como é isso? Qual a sensação que fica..

Dona Lindu: agora.. do.. o HIV eu lembro assim, de vez em quando.. nem lembro disso.. eu sei lá, eu acho assim, que ao mesmo tempo em que foi ruim.. eu sentia a mágoa dele.. rancor, não sinto mais.. do meu sogro, também senti, porque foi ele que pôs a morte no caminho dele, que trouxe o vírus do HIV no caminho dele (do “finado esposo”) e eu não sinto nada por ele..

Dario: não sente mais rancor?

Dona Lindu: não sinto.. era o que ia acontecer mesmo.. o que a gente tem que passar é o que tem que passar..

Dario: você entende que era pra passar, posso entender isso como uma provação de vida??

Dona Lindu: uma provação.. minha cunhada evangélica também diz que se ela soubesse que tem HIV ela não ia suportar..

Dario: você sente então que você teve costas largas pra suportar tal fardo..

Dona Lindu: é, bem pesado..

Dario: bem pesado..

Dona Lindu: é.. minha amiga disse que soube que o marido era usuário de droga.. disse: fico aqui com ele, mas o HIV eu acho que não suporto não..

Dario: pela a sua expressão eu vejo que a senhora se sente uma vencedora..

Dona Lindu: eu sinto, graças a Deus..

Dario: como é sentir-se uma vencedora?

Dona Lindu: é saber que eu sei que não é o vírus HIV que vai me matar.. disso eu sei que não vou morrer disso.. eu vou morrer que qualquer outra coisa..mas isso sei que não vou morrer. E eu já sei que meus fio tão tudo grande já.. dá trabaio ainda dá, mas eu sei que se eles

precisarem, já podem se virar sozinhos.. é uma grande vitória pra mim.. até a mais nova que vai fazer catorze anos já tá no caminho certo já..

Dario: você sente isso com todos os filhos.. porque na outra entrevista a senhora me colocou que sente uma preocupação e, relação com alguns.

Dona Lindu: é.. tem dois que me preocupava, e que já vão começar a trabalhar esta semana também..

Dario: ah, então a senhora está esperançosa..

Dona Lindu: tou mais confiante..

Dario: parece que isso tem um efeito de lhe tranquilizar.. como eu te acompanho há um tempo, vejo que agora até sua expressão está diferente..

Dona Lindu: (risos) é, um vai começar a estudar a noite agora no meio do ano, eu conversei com a diretora e tudo; e vai trabalhar de dia. E no ano que vem, nós vamos estudar juntos na mesma escola (sorri), e eu vou levá-lo comigo né.. se Deus quiser tudo vai caminhar bem!

Dario: que bacana.. pela sua expressão eu leio que é uma sensação de missão cumprida.??

Dona Lindu: por enquanto é né.. vamos ver mais pra frente..

Dario: é.. é uma sensação de que você está em dia.. acho que agora entendi..

Dona Lindu: é.. a paz que a gente tem em casa é a melhor coisa.. é melhor que qualquer coisa.

(ficamos em silêncio um tempo)

Dario: é, eu tou aprendendo muito com a senhora nessa entrevista viu.. tou aprendendo muito. até porque nesta pesquisa eu pretendo entender como a experiência de trabalho, as vezes aqui na horta, ou em outros lugares ajuda.. só que eu queria desfocar trabalho de emprego.. não é bem emprego como experiência de trabalho.. hoje eu tou vendo que esta questão do trabalho... eu vejo que a senhora entende a criação dos seus filhos como um trabalho.. uma coisa que você tem um compromisso.. né.. e eu sinto que a senhora está dando conta disso hoje.. isso ajuda a enfrentar? Dá sentido? Dar conta deste compromisso que a senhora tinha? Desse vínculo com a vida.. através dos filhos? Hum.. tem a ver com compromisso com o outro.. além da gente..

Dona Lindu: ah.. agora que tocou neste assunto.. aquele menino lá, o que eu disse que não é meu filho mas vai lá de vez em quando, ele tá praticamente morando em casa também..

Dario: qual?

Dona Lindu: o filho da.. (ex-amante do “finado esposo” – foi ela quem passou HIV para o esposo.. que por consequência..)

Dario: ah é?

Dona Lindu: meu sogro pegou ele pra criar, mas queria colocar ele no trabalho escravo pra ele.. aí ele dorme em casa, come em casa.. eu pensei que não posso pegar a responsabilidade que ele não é meu filho né..

Dario: é aquele que a senhora falou na outra entrevista.. que bacana..

Dona Lindu: é.. ele dorme e come em casa.. tá ficando mais tempo.. com os meninos, tá brincando com eles.. ele se enturmou com os irmãos.. e os irmãos com ele.. tanto é que eles vão juntos ao ginásio de esportes, tá até fazendo esporte.. levei a mais nova no ginásio.. eles chegam de noite, esquentam comida, faz suco, eles se viram lá..

Dario: ai, que delícia hein..

Dona Lindu: eu não sinto raiva dele.. não sinto raiva de nada.. a gente fica lá, brinca e tudo, brinco com os mais novos, brinco com ele também.. e ele saiu ontem com uma blusa minha né.. aí falei pra ele: “engraçado né..eu não me lembro de ter emprestado essa blusa pra ninguém”.. aí ele falou: “ah, tava lá dentro e eu peguei”.. “e eu disse, mas eu não lembro de ter emprestado pra ninguém, né..”, aí ele disse: “posso pegar, ?”, aí eu falo assim: “pode né..”.. aí eu tava com o rádio ligado ouvindo hino, aí eu tava lá no quarto lá e ele desligou o rádio pra ligar a televisão né.. aí eu falei: “não lembro de ter pedido pra ninguém desligar o rádio..” aí ele fala: “ah, tava chiando..”, mas eu falo, “ah, mas só que eu não me lembro..” (risos)

Dario: a senhora.. dá uma educação pra ele, pra ensiná-lo a não pegar as coisas dos outros sem mexer.. pedir.. a respeitar, mas muito sutilmente...

Dona Lindu: (risos) aí ele pegou e desligou a televisão e eu disse: “não, pode assistir.. se quiser assistir desenho, pode desligar o rádio e pode assistir.. até ele mesmo, a gente tá se dando tudo bem.. eu acho estranho.. e eu mesmo, as vezes eu me pego assim e acho estranho..que eu tava até com medo da convivência dele..

Dario: eu lembro, a senhora comentou na outra entrevista..

Dona Lindu: só que no dia a dia eu tou vendo que acontece muito diferente.. eu falei que se ele ficar ali com o meu sogro, logo logo ele vai embora dali.. ele quer que ele trabalhe.. tanto que eu vou no conselho tutelar pra falar.. da cohab 2, falar com a conselheira de lá pra falar que ele

quer explorar o menino.. ontem meu sogro falou pra ele não ficar na folga só.. mas ele voltou e ficou lá dentro de casa, comeu lá em casa..

Dario: teria que fazer ele voltar a estudar.. ele tá com qual idade? A senhora já pensou nisso?

Dona Lindu: mas aí eu falei pra tia dele arrumar o registro dele pra pelo menos matricular ele.. eu pensei em ajudar, mas pelo fato dele estar com o meu sogro, eu pensei, não vou, ééé, entrar na frente.. falei pra tia dele pegar o registro dele e matricular ele na escola.. ele tem que estudar.. o resto.. (risos) ...

Dario: a senhora até já foi ver isso..

Dona Lindu: aí pegou e falou que ele quer estudar em outro bairro, e eu falei que se ele quiser voltar a estudar, ele vai junto com os irmãos, e os mais velhos vão tomar conta dele, que como ele é meio assim, perdido assim na vida né, não tem direção certa, pelo menos os outros tomam conta dele..

Dario: é.. olha que bacana.. a senhora até tomou estas decisões pelo menino.. pra ele ver que tem uma família, pra ele se orientar pela família, pra ele ver que não precisa.. está(r) sozinho..

Dona Lindu: ele tem uma família! é eu falo pra ele: “só que aqui, você não pode ficar saindo de casa igual você sai não..” fala assim, não mais é.. eu vou em baile.. e eu falo que o mais velho já tem dezesseis anos já e não fica indo em baile.. dentro de casa não.. tem tempo certo pra sair de casa.

Dario: e cê sente que ele tá escutando isso?

Dona Lindu: eu acho que sim, porque pelo menos eu chego em casa umas dez horas e ele tá dormindo já..

Dario: ah, ele tá dormindo?

Dona Lindu: tá dormindo..

Dario: nossa, a senhora tá fazendo milagre.. eu vejo nas comunidades que é tão difícil...

Dona Lindu: ele fica em casa, de manha assistindo na televisão.. eu não quero que trabaia os pequeno, não quero explorar ninguém, mas quero que pelo menos vá na escola e que faça alguma coisa útil, depois eles vão pros treinos, depois janta, vão dormir, eu não quero nada mais que isso..

Dario: a senhora dá liberdade, mas dá limite..

Dona Lindu: com limite né.. se ele aceitar os limites, ele pode até ficar né.. mas se ele não quiser..

Dario: a senhora tá colocando limite de uma forma muito sutil..

Dona Lindu: ele foi um menino que sempre ficou pra rua.. que sempre fez tudo o que quis. nunca ninguém colocou controle pra ele..

Dario: não tem regra.. é verdade.. posso mudar de assunto? Continuando nossa listinha, e o que aconteceu depois na sua vida depois da descoberta? De importante?

Dona Lindu: o serviço que eu arrumei, na frente de trabalho.. um dia minha sogra me chamou e falou que era ruim com o (esposo) mas pior sem ele agora.. agora você vai começar a sofrer mesmo.. aí um dia eu tava passando necessidade né, e me falaram que quem tem que ajudar minha família era nós, a família, e não os outros.. e eu disse que se eu precisar de ajuda vou pedir pra assistência social.. e aí um dia fui na prefeitura pra ver se tinha vaga na frente de trabalho né.. aí fui lá e falei com o Secretário de Recursos Humanos, o Dé, ele quem mexia com isso, aí falei, olha seu Dé, eu tava na renda mínima e me cadastrei na frente de trabalho, e, eu tenho certeza que não fui chamada porque eu tava na renda mínima e não podia ser chamada, mas minha renda mínima terminou eu precisava de arrumar um serviço né.. aí pegou e falou pra mim “é, gostei da sua sinceridade”, já me deu as blusas da frente de trabalho e me indicou pra trabalhar na.. na incubadora né.. e ele fez eu começar no outro dia.. aí eu já falei, meu deus, como eu já vou começar no outro dia né.. tanto que eu comecei e não parei mais.. o meu sogro fala que “a não cortam a água dela, não cortam a força.. ela se vira sozinha com esse monte de fio (são oito), e aqui em casa sempre cortam a força, a água..” e, de lá pra cá foi sempre deste jeito, aí um dia eu tava preocupada, não tinha comida, e abri a palavra né, e li “aquietai-vos porque eu sou Deus”, aí eu.. é.. de lá pra cá eu não esquento mais.. tá faltando, sempre aparece alguma coisa.. final de mês agora eu tava pensando, tenho não sei o que pra pagar, não sei o quê pra pagar.. não vou ter como né, quantia pequena.. aí na segunda feira me pediram pra arrumar duas casas, só passei um pano me deu trinta real. Já paguei uma conta, hoje na horta deu dez reais, paguei outra conta, amanhã vou fazer duas faxinas e já pago as outras contas.. já paguei as contas do mês... (risos) é inesperado, tem vez que eu tou em casa e tem vez que aparece alguém lá com uma cesta básica, frango que ganho.. outro dia apareceu uma compra do supermercado, quatro caixas de despesa, falamos que não era nosso, que a gente não faz compra grande assim, quatro caixas, mas

tava no meu nome, aí descobri que era uma irmã da igreja.. é o que eu falo, a gente não se pode preocupar, queima os neurônios e não resolve.. (risos)

Dario: nossa, que bonita sua fé..é o que você vivencia né..

Dona Lindu: vivencia.. há dois anos atrás eu tava no mês de outubro né.. e eu tinha as roupas dos meninos pra comprar e pagar umas contas né.. aí eu pensei que se pagasse as contas não dava pra comprar as roupas. aí eu ganhei de uma moça na rua, ela falou pra eu comprar carne pros filhos no natal.. ela me deu, eu fechei as mãos e saí, aí eu achei que fosse uns vinte real né.. ela me deu pra comprar mistura, na hora que eu abri a mão, duas notas de cinquenta real, deu cem real.. aí eu paguei as contas e pude comprar roupa pra eles..

Dario: deu certinho.. a senhora vive na sua fé.. como é isso?

Dona Lindu: eu entrego pra Deus. Teve uma vez, era 200 real o salário né, quando eu peguei o salário, eu pensei “senhor, eu não tenho mistura, o senhor tá vendo a situação que eu estou, e coloquei o dízimo no envelope e levei pra igreja”, e depois o irmão me disse, mas a senhora ganha 400 reais? Porque tinha quarenta reais no envelope, mas eu só tinha colocado vinte real do dízimo, são estas coisas que acontecem, e que Deus ajuda e faz milagre faz, e é coisa incrível que a gente pensa que não acontece e acontece. E eu tinha colocado duas nota de vinte, que eu tinha colocado, e outros vinte real com nota de um real.

(silêncio)

Dario: e depois na sua vida, como foi?

Dona Lindu: depois veio o projeto, eu comecei a pensar.. no material, o projeto não ajudou em nada, mas no espiritual o projeto ajudou bastante.. eu voltei pra escola, tive minha experiência na política, consegui, agora eu vejo a vida de outra maneira, vejo que a gente não tem como ficar parado olhando as coisas caírem do céu.. a gente tem que se virar, se explicar, que procurar e correr atrás do prejuízo.. não tem ficar parado e que esperar do céu..

Dario: São coisas que você aprendeu aqui..

Dona Lindu: aprendi aqui.. e com a ajuda de quem?

Dario: do Dr. Aldo!

Dona Lindu: do Dr. Aldo e tua! Quantas vezes você falava, não, vocês tem que estudar, pra fazer alguma coisa na prefeitura, pra poder mudar de situação! O projeto não é pra vocês ficarem aqui, vocês tem que estudar pra vocês arrumar um serviço bão pra vocês! Estas coisas foi indo que.. as pessoas até imaginam você e o Dr. Aldo já.. (risos)

Dario: de tanto que a senhora comenta?

Dona Lindu: é, do projeto, das coisas que acontecem.. do psicólogo louco.. (risos) do médico louco (risos) melhorou bem.. as vezes eu penso em desistir daqui, mas as coisas boas que a gente passa, não dá pra desistir não..

Dario: é verdade né..

Dona Lindu: é ué..

Dario: eu fico emocionado de saber.. né.. porque a gente pode.. (começo a chorar)

Dona Lindu:...ajudar a transformar uma pessoa! Eu sei que no ponto que entrei aqui, se eu tivesse ficado estacionada também eu não tinha..

Dario: é.. ... e como foi tua história aqui na horta , como a senhora gravou?

Dona Lindu: é, foi dramática no começo né? fora os atropelo da vida, a gente tira que vocês vem aqui pra ajudar a gente, não pra atrapalhar.. queria que a gente melhorasse e fizesse o projeto, não que a gente ficasse aqui só plantando e vendendo na rua.. tanto que você levou a gente no colégio São Luís, pra conseguir alguma coisa lá.. a.. aquele dia que você levou a gente pra matricular lá.. eu vejo que as pessoas querem ajudar a gente pra progredir, não pra regredir..

Dario: não dá pra ficar estagnado né..

Dona Lindu: é ué.. tem vez que eu penso, como eu vou sair daqui e cadê meus alicerces, onde vão parar? Vou sair daqui e vou procurar o Aldo, vou procurar o Dario e onde que vou achar? Foi aqui que eu progredi na vida, cresci espiritualmente né.. não materialmente..

Dario: não te ajudou materialmente, deixa eu entender melhor, e como foi essa ajuda espiritual, desde o começo?

Dona Lindu: eu era uma pessoa inibida, tava sempre ali parada, comecei a ver as coisas de outro jeito, comecei a me expressar, comecei a ver o erro e a falar do erro pras pessoas.. ajudar a orientar as pessoas também, como a gente ajudava, conversava tudo.. sei lá, um monte de coisas..

Dario: a senhora começou a sentir que pode ajudar outras pessoas..

Dona Lindu: ajudar outras pessoas, dá apoio. eu tava conversando com minha cunhada lá.. ela diz, cê mudou hein.. tem coisas que eu aprendi aqui no projeto e eu falo pra elas, e elas falam “ah, mas você tá no projeto, você tem um projeto que me ajuda a expandir..” elas falam que elas não tem ajuda pra sair de onde elas tão, e eu falo que isto é falta de vontade..

Dario: elas falam que você tá dando conta de suas coisas porque você tá tendo ajuda, mas a senhora virou o jogo antes de vir pra cá, pelo que a senhora tá contando na sua história né? Quer

dizer, isto é anterior a estar aqui, esta virada de jogo, virar a mesa. A senhora virou a mesa antes, não depois de estar aqui..

Dona Lindu: é, a minha cunhada parou na oitava série.. eu falo pra ela ir trabalhar, vai estudar né? Vai trabalhar.. mas ela fala “trabalhar em quê”.. eu falo: “volta a estudar..” tá quase terminando já, termina o estudo, faz curso de informática, você é nova, inteligente, tem capacidade, pode entrar numa loja, até numa firma.. ela fala que eu tenho apoio, pessoas que podem me ajudar, mas ela não tem; mas eu falo que ela tem capacidade, ela tem que dar o primeiro passo.. ela tem os pais dela que bancam ela e os fio... ela fala que estudar? Quantas pessoas que eu conheço que estudou e não mudou de vida.. mas eu falo que é falta de vontade, de continuar lutando.. eu falo que eu não quero continuar vivendo na situação que eu estou morando hoje; eu não quero luxo, quero uma situação melhor pra dar pros meus fio, e pra mim, eu falo que e eu sei que vou conseguir.. e elas dizem que não conseguem, e eu digo, então vocês ficam aí. Tem uma cunhada minha que disse que esse ano ela vai voltar pra faculdade.. pra formar em contabilidade. Eu falei “é isso aí, não fica vendo a experiência dos que não conseguiram nada e ficam se lamentando”.

Dario: e como é a experiencia de trabalho aqui, qual a repercussão na sua vida??..

Dona Lindu: eu gosto do que eu faço na horta, de mexer na terra, de plantar.. que nem agora, hoje os meninos da frente de trabalho não vieram e é a gente que tem que mexer na terra.. eu não me incomodo de quando eles não vem, eu gosto.. mas eu falei, depois que eu voltei a estudar, eu não pretendo ficar aqui..

Dario: a senhora quer desenvolver..

Dona Lindu: quero crescer.. aqui vai ser o ponto de referência..

Dario: hum, acho que é por aí e.. eu tou entendendo que não é a experiência de vir aqui e plantar o alface que pode ajudar alguém, mas é o compromisso que ela sente..

Dona Lindu: é, o compromisso!

Dario: e a senhora vivencia isso? Como que é? o compromisso aqui com a horta? Como é com você?

Dona Lindu: eu venho aqui pra cuidar da horta, pra que outras pessoas possam vir, usufruir da horta, mas cuidar da horta, não pra falar não, eu quero é ganhar da horta. Eu tenho compromisso com a horta pra horta não fechar.. quero ficar aqui, por bens materiais não compensa não.. tanto que eu nem pego mais faxina de semana, por conta do projeto, eu limpo

duas casas no sábado e outra no domingo.. quando me perguntam se eu tenho compromisso na sexta feira, eu digo no projeto! A pessoa tem que querer estar aqui, a pessoa tem que gostar do que faz. Tem vez que eu venho aqui e não vendo uma alface, não é com esse objetivo que eu venho aqui na horta, não é pra ganhar, pra ganhar eu faço meus bicos de final de semana.

Dario: e qual é o seu objetivo então? Porque você vem aqui?

Dona Lindu: pra poder me distrair, pra ter uma terapia, aqui eu faço uma terapia, na horta.

Dario: como é essa terapia?

Dona Lindu: é, ficar aqui, sozinha, poder cuidar da horta, poder ficar sossegada, a cabeça livre, de problemas, que eu chego aqui e eu esqueço os problemas de casa; eu só vou lembrar na hora que tá chegando a hora de ir embora. Ficar aqui não vira rolo; essa semana fomos na outra horta lá embaixo lá, a gente faz outras coisas.. não fico aqui “não vou fazer pra ter dinheiro” ou pras pessoas verem o que eu estou fazendo, tanto que eu vou, venho, nem comento nada, eu saio faço as coisas, trabalhar na horta é isto, a gente fazer as coisas por responsabilidade e não pensar no ganho financeiro.

Dario: onde a senhora descobriu isso?

Dona Lindu: eu descobri no primeiro dia que eu tava aqui, quando fez uma semana que minha amiga de trabalho não vinha, eu saí pra vender, as pessoas não vinha comprar e eu fiquei pensando na horta e começou a me dar agonia, e acabou a verdura de vez e eu pensei, se não plantar, não vai ter como vender, aí ficou, e acabou este negócio de ter que ter pra poder vender pra ter dinheiro, aí acabou..

Dario: como assim?

Dona Lindu: acabou, porque, é uma coisa, se você, é, saí pra vender, você vendia vinte real, e não vai fazer nada com ele, se você tem uma conta pra pagar você paga, senão você vai gastar estes vinte real à toa; você tendo ou não tendo, você tem que ficar aqui na horta, se não, você não tem um compromisso na horta também, e é melhor fechar. Como você vai, falar assim, não é, chegamos hoje de manhã, ah, não, não vamos vender nada na horta e eu vou fechar a horta e vou embora!? E o compromisso de molhar os canteiros?? tem que ter. independente de ganhar dinheiro ou não.

Dario: O compromisso é o mesmo né?

Dona Lindu: é o mesmo.

Dario: o que que, a senhora, como que a senhora sente esse compromisso?

Dona Lindu: como eu vou explicar?

Dario: é uma coisa boa ruim? O que representa pra você? Na sua vida?

Dona Lindu: é uma coisa boa, a gente ficar aqui, a gente poder, é, contribuir para outras pessoas o que a gente faz, passar pra outras pessoas o que a gente faz, quando eu tou sozinha na horta com os meninos, a gente ficava conversando, é, passava a experiência pra eles da horta, como é bom estar na horta, que eu falava pra eles virem mesmo quando acabasse a frente de trabalho, que é bom aqui, mesmo que tem os atritos é bom ficar aqui na horta, sei lá, acho que é assim..

Dario: que a senhora tem uma experiência boa.. a senhora quer ajudar as pessoas.. isso te dá um porque de estar aqui..

Dona Lindu: é, ainda eu falei assim, de repente, se você vir na horta aqui, você sai daquela esquina lá que ele só ficava na esquina. O meu ponto de vista assim, é que se eu pudesse, eu tirava aqueles meninos todos da esquina, o meu objetivo qual seria? Seria trazer eles pra cá, mas com certeza eles não viriam não.

Dario: se a senhora pudesse ajuda-los neste sentido a senhora faria, pra eles ocuparem a cabeça e passarem por esta terapia.

Dona Lindu: eu passo por eles e falo assim: ó, lá na horta que eu trabalho tem um monte de mato lá pra carpir, vocês não querem fazer uma terapia lá não?

Dario: você fala?

Dona Lindu: eu falo, eu sempre chamo eles pra virem pra cá.

Dario: é.. a senhora lembra uma vez que eu trouxe um amigo de São Paulo aqui? Acho que ele não entendeu até hoje o porquê que eu trouxe ele pra cá.. ele falou “Dario, tou com um monte de problemas”, e eu falei, vem pra Ribeirão, aí não conversamos direito na sexta e eu pensei, quer saber? Trouxe ele aqui no sábado e ficamos roçando o dia inteiro.. aí ficou lá roçando pedra aí depois voltou pra São Paulo.. nem sei se ajudou ele ou não, mas acho que sim.. quer dizer, fica uma intuição de que ajuda a pessoa estando aqui.. mas ajuda como? Mas ajuda como? A pessoa vem na horta e o que ajuda a ficar melhor?

Dona Lindu: só pelo fato de vir na horta e poder começar a cuidar da horta, a horta tá toda bonita agora de novo, pra ver que a gente tá podendo carpir, fazer as coisas boas pra melhorar a horta, quando as pessoas vem pro ciao e vê que a horta tá arrumada, tanto que eu convidei uma

professora minha pra vir ver a horta.. eu falei pra ela, que tem este projeto, e quando tiver uma oportunidade pra ela vir conhecer..

Dario: é algo que a senhora sente orgulho de trazer as pessoas pra cá.. e a senhora não encana de falar que é soropositiva pras pessoas?

Dona Lindu: eu falei já no primeiro dia de aula, ela pegou e ela, eu chamei ela, ano passado, e ela “vamos falar de um assunto sério”, e teve até uma encenação lá na frente de pessoas que são bonitas e que com quem as pessoas ficavam mais, depois as pessoas bonitas que tinham o HIV, aí pegou e depois falou e tinha as perguntas né, e me deu vontade de pegar e falar, mas depois que acabou tudo eu peguei e fui conversar com ela, que eu sou soropositiva, e toda a vez que a gente pode a gente conversa, ela nunca tocou no assunto na frente de alunos, nunca fez diferença, nada..

Dario: hum, entendi, você contou pra sua professora, você sentiu confiança nela..

Dona Lindu: aí estes dias atrás eu estava fazendo trabalho de escola e minha vista tava ruim né, e eu tinha esquecido meus óculos em casa, aí ela emprestou o óculos dela pra mim escrever.

Dario: ela não teve preconceito..

Dona Lindu: não teve.. ela me vê me abraça, me beija, mostrando que ela me vê como uma pessoa normal, que não tem nada a ver..

Dario: como é sentir isso?

Dona Lindu: é bem diferente né? Outra pessoa também sabe que eu sou soropositiva, ela é professora dos meus filhos, e ela conversa comigo normal, nunca falou nada.. (não) me tratou diferente; as vezes eu escuto pessoas que dizem que sabem que uma pessoa tem Aids, ela não vai sentar no mesmo lugar, ou usar a mesma colher. Aí por isso, que eu e o “cido” (amigo que trabalhou na horta) estamos sempre conversando, pra por a conversa em dia, alguma coisa que aconteceu, quando uma amiga nossa morreu tudo, sobre os problemas do HIV, da cirurgia que ela fez, a gente sempre conversa, nunca perto de outras pessoas conversando, e as pessoas acham que a gente tem alguma coisa, mas eu falo, mas tem ué.. (risos) chega na hora do recreio, pelo fato de a gente ter amizade, mas o pessoal pensa que mulher não pode conversar com homem, porque ela vai tar afim dele, mas o assunto que a gente conversa não é.. mas as pessoas pensam que a gente tem alguma coisa. Alguma coisa em comum tem..

Dario: então a senhora entende o trabalho aqui mais como uma terapia mesmo. De dar orgulho, de ver uma alface bonita e dizer “fui eu que plantei”..

Dona Lindu: que nem eu falei, sobre a crise financeira eu trabalho de faxineira..

Dario: como que é seu trabalho de faxineira?

Dona Lindu: as faxinas que eu faço é tudo em volta de casa. As pessoas falam, “você não faz faxina na minha casa?” é, eu tenho uma faxina na quinta e na sexta, e agora eu faço no sábado e domingo, que é quando eu não tou no projeto, e quando, acontece de ter três casas que eu limpo, de uma querer.. eu faço uma no sábado e outra no domingo.. aí me perguntam se eu tenho algum compromisso de sexta-feira, eu falo que de sexta-feira eu tenho compromisso.. (risos)

Dario: interessante, que é o compromisso com aqui.. você abre mão de ganhar dinheiro pra estar aqui, pelo compromisso que você tem.. e é o dia que a gente faz a reunião..

Dona Lindu: é, mas a reunião é de terça..

Dario: é de terça.. é.. (risos)

Dona Lindu: tanto que é que as coisas que eu faço, em casa, o que eu tenho que fazer eu faço de noite, que é pra poder fazer a faxina.

Dario: entendi. A senhora então não tem esse ganho material aqui na horta. Como é o ganho que a senhora tem?

Dona Lindu: é assim, de, estar podendo, transpa.. passar pra outras pessoas, o interessante do que é estar aqui na horta. Poder saber que tem pessoas que vem comprar verdura e ficam conversando, as pessoas alegres que atendem as pessoas bem, estão sorrindo, conversa, tem vez que a gente fica conversando com as pessoas aí na horta, e transmitir pras pessoas a nossa experiência.

Dario: entendi. É um lugar que cê vem pra ajudar.. muito legal.. tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de dizer? Acho que já conversamos muita coisa boa.. a finalidade desta pesquisa é ajudar mais pessoas, compreender melhor o que fazemos aqui.. a partir do que a senhora me disse eu vou pensar alto com o gravador, que é o que a senhora disse sobre os meninos que ficam na esquina da sua rua, e a senhora está vendo que já que estamos mais organizados, que aqui tem espaço pra ajudar mais pessoas. Que assim, a senhora sente que está cumprindo seu compromisso e está vendo que tem espaço pra conseguir, já que estamos mais organizados, pra ajudar mais pessoas, e a vontade que você tem é de trazer outros meninos do bairro aqui pra horta, isto pra mim completa uma dúvida que eu tenho, porque, quando mudarmos o ambulatório pra cá eu não sei se os pacientes vão querer trabalhar aqui na horta, nem todo

mundo pode querer, estar no momento, então eu penso que será não é interessante montarmos um lugar pra prevenção e tratamento de álcool e drogas, prevenção..

Dona Lindu: (risos) toca aqui, (risos), eu conversei com um vereador hoje de manhã sobre isso.. (risos) eu perguntei pra ele como que estavam os projetos sobre álcool e drogas. E ele me disse que estão vendo, e eu falei pra ele que eu estava pensando em falar com você pra ver se tem um espaço aqui no projeto pra isso também, pra gente conversar tudo junto pra chegar num acordo.

Dario: então, a senhora acha que é possível?

Dona Lindu: ô se é.. vixe!

Dario: hum, eu vou me orientar então pelos olhos da senhora, eu não consigo olhar e ter esta clareza, de que se misturando os programas se não vai dar confusão ou b.o.; eu acho que temos uma possibilidade de estudarmos e vermos o que dá pra fazer.

Dona Lindu: temos que estudar bastante pra dizer que vai ter e fazer isso aí..

Dario: a senhora acha que dá?

Dona Lindu: ô.. vixe! Que nem o irmão de um conhecido, a gente fica conversando, um menino que mora perto de casa, a mãe dele mexe com droga, bebe, pinta e borda né, e ele vai em casa conversar comigo e me diz que tem vontade de começar tudo de novo, de vender droga, ir preso; e eu falo pra não fazer isso não, e quando ele quiser conversar pra ir conversar comigo e oriento ele pra continuar trabalhando, pra ele arrumar o aluguel de um comodo; pra ele sair ali da esquina, eu também converso com outros meninos ali da esquina.

Dario: as vezes pra pessoa está difícil de encarar a vida..

Dona Lindu: ele tem vinte anos, tem responsabilidade, da casa, até da mãe, e desse jeito, se a mãe não liga, não quer fazer nada? Faz você! Você acha que vai cair nas drogas de novo? Sai de casa, vai pra algum lugar, ele trabalha, tem dinheiro; a gente tem que aproveitar e tirar as crianças da rua agora; tem as crianças lá, se continuar do jeito que ele tá indo, logo logo, vai dar nisso.. o que eu não quero pros meus filhos, eu não quero pros outros também.

Dario: vamos ter aqui em Jaboticabal um evento com as entidades de álcool e drogas e eu vou chamar a senhora pra participar.. as vezes rola um caps para desintoxicação..

Dona Lindu: mas esse negócio de ficar, de deixar um dias não compensa não.. eles saem de novo pra buscar droga e voltam de boa; a pessoa tem que ver o que quer fazer da vida mesmo e marcar pra fazer terapia, é melhor do que ficar preso.. tem um palestrante que dizia que quando

ele tava internado eles davam calmante pra ele.. acha? A pessoa fica mais loca lá dentro! Depois a gente vê o que acontece no dia a dia, não é o que a gente ouve falar..

Dario: essa conversa tá dando uma perspectiva nova né? é verdade.. a senhora tem opinião sobre as coisas. Vou desligar o gravador mas a gente continua a conversa...

Participante 02: Tarsila

Sexo: Feminino

Idade: 36 anos

Estado Civil: Casada

Formação: Ensino Médio Completo; cursando faculdade de contabilidade.

Trabalho: Contadora em Empresa.

Dario: vamos começar então; então é assim, é pra contar mais ou menos.. quando você pensa na sua infância, o que você lembra?

Tarsila: a minha infância foi um tanto conturbada, não tive uma estrutura familiar, meu pai tinha problemas com álcool, minha mãe não tinha sabedoria pra lidar com isso, era despreparada, então havia muita briga, muitas agressões sabe, com meus irmãos e tal, esta lembrança ruim eu tenho da minha infância, embora eu tenha alguns momentos felizes também, que eu morava numa chácara, minha mãe ia plantar, ela me levava junto, me ensinava, e naquele meio daquela chácara tinha uma floresta enorme, linda, eu tenho assim uma vaga lembrança, foram raros estes momentos em que minha mãe, a gente tava passeando pelo meio.. de um trilho assim, que tinha, tipo de uma trilha, tava ventando, cheio de mato assim, minha mãe me pegava no colo, me beijava, foram momentos raros, momentos felizes raros, é assim o que eu mais me recordo da minha infância, ..., acho que é, ..., que é mais isso, gostava de morar na chácara, tinha muito animal, muito bicho, brincava com tudo, brincava com galinha, com porco, (risos), eles eram meus companheiros no caso, que eu era a caçula, tinha uma diferença grande de idade com meus irmãos.. eu sou caçula.. aliás, eu tenho um irmão que é quase seis anos mais velho que eu, esse meu irmão foi o único que peguei alguns anos pra brincar com ele.. sabe, foi um amor entre nós, assim a gente estava sempre juntos, se acontecia alguma coisa ele me defendia.. se alguém tinha me batido ela batia no menino ou na menina, a gente brincava junto, brincava de carrinho, bola de gude, soltava pipa com ele, eu brincava assim, como se fosse um menino mesmo né, é assim é a lembrança é a lembrança boa da minha infância, do meu irmão que mora em outra cidade..

Dario: entendi, por você ser caçula, você ficou mais sozinha assim né, e você teve mais contato com este irmão.. aí você tá falando aqui da sua casa, dos seus amigos, uma certa desestrutura familiar por conta disso né..

Tarsila: humhum, é, meus amigos, eram meus vizinhos, a gente se encontrava a noite, geralmente perto da casa, porque não podia sair de perto da casa, senão a coisa ficava feia, a gente brincava, com onze, doze anos, tinha as brincadeiras gostosas, meu pai tinha caminhão, a gente ficava escutando música até dez, onze horas, depois no outro dia de madrugada o caminhão não pegava, ele ficava louco com a gente.. (Risos)

Dario: ah, porque vocês gastavam toda a bateria.

Tarsila: toda a bateria do caminhão, mas nossa, foi uma época muito também muito gostosa na minha vida..

Dario: aí você colocou que conheceu o pai do seu filho...

Tarsila: isso, é, ele foi o seguinte, eu trabalhava de babá de umas crianças, e ele trabalhava numa empresa de onibus e o ponto era na frente da casa dela.. e a gente acabou se conhecendo, e assim, eu tinha quinze anos, o que eu achei que ia ser maravilhoso na minha vida, de repente se transformou num pesadelo, porque ele era uma pessoa que morou em são paulo, era mais experiente que eu, uma pessoa que me passava uma estrutura de vida, uma segurança, ah esta pessoa tem experiência, pra me ensinar a viver, realmente ele me ensinou a viver, mas não pelo amor, pela dor né.. porque ele foi uma pessoa assim, que ao mesmo tempo que ele parecia que ele amava, ele odiava também; ele era assim, uma pessoa aparentemente muito estranha, depois que eu fui entender que ele tinha sido rejeitado desde o ventre da mãe, ele teve paralisia infantil, depois de adulto ele sofreu um acidente de moto, ficou com sequelas teve deficiência né, e ele era uma pessoa revoltada, até quando eu estava com ele, porque depois de três meses de namoro, como eu era muito pressionada na minha casa, porque eu não podia sair, eu morava com essa moça onde eu trabalhava de semana, e de final de semana eu ia pra casa, eu não podia sair, eu poderia ficar com meus amigos ali de frente, pra ir numa quermesse vai, mas eu não podia fazer isso, então pra eu não me sentir presa, eu achei que a solução era a gente morar junto, eu e ele, daí que começou meu pesadelo, porque onze meses depois da gente morando junto eu estava fazendo um tratamento ginecológico, que eu não poderia nem engravidar no caso, por isso que eu estava fazendo este tratamento, que eu teria dificuldades pra engravidar, e se eu não fizesse o tratamento talvez eu não engravidaria, e neste tempo eu parei de tomar anticoncepcional, só que eu falei com ele, vamos prevenir e tal, e eu engravidei, eu tava com 16 anos, e foi neste momento que ele me falou que eu tava traindo a confiança dele, que a gente estava guardando dinheiro pra poder comprar um terreno, e ele disse que eu traí a confiança dele, só que eu já tinha arrumado

um trabalho, eu já não estava mais morando com essa moça, eu tinha arrumado um trabalho eu era representante comercial de uma empresa, então, tinha uma estrutura, só que aí ele falou, que não queria mais, me disse “some da minha vida, você me traiu, eu não quero essa criança, até me parece que esse filho não é meu”, por que tudo que a gente combinou você não cumpriu, e foi onde eu mudei pra araraquara, depois voltei, porque eu sozinha lá ia fazer o que? Tinha que ter meu filho na época, só que até então eu não sabia que ele era usuário de droga.. uma menina de quinze anos que nunca teve contato com um usuário de droga, você não vai perceber, se o cara saiu, se usou droga, se passou o efeito, mas ainda aparentemente você dá pra ver se ele usou droga naquele dia, você não tem como saber, eu era ingênua, achei que ele tinha bebido e tal, até um dia que eu peguei ele usando cocaína, em casa, ele não sabia que aquele dia eu ia chegar mais cedo e eu peguei ele usando cocaína, depois eu sentei e conversei com ele, eu fiquei desesperada..

Dario: você ficou muito assustada...

Tarsila: muito assustada, até então eu não tinha conhecimento do que poderia ocasionar, como poderia livrar ele disso, porque a minha esperança maior, a minha luta maior era que ele saísse das drogas, porque fora das drogas ele era muito inteligente, uma pessoa maravilhosa, só que essa rejeição que ele sentia, eu não sei porque.. ele era empresário na época, era muito capaz, tinha a microempresa dele, eu achei que poderia ajudá-lo e ele não quis ajuda, e eu passei anos querendo ajudar ele e não caiu a ficha que ele não queria ajuda.. sabe? ele ficava na abstinência, o que, se ele aguentasse, um mês no máximo, depois caía, e eu ia lá, “não, senta aqui, vamos conversar, vamos ver onde você errou, onde eu posso ter errado, não vou fazer mais, não vou fazer mais”, daqui a pouco ele caía de novo e eu fui levando, até um dia que ele começou a ficar muito agressivo, ele veio me agredir.. aí eu falei olha, não quero mais, chega, tou saindo daqui, aliás eu já tinha voltado com ele, depois que eu tive meu filho ele voltou atrás de mim né, no caso, ele voltou atrás de mim, ele pediu pra ficar comigo que ele queria uma família e tal, depois foi onde ele começou todo este problema com as drogas e quando ele veio me agredir aí eu falei “não dá mais, é demais pra mim, eu não vou suportar isso”, porque eu estudava, trabalhava, eu cuidava do meu filho, eu ajudava ele na tentativa de sair das drogas, fui a uma clinica, que foi a minha descida ao inferno aquela clínica, que o psicólogo perguntou pra ele quanto tempo ele usava droga e ele disse, mais ou menos uns catorze anos, e o psicólogo disse “*então porque você tá aqui se faz catorze anos que você usa drogas? termina de se matar, já que você usa drogas há catorze anos, então termina de se matar*”, nossa, a gente ficou assim, “será que ele quis dar um

choque em você, qual foi o intuito dele?” Aliás não era um psicólogo, era um psiquiatra.. e a gente assim, a gente ficou, foi aquele dia, literalmente, foi a nossa descida ao inferno, porque, é a visão do inferno, porque as pessoas que ali estão são dignas de misericórdia.. sabe, e eu me propus a muita coisa por ele, há muita coisa e eu vi que não valeu a pena..aí comecei a viver minha vida depois disso, fui morar na casa da minha mãe.. comecei a morar ali com ela, aí teve um belo dia que ele conseguiu, até hoje eu não sei como, entrar na minha casa com uma chave, pulou o muro, foi até meu quarto, e eu costumava a dormir com a luz do banheiro acesa, e do reflexo da luz do banheiro refletia uma luz prata no meu rosto, eu acordei muito assustada e quando eu olhei eu vi que ele com um revolver na beirada da minha cama me olhando, e eu perguntei o que ele queria, ele disse “eu quero seu cartão” eu tinha acabado de receber Dario, “e sua senha, se você não der o seu cartão e sua senha eu te mato agora”, eu não conseguia nem levantar pra pegar minha bolsa, com muito custo eu consegui levantar e pegar o cartão e passar a senha pra ele, e ele falou “se você bloquear o cartão, eu volto aqui e te mato e mato todo mundo, tua mãe que tá dormindo, teu pai, eu mato todo mundo”, daquele dia em diante eu vivi com muito medo, muito medo, muito medo, nossa, eu passei por momentos de terror, e aí que eu não quis mais, não quis nem saber.. e depois de um tempo vieram na minha casa, que ele tava com problema, que ele tinha um problema no fêmur, e de tanto ele andar tinha gastado a platina e de tanto andar tinha quebrado o osso, e ele tinha que fazer uma cirurgia e tava com medo de não voltar da anestesia e ele me ligou e pediu pra eu ir no hospital e queria me ver e ver meu filho... cheguei lá a família dele me deu os papéis e disse “tô, termina de fazer a internação” e eu tinha meu trabalho, eu não posso faltar do meu serviço, e me disseram vêm vocês e tal, a família não quis ele, mas eu tive que ficar com essa bucha, seis meses na cama engessado, tive que levar ele pra casa da minha mãe, mesmo ela não querendo, mas era pai do meu filho.. levei ele pra casa, cuidei dele, e nesse meio tempo ele começou a frequentar uma igreja, da qual hoje eu faço parte, a única parte boa que ele deixou pra minha vida, foi o meu filho e meu encontro com Deus, porque foi através disso que eu tive um encontro com Deus, verdadeiramente, e foi aonde ele falou olha, vamos montar uma casa, por mais que a gente só fique junto, pra terminar de criar o meu filho, realmente ele tava mudado, eu senti que tinha mudado algo nele, e até aceitei, falei, não, então vamos, na mentalidade assim, anulo a minha vida, faço de conta que tem papai e mamãe aqui em casa, pra educar o meu filhinho querido, e vamos levando assim, o meu “eu” eu anulo, não vivo mais.. nesse meio tempo, que ele tava se recuperando da cirurgia e tal porque foi

algo bem minucioso a cirurgia dele, ele começou a ter dores nas costas, que ele começou a fugir de médico, fugir de médico, mas eu creio que ele já pressentia de ‘tar infectado pelo vírus, e foi aonde ele, ele recusou várias vezes até o dia que a gente pegou ele na força, não vamos lá, vamos fazer os exames e tal, e uma médica pneumologista do posto de saúde pediu exame de escarro, porque ele estava muito estranho e pediu o exame de sangue, e ele não quis ver o resultado, quem foi ver, foi eu, aliás as enfermeiras, a mando do infectologista, ligaram na mãe dele e disseram, é pra vir urgente na consulta, daí eu já falei... “já era”, e eu fui falei se você não vai, vou então, e o médico me falou que tinha dado positivo, os dois né? Tuberculose e HIV, que tinha dado positivo.. e foi a tia dele também.. não, esse dia foi demais pra minha vida.. porque tinha dado positivo e ele precisaria ver.. né.. no caso o paciente o mais urgente possível pra já entrar no tratamento e tal.. aí eu falei, mas e eu, eu preciso do exame agora, e o médico disse, ah, tudo bem, eu te faço.. e eu falei, mas e aí doutor, e se eu tiver? Com HIV também? *“olha a tua perspectiva de vida, mais ou menos, eu vou te dar assim, ó, estourando tá, cinco anos de vida!”*

Dario: desse jeito?

Tarsila: por-deus.. a irmã do meu ex, estava comigo.. na lata.. ela virou pra mim chorando e falou assim: “pode ficar tranquila, porque se caso você vir a falecer, eu cuido do teu filho pra você”... OOOU, sabe o que que é isso..

Dario: o que?

Tarsila: ao invés dela me apoiar e segurar, foi dois bombardeio.. mas e se eu tiver vida mais longa que isso, se eu quiser ter outros filhos e tal.. *“não, eu não aconselho porque podem vir infectados também, seus filhos podem morrer e eu não aconselho vocês a terem filhos..”* eu não tava nem pensar em ter filhos com ele, tava pensando em outra vida já.. e pensei, meu deus, o que eu vou fazer da minha vida agora..

Dario: você ficou apavorada..

Tarsila: e nisso depois eu encontrei o Dr. Aldo, neste tempo, eu encontrei no cial mesmo, eu não me dei por vencida, eu quis conversar com ele, porque tinha gente ali que tinha falado muito bem dele, e preferia ele ao invés do outro, porque o outro te dava a tua sentença de morte e acabou, e ele falou olha, então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer um exame pra você, não é bem assim as coisas, me receitou remédio, o azt, uma bomba, que me deixou na cama vários dias, ele disse *“tou fazendo isso pra você porque se você tiver com a sua.. é..*

Dario: foi que ano isso..

Tarsila: 2001 pra 2002, semana do reveillon.. ele falou “*se caso seu sistema imune tiver baixo eu vou te dar esse remédio pra te garantir..*” e a irmã dele perguntou “o que eu faço agora”, e ele recomendou contar pra mãe dele, “e ele”, ela perguntou, e o médico orientou a não contar nada pra ele, por enquanto, deixa passar o réveillon, aí a gente conta, o nosso já foi estragado né, pelo menos o dele né? porque ele não tava bem e podia ser o último reveillon dele.. e ele já tava com uma doença, no estomago e na faringe.. eu não me lembro o nome,

Dario: uma esofagite..

Tarsila: é, que deixava tudo branquinho, parecia sapinho,

Dario: queima pra engolir..

Tarsila: é, e ele tinha dificuldade pra comer e só sentia o gosto amargo das coisas e tal..aí a primeira coisa que eu pensei, foi as duas coisas que primeiro eu pensei, meu filho, eu não posso parar de lutar porque eu tenho um filho e eu não quero que ele seja criado por ninguém, e a única escora que eu tenho agora, o Deus que eu conheci, o verdadeiro Deus que eu conheci, eu fui direto na igreja, eu fui, sabe, fui de pé, fui andando, normal, porque a irmã dele me deixou na porta de igreja, subi as escadas da igreja e tal e o pastor me recebeu, subi as escadas e eu disse pra ele que eu precisava urgente conversar com você, agora e de porta fechada, e ele falou “não, vamos lá”.. , e nisso eu já quase me desfaleci nos braços dele, contei pra ele e tal, e ele me falou assim “olha, eu não posso te garantir uma vida longa porque eu não sei o que Deus tem pra você, mas eu posso te dizer o seguinte, a única coisa que você pode fazer agora, nesse momento é colocar a sua vida totalmente nele, é a única coisa que você pode fazer e crer, que Ele vai fazer a vontade dele na tua vida, e se ele tiver algo pra você aqui ainda, você vai permanecer, e ele me falou pra mim, aí ele falou que amava minha vida, do meu filho, que era muito importante pra ele, que era pra eu contar com ele, aí ele ficou do meu lado, aí ele literalmente abraçou a mim e ao meu filho, nessa época.. não digo o mesmo do pai do meu filho, porque ele não quis mais ver pessoa nenhuma, não quis mais ver ele não quis ver mais ninguém, porque o estado dele ele estava se deteriorando vivo, então ele não queria ver ninguém né, ele não queria que ninguém visse ele naquele estado; eh, depois disso, ele veio a falecer, o Dr. Aldo falou que ele tinha um.. ele estava desenvolvendo um cancer no estomago.. e talvez no cérebro também, porque as atitudes, o estado psicológico dele, é de quem estaria também desenvolvendo um tumor no cérebro, ele não resistiu e acabou morrendo, eu voltei pra casa da minha mãe nessa época, não contei pra ninguém, nessa época, fiquei com muito medo das pessoas me rejeitarem, embora a

família dele me culpou, que ele tivesse falecido porque eu não soube tratar.. eu anulei a minha vida a primeira vez, pus ele dentro da minha casa, sabe, e a família dele ainda falou que eu talvez seria a culpada que eu não soube tratar, que talvez eu teria o contaminado.. na época eu fiquei sozinha, nem namorado eu não arrumei, eu não tinha ninguém.. mas tudo bem, aí tive que passar por isso também.. passei.. e a família teve o capricho de espalhar pras pessoas, “meu filho morreu de HIV, e ela também tá..”

Dario: hum...

Tarsila: foi assim acabando comigo.. as pessoas me olhavam na rua, falavam, nossa, coitada, porque eu fiquei puro osso, mas não porque eu tava com alguma doença.. eu não tinha..

Dario: você estava abalada né..

Tarsila: eu fique abalada! Eu cuidava dele, eu cuidei durante seis meses dele.. ele comia, daqui há cinco minutos, podia correr no banheiro porque não fazia digestão, não ia, ah, não ia nada, assim, digerido, já passava tudo direto e ele já soltava tudo.. eu fiquei seis meses sem dormir, sem comer direito, eu comecei a tomar nojo da comida, porque você vê, olha só a minha situação, eu vou, faço a comida cheirosa, dou pra pessoa comer, a pessoa come, aí eu vejo aquela comida inteirinha ali, cheirando mal.. eu não queria comer mais.. o que eu queria? Era só tomar algum iogurte.. só porcaria, assim, porque caso contrário de maneira alguma, e.. aí eu cheguei nos meus 46 kilos, naquela época, eh, então as pessoas falavam, tá com Aids também, vai morrer, sabe, eh assim, eu passei por momentos frustrantes, momentos assim tipo, como meu filho brincando com pipa com um filho da mulher que contaram pra ela, e meu filho brincava de pipa com o filho dessa moça, aí teve um dia que meu filho derrubou ele e ela veio no meu portão, ela bateu na minha cara, e gritou “aidética” pra rua to-di-nha escutar.. sabe foi uns choques assim, até então a minha família não sabia, só depois de dois anos que eu fui contar, hoje só sabe a minha irmã, a minha mãe e meu irmão mais próximo; só pros três, o outro irmão não sabe, porque a gente acha que ele não vai saber trabalhar com a informação e meu pai porque tem problema de coração também, e meu pai assim ignorante nessa parte, ele não tem informações suficientes, acha que vai morrer, embora a gente sempre fale destes assuntos e tal..

Dario: e seu filho?

Tarsila: meu filho sabem desde o dia que eu soube meu filho sabe, também porque eu contei pra ele.. eh.. depois disso, a minha vida foi trabalhar, aí eu meti as caras no meu emprego

que eu eu arrumei um emprego num escritório, foi onde começou tudo, eu comecei a gostar da profissão, enfiei as caras.. fiquei sozinha..

Dario: foi bom pra você fazer isso?

Tarsila: foi maravilhoso, porque ali eu comecei a descobrir que eu era útil, ali eu descobri que eu não viveria 24 horas pensando que eu era portadora do vírus HIV e que de repente eu já tinha uma sentença de morte e que eu não viveria muito tempo e que minha vida seria inútil, na verdade, como foi dado a sentença pra mim, e eu tive condições suficientes também, aquilo foi a minha independência, foi a minha superação, na época, e no fim eu comecei a ganhar muito bem, acabei sendo a ser chefe do setor, comecei a ganhar melhor, comecei a me vestir melhor, comecei a sair com meu filho, meu filho foi meu amigo, foi aquele amigo que saia de final de semana comigo, a gente comia pizza, a gente fazia várias coisas.. aí eu me entrosei num grupo de jovens da igreja, e assim, eu me achava velha pro grupo de jovens, porque você imagina jovens de 15, 16 anos, de repente você vê pessoas com estória de vida, tipo, ah, eu tenho 35 anos, sou separada do meu marido, sabe, eh, tipo, eu tenho 18 anos mas eu gosto de ficar com vocês porque vocês são experientes, e, nossa, foram as minhas amigas, minhas amigas do coração, assim que eu tenho elas como amigas até hoje, me abri com elas, foram essas amigas que mostraram que realmente eram minhas amigas, que não teve preconceito, porque vinham na minha casa, que comiam da minha comida, porque a primeira sensação é “será que se eu comer alguma coisa feito por ela que ela cortou o dedinho ali, será que vai passar pra mim também”, porque as pessoas infelizmente, século 21, era da tecnologia, elas pensam ainda assim e essas amigas não, elas diziam “ou vamos fazer alguma coisa na sua casa, me disseram que você cozinha bem”, ah vamos! eu combinava, várias vezes, elas vinham, e até hoje, eu tenho essa amizade com elas, fui madrinha do casamento de todas, e elas foram do meu também..

Dario: foi uma família..

Tarsila: foi uma família..aí eu conheci um moço, namorei um tempo, aí eu vi que de repente eu poderia ser amada por um homem sem problema nenhum, antes da gente se envolver eu contei pra ele.. ele quis se envolver mesmo assim, foi uma pessoa que me ajudou muito, sabe, sem preconceito nenhum, também, e ele saia gritando aos quatro cantos, que ele me amava mesmo assim, mas eu falava pra ele ficar quietinho.. não deu certo, a gente acabou não dando certo, na época, uma pessoa começou a dar em cima dele, tinha muita grana, (Risos) então acabou não dando certo.. e por fim eu conheci o amor da minha vida, e assim, também foi a mesma coisa

antes dele se envolver comigo, me aconselharam a antes dele me envolver, antes de eu dar um beijo, pra contar, se eu sentisse que iria virar mesmo, aí eu contaria, não é a coisinha de ficar não, aí eu conto..

Dario: interessante..

Tarsila: aí eu disse, então tá. Ele chegou na minha casa, embora nós éramos amigos, nós vivíamos nessa roda de amigos, ele tava junto, tinha as minhas amigas da igreja e amigas desde a época da escola.. que eu não deixava de frequentar a casa delas, e ele era amigo da época de escola que frequentava a casa das minhas amigas, e a gente sempre junto e tal, MSN,

Dario: você já se conhecem...

Tarsila: nossa, desde os seis anos de idade...

Dario: nossa.. faz tempo então..

Tarsila: eu nunca ia imaginar que ia ser meu marido.. aí a gente começou a conversar por msn, ele começou a me dar umas cantadas, e tal, aí ele falou que tava virando homem sério e que ele estava mais assim compromissado com Deus, e pra mim isso é uma coisa importante, não tem que ser da minha igreja.. não, tem que ter um compromisso sabe, um alvo..

Dario: como assim? Fala mais desse compromisso, desse alvo..

Tarsila: compromisso é o seguinte, quando você conhece a Deus verdadeiramente, não deixa de pecar, você não vira santo, nossa carne é pecadora, não tem como, mas você começa a levar as coisas mais a sério, ó, o compromisso que você tem no teu casamento é um reflexo do compromisso que você tem com Deus.. se você leva o teu casamento à sério é porque você leva Deus à sério, agora se você leva o teu casamento de qualquer jeito, você não dá muita importância pra Deus também, o seu relacionamento com Deus é de qualquer jeito. Certo? o relacionamento não é você tá lá, bitolado, o dia todo na igreja, não, é você ter uma consciência do que tá certo, do que tá errado, de que teu espírito está conectado com o espírito de Deus.. te avisando ó, isso daí, você vai querer trair, isso daí é errado, você entendeu? você vai fazer aquilo ali, você vai querer passar aquela pessoa pra trás? Isso é errado.. isso é ter um compromisso com Deus, porque a partir do momento em que você tem um compromisso, a sua consciência vai gerar responsabilidade, maturidade, fidelidade, segurança.. e é aonde você consegue levar a pessoa que está do seu lado a sério, você consegue respeitar.. né.. e eu vi no meu marido todas estas qualidades, a partir do momento em que ele falou que tem um compromisso com Deus e eu observei pra ver se realmente isso era verdade, que até então ele era assim, tudo eu saio sexta e

volto só no domingo a noite pra casa, não tinha compromisso com ninguém. E não é.. se você tem um objetivo de se casar, de ter uma família, não é bem assim que você vai pensar, e eu comecei a ver isso nele.. e aquilo me despertou, e fez com que eu me apaixonasse por ele porque até então ele era lutador.. de luta marcial, e eu tinha medo dele antigamente, por que ele era cheio de “eu pego, e eu bato e tal”, porque ele se sentia, ele era bem fortão, aí pensei se eu casar com ele, se eu beijar um homem desses que seja, a primeira coisa que eu fizer e ele não gostar ele vai...

Dario: dá um chocolate..

Tarsila: ahan.. e depois quando eu vi isso nele, e a gente começou a namorar.. ele me pediu em namoro pro meu filho..

Dario: hahaha...

Tarsila: primeiramente, levou meu filho pra sorveteria..

Dario: ah não acredito..

Tarsila: e ele comprou sorvete pro meu filho e falou.. “preciso te pedir uma coisa, então, é que tou gostando da sua mãe e eu queria namorar com ela”.. “não, por mim tudo bem, você pode namorar minha mãe”.. (risos) aí foi onde a gente sentou, a gente conversou, eu falei, ele chorou muito, porque a gente se conhece há muito tempo, ele falou que eu não merecia isso e tal, e a gente começou, levou um compromisso.. o erro dele, foi ter contado pra família dele.. só que talvez eu não teria como impedir porque a tia dele sabia, eu tenho certeza que a tia dele não iria ter ética profissional e iria contar pra mãe dele.. porque elas são irmãs.. então ele contou.. e assim, usam máscaras.. tentam fazer que gostam.. que aceitaram, mas não aceitaram até hoje, não aceitam, assim, eles me tratam bem, só que me alfinetam.. eu tenho uma mágoa com eles, a respeito, principalmente do pai.. o pai dele um dia, nós estávamos na semana de nosso casamento e tal, e dissemos que íamos casar, futuramente daríamos um irmão pro meu filho, e o pai dele falou que não, que só o meu filho estava bom demais!! Vocês não precisam ter outro filho.. eu já senti rejeição, discriminação, porque tava na cara, não vá ter um filho porque este filho pode nascer doente e na hora da relação sexual eu transmitir o vírus pro filho deles, mas na hora eu senti isso e eu disse pra ele que isso caberia a Deus e a nós decidirmos e ele não tinha nada a ver com isso.. daquele dia em diante começaram a sair as faíscas.. e a gente, eu, falei com ele, ó, seus pais me tratam bem na sua frente, mas quando você não tá me alfinetam, me espetam mesmo, então eu não vou mais lá, não tenho convivência com eles, porque me machucava muito as coisas

que eles me falavam, eu sentia uma rejeição muito grande.. então não tenho muito mais intimidade com eles.. qualquer coisa, se eu tava descalça aqui em casa.. hoje minha carga viral tá indetectável.. eu tou bem, eu fico na água o dia inteiro, faço minhas coisas o dia todo, e eles chegavam na minha casa e falavam, “ah, você não pode ficar descalça, você vai ficar doente, você não pode..” você entendeu? longe dele.. de perto “minha nora querida”, de longe “você vai ficar doente, não faz isso não”; é algo que pesa na minha vida, é a única que pesa na minha vida que eu precisaria concertar com eles, mas eu sei que talvez se eu for mexer vai ficar pior, eles vão falar que não fazem isso, por que nunca foi feito na frente dele.. mas assim, hoje, do que eu era ontem do que eu sou hoje, tirando meus problemas sou uma pessoa muito feliz, me sinto uma mulher amada, me sinto útil, minha faculdade é maravilhosa, meus amigos de lá são maravilhosos, e meu filho, foi a minha alavanca pra eu continuar vivendo, meu Deus também me dá muita força, eu tenho conexão direta com Ele, e digo que Ele foi o inventor dos inventores, .. Ele foi o primeiro a conectar com a internet, porque é uma conexão do espírito, do nosso espírito com o espírito Dele, eu fico on line o dia todo com Ele.. as vezes não, já chegou dias deu estar dormindo e eu ouvir a voz Dele, Ele me chamando, Ele me acordar chamando, de querer me falar algumas coisas pra mim..

Dario: hum, eu entendo que você tem uma abertura pra isso né... faz sentido?

Tarsila: sim, isso, primeiramente você tem que ter uma abertura, faz todo sentido, porque Ele não é intruso, Ele não é entruso, Ele fala que se ele bater na tua porta e você deixá-lo entrar, Ele vai festejar com você.. Ele não é entruso, ele bate-primeiro, você quer me conhecer? ele dá o livre-arbítrio.. se você quiser conhecer, é aonde Ele vem, entra e muda sua estrutura, tua vida todinha, mas se você não crê, Ele não pode fazer nada e Ele não te obriga.. a nada.. é isso..!

Dario: e você colocou também.. meus motivos de viver..

Tarsila: meus motivos de estar viva? Primeiramente foi o meu filho, porque eu queria ver ele crescendo, se formando um homem também.. é um dos meus motivos é.. Deus.. também um dos meus motivos, de me manter viva, não dos meus motivos de viver, porque é Ele que sabe de todas as coisas, e Ele me mantém aqui, e é Ele que me dá estas coisas, este casamento maravilhoso, meu filho maravilhoso, meu trabalho, a faculdade.. e é.. meu marido.. um dos motivos do meu viver, é uma pessoa que eu amo, é uma pessoa que se eu tiver que entrar na frente pra tomar um tiro eu entro na frente pra tomar o tiro por ele, eu amo demais a vida dele, é um dos maiores motivos da minha vida.. os meus amigos, minhas amigas, lindas maravilhosas,

que me deram força pra eu continuar, pra tar vivendo, o meu trabalho que é uma das minhas alavancas da minha vida, e agora minha faculdade, e eu esqueci, tem mais um item da minha querida netinha que vai ser meu motivo de viver também que eu vou precisar conhecer, crescer, correr, ir pra escola namorar.. é um dos motivos da minha vida também, que eu tinha esquecido porque é muito recente, são esses...

Dario: é, também.. são vários motivos.. e seus últimos tópicos que você colocou aqui são sua vida profissional e seus estudos..

Tarsila: humhum, minha vida profissional, até então quando eu recebi a notícia foi um dos tópicos que estava em alta, que foi algo que me ajudou a esquecer de todas estas coisas.. agora não! Agora ele fica, porque que ele fica quase nos últimos, porque primeiramente é minha parte emocional, você pode ver aí, é toda minha parte emocional, aí depois vem, minha vida profissional que está muito estabilizada, hoje, graças a Deus, e meus estudos também, e é uma área que eu domino lógico, mas não sei tudo e preciso de mais aprendizado, são os últimos tópicos porque eu já não me firmo neles, eles são parte da minha vida, que fazem eu me sentir realizada, né, mas que eu não, não é o meu arrimo, o meu arrimo é minha parte emocional “filho, Deus, marido, meus amigos”..

Dario: o seu arrimo é sua parte emocional..

Tarsila: É minha parte emocional..

Dario: e o trabalho é o que então?

Tarsila: o trabalho.. seria uma.. seria um sonho idealizado.. de profissional, sabe, de excelência profissional..!

Dario: o que é sentir-se realizado?

Tarsila: realizado pra mim, é quando você faz algo, que você domina, que você sabe dominar aquela área, é algo que te dá prazer em fazer, porque você pega um trabalho que tá todo enrolado, por exemplo, uma empresa que está toda estorada, e você vai desvendando tudo aquilo e deixa ela perfeita, isto é fazer teu trabalho com excelência, é algo que te deixa realizada, que te deixa assim ó, tá vendo isso daqui, você viu a porcaria que era? Você viu o que você fez com que isso se transformasse? Sabe, é competência.. sabe, é algo assim, você mostrar pra você mesmo que você pode..que você é capaz, isso que é se sentir realizado também.. lógico que também tem a parte financeira, mas eu acho que só da questão de você saber que você é capaz de você pegar aquela coisa assim, aquela pedra, esculpir naquela pedra algo lindo, é algo realizado pra mim,

sabe, eu tenho clientes no escritório que reclamavam que tinham problemas na empresa (conteúdo detalhado suprimido pelo entrevistador), e hoje em dia eles ligam pro meu patrão e dizem meu deus, vocês está de parabéns, porque hoje os problemas não existem mais! Méritos pra mim!! Então isso, outro dia até falei nossa, massageia o ego, e não é um orgulho, ou uma soberba, porque eu não tenho isso.. eu falo nossa, que gostoso você poder ouvir, e eram clientes que quando eu entrei, que a empresa estava problemática, me tacavam pedras, falaram “nossa, nós já estávamos com problemas e entrou uma nova? Agora vai ferrar minha empresa, e hoje em dia da boca destes que me apedrejavam na época, eles vieram dar os parabéns, que pra mim é algo assim que não tem preço, e é algo realizável no profissional, é muito bom, satisfaz muito.. né e você vai agregando no dia a dia.. novas habilidades e esta facilidade que eu achei também é muito prazeroso.. por isso que eu me sinto realizada aonde eu estou.. vou comentar uma coisa contigo eu li na revista Veja de uma moça que tem o vírus, ela deu uma entrevista de umas duas capas, que ela queria fazer faculdade mas não tem perspectiva de vida, por isso que ela não faz faculdade, eu até na hora eu queria achar algum email, ou Orkut ou alguma coisa, começar a trocar contato com ela, porque tão bonita, tão jovem, e pensa dessa forma? Porque quem não sonha, morre.. morre psicologicamente, eu achei tão triste, eu aprendi tanto a sonhar e fiquei com dó dessa moça.. e até hoje eu penso nela, eu pensei, poxa vida, é o sonho que movimenta a nossa vida dentro de nós e essa moça não tem perspectiva de vida nenhuma.. e ela tem uma pessoa na vida dela, uma pessoa que não é portadora, como é o nosso caso aqui, e ela não tem esta perscpetiva nem de filhos nem de faculdade.. não sei se é porque ela se expôs muito.. e as pessoas não acreditam nela.. e essa parte de você se expor.. eu tive uma experiência destas na igreja, não se exponha pras pessoas, só se exponha pra pessoas que você realmente confia.. não vou contar pros meus vizinhos, pro pessoal que eu trabalho.. eu não sei como eles vão reagir, é, mas tem gente que eu conheço do ambulatório que a cidade toda sabe que a pessoa tem, e não é bem assim, por que as pessoas matam ela com a própria boca, ela vai ter dificuldade de arrumar emprego e isso só prejudica a pessoa, então não temos necessidade de ficar falando, só para as pessoas que você realmente confia.. que ama.. sabe, e é assim, eu tenho estes pensamentos comigo, são pensamentos que eu coloquei em prática e eu vivo vem por ter colocados eles em prática.. é isso..

Dario: ok, agradeço a sua sabedoria de vida.. acho que você é uma pessoa muito sábia e com muito potencial, acho que você está sabendo aproveitar este potencial que você tem e que você vai longe..

Tarsila: Ah, eu quero morrer assim, bem vovozinha, com cabelinho branco, amarradinho assim, mas não vovozinha com 33..

Dario: É, você vai ter que diminuir o seu metabolismo, porque o bem aí vai longe.. metabolismo lento..

Tarsila: (risos) eu tenho que ter o mesmo ritmo, é bom semente de linhaça.. inclusive eu não tenho achado. É muito bom..

(a prosa continua sobre linhaça, pão integral e outras coisas...)

Participante: 03 - **Cândido**

Sexo: Masculino

Idade: 40 anos

Estado Civil: Casado

Formação: Ensino Médio Completo

Trabalho: Auxiliar Administrativo

Dario: ...eu vou pegar aqui na folha e vou orientando a conversa.. é uma conversa normal, tranquila, .. bom de suas lembranças a primeira que você colocou é a família.

Cândido: sim, a minha família, família é tudo, pra mim família é tudo, eu tive a sorte de ter uma família maravilhosa, independentes das dificuldades que a gente passou na vida, mas eu sempre tive uma família que se resume em amor, independente das nossas diferenças, mas sempre meu pai, minha irmã, minha mãe, sempre estiveram do meu lado, independente do que fosse acontecer comigo, acontecer não, do que aconteceu comigo, na minha família a gente teve as dificuldades financeiras que foram muito sofridas, mas superamos tudo, a gente supera através do trabalho, acho que o problema de toda família é por isso né, situação financeira, mas nem por isso que não tivemos união, meu pai se separou da minha mãe, meu pai chegou a ter ciúme doentio, eu convivi com meu pai com isso desde pequeno, meu pai tinha um ciúme doentio tão grande, minha mãe não podia sair pra varrer a calçada que ele punha coisas na cabeça que não existia, ele falava que tava olhando pra vizinho, e não sei o quê, não sei o quê, ele chegava a dormir com aquelas peixeirinha de antigamente né, e ficava ameaçando a minha mãe mas nunca fez nada pra minha mãe, eu era criança, e minha irmã, e a gente era pequeno e convivia com aquilo, e este foi um sofrimento que a gente teve de conviver com aquilo, eu amo meu pai demais, mas com onze anos eu cheguei, junto com a minha irmã, e devidas as atitudes do meu pai, nós chegamos junto à minha mãe e falei, larga do pai porque assim não tem mais condições, mas independente disto do que aconteceu, meu pai sempre foi carinhoso, até hoje eu sento no colo dele e ele me beija, meu pai tem bastante idade, sempre foi sofrido, mas eu não posso reclamar da minha família, da maneira como eles me tratam não. Eu tive problema em relação à isto, porque é duro né, você ter uma.. você é criança e vê estas coisas dentro de casa, porque mexe com a gente, e não é por isso que eu também fui fazer coisa errada na minha vida, e eu vi o

sofrimento da minha mãe e quem mais sofria com isso eu acho que era meu pai, porque ele era doente pra isso daí, tanto que minha mãe tentou ajudar, pediu pra ele fazer tratamento, pediu pra ele fazer tratamento até com psicólogo, mas ele não aceitava, isso é a tristeza que eu tenho com isso daí, em relação à minha família, mas perante mim eles sempre me deram bastante amor, eu tenho dificuldade de me expressar, mas acho que você tá me entendendo..

Dario: eu acho que você se expressa muito bem..

Cândido: e então com onze, doze anos, eles se separaram, hoje eu estou com 37 anos, faz muitos anos, isso tudo passa né, fica marcada na minha cabeça as coisas de infância, e como também a parte financeira, mas isso a gente tira de letra né, hoje a gente já.. meu pai sempre foi trabalhador, minha mãe também sempre conseguiu as coisas, mas infelizmente meu pai jogou tudo fora, e no fundo no fundo, às vezes mesmo que eu não queira, eu tenho um pouco de mágoa dele, eu sinto, só que o amor cobre isso.. mas eu sinto mágoa do meu pai por causa disso, porque a gente poderia tá melhor, não só financeiramente, mas ter uma união melhor, apesar de que hoje eu estar com ele aí, meu pai de domingo vem em casa, mas o que eu sinto, é, por isso que eu falo, é o amor por cima de tudo, o amor cobre estas mágoas, você sabe como eu sou, eu sou.. (chora) ... eu não gostaria que fosse assim, mas tudo é válido, porque muita experiência na minha vida que muita coisa aconteceu, eu não tenho tudo o que eu quero, mas amo tudo o que eu tenho, eu já ouvi essa frase, mas não é só ouvi, eu sinto isso..

Dario: você tem uma satisfação..

Cândido: eu tenho uma satisfação enorme, de falar da minha família, eu tenho orgulho da minha família, só que meu pai poderia ser um pouco diferente, então até hoje ele não me entende, minha cabeça não bate com ele, mas eu sei que o nosso amor é tão grande que a gente sente um pelo outro.. e...

Dario: o que você gostaria que fosse diferente?

Cândido: a única coisa que eu gostaria é o meu pai, que ele fosse diferente, apesar de que ele está com uma certa idade, mas eu que eu e ele pudesse sentar num sofá e conversar como dois amigos, a idéia dele é completamente diferente da minha, não bate, de maneira alguma, e ele é aquela pessoa, do povo antigo e respeito isso, só que ele não respeita do jeito que eu sou e do jeito que eu levo a minha vida, mas nosso amor supera tudo isso, inclusive todo domingo ele tá aqui em casa pra gente almoçar junto; a minha mãe, eu moro com a minha mãe e minha mulher, mas todo domingo é difícil falhar, todo domingo ele tá aqui, é o que eu gostaria que fosse

diferente, naquela época ele fosse diferente, hoje teria meu pai, a minha mãe junto, eu não culpo ele também, porque ele também não teve uma.. uma família eu tive uma família que me apoiou, mas ele não teve um pai que apoiou ele, uma mãe, eu entendo o lado dele, eu entendo perfeitamente, mas se eu levar assim eu faria besteira na minha vida né, mas, hoje eu não levo mais como problemas mas minha vida é assim de altos e baixos, e a gente tem que superar..!

Dario: tem que superar..

Cândido: da relação com meus pai e minha mãe seria mais isso, da minha família, é isso Dario..

Dario: hum, fica com o papelzinho e você vai se guiando.. fica tranquilo..

Cândido: bom aí, fui crescendo, eu tive.. dá um filme na cabeça que a gente sente a se atrapalhar, e eu fui morar com minha mãe, e minha irmão, e ela sempre foi obcecada em estudar, e ela tem a vida dela e eu já fui totalmente o oposto, e graças a Deus ela tem um cargo bom, foi morar até pra fora, foi estudar no Canadá, hoje ela não mora mais com a gente, ela tá bem graças a Deus, e eu sempre fui o oposto dela, então eu já tive uma adolescência e mesmo assim, com tudo que aconteceu na vida da gente eu teria que ter aproveitado as oportunidades e eu não aproveitei, apesar das dificuldades, minha mãe falou assim que se eu queria estudar eu estudava, mas do jeito que eu levava não pode, eu levava os estudos nas coxa, aí comecei a trabalhar com 13 anos, não me arrependo, sempre trabalhei, graças a deus, nunca fiquei desempregado, aí eu tive minha adolescência, tive meus amigos, tive amigos bons e dos conselhos ruins, minha mãe sempre me orientava, eu continuei estudando a noite, e ela sempre me orientava pra pensar mais no futuro, eu tenho um emprego bom hoje, mas na época pela idade que eu tinha eu poderia ter começado mais cedo e eu não aproveitei isso.. e com isso, é, agora me perdi um pouco, eu tou tentando recapitular, eu me embaralho. Então eu tive minha adolescência, comecei a trabalhar, estudar a noite, minha mãe sempre me orientando da melhor maneira, mas eu não era eu pegar meu dinheiro, minha mãe queria que eu ajudasse mais em casa, pra ter mais responsabilidade, mas eu queria farra, graças a deus nunca usei drogas, mas pra mim era churrasco e cerveja, amigos, garotas, fui levando assim a vida, eu saía de casa sábado de manhã e voltada pra casa.. coisa de adolescente antigamente que era assim né, hoje em dia é mais diferente né, e foi acontecendo as coisas na minha vida, tive umas duas ou três namoradas, que, no sentido de, duas namoradas sérias, que tive decepção, como qualquer adolescente, teve, tem né.. decepção

amorosa, a primeira namorada você acha que é pra sempre né.. nunca.. (a mãe entra e traz cerveja) cê quer uma cerveja?

Dario: O beleza..

P.03: tá gravando? Depois cê corta né.. aí Dario, aí eu tive com mulher decepções amorosas, tive outros relacionamentos, tive relacionamento que achei que era pra sempre, acabou, tive o sempre fui uma pessoa que sofria muito por causa disso, mas a gente precisa aprender a dominar isso, até ver que eu tinha HIV né.. mas sofri muito por causa disso, na primeira, na segunda, sempre fui sensível por causa disso, então o mundo girava em torno de mim por causa de relacionamento, e não é só isso, eu sofria muito por causa de mulher.. sempre fui assim, paquerador né, como qualquer adolescente, mas sofria demais, e eu não achava que.. aí foi passando, passando, aí depois eu casei, casei com uma pessoa, conheci a pessoa no mês de junho e depois de seis meses nós casamos, e depois de um ano, um ano e dois meses ela ficou grávida, a coisa melhor que eu tive na minha vida foi meu filho, ele tem oito anos de idade hoje, e... aí nasceu meu tesouro, já fazia dois anos que eu tava casado, até quando ela tava grávida meu casamento foi bom, um ano só, aí depois ela engravidou, e no tempo da gestação eu comecei a distanciar dela, na parte íntima, porque? Bom peraí.. deixa eu começar de novo, é o seguinte, eu falei de relacionamento, esquece.. eu tive uma namorada antes de sete ou oito anos, aí essa minha namorada, que eu tive, fui noivo, cheguei até comprar um terreno pra construir uma casa, e ela pegou e não quis mais nada comigo, aí eu fui morar sozinho, e depois fui morar na frente da casa dessa minha ex mulher, que eu fui casado, mas eu não sabia de nada, e minha ex-namorada era amiga dela, o que aconteceu, eu fiquei uns tres quatro meses assim, eu fiquei lá em baixo, por causa dessa moça que eu namorei, e pegaram amizade as duas, só que quando eu mudei pra lá, a amiga dela tava afim de mim e eu não sabia, ela tinha interesse em mim e eu não sabia, e eu fui morar em frente a casa dela.. mas eu não sabia que as duas tinham amizade, e as duas começaram a sair, aí eu desabafava com minha ex-mulher que saía com minha ex-namorada, e como ela estava afim de mim, ela desviava a conversa, aí ela foi me consolando, até que aconteceu, a gente ficamo junto e eu acho que fiquei com ela como uma fuga, e ela começou a frequentar minha casa, eu morava sozinho, e comecei a namorar em junho aí aonde que em dezembro a gente casou, aí vou continuar a estória, aí depois de um ano e dois meses, ela ficou grávida, durante esse tempo foi bem, depois que ela ficou grávida, eu comecei a distanciar dela, não tinha vontade de deitar com ela na cama, vamos dizer assim, ter relação com ela né.. eu não tinha mais esse

prazer, porquê? Porque no começo eu conheci ela, era fuga eu fiquei empolgado, então eu tinha esquecido a outra, mas naquele tempo eu pensava nela ainda, na minha ex-namorada e eu não conseguia ter relação com ela, mesmo a gente tendo instinto animal, e de vez em quando eu era muito frio com ela, e com isso foi acontecendo naturalmente que ela se distanciou de mim, e o meu filho nasceu, tudo, passou um ano mais ou menos, um ano e meio, a gente tinha relação de vez em quando, aquela coisa fria mesmo, a gente se dava bem em outras coisas mas em relação a isto não, mas era tudo culpa minha, porque eu criei isso, aí tudo bem, e eu sempre levando minha vida, nunca usei droga, eu tomava minha cerveja, fazia meu churrasco, inclusive eu tomava cerveja todo dia, tomava umas 3, 4, 5, cervejas todo dias, só cerveja nunca tomei bebida curta, nada, até que chegou um dia que eu comecei a ter, como eu sempre tive bronquite, eu comecei a ter a bronquite, e começou a agravar, sinusite, e como eu trabalho há 11 anos nesta última empresa, e todo dia a tarde, no final da tarde eu tinha febre, febre, febre e febre, e chegava em casa eu tomava analgésico, e fiquei levando isso uns 3, 4 meses, e eu percebi que eu tava perdendo peso, percebi que eu tava perdendo peso, que eu tava perdendo peso e febre todo dia, só analgésico, sinusite, bronquite, melhorava ia, melhorava ia, até um dia que eu vi que não dava mais pra levar assim, foi um erro meu, eu fui num pronto socorro eu tava com uma febre de 39 graus ou mais, e no pronto socorro onde eu tenho plano, e chegou lá eu fui internado com pneumonia.. aí eu fiquei uns 3, 4, dias, saí, fiquei uns cinco dias em casa, aí piorei, e a febre continuava, tomei antibiótico, o tratamento que o médico passou, voltei pro hospital, na hora que eu voltei eu tava com pneumonia dupla, e perdendo peso, aí fiquei uns 15 dias internado, aí quando eu vi tinha um pneumologista, otorrino, clínico geral, tinha uns 3, 4, médicos em cima de mim, porque ninguém descobria o que eu tinha, davam antibiótico e nada cortava, cheguei a pesar 48 quilos..

Dario: nó..

Cândido: é virei um palito.. aí eu achava estrando, aí me deram alta e eu fui pra casa, aí pediram um monte de exames, aí um médico um otorrino, disse que faria raspagem por causa da dinusite, e por isso teria que fazer vários exames, mas isso era uma desculpa deles, aí falou, é, tem que pedir, no caso do HIV, não sei o quê, não sei o quê, mas eu jamais eu imaginaria isso, a minha vida sempre foi, eu nunca usei assim de falar droga, homossexualismo, nunca, eu não tenho preconceito nada, mas nunca tive, tive minhas adolescências de não usar camisinha, nada, nunca fui frequentador constatemente de pegar essas meninas, mas a gente acha que nunca vai

acontecer com a gente né.. aí falou assim, e você vai pegar o exame e tal dia você volta no meu consultório e você me traz o resultado e a gente vai marcar a raspagem. Aí eu falei, tá bom, aí foi no dia do exame, eu peguei o exame que era no dia do retorno, eu lembro até hoje, eu sentei na muretinha assim da.. em frente do hospital pra esperar dar o horário pra eu poder entrar dentro do consultório, aí na hora que eu abri o exame só tinha um papel ali.. ó, mas se eu tou fazendo exame pra fazer a cirurgia porque que só tem esse daqui do HIV, porque eu já suspeitei, quando eu tava internado ele já tinha pedido um monte de exame meu, um monte, ele tinha pedido todos, acho que o único que faltava era esse, eu sei lá porque que não pediram antes, e eu olhei lá, reagente, reagente, .. e aquilo lá eu fiquei confuso, mas o que é esse negócio de reagente, eu tava atrapalhado, porque eu ainda não tava bem de saúde, aí eu comecei a pensar que deu problema aqui.. aí na hora que eu entrei no corredor, eu fui sentar na cadeira da sala de espera o médico estava vindo e na hora que ele me viu, acho que ele já tinha suspeita, e viu que eu estava com o exame na mão, ele passou na frente de todo mundo, ele pegou no meu braço e me levou para o consultório, e eu tava com 50, 52 kilos na época, se você olhava.. você chegou a ver né..

Dario: eu me lembro, mas você não aparentava estar tão ruim assim não..

Cândido: Ah mas, não mas, você viu depois, mas não sei o que estava acontecendo, se ele já tinha ido no laboratório, ele já me levou direto pra sala, discretamente, e na hora que ele abriu assim eu vi a aparência dele de susto né.. aí peguei no braço dele, chacoalhei ele com as duas mãos e falei doutor.. pode falar, o que é esse negócio de reagente aí? Pó falar, pó falar, fala.. “não, Cândido, calma”; eu peguei no braço dele e chacoalhei mesmo.. fala dr. Fala dr. eu sei que tem alguma coisa errada aí, fala, é só isso que você pediu pra mim, não tem nada de coisa cardiológica, só pediu o HIV, e eu não tava sabendo de nada né.. e ele me pediu calma e ele falou, vou no laboratório e já volto, e ele foi no laboratório e voltou, e ele olhou pra minha cara e falou assim “é isso mesmo que você tá pensando..” e começou a sair lágrima do olho dele, e eu falei, caramba, ao invés do doutor me dar força eu tenho que dar força pro médico.. (com ironia)

Dario: (risos) em vez dele te dar forças, você teve de dar forças pro médico..

Cândido: não, aí, mas é verdade isso daí, assim não saiu lágrima do olho dele, eu vi aquela cara de espanto dele, chateado, ele não queria, ele tinha mais ou menos conhecimento da minha vida, eu comecei a chorar e a ficar em prantos assim, eu comecei a chorar e não parava, ele chegou a pegar lenço assim e me abraçar e colocava eu no ombro, não, você tem HIV e tal e tal.. aí onde minha vida começou a se transformar pra melhor.. minha vida começou a se transformar,

e eu chorei, chorei e não tinha ninguém ali que podia me dar força, e ele tinha que continuar o trabalho dele, e eu fiquei um tempão ali até que eu consegui sair do consultório, e eu peguei meu carro, ah, vou trabalhar, mas eu não tinha caído em si.. eu cheguei no serviço, aí meu gerente que era uma pessoa muito boa na época, hoje ele trabalha na mesma empresa, só que ele tem outro cargo, aí ele me perguntou, e eu falei pra ele, ele foi a primeira pessoa que eu falei, e ele me deu força também, ele me deu força, naquele momento, aí eu liguei pra minha ex mulher, né, ó cheguei e tal e ela, ó que que deu, vai fazer cirurgia, ela não sabia de nada, ó, eu tenho, tou com, nem falei HIV, eu falei eu tou com Aids, porque tem diferença né, ela pegou e falou assim, cê tá brincando comigo, e eu falei “não tou, eu tou com Aids”, aí eu desliguei o telefone, eu não caí em si, aí desliguei o telefone e daqui a pouco ela me ligou de novo chorando, falou, falou assim, (passou o filho dele pela sala) (...) aí eu ela me deu o retorno, eu falei que sim, aí começou toda aquela trapalhada, e eu fui pra casa, foi aquela, como eu digo? aquela coisa tão tao difícil né.. e ontem que eu achei que eu ia ter força da parte delas, eu que precisei dar força pra eles, ao invés deles me darem força pra mim, não tou desmerecendo eles, porque eu entendo o lado dela e tudo, a força que eu tive foi do lado da minha mãe.. e foi passando nisso, em vez de dar força pra mim e meu casamento como eu já não tinha nada com ela, este já foi um ponto pra acabar com tudo mesmo, aí eu pensava no meu filho, eu lembro que naquele dia eu peguei ela e ele fiquei andando na rua com eles dois conversando, dando força pros dois, eu não tinha força, eu tinha que dar força pros outros, só que um dia minha força acabou né, eu não tinha mais força, aí nesse dia eu chamei minha mãe em casa, e meu ex-padrasto, aí conversei com os dois, minha mãe também me deu muita força; é tão complicado Dario, aconteceu tanta coisa.. bom, aí fomos levando essa vida aí, e do jeito que eu tava, e eu tava vendo que eu conviver com ela já não tava fazendo bem, nem estava sendo bom pra ela, o nosso sentimento na realidade já tinha acabado antes né, na verdade, porque eu já estava frio com ela.. aí o que eu fiz, eu peguei, ela ia comigo no médico e começou a tratar com psicólogo, com você né, mas ela não.. aí fomos levando, mas só que chegou uma hora e eu não aguentei mais, e também eu morava no fundo da casa da mãe dela, e eu falei que aqui não é meu lugar não, tava fazendo mal pra ela, mas tava fazendo mal principalmente pra mim, aí eu falei, pro meu filho também não pode, se ele ver tudo isso que tá acontecendo dentro de casa, vai ser prejudicial pra ele futuramente, aí peguei as minhas coisas e fui embora, e pensei, já que tou sofrendo, sofrer por sofrer, eu vou sofrer sozinho, onde que eu fui morar sozinho, eu fiquei uns dois, três meses sozinho acuado numa casa, minha mãe dando força,

todo mundo da minha família dando força, meus amigos dentro do trabalho, nunca eu escondi nada de ninguém, me dando força, meus amigos verdadeiros descobri quem foram os meus amigos verdadeiros, fiquei uns dois ou três meses acuado, até que um dia uma palavra que a gente fala, eu chutei o balde, não, vou viver minha vida, vou ser feliz, pra que eu vou ficar aqui acuado, tem coisa pior que acontece na vida do que isso, eu não perdi uma perna ou um braço, eu falei, esse vírus é tão pequenininho perto de mim, modo de dizer, eu vou detonar ele, ele não vai conseguir me detonar, e em parte disto foi por conta do meu psicólogo, onde eu consegui superar isso, aí começou a vir outras barreiras né, eu tinha uma paquera aqui eu tinha que falar, eu não gostava de esconder, graças a deus as que eu tive aí, eu sempre me cuidei perante eles, eu também não fui nenhum assim, exagerado, saí com uma ou com outra, eu tive umas três ou quatro vamos dizer, uma só que não aceitou. Não aceitou assim porque.. eu não sou de ficar com uma e com outra, eu fico com uma e se eu achar legal eu fico com ela e vou levando e paquerando, aí eu comecei a dar valor mais na vida, é onde que eu encontrei a minha atual mulher, eu não sou casado no papel mas convivo com ela faz uns 3, 4 anos, e ela encara hoje de uma maneira diferente, eu não vou mentir pra você.. isso não foi da minha parte, eu não uso preservativo com ela, agora o que eu vou falar, da parte da ciência ela não tem nada, o médico tá de prova disso, eh, mas não por isso.. que ela não tem nada, de uma parte a gente tá errando, mas mais ela que eu penso, mas ela fala que se ela tiver não tem problema. Pra você ver o quanto ela gosta de mim pra superar isso, minha mãe sabe disso, e só minha irmã que a gente não convive aqui junto e eu não fico falando pra outras pessoas. Mas a partir de agora eu não me importo com isso. E.. não por isso que eu falo que eu gosto dela, não é por isso, eu gosto dela não deste tipo de atitude, mas da maneira como ela me trata, com respeito, ela me entende, mas é esquisito isso né cara..

Dario: esquisito como?

Cândido: assim, falar dela, é uma coisa nossa, eu queria tirar isso, é uma coisa íntima nossa né?

Dario: a gente tira, você fique a vontade,

Cândido: eu tou falando mais pela cabeça dela, mas independente disso, eu quero dizer,

Dario: é uma coisa de vínculo né?

Cândido: é de vínculo, exatamente isso, de vínculo, e outra, ela aceitar isso de uma maneira diferente né? Quando eu descobri isso, nossa senhora, quando eu perdi as forças que eu te falei, o

chão sumiu de mim, tinha hora que eu tinha preconceito de mim mesmo, hoje eu não tenho, hoje eu tenho, o maior motivo pra falar pras pessoas entendeu, se alguém me perguntar eu falo, eu já sofri preconceito, não vou falar que não, de uma maneira indireta, mas sofri, mas eu penso pra Deus dar energias pra essas pessoas pra elas pensarem diferente, tem problemas maiores do que isso, eu não tenho problema, eu tenho uma coisa, porque problema quem cria é a gente viu Dario, a gente tem que aceitar tudo o que a gente tem na vida, e eu dou valor na vida, hoje eu dou mais, eu mudei muito nossa senhora, eu mudei demais. antes eu era nervoso, não tinha paciência com nada. Não dava valor nas coisas, não tem esse ditado, como que é que te falei, não tenho tudo.. mas.. o pouco que eu tenho..

Dario: não tenho tudo o que eu quero mas..

Cândido: não tenho tudo o que eu quero mas amo tudo o que eu tenho.. antes eu não pensava assim, eu não dava valor pra nada, pra nada, como que a gente muda..

Dario: hoje você se sente satisfeito com as relações que você tem, os vínculos, as coisas que você tem na sua vida??

Cândido: tenho, tenho, sim, eu tou muito satisfeito.. (toca o telefone – é feito uma pausa, comenta que sente que se perdeu na estória e propõe caso necessário de agendar mais entrevistas, eu concordo se necessário).

Dario: ok, sem problemas, vou te fazer uma pergunta, o que lhe ajudou a superar quando você descobriu?

Cândido: tá gravando? (tá!) o que me ajudou a superar? Acima de tudo o amor, amor da família, dos amigos, eu tenho muitos amigos,

Dario: já que você está falando de amigos eu lembrei de uma coisa, não quis lhe interromper antes, em outra entrevista a pessoa me disse que com o HIV ela aprendeu a selecionar melhor as pessoas que ela pode ou não contar, isso eu achei interessante..

Cândido: é, e eu enxergo isso no trabalho, e as pessoas de fora falavam que eu estava lá por ter este problema na empresa, mas eu sempre fui um grande profissional, mas depois que eu me separei, um ano depois, eu tive uma.. eu mudei de cargo, meu salário melhorou, quer dizer, eles não fizeram isso pra me ajudar o meu ego, pra me ajudar, eu já tava bem, eu falei “eu não preciso provar nada pra ninguém”, minha qualidade de vida mudou, hoje eu tomo minha cerveja, fumo demais, que eu sei que isso é errado, cigarro né, eu sei que é errado, e sempre fumei demais..

Dario: é.. isso as vezes já era o que te atacava a bronquite..

Cândido: é, isso que me atacava a bronquite.. mas qualidade de vida minha melhorou, quando eu descobri isso eu descobri dia 15 de outubro de 2003, vai fazer sete anos, e, hoje eu tou com 78 kilos, eu nunca cheguei a esse peso, minha qualidade de vida mudou na saúde e minhas atitudes e no jeito de eu pensar e no jeito de eu dar valor à vida, dar valor em tudo, na coisa mais simples..

Dario: mas enfim, você sente que teu trabalho te ajudou a ficar melhor?

Cândido: nossa, sem dúvida, porque se você está parado, a cabeça é a oficina do diabo, como todo mundo diz, eu fico focado no meu trabalho, eu me esforço no máximo que eu posso..

Dario: e o que você sente no seu trabalho?

Cândido: útil, muito útil.

Dario: e o que é se sentir útil?

Cândido: poder ajudar o próximo, poder fazer a empresa crescer. Poder, não só poder que eu sou só mais um ali, é poder saber que eu faço a diferença.

Dario: como você sente que faz a diferença?

Cândido: nos resultados que eu trago dentro da empresa. As idéias que eu tenho.. saber que eu ajudo fazer a empresa crescer. Ao mesmo tempo eu estou crescendo junto, o meu ego está crescendo junto, garantia de emprego ninguém tem, mas eu confio no meu taco e no meu ego em cima de tudo, até um tempo atrás eu ficava me lamentando, tadinho de mim, que tadinho de mim, eu não tenho nada, no sentido de doença, você sabe da diferença do HIV e da Aids, eu cheguei a ter Aids, hoje não, eu tenho HIV, toda vez que eu vou no retorno no médico, meu CD4 sempre está legal, minha carga viral hoje é indetectável, e, então me ajudou muito isso, o trabalho ajuda muito a gente. Tudo pra gente crescer na vida, em relação à cabeça, mas você não pode ficar dependendo dos outros, porque, a primeira coisa a gente tem que amar a si mesmo a gente, primeiro a Deus sem duvida, depois a gente, depois você vai amar à mãe, amar pai, amar mulher, amar filho, a primeira coisa que eu amo sou eu, a pessoa que eu mais gosto neste mundo além de Deus sou eu, então depende mais de mim, eu tive apoio, como eu falo pra você, mas depende mais de mim. Como você já me deu força né, e muita força, você sabe que eu passei quantas vezes eu fui chorando lá, quantas vezes chorei, num modo de dizer, quantas vezes chorei no teu ombro, eu tenho vixe Dario, eu não te chamo de doutor porque eu criei um vínculo com você diferente, a gente tem uma amizade assim, vamos dizer uma amizade de final de semana, de sair

junto, mas eu te considero muito, porque você vixe, você me, porque é assim ó, a gente, como você vai, é, quando uma pessoa pede uma opinião pra você, se você não sabe, você tem que saber usar a palavra senão você fica quieto, porque as pessoas gostam de atenção, e atenção é tudo, e que nem eu tive isso com você, e eu tive essa oportunidade, com você, com minha família, com minha mulher, que eu amo muito nesta vida, meu filho.. destas coisas.. corta isso daí que eu já me embarcei.. risos.. (sim, sim, segue em frente) eu digo assim, então as pessoas, porque você me mostrou um caminho, agora quem tem que fazer o caminho, seguir o caminho sou eu, quando eu conversava com você, eu chorava no teu ombro, do teu jeito você mostrava o caminho pra mim e eu consegui achar o meu caminho, você foi uma das pessoas essenciais na minha vida, pode ter certeza, e pesou bastante pra hoje eu ser feliz, eu sempre fui feliz, e eu fui feliz de uma maneira diferente. Sou mais feliz ainda.

Dario: e como você acha que essa ajuda te orientou pra isso? O que mudou? Qual foi o efeito dela?

Cândido: me escutar, me entender. Me ver de outra maneira, de.. da oportunidade de eu mostrar quem eu sou, e saber quem é o Cândido Portinari! E não é porque eu tenho isso, e.. as pessoas me enxergarem, me der a chance de, é o que te falei, de não precisar provar nada pra ninguém, eu tenho que provar pra mim, e me deram essa chance. Minha vida mudou, em paz, não, sempre peço à Deus, independentemente de Religião, eu tenho a minha, mas independente de religião hoje eu agradeço à Deus, hoje eu enxergo as coisas de uma maneira diferente, as vezes a gente precisa tomar uma bordoadada nas costas pra saber como que é a vida, pra dar valor, isso me ensinou, isso também me ensinou saber entender as pessoas, porque ninguém é igual a ninguém, a gente tem que respeitar qualquer pessoa, independente do poder aquisitivo dela, da maneira que ela leva a vida dela, te respeitando, a coisa, nossa é muito importante isso né? Então eu tive isso, eu sou muito grato, então eu falei a vocês, os meus pais me ensinaram um caminho, quando eu chorava com você, você me ensinou um caminho, só que a gente tem que correr atrás do caminho, não adianta, cê fazer as coisas por mim.

Dario: é verdade, você sente que hoje você está fazendo o seu caminho..

Cândido: eu estou fazendo o meu caminho CERTO, eu tenho as falhas, mas eu estou fazendo o meu caminho certo. Antigamente eu levava no “tá bom, não deu certo deu, não deu”, hoje não, eu chego aqui em casa e as vezes vejo a minha mulher de cara feia, cara feia não, eu vejo ela meio assim e pergunto se aconteceu alguma coisa, e ela “não” e eu brinco, pode parar

hein, cara feia aqui dentro de casa não, a gente não tem que ter cara feia, a gente tem.. a gente tá cansado do trabalho, alguns estresse, mas não existe isso gente, eu não admito isso, minha mãe já tem uma certa idade mas é diferente, mas ultimamente eu falo com a minha mulher, o que que foi? Tá tudo bem, o que que você tá aí desanimada? Eu já disse isso pra ela, cara feia aqui dentro de casa, eu não quero, pra quê? É tão fácil ser feliz, a gente não é feliz porque não quer, a gente não, tem gente que não é feliz por que não quer, é simples ser feliz, é simples você, é fácil você se dar bem com as pessoas. Que ninguém é do mesmo jeito, a gente tem que aceitar né? Você tem que aceitar o jeito que as pessoas são.. é claro se tem alguém que não serve pra você, você tem que se afastar, ela não te prejudicando, é mais ou menos isso.. mais ou menos isso não, É ISSO! É isso!!

Dario: é isso, legal! Eu fico orgulhoso em te ver bem assim, você é uma pessoa que eu gosto muito, é um parente pra mim, é um grande amigo!

Cândido: risos, eu gosto muito de você também, eu não tou fazendo isso pra mim.. aaa.. eu não tenho segredo pra ninguém não cara.. os caras falam que eu sou exemplo pros outros, que exemplo? Isso daí não vai me deixar satisfeito, eu não tenho nada Dario, eu não tenho nada, entre aspas, tenho, mas eu sei como trabalhar com isso.. alimentação, claro, mas a cabeça da gente é tudo, a cabeça da gente é uma coisa maravilhosa, o pensamento da gente é maravilhoso. A cabeça da gente é tipo assim, você tá com uma dor de cabeça, se você pensa que está com dor de cabeça, a dor de cabeça aumenta, a cabeça da gente faz o que quer no corpo da gente, na vida da gente, é claro que tem coisas que não tem saída, mas você consegue dominar, a princípio tem que ter uma cabeça boa, vamos dizer assim, acho que é isso né, acho que não, é isso..

Dario: vou aproveitar então e vou encerrar, acho que está ótimo, tá ótimo, está bem sucinto, sintético, acho que as histórias que você traz casam muito com o que tenho pensado e refletivo, vem bem de encontro, são reflexões bem mais simples do que complexas teorias, mas estou preocupado com o que pode ajudar as pessoas concretamente. Enfim, podemos encerrar? Vou desligar o gravador, mas pode continuar falando...

Participante 04: **Betinho**

Sexo Masculino, 48 anos, solteiro;

Ensino Superior Incompleto;

Trabalho: Aposentado, militante do movimento de pessoas com HIV/Aids há 13 anos.

Betinho: Quem quer me namorar? Quem quer namorar um cara que vive aparecendo na televisão brigando.. ó, se é assim publicamente, imagina dentro de casa;

Dario: risos..

Betinho: não é? Quem quer? eu tenho inclusive, eu estava me percebendo amargurado..

Dario: estava o que?

Betinho: com um sentimento amargurado.. sabe assim, sempre ranzinza? E não é por aí, a mecânica é completamente outra. (...)

Dario: aqui está a papelada..

Betinho: Ah tá, tá gravando? neste momento, vou fazer a descrição da imagem. Estou trabalhando com deficiência agora.. é a audio-descrição da imagem! Betinho pega o documento chamado termo de consentimento livre e esclarecido. Previamente assinado (*e assina*) e.. (*eu explico os termos*) hummm.. olha que legal, humhum.. maravilha, é tudo o que a gente pede..

Dario: o que?

Betinho: dados sobre a gente, pesquisas, sobre isso mesmo, sobre coisas reais, sobre.. não!!! Tão vivendo quanto tempo??? Não!! Fodam-se estes trabalhos que dizem que sobrevivem!! eu não sobrevivo, eu vivo.. começa por aí né, eu não sobrevivo, eu vivo, como qualquer outra pessoa que não morreu, eu vivo..

Dario: aham.. tanto que o método é sobre história de vida, e não estória de sobrevida..

Betinho: é.. (*termina de ler o TCLE*), escuta meu lindo, aí eu já digo assim até em termos da instituição do Artemis (*ONG em que trabalha*), é uma pesquisa interessante pra caralho, você vai ter outros entrevistados também?

Dario: sim, sim, temos..

Betinho: pra gente não interessa nomes, mas tem como a gente ter acesso ao resultado da pesquisa??? Lá na instituição? Pra gente até divulgar isso, pode???

Dario: com certeza, eu vou te mandar uma cópia, na íntegra, pode divulgar com certeza.

Betinho: então pronto, a gente faz isso através do fórum como estímulo para que outras iniciativas como essa ocorra.. (continua com o termo)

Dario: risos.. essa cópia é sua.

Betinho: tem um sushi muito gostoso ali, quando eu fiz a radioterapia ano passado eu fiquei hospedado aqui na casa de um amigo, e fiquei também na casa de dois outros amigos, e aí depois eu fiquei aqui e depois voltei, e depois fiquei num hotel do lado do hospital que foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, porque eram 24 horas de terror, por dia, os efeitos colaterais são pavorosos. É uma página de Odete Roitmann. (...)

Dario: falando em páginas, eu tenho uma folha que eu trouxe a mais que faz parte de uma técnica, eu vou entregar essa folha em branco pra você, temos até que horas? (7h20), e vou pedir pra você pensar nos momentos mais importantes da sua história de vida, e vou deixar você pensar por um tempo, depois escrevemos na folha e o que você escrever vai lhe orientar a narrativa pra hora da narração propriamente dita, inclusive eu posso te mandar a gravação se você quiser.

Betinho: desde quando?

Dario: desde a infância..

Betinho: dá até tontura..

Dario: risos..

Betinho: este último me sugou as energias só de escrever o nome dele.. risos.. foi o final de relacionamento mais doloroso que eu tive, uma cena mexicana, a gente morava aqui, o uó, graças a deus não matamos ninguém, nem nos matamos! risos

Dario: é por causa do gravador que você falou isso né? risos..

Betinho: NÃO MATAMOS NINGUÉM, que fique bem entendido! Risos..

Dario: pronto? Então bom vamos lá.. estamos começando a entrevista propriamente dita, você começou colocando, seu primeiro tópico, sua vida sexual na infância, o que vc me diz..

Betinho: que.. eu não sei se vem de Deus o céu ficar azul né, eu também não sei de onde que vem, mas desde que eu me entendo por gente, eu venho de uma família de professoras, minha mãe e minhas tias são professoras, e minha tia tinha uma garagem, na casa dela, eu vivia na casa da minha tia que eu tia quatro primos, três homens, um da minha idade, um pouquinho mais velho e outro um pouquinho mais velho ainda, e eu viva lá né, eu vivia lá tudo, brincando desde pequeno, a gente morava muito perto né, e ela tinha um quintal enorme, com bananeiras lá no fundo, esse era o motivo de eu ir, e uma garagem que ela transformou em sala de aula onde ela

dava aula.. onde ela dava aula, curso, pré-primário e de admissão pra quinta-série, e tinha uma turma de pirralhos, onde eu estudava, e eu tinha o que? Cinco ou seis anos por aí.. e tinha as turmas da molecada, por volta de dez anos, por aí, foi, olha só que coisa, eu vivia, eu lembro claramente, é umas das minha melhores lembranças que eu tenho, eu com uma sunguinha, que era verde, roxa e azul, desenhos meio parecia uma coisa de espaçonave, de universo assim, de fotografia de espaço, eu lembro da sunguinha de que era de um tecido meio poroso, um tecido bem infantil mesmo, e eu, ela já tava rasgadinha, eu lembro, rasgando a parte da bundinha, e eu ficava, como uma ninfazinha, ou um satirozinho, ainda não tava definida a coisa, pulando de bananeira em bananeira, mostrando a bundinha pro pessoal mais velho da sala de aula, atrapalhando as aulas da minha tia, pra desespero da minha tia, e aos oito eu comecei, aos oito anos, não foi por minha vontade, não houve violência também mas me foi apresentada a vida sexual.. eu fui o presente de aniversário de quinze anos de uma pessoa, próxima, e gostei, quis repetir, repeti e adorei e a partir daí a minha vida de empreendedor social começou aí.. eu fui o fundador de inúmeros clubinhos da molecada. O meu avô tinha um depósito de materiais de construção, nós morávamos por ali inclusive, então tinha o clubinho das madeiras, o clubinho das caixas d'água, várias sedes e sub-sedes e tal, e naturalmente eu presidia quase todos eles, e era uma festa, tinha admissão, tinha tudo, eu vivi uma barbaridade, a minha vida sexual mais intensa, acho que de toda a minha vida, sei lá, de toda a minha vida não, mas a mais intensa, você não tenha dúvida, foi na minha infância.. eu seduzia tanto cara bicho, tanto cara mais velho.. eu tinha dez, onze anos eu seduzi dois donos de um comércio que tinha praticamente em frente da minha casa, dois irmãos, inclusive os dois em separado, um e outro, o lubrificante era um óleo de cozinha que eles tinham guardado no fundo da loja; (risos) pois é cara, e, e aí é isso menino, e aí desde cedo eu já tive essa coisa de, uma de ser um empreendedor, e outro de adorar uma putaria, de adorar um sexo né, e, aí eu fui começando a ficar mais velho e a começar a me achar feio, eu nunca me achei bonito, né, aí minha vida sexual, não é que mudou, eu não posso dizer que.. que eu tive uma vida, por mais intenso que tenha sido depois quando eu fiquei mais velho e tudo, quando adolescente eu tive, uma vida sexualmente intensa e muito feliz, foi plena, dentro dos limites, mas foi, vixe, nossa, tanto que eu me lembro de muitos detalhes até hoje, muitos detalhes, muitos, muitos e muitos detalhes. E depois não, e depois eu fiquei encucado comigo com a minha imagem, a minha imagem, por mais que eu continuasse andando, mas estamos falando da infância né, deixa eu calar a boca.. então é isso.. eu fui muito conhecido, é o perfil que eu trago

até hoje, comigo era natural eu puxar papo com a moita, né, é de mim e tudo, e desde de pequeno já tinha essa onda.

Dario: você morava com seus pais?

Betinho: morava com meus pais, meu pai trabalhava, era gerente de um depósito de materiais do meu avô, uma loja que ficava embaixo de casa, que possibilitavam estas coisas que eram uma maravilha! Risos, foi nesse depósito que eu comecei a usar drogas mais tarde também..!

Dario: aí você colocou o nascimento do seu irmão?

Betinho: pois é, aos onze anos.

Dario: marcou sua vida?

Betinho: sim, sim, porque eu, eu , foi um barato porque eu me sentia responsável por ele, aí depois confirmou, quando eu apresentei Janis Joplin pra ele, ele não acreditou. Na época eu tava com 18, 19, ele tava com 11, 12.

Dario: qual sua idade hoje?

Betinho: eu, 49. Vou fazer quarenta e nove em agosto. 13 de agosto, 49! Aliás eu nasci no mesmo dia, mês e ano que o muro de Berlim e em 89 eu contrái o HIV e o Muro de Berlim ca-iu. E hoje eu tou aqui e ele-não! Eu ainda não sou peça de museu de algum colecionador! Então rolou esse lance de carinho e cuidado, eu adorei ter um irmão, adorei! Adorei muito. De cuidar, brincar junto né?

Dario: você era responsável por ele?

Betinho: é, e isso continuou depois, e eu já tava maluco, ouvindo Jimmy Hendrix, aquelas coisas todas né? E foi um prazer enorme, foi muito importante pra mim.

Dario: bacana.

Betinho: é...

Dario: e aí veio à adolescência..

Betinho: é, foi, adolescência.. no colegial mesmo, eu tava fumando, eu já tava cherando cola, e, já tava mais politizado, já no colegial eu tive noção de que a gente estava vivendo uma ditadura horrorosa, na época até então eu só vivia as coisas, mas não sabia ligar uma coisa à outra. Eu me lembro de ruas desertas, eu me lembro do DOPS ter ido em casa, eu não sabia o que era o DOPS, até pouco tempo eu fiquei sabendo o que foi o DOPS, foi em casa, registrou tudo, a

movimentação.. e.. mas a compreensão tudo foi no colegial, eu sempre fui muito precoce. Brigando por direitos e tudo..

Dario: você sempre teve essa veia.. direitos..

Betinho: sempre, sempre, sempre.. e.. sempre eu fui da turma dos esquerdistas, os contestadores.. e mesmo assim, não tão, até na pré-adolescência que eu me lembro claramente que eu tinha acho que 12, no máximo 13 anos, eu me lembro da mudança de casa e tudo, eu peguei a minha vitrola e eu vi um disco maravilhoso, tinha ganho dinheiro vendendo revista, gibi, na porta do meu avô eu montei uma banquinha de revistas usadas, e com meu dinheirinho eu comprei um disco que eu tinha visto e tinha achado a capa maravilhosa, e o nome do grupo era Secos e Molhados. Umas cabeças, uns grãos, uns pães em cima da mesa! “que isso, que issssoo!!!” eu falei, o que é? Isso, fugiu!!! Eu nunca vi algo parecido com isso. Aí eu comprei, foi meu Segundo disco, e quando eu coloquei na minha vitrolinha, eu estava na área de serviço, a área dava pro quintal, onde estava o Collins, que era o meu pastor alemão, Collins por causa da Apollo mesmo, da Apollo 13, e, quando eu comecei a ouvir flores astraís, mulher barriguda, sangue latino, nos flores astraís eu viajei demais, nunca fui de andar em turma, eu conheci, mas de andar em turma não, meu pai super energético, super, e de repente vem um verme passeia na lua cheia.. e então ali mudou, eu pensei “não”, tem coisas ali diferentes de, das músicas que eu ouvia nos programas de rádio com a minha mãe, do programa Silvio Santos, e tudo, né, aquelas coisas que eu ouvia com os meus pais quando pequeno, e aí eu vi que tinham outras coisas e eu comecei a procurar né, e aí na sequência veio Rita Lee com ovelha negra.. quando eu já tava com a minha sexualidade lá pros 16 anos e tudo, e eu continuava trepando pra caralho mas ainda não me incluía num contexto de um mundo gay. E eu sempre me achei só.. e era aquela coisa, eu fazia, me deliciava e tudo, mas a minha visão dos meus primos, eu sabia que eu era gay e eles não, por mais que a gente transasse juntos, eles eram os caras, e aquela coisa assim de eu não poder contar pra ninguém, e eu virei a ovelha negra. E eu falo caralho bicho, praticamente na época da facul, faculdade de comunicação, e aí que minha vida mudou muito, fui membro do diretório acadêmico, entrei pra LIBELU, convergência socialista, e aí nossa, aí minha vida enlouqueceu. Foi essa música, ovelha negra, que me estimulou a abrir minha sexualidade pra minha mãe. Eu já tinha 17 pra 18 anos, eu já tava na faculdade, e tinha entrado com 17, e aquela onda né, de ovelha negra, e não sei o que e tudo, e minha mãe dava sinais de que.. né, eu contei.. pra ela foi terrível,

eu não esperava aquela reação, ela entrou em choque, e depois veio com a seguinte onda, que ou você vai num psiquiatra, ou eu conto pro seu pai. Lembra que eu falei que o papai era enérgico?

Dario: humhum..

Betinho: e.. eu fui. Ai, hoje inclusive ele é gestor, na região, na área da saúde, bastante importante, que ele olhou pra mim depois de um papinho rápido, olha Betinho Alberto, (risos), o nosso aparelho digestivo ele tem um processo de alimentos e termina num anelzinho chamado esfínter, que é o que controla a eliminação de fezes, então com a prática do sexo anal, esse anelzinho vai ficando afroxando, afroxando, afroxando, e, afroxando, e com o tempo você não vai mais conseguir conter as fezes, então você vai estar numa festa, na rua e tudo e você vai defecar, e não sei o quê, não sei o que lá.. eu fiquei pensando comigo, gente, eu dou à séculos, eu dou à uma década, e não me aconteceu nada.. eu já fiz loucuras, já fiz avião um monte de vezes, já fiz o caraca.. que porra né?

Dario: risos

Betinho: aí ele veio com a pérola né? “e você tem que ter em mente uma coisa, o ser humano está sempre mais disposto a perdoar do que a condenar”, e na minha experiência de vida tinha sido exatamente o contrário. “Então tá bom doutor, vamos poupar tempo, um abraço tá, foi um prazer ter vindo aqui.. manê, se quiser contar pro pai conta, mas eu não volto aqui.” Não contou, minha mãe não contou, ela me falou umas coisas muito duras na época, o medo dela que eu cortejasse meu pai, umas maluquices, e, e é um barato e hoje ela aceita plenamente, plenamente, ela foi aceitar mesmo, o que eu senti que ela aceitou, foi quando logo eu comecei o tratamento do meu primeiro cancer. E foi quando ela viu que tinha coisas mais importante pra pensar do que isso né? E eu tive plenamente um relacionamento de quatro anos, e terminou de uma maneira horrorosa, e eu entrei numa depressão terrível, e eu deitado no colo da minha mãe, e ela “calma, calma, você vai arrumar um cara que te mereça” e na hora eu pensei nossa, nunca achei que eu fosse ouvir isso nessa vida. e é isso, aí a facul foi uma loucura, aí eu conheci o restante das drogas, foi uma loucura, foi demais, e vem o que depois?

Dario: o nome de um moço aqui..

Betinho: aí eu vim pra São Paulo, fui trabalhar no banco, e aqui eu conheci esse cara, bonito, lindo, leonino como eu, uma loucura, e aí vivemos 3 anos, o primeiro ano foi tudo bem, e aí teve o primeiro tapa.. rolou um escandalo, e pensamos em mudar de cidade, naquela época a gente pensava que mudando de cidade resolvia. E fomos pra minha cidade? pra perto dos meus

pais, aai, com todo mundo que eu sempre conheci e tal, e os problemas continuaram, sofremos perseguição na praça, a relação foi deteriorando, no qual eu era o provedor, e ele não admitia no final de um jeito nenhum...

Dario: depois da facul você começou a trabalhar? O que você fazia?

Betinho: eu já trabalhava, eu trabalho desde os quinze anos, trabalhei no depósito do meu avô, aí depois eu entrei no banco, passei no concurso do banco e comecei, e trabalhei lá 20 anos. E sou aposentado pelo banco, graças a deus, tenho um grande plano de saúde. E com esse moço foi isso, foi uma coisa tão horrorosa e eu percebi ali, eu nunca mais levantei a mão pra ninguém. É uma coisa em que as consequências são horrorosas, deus me livre, mas o fato de ter sido independente, de fazer comida e tudo, foi muito legal, ter morado em São Paulo..

Dario: eu não estou investigando muito dado o nosso horário, você falou até que horas que a gente tem? Temos mais 50 minutos..

Betinho: se quiser me investiga, seu devasso!!

Dario: hahaha.. então..

Betinho: então, e aí eu terminei com ele e voltei pra casa dos meus pais..

Dario: como foi terminar com ele?

Betinho: foi um alívio muito grande, mas foi horrível porque esse processo de violência toda foi a fase terminal, e eu pensei que eu demorei este tempo todo e terminamos de uma maneira horrorosa. Depois eu cheguei a ter um outro rapaz, que terminou de uma maneira horrorosa dentro do movimento, ele terminou com outro cara, de outra ong, num encontro da rede. E eu estava com um diagnóstico de câncer na minha cabeça.. mas no fim das contas foi o mesmo padrão, eu era o provedor no fim das contas, no meio da relação eu percebi que tinha fodido, vamos mudar e tudo, e a partir daí... nesse outro não teve violência física. Mesmo com vontade, Enfim.. qual que é o seu signo?

Dario: câncer..

Betinho: ai que bom, porque eu tive um companheiro que era de capricornio, o último, e tinha horas que era aquela monotonia.. e eu tinha vontade de voar no pescoço, “você não está entendendo o que eu estou tentando lhe dizer” e eu já estava pegando fogo.. bom, e terminar com ele foi muito doloroso, foi um processo muito louco, foi muito violento, eu chegava no trabalho todo arranhado, sabe quando você nem justifica mais, já tá tão vulgar, e aí Betinho, brigou de novo? Era horrível, minha vontade era estar longe daquela pessoa, era horroroso, fazia ameaças,

aí terminou, eu pedi tanto pra ele ter estabilidade e tudo.. aí deu certo, outro dia ele me assombrou no orkut, ou tudo bem, eu bati no pau 3 vezes, e voltei pra casa, foi legal e não foi né.. e voltei mesmo já com a idéia de logo logo sair, um ano depois, eu trabalhava num posto do banco na estiva, era uma loucura, mais de vinte caixas, e eu pegando poeira de todo jeito, eu já tava refinado no uso de drogas, depois que eu conheci a poeira... eu já não uso já faz muitos anos.. e,

Dario: esta estiva não entendi, o que é isso?

Betinho: é um posto destinado pro pagamento de quem trabalha na estiva.

Dario: e o que é estiva?

Betinho: é o pessoal que trabalha no porto, com carga e descarga.. milhares de pessoas.. é legal.. e aí, “eu vou fazer o teste do vírus HIV, e louca,

Dario: te deu na cabeça..

Betinho: me deu, um amigo era infecto, fui lá, na hora que saiu a coisa, eu , aiai, nem lembro de quanto tempo, aí passou o filme desde a sunguinha azul, passando pela caixa d’agua, aí eu lembrei de São Paulo, e depois que eu descobri que o filho da puta de um parceiro que morava em outra cidade estava me traindo, eu fui pra cidade dele a trabalho, aí cheguei no apartamento, isto é um flashback!! e chegando lá, abro a porta, uma peça de roupa e uma camiseta jogada logo no meio da sala,

Dario: humm..

Betinho: aí aquele cofrinho, abro a porta do quarto, a maior festa, ele na cama, e eu falei, vamos sentar agora, voei, aí terminou por exemplo com um espelho deste tamanho, arremessado pelo décimo andar da paulista com a brigadeiro, até hoje eu não sei se acertou alguém, foi louco, foi ele sentar com uma perna pra fora, aquele prédio parece que inclina pra frente.. foi uma coisa de loucura, a minha vida sempre foi extremamente emocionante,

Dario: você é leonino?

Betinho: sou leonino..

Dario: com leonino é assim?

Betinho: não sei...

Dario: haha,

Betinho: leonino é atiradinho, e quem é atiradinho sempre se acaba metendo em confusão né? E, então, e aí quando veio o resultado e tudo, o pessoal tava todo, todo mundo sabia e, olha

só, eu sempre fui uma pessoa muito exposta, eu sempre fui muito exposto, a partir de, sempre não, a partir da faculdade e tudo, que minha cabeça abriu tudo, e então o pessoal todo da Caixa acompanhou esse processo da espera do resultado do exame.

Dario: ah...

Betinho: é, todo mundo sabia que eu tinha ido fazer o exame, a partir dali, camisinha, falei “nossa, que horror, né”. e só um milagre, tudo o que eu tinha feito era impossível não ter dado, já convivia com pessoa que tinha HIV e tal. Aí, meu bem, eu estava em São José, dois meses depois, e conheci, juro, conheci, numa boate lá, “Dama de Paus”;

Dario: hahaha...

Betinho: aí a... conheci um carinha lindo, um gatinho, cara, do sul de Minas, tudo e tal.

Dario: sim, sim.

Betinho: bom, e ele, como você vai viver um grande amor sem sabe o que que é? Pô, lógico, né? eu sou muito a favor de teste-drive, lua-de-mel devia chamar teste-drive porque deveria vir antes do casamento.

Dario: antes do casamento.

Betinho: lógico, esse é o grande problema do casamento: a lua-de-mel é depois.

Dario: é, hahaha...

Betinho: se a lua-de-mel fosse antes, muitos casamentos e muitas separações seriam evitadas.

Dario: muito papel e...

Betinho: muita coisa seria poupada, até pra própria instituição “casamento”, casamento seria muito mais legal. E... e aí começou uma rotina, né, um fim de semana eu ia pra lá, o outro fim de semana ele vinha pra cá. E ele sempre me apresentando pro pessoal da faculdade dele, não sei o que, e todo mundo me adorando, só que ele era todo popularzinho na faculdade, coisa e tal. É a terra do abacaxi.

Dario: é, a terra do abacaxi...

Betinho: eu peguei o meu, né, claro, lá que eu peguei o meu grande abacaxi, eu corri em Frutal, só podia ser de lá né... e aí assim, não lembro quem foi, sinceramente não lembro qual dos dois, em alguma hora, “ai, vamo tirá a camisinha só um pouquinho, só um pouquinho só” “só um pouquinho?”. Quando a gente percebeu que não tinha mais. Até que uma vez mais, foi a segunda e última surpresa que eu aprontei para um namorado meu. Ele era sacana...

Dario: hã...

Betinho: e aí “ai, eu vou ver meu amorzinho”, no final de semana que vem a gente tinha combinado de se encontrar, tudo “eu vou ver meu amorzinho”. Peguei o busão de Santos até Frutal e depois direto pra loja dele. Ele trabalhava numa loja de implementos agrícolas. Quando eu chego lá, a balconista me viu quase caiu, “oi, tudo bom? Cadê o filho da puta?”. Aí, tá lá dentro, tá ele e um conhecido meu que ele havia conhecido numa das vezes (?)**44min20s** tudo mais sabia, ah, mas eu soltei o verbo, acabei com a moral dele, me piquei e nunca mais ouvi falar dele. Nunca mais vi, não sei que fim deu. E essa foi a única relação sem proteção que eu tive. Mesmo antes do primeiro, até considerei essa coisa de uma janela, né, depois

Dario: sim, sim.

Betinho: em novembro de 89, eu comecei a ter sonhos horrorosos, cara, foi muito louco. O meu diagnóstico foi dado em 94. A primeira foi através de sonhos. Eu tive sonho toda noite, eu tinha exatamente o mesmo sonho. Chegava na Assembleia de Bancário, que, eu era, lógico. Sindicato dos Bancários não tinha como. E da mesma maneira como eu nunca pude, nunca tive chance de pleitear o cargo de chefia, é o meu caso, que eu nunca vou tá lá numa mesa de congresso.

Dario: hã, hã...

Betinho: bom, e eu chegava na Assembleia parada, a japonesaiada toda “ai”, e era um sonho tão forte, cara, tão, e eu acordava. Uma semana cara, uma semana tendo esse mesmo sonho. E acordando com aquela sensação, aquela coisa horrorosa. Falei “ah, não”, vou de novo, não fui. E aí, estranhamente, fiquei tranquilo e aí quando eu fiquei meio pirado porque eu não, sabe quando você sabe que vai dar. Parece que você tá tão calmo, eu tô preocupado com o horário. “Não, eu já tava até esperando por isso mesmo. Naquela época eu era noivo de uma menina linda, mas aquela lá também foi uma coisa efêmera, linda, linda, e transava com o irmão dela também, que era um arraso, só não transava junto com os dois, tinha vontade, mas não deu certo... louca e, tal, ela tava cheirando pra caramba que nem dois louco eu e ela...mas foi muito legal.

Dario: vocês tavam noivos?

Betinho: estávamos, pra desespero da minha mãe e do meu pai. Olha só que louco, tudo que eles rezaram era pra uma mulher aparecer pra me mudar de vez, e aparece uma maluca, linda, mas, assim, evidentemente, tão sem noção quanto eu. Aí faz liguei de um orelhão, liguei pra

Luciana, falei “Luciana, eu preciso conversar com você”. Falei pra ela, nunca mais a encontrei também, ela sumiu. Ela também nunca mais eu encontrei e falei pro irmão, o irmão eu encontro, o irmão não tem nada, nunca me falou nada, não sei nada, não tem nada, foi nunca me falou nada. Aí foi onde que, eu tava numa lanchonete perto da faculdade, aí sabe quando você vai se afastando, se senta, pedi uma cerveja, alguma coisa assim, tal, e aí vai começando a cair a ficha “o que que tá acontecendo?” “Acabou, já era, né, já era”. Aí peguei um ônibus, conversei com ela, pá, tudo, a gente separou, aí eu fui pra Brogodó. Peguei o ônibus, fiquei pensando “caralho, meu, e o trampo e a minha família, eu tenho que, aí o amigo meu dentista, que era no caminho, desci, aí contei e ele chorou um monte. Eu fui pedir um atestado, me dá três dias pra eu pensar alguma coisa na vida, porque não tem a menor condição de...

Dario: hã hã...

Betinho: aí ele me deu, aí consegui aguentar aquela noite, mas com dor de cabeça, fui deitar, No dia seguinte, no dia seguinte, no mesmo dia, não dormi nada, virando, virando, virando, como é que eu vou falar, se eu falar, não vô falar. Aí eu sabia que não tinha como, cara, a gente sempre foi muito, não tinha como falar que não tava acontecendo nada, não tinha...

Dario: sim.

Betinho: aí chamei meu irmão. Fomo pra praia, sentamo, né, aí ele “que que tá pegando?” eu preciso conversar com você. Aí, sentamo, pá, eu virei pra ele e falei “tô com AIDS”. eu sempre fui de brincadeirinha obscuras. Aí ele nem olhou pra mim direito, começamo a chorar um no ombro do outro. “E os pais?” “tem que contar” “vou te dar uma força”, ele sempre me dá força, sempre dá força. Ele tá aqui, em dois capítulos, na verdade, ele tá em três, meu nascimento, no HIV, na bipolaridade e no suicídio. Aí no dia seguinte, no dia seguinte não, foi dia memo, era noite, chamei minha mãe e meu pai “preciso conversar com vocês”. E, a gente conversando e chorando aqui no Shopping, o segurança vai pensar que a gente terminou o caso.. Dario: é, (risos)...

Betinho: risos...

Dario:... mas a gente tem que ser forte...

Betinho: eu não sei como eu vou viver sem você, cara...

Dario: risos...

Betinho: e... aí minha mãe me olhou, com uma cara de que já sabe uma “puta duma, manda, apunhala, que eu já tô esperando”. “Tô com AIDS”. Sabe quando parece que congela tudo,

congela, aquela atmosfera pesada, irrespirável. Aí caiu, a única coisa que aconteceu, caiu uma lágrima do olho da minha mãe. A gente não conseguia falar, simplesmente. Aí meu pai quebrou: “como foi que você pegou?”, falei: “transando, usando droga”. E... é, agora vê o que tem que fazer. Depois ele disse que foi pro quarto e despencou também; Vixi; eu não sei se eu tenho um édiposinho, mas eu tenho muito amor pela minha mãe, muito.

Dario: sim.

Betinho: aí, a partir daí é que a nossa relação foi que nós vivia junto, ela ia comigo nas consultas. Eu falei “vai comigo, pelo amor de deus”, ela também tem saber tudo que acontece e tal e... teve um outro momento também, que aí eu não aguentei, antes dessa parte terrível. “vamo embora então”, né, tinha as droguinhas, tal, tudo, mas nenhum abuso absurdo, ainda era um uso social. Aí, um cara que foi meu amigo, já há de um tempão atrás, tinha sido meu gerente na Caixa Econômica, no Guarujá, me liga da casa dele, que a namorada dele tava com AIDS, tava mal. Chego na casa dele, tava mal, ela tinha. Foi meu primeiro contato com uma pessoa que tinha perdido, de uma hora pra outra, completamente. Eu cheguei no momento da alimentação, ela foi recusando a comida. “Meu deus, é isso. Então é isso que espera?”. Não tinha uma pessoa com AIDS avançada, com já manifestação clínica, tal...

Dario: você nunca tinha tido a experiência...

Betinho: não, eu conhecia o Alfredo, quando eu tive o diagnóstico, eu tive um grande apoio de um amigo, mas ele tava até como alguma aparência meio, mas o Alfredo, lá atrás, quando eu morava em São Paulo, foi a única pessoa que eu tinha contato na Caixa. Na época eu não tava com AIDS, foi mais ou menos, mas já foi, isso já passou. E ali eu falei “ai, caralho, é isso”, e aí logo depois o Vagner foi do mesmo jeito. Aí eu falei, bom, “quanto que é o quilo dessa porra, né?” Enlouqueci, abusei pra caramba. Casa coisa que eu vou levar pro túmulo, que eu não contei pra ninguém e não vou contar. Alguma delas eu me envergonho profundamente, me envergonho profundamente...

Dario: hã hã...

Betinho: cometi crimes até, assim, crime não, contravenção, mas eu mas com relação ao HIV não, sempre usei camisinha, né. Não sei, sei sempre até o ponto que eu lembro das coisas, né, não sei se eu já tinha HIV. Teve momentos que eu acordado em outros lugares, assim “como é que eu vim parar aqui?”, né.

Dario: hã, hã..

Betinho: até que fudeu, né. Até que chegou 96, o HIV de um lado, as drogas e os excessos do outro, fui considerado terminal, rotulado como terminal.

Dario: 96?

Betinho: 96, aos 34 quilos de idade e... foi um horror. Mas antes de eu ser considerado terminal com 34, dois meses antes eu tive o e eu fui deitar lá na ocasião em que eu tinha sido internado, tal 96 em especial, eu durmo num canto da casa, minha mãe no outro. E, de repente, eu comecei a ter uma convulsão, eu tinha vindo pra casa, tudo, eu só murmurei “mãe?”. Aí automaticamente, ela tava lá, não sei como ela ouviu. Eu tava vendo tudo tremido, tudo esquisito, mas eu vi nitidamente o olhar dela de “tô perdendo meu filho”, ali foi a faca né, eu falei “ah, caralho, ela perdeu a esperança”, “meu porto foi pro espaço”. Aí logo depois de considerado terminal eu fui resgatado pelo coquetel, né, contei uma piadinha, eu sempre contava piadinha no hospital, fudido lá e contando piadinha pra enfermeira, médico, num queria nem saber.

Dario: foi na época que o coquetel saiu.

Betinho: é. Eu lembro de uma, quando eu fiquei em coma um tempo, tava todo apagado lá, e eu lembro de tá no quarto com uma febre, uma febre horrorosa, aí, de repente, eu lembro do enfermeiro-chefe do andar passar pelo quarto “que vocês tão fazendo? Que esse menino tá cheio de roupa, tira tudo isso dele, vai pegar gelo e água, que ele precisa de uma transfusão agora”. Quando eu senti o gelado eu apaguei. Apaguei, quando eu fui, pum, uma mulher de branco, se aproximando, sorrindo: “oi, seu Betinho, acordou? Que bom!” e não era porra nenhuma, vai tomá no cu, caralho”.

Dario: haha... você pensou que era um anjo, né...

Betinho: é e aí eu olhei minha mãe tava debruçada na minha cama, e aí eu fiquei sabendo que eu fiquei três dias apagado. Eu tava tomando transfusão de sangue pelo pé, pelas veias do pé, porque eu tinha mais veia em lugar nenhum do corpo, tava tudo estourado e, pra evitar que eu me mexesse minha mãe dormiu toda retinha, a hora que ela tinha que dormir um pouco ela deitava

Dario: pra não mexer.

Betinho: pra eu não me mexer. É ou não é pra eu amar uma pessoa dessa até os fins dos tempos? Aí, pum, né, coquetel, tive uma outra, aí depois que tá tudo bem, aí apareceu meu terceiro episódio neurotóxico, foi o que deixou comprometimento, aí esse veio que derrubô memo, todinho paralisado o lado direito do corpo “gente, vai ser assim?”, né, “e vou ficar assim?”. Fui melhorando com a fisioterapia, fisioterapia, pá. Aí entrei no meu primeiro processo

de depressão, tudo isso eu nunca tinha tido, nunca tinha tido depressão, como eu te falei, eu brincava, tal, me desvirtuava de alguma maneira. Quando eu, pumba, “vou ficar desse jeito, cheio de enfermeiro no quarto, sem movimento do lado de cá, dependendo dos outros” eu falei “caralho, que bosta, meu”. Aí que eu comecei a aparecer meio encolhido nos cantos da casa, aí, quando vê: “cadê o Betinho?” “tá encolhido naquele canto ali”. Aí meu irmão, mais uma vez meu irmão, ah, meu deus do céu, e... chegou com computador e falou: cê tá precisando disso aqui, daquilo, puf, colocou a internet e eu tinha feito cobal quando eu era pivete, não tinha dado nada dentro e eu nunca mais encosto em porra nenhuma do que é botão...

Dario: é uma merda, né.

Betinho: vixi! E foi aí que, ah, tá, bate-papo, tudo...

Dario: que ano que era?

Betinho: 96, 97, não, minto, a internet veio em 98. 97 em passei inteirinho em reabilitação. Aí foi em janeiro de 97 que eu operei o pé, a última. que me deixou prejudicado e foi quando o Santos ganhou do botafogo ou do flamengo? Do botafogo, na Copa Rio-São Paulo e nem gritar “gol” eu podia. E aquele ano foi dedicado inteirinho à reabilitação, eu já tava podendo andar, sempre com orto e tudo, mil maratonas, tudo inédito, cada especialista que eu nunca tinha ouvido falar, “não sei relatar”, isso eu ouvi demais, uma barbaridade, ia em algum especialidade: “ah, nunca vi nada disso relatado” “tá, sou o primeiro, considere”. E isso foi a dificuldade. Quando foi em abril de 98,

BETINHO 2

Betinho: aí, e... dia 1º de maio em comecei na sala de sexo, na putaria. Foi no dia 1º de maio de 98 que eu descobri que a internet tinha uma sala HIV, eu falei: “meu deus, até a sala tá contaminada!”

Dario: haha...

Betinho: quando eu entrei e ali minha vida começou a mudar, ali minha vida começou a mudar, né, porque eu comecei a conversar com as pessoas sobre a coisa, né, eu fui muito recluso com ela, sabe, só HIV, todo mundo sabia, mas outras pessoas com HIV eu não conhecia. Meu tratamento sempre foi em clínica particular etc. E ali eu comecei a conhecer alguns ativistas. E me falaram: “vai no Vivendo, do Rio de Janeiro”. E aí em 98, eu fui no “Vivendo” e em 98...

Dario: no Rio?

Betinho: no Rio de Janeiro, naquela Avenida Rio-Niterói. Quando eu vi, no hotel Glória...

Dario: hotel Glória!

Betinho: é, aquele gigantesco e tudo, que tinha umas 800 pessoas eu falei: “gente, quanta gente com HIV, eu achando que era só eu, caralho!”

Dario: haha...

Betinho: aí eu não aguentei, fiquei maravilhado e já voltei de lá meio com **gás (?)**

Dario: foi em que ano?

Betinho: 98, final de 98. Aí comecei a ficar esperto, atento, né, mas já pensar “bom, se eu fiquei, por que que eu fiquei?” Eu fiz de tudo pra ir, tantos amigos meus foram, deve ter alguma coisa aí pela frente, pra trás não vai memo. Foi quando eu tava assistindo um programa local, lá da região, em que o Secretário da Saúde tava falando de uma iniciativa da Secretaria dele e tal e que pessoas com HIV que haviam superado a situações difíceis, que estavam tomando o medicamento, estavam dando apoio a outros que tavam com dificuldade, tal. Aí eu falei “vou chegar, ver se tem alguma coisa”. Nunca tinha ido no serviço foi a primeira vez que eu fui no serviço, logo depois, fui lá: “ah, tudo bem?” **(?)** “Tudo, eu queria dar uma força, vocês têm alguma coisa, uma reunião, tal?” É, nós precisamos de um grupo **(?)** conversei com o psicólogo dele. “Pô, legal”, e eu já tava com internet, com informações e já com a cabeça já a milhão, né.

Dario: é.

Betinho: e **(?)** “pode sim mas não tenha esperanças não, viu, Betinho? As pessoas só vêm pra fazer exame e voltam só daqui a 3 meses pra fazer outro exame, ninguém repete”. Aí, pimba, cheguei na reunião a primeira vez, pá, pá, pá, não sei que lá; na segunda vez já dois voltaram, da segunda em diante já 2 já tinha voltado. Aí começou a pegar fogo, porque chegou um bichinho comunicativo e cheio de intenções, né.

Dario: é...

Betinho: chegou um elemento diferente naquela história. Todo mundo no lugar já começou a avisar: “já começou a agitar, já começou a agitar”. Em determinado momento “prim”, “não tem nenhuma ONG que trabalha com ONGs aqui, né?” Eu já fui ouvir, né, já falou de ONG, tal. “Ué, não tem nenhuma ONG aqui”. “Será que é isso?” Aí comecei, aí fudeu.

Dario: por que cê perguntou “será que é isso?”

Betinho: será que é por isso que eu fiquei, pra fazer um trabalho, fazer alguma coisa, tal. Na hora...

Dario: uma missão?

Betinho: não sei se uma missão, aí, missão é muita responsa, né, uma tarefinha...

Dario: tarefinha...

Betinho: uma tarefa, é. E aí fudeu, e aí juntamo, vamo fazê, tal, tudo. Aí tivemos uma reunião 06 de outubro de 89, que 89, 99 a gente fez uma reunião em 06 de outubro lá no (?)mesmo, poucas pessoas e em fevereiro daquele ano, não, fevereiro de 2000, e, pra variar um pouquinho, e aí no gás, né, no gás, e já tava, pô, rolando, os trabalhos da ONG já tavam rolando, a minha vida ali achei que só voltou a explodir, deu uma explosão nesse momento que eu fiz um monte de começo da ONG assédio eu assediei. Não tinha vínculo, né?. E simultaneamente, é uma coisa, né, maravilhoso, minha vida sempre foi bipolar, cara, a minha vida sempre foi bipolar, ao mesmo tempo que tá maravilhoso, tá uma desgraça, né. Na mesma manhã, na mesma época, eu leio na internet sobre a necrose óssea, pá, pá, pá, e já tinha tido lipodistrofia na história, já tinha ficado horroroso, já tinha ido pioneiramente numa clínica no Rio de Janeiro pra fazer implante e...

Dario: nossa!

Betinho: ficou chupadinho, acha? Ah, vai ter mais um hora de papo, não vai dar hoje.

Dario: haha, vamo marcar...

Betinho: não vai dar hoje...

Dario: haha...

Betinho: a partir de agora vai ter coisa pra caramba...

Dario: haha, que bom!

Betinho: e aí eu fui diagnosticado com a necrose óssea, mesma época, tal. E eu também comecei um relacionamento de 4 anos que terminou de maneira horrorosa naquela época, tudo ao mesmo tempo: ONG, relacionamento e necrose óssea. Os três...

Dario: isso foi em?

Betinho: 2000, comezinho de 2000, final de 99 e começo de 2000. No mesmo mês que a gente fez a Assembleia de fundação da ONG eu comecei o namoro com o ... Em dezembro, eu li a notícia da necrose óssea, deu risada, eu e minha mãe: “olha, deu efeito colateral nos Estados Unidos, necrose óssea. Ai que horror! A osteoporose já é horroroso, imagina a necrose óssea. E aí começou uma dorzinha, começou uma dorzinha e aí em abril de 2000, foi diagnosticada a necrose óssea (?)

Dario: nossa! Sim.

Betinho: e ali começou uma série de inovações, ali começou a envolver muita dor, imobilização, deixa pro outro capítulo. E também começou dali a história da superação, simultaneamente, conforme iam aumentando as dificuldades, é muito loco, é muito loco.

Dario: a gente marca um dia com calma. Você vai voltar pra São Paulo quando?

Betinho: eu volto pra São Paulo dia 23 e 24 de junho agora, que eu vou tá num evento de deficiência e AIDS na APAE ali da Onze de Junho, quarta e quinta

Dario: acho que eu não consigo tá aqui não. A gente marca um dia que você puder.

Betinho: dá procê?

Dario: não, e depois, cê volta?

Betinho: não, não, digo assim: dá pra esperar mais um pouquinho?

Dario: dá, dá pra esperar, sem problema.

Betinho: que aí a gente faz um, aí vai ficar legal.

Dario: dá, dá pra esperar sim.

Betinho: ai, você me fez fazer uma regressão, Dario...

Dario: hahaha...

Betinho: vai se fudê, tá?

BETINHO 3

Betinho: então, foi um barato, né, porque eu tava mortão, né, e o cacete, aquela reabilitação dolorosa, né, a depressão, tudo isso, a internet, e aos poucos pegando um gás, conhecimento, conhecendo pessoas, tal. E, de repente, eu me vi namorando uma coisinha linda, 15 mais jovem que eu, uma gracinha, um amor, com cabeça, sabe, eu pensei no grupo de ajuda. Conforme, naquele grupo de ajuda lá do (?)

Dario: hã?

Betinho: me fez sofrer pra caramba, vai se fuder.

Dario: haha...

Betinho: então, aí chegou a depressão, foi a segunda depressão (?)e, de repente eu me vi namorando, namorando bem, sabe. E, começando, o trabalho com um ONG, começando um trabalho novo, quer dizer, auto-estima explodindo, tava, foi de um extremo para o outro mais uma vez na minha vida. aí começou: trabalho com a ONG, todo mundo entusiasmado, a coisa

crescendo, terreno fértil, né, não tinha nada, então foi muito legal. Foi em 2000 foi o ano mais legal, mas eu tive o diagnosticado a necrose óssea.

Dario: que algum tempo antes você já tinha visto...

Betinho: é, que a gente tinha visto no site antes e tinha dado risada, aí tive uma dorzinha, dorzinha, dorzinha, quando foi diagnosticado: necrose óssea. Aí fui pro Hospital das Clínicas de São Paulo e aí foi mais uma vez que eu cheguei no chefe da equipe de ortopedia no Hospital das Clínicas, de ortopedia, quer dizer, o cara não era pouca coisa, Dr. Y, gigantesco o japonês: “é você bebe muito?”, porque eu já tinha tido diagnosticada, já tinha tido o diagnóstico de outro ortopedista que falou pra usar bengala e esperar o tempo de apodrecer e operar. Deve ser por isso que eu parei no Hospital das Clínicas de São Paulo. “Você bebe muito?” “não”; “você usa anabolizante?” “não, Dr., inclusive eu já sei porque que eu tô com isso, é o efeito colateral atribuído à pessoa com HIV, eu vim por HIV também. “Eu nunca vi nada relacionado a isso”. Abri minha bolsinha e ele arregalando os olhos.

Dario: haha...

Betinho: não, entregando matéria de estudos, tal, tudo, porque eu já tinha percebido que eu ia ter feito isso. Eu comecei meu tratamento muito cedo, eu comecei com precocidade. Meu plano de saúde, conforme ele descobriu isso, já ia meu plano ir, então eu recebi bem antes do SUS. Então, esses efeitos colaterais, essas coisas, sempre pioneiro também. Aí ele começou a ler: “ah, posso ficar com isso?”, “eu trouxe pro senhor memo”. Hahaha...

Dario: haha...

Betinho: eu tava até tirando sarro com essas coisas um pouco. E, aí começou meu martírio das pernas até hoje. Eu tô com uma deficiência provisória há 16 anos, 16 não, há 14 anos. É, se eu tivesse uma expressão definitiva de deficiência, eu acho que, com certeza, minha cabeça já tava trabalhada com isso. Mas até hoje eu ainda não, não tá perfeitamente, eu não consigo assimilar, porque, porque sempre tem a possibilidade de uma reabilitação que não vai voltar certinho, mas, né, dá pra tirar a bengala, que vou de bengala é aquela história: a bengala, 90% de chance de beijinho vão pro espaço. Tem esse problema da pessoa sem movimento. Até que eu comecei a usar bengala, vida social acabou, acabou mesmo, definitivamente. Isso foi até bom. Aí depois não, eu comecei, mesmo com isso tudo, eu tive namoradas muito interessantes naquela época, até antes mesmo do malfadado, eu já tinha, pela internet, tudo, tinha me, tinha me, já tinha me dado muito bem com um monte de coisinhas lindas, soronegativas, soropositivas, tudo. E aí

com a bengala, com tudo. E com a necrose foi jogo duro, porque envolveu muita dor. Ele falou: “vamos fazer uma cirurgia?”, Fez uma cirurgia dos dois lados, né, pra dar uma vascularizada, uma cirurgia assim, pouco invasiva. Aí fiquei 1 mês de repouso, aí ele liberou pra sair de muleta e mesmo assim eu fiquei mais 15 dias deprimido em casa, aí no primeiro dia que consegui sair de muleta, querendo apoiar uma das pernas, né, eu fui almoçar com meus pais no centro, eu fui deixar o meio fio, me descontrolei com o negócio, a bengala entrou num buraco e aí uma boa alma, ao invés de me segurar, segurou a outra ponta da bengala e eu caí por cima da muleta, que bengala, da muleta, eu caí por cima da muleta e fraturei o súbito canteano direito, um lugar muito difícil de quebrar e mais difícil ainda de consertar, segundo o (?). Eu falei “caraca, eu sou assim, eu simplesmente não quebro um osso, eu quebro o osso de um jeito que vai complicar um pouco a reabilitação”. Tudo é assim (?)

Dario: haha...

Betinho: aquilo foi a gota d’água pra mim, cara, deitei no chão, uma dor, mas, conforme eu quebrei, toda o efeito o efeito neurológico dos três antitoxicológicos mais Tudo, um osso pra cá, não ficou exposto, mas tava o ó. E, o meu algoz diretor, foi quem me socorreu, quer dizer, foi ele quem, Dr.. Vai pro hospital local, do hospital local, no dia seguinte, faz ultrassom, ultrassom horrorosa, cara, sabe, tem que colocar peso pro osso aos poucos chegar no local dele para, aí, poder operar. Aí fui pra São Paulo, aí chego lá um filho da porra (?) era agosto, 09 de agosto de 2000, e, aí cheguei no Hospital das Clínicas, “é, vai ter que fazer tração esquelética (?) os horíveis acompanham qualquer situação de sua vida. Conforme vai ficando grave, os homens vão ficando cada vez mais horrorosos. E a tração esquelética os caras pegam uma verdadeira bocha, sabe a bocha que você usa em casa? Furam o teu joelho em determinado, não o teu joelho, furam um pedaço do fêmur ali no local pra por ali passar um pedaço de aço, aí você vai ser colocado na cama com toda uma amarração, porque esse cabo de aço vai passar por roldanas, já tinham colocado um peso, que vai puxar teu osso aos poucos, quase uma semana. (?) violenta que dava a cada dois minutos, era direto, sabe, tinha a carinha no meio, era uma boca horrorosa, gritava, até que eles colocaram uma bomba de morfina na medula.

Dario: da medula?

Betinho: aí (sons de gemidos)

Dario: (?)

Betinho: é, mais tinha um espaço de tempo (?), não é que nem esse spray, que tem cheirinho...

Dario: hahaha

Betinho: vamo evitar desperdício...

Dario: hahaha

Betinho: e, mas ainda tinha muita dor. Era um barato, nem a morfina, com tudo, dava aquelas viagens na hora, mas depois passa. Eu fumava baseado no hospital. Deu B.O. com o hospital. Foi assim, na época as internações todas tinha baseado em todas elas. (?)E duas delas eu assediei e fiz acompanhante de mulheres (?) internada. Mas ali não, ali, conforme, no curso da tração esquelética lá no PS pro apartamento só deitado, porque eu só via o céu. Olhava pro céu assim, pensava: “por que? Que que eu tô fazendo de errado? Mudei meu comportamento, tô com meu trabalho, continuando o trabalho. Porra, qual é a mensagem que eu não entendi ainda?” Foi horrível, ali eu tive uma sensação de desamparo mesmo, que Deus existe. Eu tava numa de brigar memo, “tomá no cu”. Aí fui pra operação, aí, chegou uma hora que deu pra (?)mete a morfina que é aniversário do meu pai. Umas 30 pessoas, não são poucas pessoas não, mas tinha enfermeiro, tinha amigo, tinha minha família, meu pai levou uns camarõezinhos à milanesa que eu adoro. Até que chegou a operação, (?)voltei pro quarto, aquela dor, tinha colocado uma placa, uma placa que tem nos hospitais, tudo, aí começou mais uma reabilitação colorida. Aí foi indo, melhorando, melhorando. 2000 operei isso aí, né. Aí foi indo, a placa ficou incorporada, não, ela foi tirada. Aí, no ano seguinte, 2001, ela foi retirada. Todo ano fazia cirurgia: 2001 fiz a cirurgia da fratura, aí no ano seguinte, 2002, tirei a placa, mais uma reabilitação. Cada uma dessas coisas, dois dias eu faço muscular e a parte neurológica consequentemente voltava. Aí, em 2002, essa prótese não agüentou. Ele falou “ó, a cabeça de fêmur não aguentou”. Continuou progredindo a necrose, acho que aqui estabilizou. E quando eu fui lá fazer o exame, tava com muita dor, tava chegando, tinha hora que eu tava andando e que eu ia pro chão, pum, caía, de tanta dor. Aí ele, de novo, “é, esse lado necrosou tudo, já tá com indicação de cirurgia pra prótese”. (?)Eu falei: “(?)duas próteses, Dr.? Vamo já encerrar que já...”. Aí entrou um médico na sala dele, e eu assim né, ele chegou “professor, dá licença, desculpa incomodar, eu tô com uma senhora lá no PS, ela sofreu um tiro e não sei que lá, uma situação estranha”. “Estranho também é o caso desse rapaz aqui: uma cabeça de fêmur, tal, necrosou e a outra estabilizou, não sei que”. Eu falei: “Dr., desculpa, eu não entendo nada disso, mas será que a fratura não estimulou a vascularização e

num provocou a manutenção dessa cabeça toda?” Aí ele olhou pro outro: “tá vendo, eu tenho que aguentar isso dentro da minha primeira consulta, ainda bem que ele não esqueceu daquilo, foi mal!”

Dario: hahaha....

Betinho: aí fiz a, coloquei a prótese, guardei a cabeça de fêmur, que até hoje causa espécie, ela vai pra vários lugares pra exposição de novo, porque ainda é uma novidade pra muita gente. Daí eu já tava, desde o começo da fratura, desse negócio todo, lá em 2000, uma das primeiras ações da instituição foi pensando naquele efeito colateral. Já com escritório jurídico e conforme (?) se articular (?). E, vamo indo, né?

BETINHO 4

Betinho: então, aí fiz a cirurgia da prótese, falei: “bom, agora tá tudo certo, né, a dor que tava passou, tudo” e eu segui em frente. E 2002, pá, aí já tinha ganhado um prêmio pela ONG, um prêmio da USP, já tinha saído um livro, que é “História de Coragem”, do Programa Estadual DST/AIDS e meu texto foi um dos 14 selecionados, né, no livro, tal. Então tava todo entusiasmado, cada vez mais. Quando eu tinha 16 anos, eu namorei um pai-de-santo de Guarulhos, um de 40 e tantos.

Dario: hum.

Betinho: loiro, escandalosa, tal, e eu lá, lá no centro de Guarulhos, quando eu ia na casa dele, a mãe dele me puxou pra lê a mão, falou: “seu futuro tá na palavra escrúpulo”. (?) conhecimento, tal, tudo. Então tava no maior alto-astral, né. Tudo dando certo. Janeiro de 2003, calorão, tinha acabado de fazer mais um implante de metacril, tava bochechudinho, tal, tudo, até que começou aparecer uma pelezinha, uma pelezinha de leve, todo fim de tarde aparecia e nada de descobrir o que é, e eu perdendo peso, perdendo peso, a febre aumentando pra 38, 39, toda tarde. Aí começou a dar à tarde e à noite. E pesquisa tuberculose. Aí meu médico logo de cara falou: “Betão, tem tudo de linfoma”, mas tua imunidade tá muito boa, não é isso não. E começou a pesquisar fungo, tuberculose até a hora que saiu uma bolota aqui na base do pescoço, uma pelotona toda. Ele: “hum, biópsia”. Aí foi que ele diagnosticou linfoma. Quando fui encaminhado pra um hematologista, (?)tonto, né, “é isso memo que eu ouvi? AIDS, câncer, é isso que me aguarda na vida? Vamo embora, né?”. E aí eu conheci Dr. Nicolau, excelente, uma sumidade, outro daqueles que os outros médicos chamam de “professor”, rastejam, veneram e o caralho

todo. E super sério, sisudíssimo, é aquele que olha, propõe o exame e evita olhar pro paciente pra não contaminar o diagnóstico dele. Nem olha pro paciente. E: “é, há bastante”, porque ele foi irradiado em quatro, né, e o máximo é quatro, são os quatro quadrantes do corpo: cabeça e pescoço, tórax, abdômen superior e abdômen inferior. E eu tava nos quatro, meu tumor tava na medula, no pescoço, no pulmão, no fígado, no baço, no retro peritônio, que é a porção traseira do abdômen e na virilha. Uma festa, né? Ele falou “tá bastante avançado, vai ser complicado, sua quimioterapia vai ser bastante, vai ser um pouco pesada, mas ainda é um linfoma, e linfoma é outro tipo de câncer que tem 100% de chance de cura”. Falou a palavra mágica. Então, se num (?)pra uma coisa que não tem cura até hoje, não vai ser pra uma que tem, né, e (?)eu que já tá curado, na minha cabeça já tá curado, é só fazer o tratamento. E com esse pensamento eu corri ao longo do século memo. Maior barato, né, acabou virando um (?)a história. Na minha primeira sessão de quimio, eu tava com o cabelo fio reto (?) mais de 2 anos, tava de baixo-astral, não tava no meu melhor, tava deitado na cama e minha mãe ao lado, né, e um de gente...

Dario: foi em que ano?

Betinho: 2003.

Dario: 2003.

Betinho: mais uma vez que comecei meu tratamento, tudo isso aí diagnosticado, meu tratamento foi 2 dias depois do meu aniversário. Começou a primeira quimio 2 dias depois do meu aniversário, agosto novamente. Aí cheguei, a enfermeira, cheia de tubo, ela falou: “oi, Seu Betinho, tudo bem, e aí, vai cortar o cabelo quando?”. Eu olhei pra minha mãe, minha mãe me conhece, disfarçou “ué, preciso nem falar, cai tudo sozinho!”. Nisso o cara do lado “quá, quá, quá”. Ela: “me desculpe, me desculpe...”

Dario: haha...

Betinho: eu falei “vamo embora logo começá”.

BETINHO 5

Betinho: aí começou, né, a quimio e assim, logo no comecinho deu até pra, bom começou a quimio, teve a primeira sessão de quimio, complicada, tudo, e entre a primeira e segunda sessões de quimio teve um encontro da rede de pessoas vivendo com HIV, aqui no litoral. Tinha umas 250 pessoas. Foi um encontro que a gente promoveu no fórum de ONGs aqui da região, mas teve um encontro da RNP. Bom, eu já vivia há quase 4 anos com um cara, 15 anos mais jovem, o tal do fulano, filho da puta, que eu conheci lá naquele grupo de adesão, lembra?

Dario: sim.

Betinho: fortão, bonitinho, tal, lembra? A gente alugou apartamento, eu não vivi completamente com ele por conta de tudo, com aquele vai e vem. E a gente, faz uns 3 ou 4 dias por semana pra falar com ele e, conforme eu fui tendo problemas nesse meio tempo todo, teve as, eu cheguei a falar da fratura, de tudo isso aí, né? Ele acompanhou tudo isso, foi maior cuidador mesmo, tal. Mas com essas dificuldades todas a nossa vida sexual começou a ir pro espaço. Nada mais, quer dizer, só o *devoti*, conhece o *devoti*?

Dario: não, que é isso?

Betinho: “devotos e devotas”, agora já tem tradução para o português. É uma palavra francesa “devotos e devotas”, são pessoas que sentem atração pela deficiência.

Dario: entendi.

Betinho: normalmente são relações que são relações de poder, que começam mascaradas por ou cuidado ou afeto e, com o tempo, vão demonstrando a verdadeira cara, né? A grande maioria são, realmente, relações de poder, é uma coisa bastante, tem gente que acha legal, mas tem gente que acha preocupante e, dentre elas, eu. Tem o nosso análogo, né, que são aquelas pessoas que se relacionam só com pessoas com HIV, não sei o que, umas coisas meio malucas, né? Mas, enfim. Bom, mas enfim. Meu namorado não era *devoti*, mas nossa vida sexual começou a ir pro saco, né. E a gente fez um trato, se fosse pra acontecer alguma coisa fora do relacionamento, tinha três regrinhas só: não levar em casa, não ser amigo em comum e a terceira, que era meio esquisita, não repetir. Como é que você vai repetir uma coisa que é a que te levou a pular a cerca, né? É complicado, né, mas enfim...

Dario: porque acaba caracterizando um certo tipo de vínculo, né?

Betinho: é, então foram três coisinhas que a gente achou que poderiam ser respeitadas e pá e coisa. E nesse encontro ele quebrou as três coisas, porque, primeira porque como se fosse na minha casa, tava no meio de todo mundo e aí todo mundo percebeu e todo mundo viu que ele ficou com a outra pessoa. Um horror, cara, foi um horror, esse fim de relacionamento foi a coisa mais terrível. Aí eu entrei na minha segunda depressão. Lembra que a primeira foi quando eu fiquei bom, quando eu vi que eu não ia morrer, eu tinha esquecido até de falar com essas palavras. Mas a depressão que eu entrei que veio meu irmão com o computador e as coisas todas foi porque eu percebi que eu não ia morrer, que eu ia ficar daquele jeito fodido, deficiente, pouquíssimos amigos, porque não sei se eu falei, eu era cheio de gente, enquanto eu não fiquei

ruim em 96, lá atrás, em 96. Até lá eu tinha um monte de amigos, se eu ficava doente ficavam pouquíssimos, pouquíssimos, pouquíssimos ao meu lado. Na verdade, todos sumiram. Eu ainda não tinha aprendido a usar o HIV, cê entende? Nesse negócio de selecionar, por exemplo, seres humanos através dele é batata, é uma coisa bem legal. Mas enfim...

Dario: entendi.

Betinho: mas aí eu entrei numa depressão terrível, terrível, cara, minha mãe me consolando “calma, Betinho, você vai conhecer alguém que te mereça, um homem que te mereça”. Pela primeira vez ela falou isso, foi de uma maneira assim, aceitando integralmente.

Dario: sim.

Betinho: desejando que eu arrumasse um cara decente pra me tirar daquilo ali. E assim continuei, imagina, cara, com quimioterapia, com HIV, com deficiência, com corno, ai meu deus do céu, que merda de vida, né? Mas passou, passou com essa festa aí da, olha só que barato, o tratamento foi uma maneira de superar, porque eu encontrava o pessoal. E o movimento também, continuava no movimento de ONG, no Artemis, o trabalho, o ativismo, eu tive pais que me deram educação e carinho esmeradíssimos, eu tive muito, muito, fartura de carinho e condições de estudo, disso, daquilo outro, isso não me tornou cidadão. Aí, pumba, veio a porra do HIV. Isso também não me tornou cidadão. Quando eu fiquei doente, porrada, pá, e quase morri, isso também foi com o ativismo que rolou. O ativismo foi quem moldou o espírito, meu caráter que eu tenho até hoje. Eu devo demais, demais, mesmo com todas as encrencas, com todas as desavenças que eu fiz, que não foram poucas dentro do movimento, mas foi o ativismo que me deu esse sentimento de não tá sozinho, né, de me sentir fortalecido e de querer que, aquelas coisas todas.

Dario: sim.

Betinho: e, aí saí da deprê e continuei fazendo tratamento e aquilo lá, falei “mãe, quantas mulheres humildes que vêm lá do Vale do Ribeira, tudo, falei gente, quanta mulherada fudida, que horror, né, com realidade de vida..”. Falei “mãe, vou dar uma braçada de rosa (?)na minha última sessão de quimio pra essa mulherada toda”. Chuta que dia que caiu?

Dario: 08 de março?

Betinho: 08 de março de 2004, cara. Foi, é uma das maiores emoções que eu guardo comigo e com todo mundo que tava ali. Foi uma coisa extremamente emocionante, tinha gente que chorava que foi a primeira rosa que ganhou na vida.

Dario: sério?

Betinho: juro, cara, filho nunca, nunca ninguém tinha me dado uma flor.

Dario: como foi dar essa rosa que a pessoa nunca ganhou na vida?

Betinho: nossa, cara, foi, na hora eu me senti, com todo respeito, eu me senti Deus assim, sabe, eu me senti com poder do caralho, falei “que bom, que bom que eu tô podendo fazer isso, cara”. Que bom que eu pude viver pra fazer uma coisa dessas. E essas pequenas, na realidade essas pequenas coisas que vieram, umas coisas que fortalecem uma barbaridade, exatamente essas coisinhas, sabe, uma pessoa humilde que vem, vira e fala uma coisa e você fala “meu deus, que coisa linda que eu fiz, caralho”, que legal, cara. E, sabe assim, nessa hora você se despede da modéstia, meu, não tem como, cara, é uma sensação que é maravilhosa, é maravilhosa. Ao mesmo tempo você fica muito triste por conta da situação daquela pessoa.

Dario: sim.

Betinho: quem sabe você não plantou uma sementinha, aquela rosinha não semeia uma sementinha, né, de um outro ponto de vista, de uma outra maneira de viver, de encarar tudo, pá. Normalmente era o que eu procurava levar lá: uma outra maneira de ver aquilo tudo, uma maneira mais humorada, uma maneira mais na boa, mais como as crianças. Era cheio de criança fazendo quimioterapia e nenhuma delas tava com a cabeça baixa. Todos correndo na hora de tomar injeção, na hora de fazer, aí sim era outra maneira, mas enquanto não chegava a hora da injeção, tavam cagando e andando pro câncer. Tavam feliz por ter encontrado o amiguinho de duas semanas, três semanas atrás, aquela farra toda, mais ou menos assim, vamo brincar aqui, fazer zona, tirar sarro da doença antes que ela tire sarro da gente.

Dario: você ofereceu o modo como você leva as coisas, né?

Betinho: é, é mais ou menos isso. É mais ou menos como eu te falei. Tem coisas que entram na vida da gente, elas são inquietas, elas não entram e ficam paradas, elas inquietam, depois querem sair, dá aquela coceira e meio Sônia Braga, Ana Gabriela, aquele vulcão saindo da buceta e vamo embora.

Dario: hahaha...

Betinho: e foi muito legal, cara, foi show de bola. E antes de terminar o tratamento, um mês e meio antes, faltava três ciclos, acho, de quimio, eu passei por duas consultas seguidas: uma com o meu médico, o Marco Casera, infectologista, que é boa praça, que gosta de se relacionar com o paciente, que acha importante...

Dario: é competentíssimo!

Betinho: né, e é competentíssimo, não deixa de ser competentíssimo por causa disso, e Dr. Nicolau, que é meu hematologista, que coordenou meu tratamento do câncer, do linfoma, que é competentíssimo, mas é aquele cara sisudíssimo, que uma troca de olhar com o paciente pode comprometer a análise científica dele.

Dario: entendi.

Betinho: a objetividade da análise científica dele. E eu fui numa consulta com o Casero um dia antes que a do Nicolau. Ele me apalpô inteiro, apalpou, apalpou até que ele falou: “Betão, cê é um filha da puta mesmo, não tem nenhum sinal de câncer aí, cara, cê não falou que falta três ciclo, não tem nenhum sinal de câncer mais aí. Clinicamente cê não tem nada. Se eu fosse mulher eu casava com você, se eu fosse gay eu casava com você”. Eu falei: “ó, Casera, nunca é tarde demais pra avaliar a situação da gente”.

Dario: haha...

Betinho: ele falou: “pelo amor de deus, eu já tenho duas filhas e você ainda por cima não ia dar muito certo”. Eu falei: “tá bom”. Aí no dia seguinte eu fui na consulta com o Nicolau. Ele examinou, examinou, virou as costas pra mim, eu sentadinho na maca, ele nem falou “pode descer da maca”. Ele foi lá, anotou, anotou, só olhei “e aí, Dr., não tem nada pra falar pra mim não?” Ele: “é, é, o trabalho foi bem feito, não sei o que”. Como é que foi que ele falou? “É, o trabalho tá sendo bem feito, não tem nenhum sinal, tá tendo um resultado além do que eu esperava”. Eu falei: “é que o senhor não acredita no poder da fé, né, Dr., porque se o senhor acreditasse no poder da fé, do pensamento positivo, a gente podia até conversar”. Porque paralelo a isso tudo, eu fiz um tratamento, quando eu vi câncer mais AIDS mais deficiência e mais corno, vai ter que ter uma ajuda, não vai ser só o plano, e procurei alguma alternativa espiritual pra fazer um tratamento também.

Dario: sim.

Betinho: e localizei, atingi uma afinidade com uma amiga que freqüentava as salas HIV da internet, “bruxa” era o codinome dela e ela tem um centro de magia, na zona norte de São Paulo, na puta que o pariu da zona norte de São Paulo. Tem nome e sobrenome o lugar onde ela mora, e, te juro, cara, nem eu acreditava, eu não sou de seguir, eu não tenho religião, sabe, não é nem por não me aceitarem, foda-se, eu aceito deus de qualquer maneira, mas é porque eu não sou de rituais, daquela obrigação de ir, aquela coisa me deixa louco. Minha vida já exige muito horário,

muita coisa, mas eu nunca tive, mesmo batizado eu nunca fui. E, de repente, pimpa, encontrei ela, tal, e fiz todinho. Quando eu fiz, mais ou menos nessa época das rosas, tudo, quando eu fiz a última sessão de cirurgias espirituais, foram 21 cirurgias espirituais, foram 8 vezes que eu fui à São Paulo, era zona norte, debilitado daquele jeito, contei com a carona de uma grande amiga minha, a Rosane, que tem até sábado agora na festinha fazia tempo que eu não a via, na festinha da ONG, ela me levava pra São Paulo e tal, levava e trazia. Na última sessão, eles trabalham com tudo quanto é coisa: Evangelho, Cabala, linha de cigano, linha da esquerda e por vai embora, né. Cara, tudo quanto é linha que desceu ali, te juro, a primeira coisa, eu não sou também de sentir coisa, lembra que eu te falei da enfermeira que acendeu a luz?

Dario: foi a primeira experiência sensitiva.

Betinho: pois é, mas eu tive uma única, que foi no dia de encerramento da terapia espiritual. Tavam todos fechados na sala, não tinha começado ainda o trabalho, tava ainda sendo preparado, não tinha, tava tudo trancado, não tinha absolutamente nada aceso naquela sala, a não ser incensinho, não é insensinho de defumador, é aqueles insensinhos de jasmim, aquelas coisinhas suavezinhas, tal, tudo. A gente conversando, de repente eu senti um cheiro fortíssimo de charuto, cara, te juro por deus, eu falei “alguém acendeu charuto?”. Quando eu vejo a outra já tá lá com as mãos pra trás, com aquele jeitinho...

Dario: sei, que interessante...

Betinho: todas as linhas vieram chorando: Erê, cigano, Pomba-Gira, Exu, tudo veio chorando e revelando: a gente não acreditava que você fosse terminar o tratamento. Você não imagina o quanto de luz você derramou, tanto do seu lado quanto do lado de cá. Até Pombagira, eu acho que eu sou uma das poucas pessoas de uma Pombagira, só na...

Dario: hahaha...

Betinho: muito legal, inclusive, olha que loco, cara, o pessoal de lá não sabia disso, mas em 89, né, pouco antes da astrologia, esse negócio todo, eu conheci uma figurinha no coiso, que a gente chegou a sair um dia, né, dois, tudo, e que num, pra mim foi apenas uma relação, sabe, uma pá. Mas a figura apaixonou, começou a ligar pra casa, começou a ligar duas ou três horas da manhã, pra um telefone que tem só na orelha do meu pai. E amanhecia sentado na sarjeta da minha casa, coisa assim, e tal. E até que um belo dia aparece, na porta da minha casa, um portão, com umas coisas vermelhas, que eu imagino ser sangue, e umas velas. E logo depois, ainda de

manhã, um telefonema: “oi, recebeu meu presente? Pois é, você vai perder as duas coisas que você mais preza na sua vida”.

Dario: hum.

Betinho: eu quase perdi o emprego, por causa de uma situação lá e também chegou meu resultado de HIV, hehehe, logo depois. E aí, nessa última sessão aí, Mulambo, que é uma Pombagira, a Maria Mulambo, veio chorando e falou assim “eu te peço desculpas pelo que eu te fiz naquela obrigada, eu fui obrigada, tive que fazer uma coisa pra você, então a partir de agora eu desfaço aquilo e vou tá do teu lado pro que você precisar nessa vida”.

Dario: nossa, Betinho!

Betinho: eu te juro, cara, pois é, o que você acha, nego? (?)

Dario: (?)

Betinho: e assim passou né, essa parte do tumor, o câncer foi superado, só felicidade, foi uma vitória maravilhosa e, isso era 2004, né, é, era 2004 e que mais aconteceu na porra de 2004? Acho que não aconteceu mais nada. O tratamento e mais nada mesmo. Terminei o tratamento, aí foi só recuperação, recuperar peso, exercício, aquela coisa toda, pá pá pá, e foi melhorando, chegou 2005. Detalhe: tudo isso aí permeado por algumas tentativas de suicídio do meu irmão.

Dario: do seu irmão?

Betinho: quando eu quebrei a perna, no episódio em que eu quebrei a perna, quando eu tava de cama, com a perna engessada, ele tentou pela primeira vez suicídio. Ele tentou o suicídio quando ele soube do diagnóstico dele, quando ele soube do diagnóstico dele, de bipolaridade, foi em 2000 e quando que quebrei a perna. Então, todo tempo daí, esse negócio todo, foi também pontuado pelas situações em que a tentativa de suicídio era o extremo e o dia a dia era muito complicado, muito complicado.

Dario: mas isso foi, você parou no momento que você descobriu que o câncer já tinha sido tratado.

Betinho: é.

Dario: aí você conversou com o Casero, com o seu médico...

Betinho: sim, aí teve alta, pá, pá, pá... aí uma idiotice que eu escrevi quando eu tava no auge, tava fudido, a depressão minha, cara, pelo relacionamento, ela se estendeu até final de janeiro de 2004, até metade do tratamento, mais ou menos. Foi desde agosto, foi logo depois do meu aniversário, que eu comecei o tratamento, foi no final de agosto que a gente terminou e

desde o final de agosto até o final de janeiro de 2004, foi uma depressão terrível, que eu superei em duas etapas, uma eu falei “gente, eu não tô aguentando mais, eu preciso desaparecer”. Fiz uma sessão de quimio, como tinha duas semanas e pumba, me mandei, fiquei duas semanas numa pousada em Peruíbe, uma pousada GLS e que não tinha ninguém, tava vazia, tudo, e, assim, eu vou pra um lugar onde eu não tenha nada para fazer, eu não vou ter outra coisa senão entrar dentro de mim. E realmente deu certo, porque eu tava acordando, eu tava indo dormir todo dia chorando, eu dormia de exaustão de chorar. Louco o negócio. E comecei a ir lá, a acordar chorando também. Acordava já banhado de lágrima, cara. Fiz uma bobagem, o que mais incomoda era tristeza de amor, sentimento de traição que normalmente a origina ou fraqueza por ter superado e ainda estar superando dificuldades extremas, que levam as pessoas a te acharem um exemplo, uma lição de vida e não conseguir o mesmo sucesso quando o assunto não tem um médico pra lhe prescrever um sem-chão-vir ou um cornovudina qualquer que te tire desse estado em que todas as tristezas oportunistas aparecem e aproveitam e tiram sua casquinha. E era aniversário dele 07 de janeiro, filho da puta.

Dario: isso você escreveu?

Betinho: é, “aniversário de ex, que merda de data. Ao mesmo tempo que você gostaria que ele estivesse do outro lado do mundo, ou mesmo fora dele, dá a puta vontade de ligar e dizer quanto tudo poderia ter sido diferente e uma vez mais lamentar e lamentar e lamentar ao invés de desejar tudo de bom do fundo do coração. Pra que mentir, fingir que perdoou? Mas, ennfim, a data passa. Meia noite e quinze, já era. Será que ele tá comemorando com uma bela trepada ou pensando por que é que eu só mandei um telegrama? Fico tentando lembrar se eu já causei este tipo de tristeza em alguém, não consigo, que merda, será falta de amor?”. Essa foi a primeira parte da estratégia, né, aí fui lá pro fundo e ele já tinha, já vivia dando uma chegadinha, ele já tinha furado a relação com a outra figura e eu já tinha dado uns toquinho, sabe, “oi”, “tô aqui”, tal. Aí eu propus “ó, vamos passar juntos aqui tem um feriado local, que é 22 de janeiro”...

Dario: sim.

Betinho: ia emendar com o feriado, ia ficar 4 dias, falei “vamos ficar juntos esses 4 dias pra vê como é que fica? E aí fizemo um intensivão, né, 4 dias juntos. Era um Big Brother pra ver o que ia acontecer, e... o primeiro dia foi uma loucura, tipo assim, perdoo tudo se for continuar assim, pô, pro resto da vida, pra variar um pouco. Se for continuar assim, esquece tudo, vamo retomar tudo, foi uma delícia, trepamo como nas primeiras vezes, sabe aquela coisa, pá. No

segundo dia, já teve muita pipoca, muita gracinha, muita festinha debaixo do cobertor assistindo televisão e comendo pipocinha. No terceiro, já “ai, teu pé tá incomodando, muda aqui, muda ali”, e no quarto dia cê já tava alfinetando. Então ele falou “é, realmente, essa é uma página virada”.

Dario: sim

Betinho: não tem mais nada a ver. E foi aí que eu virei a página, enxuguei os olhos e saí da deprê, com esse lance daí.

Dario: você viu que não poderia ser diferente.

Betinho: não poderia, exatamente, não dava pra mudar de outra forma. E, deixa eu ver... mas, então, e eu tô querendo saber justamente, porque tem uma coisa entre isso e o meu irmão, tá aqui, Betinho 2, lindíssimo.

Dario: ah!

Betinho: não, não é. Será que eu (?), cara.

Dario: eu coloquei, não sei se você vê aí, no MSN, eu coloquei a sua lista, da listinha que você fez.

Betinho: cadê, deixa eu vê, onde é que tá... não, não vi, cadê, onde é que tá?

Dario: peraí...

Betinho: você mandou por e-mail ou não?

Dario: não, tá no MSN, eu digitei agora.

Betinho: não vi, não tá não, fofo. Ah, tá aqui, tá aqui, tá... pá, suicídio, depois é, é isso aqui mesmo. Aí veio 2004, né, teve a cura, saí da depressão, tive a cura do câncer, que até então não era cura, era que tava em controle, né.

Dario: sim.

Betinho: e, aí foi, como é que foi mesmo, menino? Eu tô esquecendo alguma coisa importante.

Dario: não é sobre 2005, essa coisa?

Betinho: 2005, 2005. Não, não, acho que não foi não. Teve o câncer, que foi questão de reabilitar, de recuperar, tudo, deve ter sido mais algum perereco com o meu irmão, até que em Florianópolis, no encontro da rede, em Florianópolis, em 2005, em agosto de 2005, meu aniversário eu passei lá, fui eleito o representante do Brasil na rede latino-americana de pessoas com HIV. No dia que eu cheguei, no dia que eu cheguei, é, vou até colocar a foto dele aqui pra

você ver. No dia que eu cheguei na, no Congresso, né, eu guardei as coisas no quarto, tal (foto de exibição) categoria katrina o cara, sabe, F5, mesmo, muito legal, foi show de bola. Eu tô assim na recepção, tinha guardado as coisas no quarto, o povo chegando, chega delegação do sul, aquele vucovuco no hotel e eu vejo um amigo que do movimento que tava conversando com, Betinho, Betinho como eu, inclusive, aquela voz linda, alto, loiro, já um cinquentão, assim, em cima. Eu falei “gente, que é isso”, comecei a olhar e ele olhou pra mim, pum, quando os olhares cruzaram deu choque, vum, aquele negócio, assim, cinco minutos nós dois já estávamos abraçados.

Dario: hum.

Betinho: só faltou (?)nos primeiros cinco minutos. Eu falei “pá, não, não sei o que”. E assim, no mesmo dia a gente já tava, foi uma coisa muito gostosa, o tempo todo, qualquer...

Dario: sintonia.

Betinho: sintonia. A gente não conseguia parar de se beijar, o povo falando “para, se não a gente vai matar vocês de ódio, não sei que, não sei que lá”.

Dario: hahaha...

Betinho: muito legal, e assim foi um espetáculo, foi muito legal. E, assim, ele mora em São Paulo, até hoje somos amicíssimos, amicíssimos, é um grande amigo meu hoje e duas semanas depois veio a, mais ou menos o propósito que esse cara segurou toda uma onda que ele nem imaginava que ele ia segurar na vida. No dia 29 de agosto de 2005, eu e minha mãe tava vendo as notícias do furacão Katrina, que tava chegando lá no Mississippi (?) **27min45s** e de repente eu recebo uma mensagem no celular. Tava na namorada do meu irmão, tão problemática quanto ele, coroa já, ele se gostava de coroa, só transava, só se relacionava com mulheres acima de 50 anos. E, não era problema, nada, era o que ele gostava, era afinidade mesmo.

Dario: hum. E?

Betinho: e aí tava eu e minha mãe na sala, meu pai tava dormindo, a mensagem dizendo: “Betinho, vai ver seu irmão onde ele guarda o carro”. Recebi uma mensagem dele. Um barato, assim, porque era tão difícil o convívio com a bipolaridade, né, a bipolaridade é tão complicada, eu pedia tanto “Pai, por que que o Senhor não deu um HIV pra ele, cara?”, que é muito mais fácil a gente controlar essa porra, né, porque não tinha como, às vezes por uma vírgula que cê colocava no lugar errado, o mundo caía uma barbaridade. E a maneira como a coisa ia da depressão profunda pra euforia extrema era uma coisa de louco e vice-versa. Então às vezes eu pedia pra, “eu já tava (?), meu senhor, por favor, o que for melhor pra ele”. Sabe essas notícias de

“cara pegou o carro, foi na contramão na Raposo Tavares, na 23 de Maio, e esse pessoal que sai noticiário, né, dizendo que, eu falei “gente, essa pessoa, será que”, porque eu morria de medo que meu irmão fizesse uma coisa dessa, entendeu? Inclusive ele falava “qualquer dia eu ainda vou fazer isso, vou pegar o carro e fazer uma loucura”. Meu medo é que ele ficasse com uma tristeza profunda e numa cama, ou numa cadeia, por ter matado uma pessoa, por matar uma criança, sabe, eu falava “se for, melhor que leva”. E aí, no dia 29 chegamo lá na, ali pertinho de casa, fomos eu e minha mãe apreensivos, chegamo lá, tocamos a campainha da casa, vimos que a luz lá da... era uma casa na frente e uma cobertura no fundo, que era onde ele guardava o carro. Vimos que tava aceso lá no fundo. Tocamos a campainha, tava trancado e tudo, aí veio o dono da casa, que é um amigo, amigo não, um conhecido nosso, falei “ah, a gente queria ver se meu irmão tá aí” ele falou “é, o carro tá lá, tudo”. Que ele abriu a portão, com a luz acesa lá no fundo começou, conforme a gente começou a chegar a gente viu que o motor tava ligado. Quando a gente olhou pro lado tava o corpo dele no banco de trás, um rosto todo cobertinho de fuligem. Ele tinha feito uma ligação no escapamento, jogando gás pra dentro do carro, né. Foi uma coisa tão horrível, cara. Hoje, ele, hoje não, logo depois, a gente vendo as coisas que ele tinha escrito, ele deixou um monte de coisa escrita, ele pediu desculpas pela forma como a gente achou, mas pra ficar sossegado que foi a forma menos dolorosa pra ele e ele queria que a gente soubesse isso, que ele não tinha sofrido nada na hora da morte, que ele tinha pesquisado na internet que, se matar com o gás, a pessoa dorme e morre dormindo. Isso depois aliviou, mas, na hora, cara, ali, minha mãe voou, antes de mim, pela porta de trás que tava o negócio do gás, entrou, destrancou, eu entrei frente, eu tava fudido da perna e tal, e aí começamos a fazer massagem, tentamos ressuscitar, ele tava quentinho ainda. E a voz do carinha, o carinha falou “vai chamar o 192”. Ele saiu correndo pra chamar o 192 e chegou a Dona Encarnación que adorava o (?), uma senhorinha que adorava, que, meu deus, era eu fazendo boca-a-boca, minha pressionando, fazendo a massagem...

Dario: cardíaca...

Betinho: cardíaca, a e mulher gritando desesperada do lado de fora “meu menino, aí, meu menino...”. Bicho, sabe filme de terror, cara? Filme de horror?

Dario: sei.

Betinho: filme de Julia Roberts com Susan Sarandon? Pena que aquela imagem não sai da minha cabeça, não sai nunca. Não é imagem, é aquele momento, não sei dizer. Aí chegou o SAMU, levou, passamos em casa, acordamos meu pai, fomos os três para o pronto-socorro, todo

muito atônito, né. É doido, cara, parece que você não tá ali, parece que é uma coisa que vai acabar daqui a pouco. A sensação que você tem é de aquilo não tá acontecendo, cara. Acho que nosso corpo diz, diz não, acho não, já vi coisas que são produzidas pelo nosso organismo nesse momento justamente pra não infartar, pra coisa não estourar de tanta emoção, de tanta coisa.

Dario: é...

Betinho: parece que você tá num sonho, parece que é outra coisa aquilo, e não é. Aí a gente foi pra casa, pegamo carteira, essas coisas, né, tudo né, acordamo meu pais e fomo lá pro hospital. Minha mãe sentou, meu pai ficou andando de um lado pro outro, aí eu fui lá dentro, e aí que me falaram “ele tá morto”. Aí eu falei pra minha mãe que (?)aqui, que tava recolhendo, era chorava pra dentro, toda encolhida, cara. E meu pai, de um lado pro outro, desnorteado. É louco, né, porque era pra ser a esperança dele, porque depois que ele viu que o filho é gay, e esquerda, portador de HIV e (?), era a esperança dele, de ter um neto, de um filho heterossexual que pudesse realizar um dos sonhos que ele tinha, foram por água abaixo. Por isso que até hoje ele não superou, nem minha mãe, nem eu também. Tem coisa que a gente não supera, a gente convive, deixa pra trás.

Dario: é, tem coisa que a gente não supera, né...

Betinho: é doido, né? Um tempo depois disso acontecer, eu tava tão desesperado, esse tempo todo eu tava dedicado a tentar alegrar a minha mãe: “vamo sair, vamo fazer isso, vamo fazer aquilo”, preencher o tempo, né. Mas foi super difícil, cara. Aí uma senhora, que é colaboradora da ONG, falou, “Betinho”, isso depois de algum tempo, depois de uns 2 anos por aí da morte dele. Ela é colaboradora da ONG porque ela já perdeu um filho com HIV há muito tempo, ela já havia perdido, faz uns 20 anos que ela perdeu o filho por HIV. E é por isso que ela, inclusive, era colaboradora. Ela falou “Betinho, cê, tô vendo que você tá quase infartando tentando alegrar tua mãe, querendo tirar a tristeza do coração da tua mãe. Meu querido, não perca seu tempo e não desperdice sua energia. Quando eu recebi a notícia da morte do meu filho foi como, literalmente, uma faca tivesse entrado no meu coração, uma dor quase insuportável e eu sinto essa dor até hoje, do mesmo jeitinho, na mesma intensidade, só que eu aprendi a conviver com ela, me faz com que, me permite com que eu viva minha vida, que eu faça o que eu tenho que fazer, isso, aquilo outro, até me divirto às vezes, mas essa dor nunca vai sair do coração dela”. Aí que eu comecei a olhar mais pra mim também. Ela já era. Aí chegamo em casa, “polícia, dá um pulinho aqui” pra trocar uma coisa, né, porque suicídio você tem que fazer antes,

tal. E aí meus pais devidamente dopados, desmaiaram, né, eu acendi uma bomba gigantesca (?), e liguei pro ..., era uma e meia da manhã. Foi das dez e pouco até uma e meia da manhã. “Nossa, Betinho, que que foi a essa hora?”, “meu irmão morreu”. Que barato, esse cara que eu tinha conhecido há duas semanas, ele segurou, eu liguei pra ele uma e meia, seis e meia da manhã ele já tava na minha casa, de São Paulo pra cá. “Vim e fico quanto tempo for preciso e fico num hotel pra dar um apoio pra você”. E ele que me segurou, não só nesse dia, no dia do enterro, tudo, como por um bom tempo.

Dario: sim.

Betinho: o velório foi a coisa mais esquisita, cara. Meu pai é político, foi político na cidade muito tempo, hoje ele tá de diretor da prefeitura, ele foi vereador há 20 anos, então era conhecidíssimo. Minha mãe, professora desde sempre aqui, também conhecidíssima. Conforme saiu que o filho do Sr. X tinha morrido, todo mundo achou que era quem?

Dario: que era você.

Betinho: Quando o povo chegava e me via, caralho. Eu não fiquei muito tempo, eu não conseguia ficar muito tempo vendo minha mãe e meu pai daquele jeito. Eu ficava muito ali fora, e sentado, e chorando muitas vezes, muitas vezes, mas eu não queria que os meus pais me vissem chorando, você entende. Eles tavam sofrendo demais. E, o povo chegava, hoje eu até dou risada, cara, olhava, quando me via, te juro, cara, nitidamente algumas pessoas eu vi o sangue sumir do rosto, olhava com a aquela cara de que tá vendo um fantasma, e eu fale “calma, não fui eu não, foi meu irmão”. Eu é que fui no IML pra (?), tudo, então, sabe, assim, eu não tinha a chance de desmoronar, cara.

Dario: entendi.

Betinho: então dali pra cá eu perdi o direito de desmoronar. Isso tem sido uma coisa muito desgastante pra mim, cara, né, eu não tenho o direito nem a cair, nem a... e, por um lado, é bom, por um lado é bom.

Dario: de lá pra cá você tem sido o suporte dos seus pais.

Betinho: é, eu segurando os dois e o Betinho me segurando, por trás né, no primeiro momento. Bom, não deu outra, 3 meses depois meu pai infartou, ficou 15 dias no hospital, 10 deles na UTI. E é doido, né, cara, porque foi, era muito mais fácil lidar com a morte quando ela tava me cercando, quando ela começa a cercar quem tá em volta, cara, pra mim é tão mais

dolorido, acho que é sempre assim. Eu já ouvi também uma vez que o sofrimento é sempre maior de quem tá acompanhando do que quem tá passando por ele. Quem tá passando por ele, sabe exatamente a dimensão dele, quem tá acompanhando tá com a imaginação a mil: “será que isso, será que aquilo só, aquele sentimento de ansiedade”.

Dario: sei.

Betinho: e o meu continua até hoje, esse sentimento, tudo. Achar essa foto pra você ver meu gato. Ah, tá aqui, Betinhoes. É lindo, olha só que arraso, veja, apareceu, tá vendo?

Dario: não, ah, tá aparecendo agora...

Betinho: eu de marronzinho e ele por trás... lindo..

Dario: é, os dois tão um gato na foto.

Betinho: é, menino, eu tô super feliz, eu tava no êxtase, realização no trabalho de ativista, tal...

Dario: sim...

Betinho: e um gatíssimo desse, inteligente, fala francês e tudo cara, vai tomá no cu, né? Não, fala sério! Aí teve o velório, fechou o caixão e foi o cortejo, aí desce o caixão, e aquela coisa, aquele absurdo, não sei porque a gente faz aquelas coisas daquele jeito. Ainda tem lugar que abre o caixão no cemitério, graças a deus não é o nosso caso.

Dario: sim.

Betinho: aí começou essa outra etapa, né. Meu pai infartou, tudo. Eu já tinha até falado que o meu pai infartou. Em novembro, aí foi melhorando, em janeiro eu e o ... terminamos, a gente chegou à conclusão de que a gente era amigo e não namorado.

Dario: sim.

Betinho: que alguma coisa tinha colocado ele junto de mim, porque, se não, eu tinha ido, não sei o que teria acontecido, ele segurou muito a onda, toda a hora, nesse tempo todo ele tava dando apoio e tal. Aí a gente chegou à conclusão de que não tinha jeito mesmo e aí, logo depois do réveillon de, logo depois não, horas depois do réveillon de 2006, a gente terminou de uma maneira maravilhosa. Foi ali que eu vi que realmente a relação afetiva é que nem fruto do mar, se você estende o prazo de validade, cê vai se fudê gostoso, não tem como. Tem que consumir dentro do prazo de validade. Expirou, uma abraço. E, aí, pimba, começar tudo de novo, vamo lá, 2006, vamo superando aos poucos, aí chegou em abril eu falei “gente, eu tô precisando demais sumir”. E fui pra Jeriquaquara, que é um lugar que eu amo de paixão. Nem sei se eu tinha falado

de Jeriquaquara, meu deus, mas eu vou falar, Jeri, eu vou falar até agora: Jeri sempre fez parte da minha vida desde antes do HIV. Ia pro Ceará, Ceará sempre fez parte. Então já caí numa quebrada no tempo quem era só geradorziho, que não tinha luz nenhuma, bá, bá, bá, e em Jeri eu também conheci nessa época, que em Jeri não tinha porra nenhuma de turismo convencional, comercial.

Dario: sei.

Betinho: e aí quando eu descobri o HIV eu falei “opa, é a festa”, peguei o Fundo de Garantia e ia pro Ceará. Eu ia 2 vezes por ano pro Ceará. Uma vez eu cheguei a ficar 3 meses e meio. Eu tava arrastando o pé, falando “rom, rom, rom” 3 dias lá no interior do Ceará. E, era doido, né, porque num, era aquela diversão esquisita, né, eu me divertia, me divertia, mas sempre tinha aquela coisinha lá no fundinho falando “pode ser a última!”. Era uma bosta, cara, mas não impediu de me divertir, né, mas era estranho, sempre tem uma hora que você para pra descansar e no momento que você para pra descansar, até uma coisa que eu escrevi aqui, os demônios acordam, os diabos acordam na hora que você vai dormir. Cê vai dormir aí que os demônios da cabeça acordam e faz uma festa, né, cara.

Dario: como assim?

Betinho: ah, pensamentos horrorosos, até pegar no sono, a hora que cê não tem nada pra fazer, que cê tá deitado com você mesmo. Os medos aparecem, os medos aumentam, né, e é louco, né, o negócio. E dependendo do estado que cê tá, aumenta muito, assumi proporção até de, como diz a minha terapeuta: “pensamentos persecutórios”. E aí eu fui pra Jeri de novo, e fui pra reabilitar, porque aí, com tudo isso, minha perna tinha fraquejado todo, eu perdi toda a musculatura, mas é aquilo que eu te falei, todo ano eu tive alguma coisa que me fez perder musculatura e entrar em uma nova reabilitação da perna. E aí foi, me fortaleci, tal, voltei queimadinho, fortinho e começando a correr. Tinha voltado a começar a correr, mesmo desengonçadinho, mas tava correndo, tal. E foi quando no dia 1º de maio de 2006, dia do trabalho, era uma segunda-feira, então de domingo pra segunda eu tinha ido pra uma boate aqui de Brogodó, fazer o trabalho de prevenção que eu fazia, distribuindo preservativo e tal, fica numa rua... você conhece Brogodó?

Dario: não, não conheço.

Betinho: ah, tá, fica perto da Ponte Pênsil, é uma rua toda torda, é uma avenida torta que beira o morro, entre o morro e o mar, né, e nesse lugar fica a boate, numa rua tortuosa, que tem

aqueles pedaços de trilho de trem pra impedir que o carro invada casas se perder o controle, aqueles que fica na estrada...

Dario: sei, sei.

Betinho: então eu tinha terminado tudo, tava com a bolsa vazia, encostei apoiando a prancheta, capa lá daquela colegial, a menina má da Cássia Eller, né, bons tempos. Bolsa do lado, encostado no poste, com prancheta grudada ao colo, né. E, eu, sabe quando você tem aquele “pim”, será que eu tô me arriscando? Eu tô aqui numa curva, logo depois de uma curva, numa rua, aí eu olhei pros, te juro por deus, eu olhei pros trilhos e falei “ah, não, qualquer coisa esses trilhos seguram a onda. Cara, não deu 10 segundos do que eu pensei. Eu ouvi um barulho de coisa metálica, quando eu virei a cabeça eu só vi um farol vindo na minha direção. Era uma moto, absolutamente descontrolada, já subindo a calçada que por graça aos trilhos que tava ali, bateu na quina e desviou, pegou três pessoas que tavam atrás de mim e o motociclista veio, seguiu a tangência, veio pra cima de mim. Eu fui o *air bag* dele no poste.

Dario: putz...

Betinho: a mesma sensação que eu tive com relação ao meu irmão foi o que eu tive naquele momento. Quando eu me vi debaixo do cara, já no meio-fio, metade do corpo em cima da calçada, metade na rua, o cara por cima de mim e uma dor pavorosa no quadril, eu tinha quebrado o quadril e luxado duas costelas. Lá fui eu pro hospital de madrugada, lá chego eu três e meia, o motorista, o taxista me ajudou, me ajudando a andar, tocando campainha, porque eu não conseguia movimentar e eu ia precisar de ajuda de alguém pra chegar até a minha cama e, naquela noite, a gente riu, né, um olhou pra cara do outro e começou a rir e falando “meu deus, parece que não tem fim a coisa”. E lá foi 1 mês de cama, né, 1 mês de cama até pá, eu perdi toda a musculatura de novo, voltou, cada vez que eu perco musculatura, os efeitos neurológicos da neurotoxo volta, eu começo a ter na perna. Puta que pariu, né. Conforme passou o tempo e superamo isso tudo eu falei: “quer saber? Vai se fudê”, fui pra Jeriquaquara de novo e voltei a correr de novo, “ah, vai à merda”. Em julho a gente tava voltando já, eu fui em julho pra lá e voltei e falei: “ufa, agora chega, né”. Aí teve meu aniversário... tamó em 2006, né?

Dario: humhum...

Betinho: aí a coisa começou a dar uma melhoradinha, aí a gente foi começando a querer voltar, aí teve aniversário do morte do meu irmão, depois os aniversários, foi o primeiro aniversário meu sem ele, foi o segundo aniversário dele sem ele, sabe aquelas coisas assim? A

gente vai contando as coisas. E... porque logo depois, porque aqui em casa é assim: eu faço aniversário em agosto, meu irmão em setembro, meu pai no começo de outubro e minha mãe no final de outubro. Logo depois que ele morreu, teve o aniversário dele. Logo após o aniversário dele sem ele, teve o primeiro aniversário do meu pai sem ele, logo depois teve o primeiro aniversário da minha mãe sem ele, logo depois teve dia de finados, logo depois teve Natal, logo depois teve Ano Novo e aí cada data adquire um valor completamente diferente, muda assim, eu li um negócio, aquele negócio que eu li do Pessoa, acho que eu cheguei a comentar contigo lá na estação Sé, eu acho...

Dario: na Sé, né?

Betinho: que dizia que as coisas não têm significado, elas simplesmente existem, quem atribui significado às coisa é a gente. Em resumo é isso, né? E foi o que aconteceu com as datas, né, as datas mudaram de... naquele começo principalmente num... hoje não, hoje não faz mais “parabéns a você”, essas coisas, mas a gente vai almoçar, vai jantar, sempre lembra das coisas, mas quanto menos festinha melhor, né. O Natal a gente assumiu que é uma festa gastronômica e foda-se, vamo, se for cantar “noite feliz”, meu bem, olhando aquela cadeira vazia, meu deus, cadê a gilete pra cortar os pulsos dos três, né. Então chega dessa história de “noite feliz”. Então, assim, de longe, a falta dele, tudo isso foi a pior coisa, de longe, a pior coisa que já aconteceu com a gente. E, 2006, 2005, 2006 foi passando, pá. Aí em 2007, eu tava no ativismo, aquela coisa, e em abril eu fui pra Argentina, Fórum Latino-Americano de HIV/AIDS. E tomei um puta boa-noite-cinderela naquela porra de cidade naquela porra de cidade, cara, tu acredita?

Dario: como foi?

Betinho: nossa, foi uma coisa pavorosa. Primeiro tava tudo de bom, eu que fiz o encerramento do Fórum Comunitário, do Encontro do Seguimento dos Desenvolvidos Sociais, que tava começando a armar a maior, eu tava como representante das pessoas vivendo com HIV, um puta honra, relator das pessoas vivendo com HIV da América Latina, tinha relatora de prostitutas, relator de usuário de drogas, de jovem, de mulher, aquelas coisas todas e todo mundo apresentando sua relatoria. Quando chegou a hora dos jovens, eles, pra variar, deram com o pé na porta né? Ficou um puta mal-estar, né. E aí eu entrei “gente, não sei o que”, tava tudo pendurado várias cores, várias flâmulas coloridas penduradas, “gente, olha aqui, a gente tá aqui com o arco-íris, que que é o arco-íris?, as cores podem conviver, ter um resultado maravilhoso”. Sabe, foi uma intervenção legal, tudo no Congresso foi muito legal, né. E eu ia ficar 4 dias a

mais, eu peguei minha passagem e, por minha conta, ia ficar em Buenos Aires mais um dia, pra conhecer mesmo, porque a cidade é uma delícia. Quando eu chamei de “porra”, desculpa, eu adoro Buenos Aires. E um cara que eu conhecia, um senhor que eu conhecia, tal, e távamos num bar, e de repente eu vejo aquele cara lindo, né. Detalhe: todo mundo andando chique na rua. Tem uma monte de mendigo, um monte de pedinte, mas as pessoas, de forma geral, lindas, distintas, de forma geral andando pela rua, né. Ó o Fernando Pessoa que você mandou aqui. E aí, pomba, senta aqui com a gente. Sabe quando você se sente no paraíso?

Dario: hum...

Betinho: é, cê se sente numa coisa maravilhosa que... e eu devia ter desconfiado quando ele me disse que, além de ser do interior da Argentina, ele era “ferrero”, né, olha só, tudo o que faz parte de um calendário de calendário gay: um ferreiro, do interior da Argentina, que era soldador de aberturas. Fala a verdade, fala se eu já não devia ter me tocado nesse momento, que ele era 171? Mas eu tava tão levado pelo vinho, pela situação, que levei ele pro meu hotel e acordei onze e meia da manhã do dia seguinte completamente... olhei pro lado e cadê minha câmera fotográfica que eu sabia que eu tinha deixado no criado-mudo?

Dario: hum...

Betinho: nada, algumas coisas reviradas eu falei “ó, meu deus”. Bom, ele levou absolutamente tudo, deixou apenas o passaporte e 10 pesos. O passaporte porque ele era verde e o carpete era verde e ele tava caído do lado da cama, acho que ele caiu. Por sorte é que eu pude me identificar, dizer quem eu era, que eu existia. E foi, essa foi uma das piores sensações, eu sei que aquele momento com o meu irmão a situação foi pior. Essa foi um teste-drive de sem-teto, porque eu tinha arrumar 800 pesos pra pagar o hotel, eu tinha que arrumar 25 dólares pra sair da Argentina e eu tinha que arrumar um táxi pra ir do hotel até o aeroporto e tinha que arrumar dinheiro pra comer, naquele dia e no dia seguinte, até a hora do avião. Eu sabia que tinha um casal que tinha ficado. Sabe, o ..., que era do Ministério?

Dario: não.

Betinho: da Assistência?

Dario: não, não.

Betinho: ele era o adjunto do, aliás, não, ele era o chefe do (), ele era o chefe da Assistência do (), que é, naquele momento ele tava como acompanhante da (). Eu sabia que eles tinha,

continuado lá, e eu sabia qual era o hotel, o Softel, uma coisa assim, e fiquei tentando ligar o dia inteiro e não. Aí eu fui na delegacia e pelo menos na delegacia eu fui tratado com dignidade, não como no Ceará, porque esse não foi meu primeiro boletim, foi o segundo. O bonitinho aqui nunca faz as coisas uma vez só. Meu primeiro foi no Ceará, cara, em 80 e pouco.

Dario: em Jeriquaquara?

Betinho: não, não, esse foi em Fortaleza. um muleque de 15 anos delicioso, todo saidinho. Três anos depois ou sei lá quantos anos depois eu reencontrei, ele tinha crescido e tinha virado bandido e eu não sabia. Levei todo na confiança pro hotel e acordei no dia seguinte “boft, todo fudido”. E aí, quando eu cheguei na delegacia pra fazer o B.O., tava o delegado, o escrivão, o faxineiro, todo o pessoal da delegacia pra escutar o depoimento do gay que foi assaltado..

Dario: puta que pariu...

Betinho: a vizinhança toda também, toda a vizinhança tava ali e conversou com o delegado. Com aquela pançona, te olhando, te incriminando assim né: “quer dizer que tu tava na cama com outro cabra, é?” Aquilo começou, cara, cê imagina como foi meu depoimento pro B.O. em Fortaleza.

Dario: ah, eu imagino.

Betinho: foi um absurdo e lá na Argentina não, foi digno, tudo, mas eu tava, eu tinha que andar muito, liguei pro Consulado brasileiro, liguei pra Embaixada brasileira. Sabe o que eu ouvi de resposta das duas depois de três ou quatro insistências?

Dario: hum?

Betinho: “ah, o Sr. desculpa, mas é que a importância é muito alta, a gente não vai ter como ajudar”. Meu amor, não dava 500 reais... brasileiro em apuro no exterior, né. Eu já tava prontinho já, já tava anoitecendo, eu já tava prontinho pra ir pra Rede Globo de Buenos Aires pra tirar a roupa, fazer qualquer merda, né, quando dei uma última tentada pro hotel, era Ibis, era Ibis que eles tavam: “alô? Não, peraí, Betinho, Betinho, na hora que a gente passou o dia fora, a gente foi num balneário aí, tudo...

Dario: (?)

Betinho: aí eu fui a um jantar com eles, eles me emprestaram dinheiro pra resolver isso tudo e o Oriva, inclusive, foi a primeira vez que eu fui no Ministério, depois ele me deu de presente, sabe aquelas figurinhas que a gente cortava pra colocar no cadernos escolares de antigamente? Os meninos colocavam de heróis e as meninas de... tipo decalque?

Dario: sei.

Betinho: o decalque da cinderela, o filha da puta me deu...

Dario: hahaha.

Betinho: e foi um terror né. Eu até soltei um artigo sobre isso. E se de repente ele realmente fosse meu príncipe encantado e não tivéssemos camisinha, será que ele ia usar? Será que eu não iria pro 190? Eu soltei uma discussão dessa. E também na questão de segurança, não fui só eu, duas outras ativistas, movimento LGBT tomaram boa-noite-cinderela na Argentina, um deles uma grande exibição nacional que eu não vou dizer o nome nem por, nem a pau, mas vou dizer que ele tá no Departamento Nacional, “ah, eu falei que foi o Aldo Braga?” Aí que eu morro.

Dario: haha...

Betinho: é mas eu estou te falando entre nós, né, pra você ver que é um senhora liderança LGBT, o cara, mais do que eu, conhece todos os passos pra evitar um boa-noite. E o Leo Mendes foi o cara que tirou o cara das garras do cara quando ele tava pra ser levado pra sauna, pra algum outro lugar.

Dario: nossa!

Betinho: né, então não foi só comigo, né, se é que isso serve de algum consolo, né, vamos dizer assim.

Dario: ah, serve sim.

Betinho: aí teve essa discussão toda e, pimba, voltou a dorzinha, a dor era agora a outra perna, que começou a doer muito, doer muito, realmente, tinha entrado em colapso a cabeça do fêmur direita, aquela que tinha sido preservada, que eu tirei até um sarro do médico.

Dario: sim.

Betinho: e... ô meu pai, lá fui eu pra cirurgia, né. Foi em maio e em julho ia ter encontro da rede das pessoas vivendo com HIV em Manaus. Fiz a cirurgia, pumba, fui pra Manaus, perdeu o avião por incompetência da Gol, que eu processei e ganhei, inclusive, o processo. Uma bela indenização, é, uma bela indenização não, foram 4 dígitos, mas deu pra pagar o que eu tinha gasto e o sufoco. Fui pra Manaus, tudo, e a dorzinha não parava.

Dario: depois do acidente com o motoqueiro?

Betinho: não, bem depois, aí já era 2006, aí já era 2007, exatamente 1 ano depois, 1 ano e pouquinho depois do motoqueiro. Fiz a cirurgia da prótese, coloquei a prótese na perna direita.

Dario: ah, tá, essa dor foi depois do boa-noite-cinderela?

Betinho: foi, foi depois do boa-noite. Aí teve, começou a dorzinha e pumba, cirurgia de novo, fazer a outra prótese. Pumba, fiz, a dor passou, mas não passou muito, continuava uma dor aqui na região inguinal, aí começou uma romaria, cara, eu passei por sete especialidades, 21 médicos, fiz trocentos exames, os mais complexos possíveis, de tudo quanto é especialidade eu fui. Já fui em no Sírio Libanês, o senhor, o que ele era meu deus? Não sei se era hematologista, o que ele, ele falou: “Betinho”, quem me encaminhou foi aquele cara que *expert* em efeitos colaterais, aquele infecto que é... mas é envolvido com o CRP tal. Aí eu vou lá, tudo, e ele me falou “Betinho Roberto, eu vou lhe encaminhar pro Instituto de Psiquiatria da USP”, eu falei “caralho, agora é só o que faltava, tão achando que é coisa da minha cabeça”.

Dario: hahaha...

Betinho: mas lá você vai no Instituto de Neurociências, vamos ver o que é que tem no sistema nervoso, porque todo o resto praticamente já foi descartado. Primeiríssimo mundo, me senti acolhido hora que eu entrei, uma musiquinha ambiente, um atendimento rápido, muito legal. Chapado, não é que tinha pouca gente não, chapado de gente de tudo quanto é lugar do Brasil. O médico, chego lá, na consulta eu vou ver por que. Minha consulta não durou nem 10 minutos, cara, começou lá, pá, pá, pá, “tá sentindo o que? Assim, assado”, “ah você tem duas pernas, tá”, “filho, dá a volta aqui na mesa, vem aqui do meu lado e abaixa a calça”. Aí na hora eu falei “caraca, velho, eu tô morrendo de dor, o cara vai me assediar sexualmente!”

Dario: hahaha...

Betinho: e fui, aí “assopra sua mão”, aí eu falei “ah, não, Dr. tá me tirando, que eu vou fazer um exame que eu não faço desde que eu me apresentei no exército”. Ele falou “é, assopra sua mão”, eu assoprei, ele falou “meu querido, você não tem nada além de uma hérnia, facilmente removida por cirurgia, tô fazendo encaminhamento, não vou fechar teu caso porque eu não sou cirurgião geral, vou te encaminhar”. Agora olha só cara: eu fiz coisas de ponta, coisas experimentais...

Dario: não acredito!

Betinho: sendo que era uma hérnia, com o exame que não gastou nem um centavo, assoprar a mão. Você lembra desse exame?

Dario: lembro.

Betinho: pois é, fui encaminhado pro cirurgião, isso já era, olha só, a cirurgia já era em agosto, o diagnóstico da hérnia veio em junho, final de maio começo de junho, foi quase 1 ano de muita dor, eu torcia e doía, já tava limitando seriamente minhas saídas de casa, tudo isso, e, o pior de tudo, né, cara, aquela sensação de que a tortura não para, né? O tempo não para, a tortura também não. E, de novo, sabe aquele medo de que nunca vai parar? Eu tenho esse medo até hoje, cara, de que essas provas, se bem que eu já não tenho mais tanto medo, mais é cansaço, medo eu não tenho já faz muito tempo. Eu tenho cansaço, eu tô muito cansado. Onde tava? Que que eu tava falando mesmo, bicho?

Dario: da hérnia.

Betinho: ah, sim, né, aí diagnosticou a hérnia, marcou a cirurgia, eu falei “Dr. vai fazer rack, né?”, “sim”, “dá pra fazer um reparozinho lá no ânus, é que eu tenho hemorróida, vou fazer 50 anos daqui a pouco, vai ter festa e tudo, né? Queria deixar a casa bonitinha, tal”, “ah, tudo bem”. Uma cirurgia estética, cara, não tava com sangramento, não tava com dor, né, só tava aquela coisa desgastada pela ação do tempo e pelas ações absurdas que eu cometia desde os 18 anos de idade, né, vamo combinar. Ele falou “tudo bem”, eu falei “por favor, Dr. não me fecha, eu não tô pra essa altura do campeonato!”

Dario: hahaha...

Betinho: ele falou “tá bom”. E na outra, inclusive, ele falou “vai tomar isso, aquilo e eu não alterei o perímetro” na frente da minha mãe. Minha mãe foi a primeira a cair na gargalhada. E aí saí novinho, além de tudo curado e cabaço, né, bonita, linda, falei “jóia, vou abalar”.

Dario: hahaha...

Betinho: em julho, teve a, um encontro de pessoas com HIV e gestores aqui no Guarujá, no fim de semana inteiro, eu ia tá no dia de abertura representando a rede, ia tá, fazer uma série de oficinas, tá e coisa, e tava. Saindo do hotel para ir pra abertura, na universidade, toca o celular, eu atendo: “Oi Robocope”, como esse médico me chama. Eu falei “nossa, Dr., médico ligando pra paciente à noite, no celular, o que que tá aconteceu?” “Não, eu tô querendo conversar com você, quando é que a gente pode se ver?”. Eu falei “ó, Dr. tô pra entrar num evento”. Ele queria me ver no sábado, era sexta-feira à noite, eu falei “olha, não dá, eu vou entrar num evento que eu vô tá repleto de atividades, não dá pro senhor adiantar pelo telefone? Vamo lá, eu não vou ter muita surpresa não”. Ele disse: “é, Betinho, quando eu fiz sua cirurgia no ânus, eu percebi uns pólipos, né, eu extrai, encaminhei pra biópsia e veio o resultado hoje pra mim, é maligno, cê tá

com carcinoma e maligno, mas eu já retirei, você não tem mais, eu retirei bastante, até que uma camada bastante”. Sabe quando o mundo sai, o chão sai de novo, eu falei “outro, cara”, e tava no finzinho do controle do primeiro tumor, era 2004, 2008, quatro anos e pouco, pá, tudo, já, né, e “puxa, Dr., outro câncer, não brinca comigo”. Ele falou: “não Betinho, relaxa, não tem mais nada, eu tirei com uma boa margem de segurança, mas eu não posso fechar o caso porque eu não sou oncologista”. Olha só: eu tinha ido pro Dr. Leal, porque o neurocientista não podia fechar o caso, aí o cirurgião não podia fechar o câncer, uma coisa leva a outra, sempre foi assim. Não vou fechar, vou te encaminhar pra algum oncologista, você tem preferência? Eu falei: “tenho, eu já fiz meu tratamento já”. Aí chego lá, conto minha história e falo: “olha, falou que já terminou tudo”, aí ele falou: “talvez eles queiram fazer uma leve radioterapia pra dar uma tipo duma selada nesta história, certificar que não vai ocorrer mais, mas tô te encaminhando”. Ele falou: “olha, Betinho, provavelmente vai ter que fazer alguma coisa, mas eu quero olhar isso aí, eu vou fazer uma outra cirurgia em você com o meu olhar de oncologista pra ver como tá a história”. Eu falei: “não, tudo bem, vamo embora”. Aí lá foi mais uma cirurgia, tudo seguida. Na entrada do centro cirúrgico, né, naquele, são nove centros cirúrgicos na Santa Casa de Santos, e aquele meio, onde fica a distribuição daquelas pessoas que vão ser operadas. Eu tava do lado de uma senhora, eu vi as enfermeiras fazendo uma zona, falando mais que costureira, como se nós não estivéssemos ali sentados e ansiosos porque vamo entrar numa cirurgia, né? Os caras confundiram um pouco a humanização da saúde com isso, né, ah, vamo agir como se a gente estivesse na casa da gente, né? Até que uma hora saiu uma louca lá da sala cantando “na sua boca eu viro fruta, chupa, chupa, chupa que é de uva”. Eu falei “ah, não, chupa que é de uva é demais, é demais pra mim”. Aí chamei o médico e falei “escuta, Dr., que que tá acontecendo aqui”, “ah, elas são assim mesmo, pode avisar que eu vou fazer uma reclamação”. Depois eu fiz a queixa e eles mandaram resposta, pedindo “desculpas”. Aí fomos pra sala de cirurgia, aí eu tô lá, tá o meu médico, as duas enfermeiras, esperando o anestesista, que chega, enorme, cavanhaque, com a voz grossa e com aquele forte sotaque “boa tarrde, eu sou o Dr. Alceu, sou anestesista”, sou macho tchê, só faltou o “sou macho tchê”. Eu falei: “o Dr. é gaúcho?”. E é sempre uma pergunta que vem seguida de uma estufada de peito e de uma resposta assim: “ah, bah, claro, tchê!”, né, com aquele sorriso...

Dario: tem bigodão também ou não?

Betinho: tinha bigode e cavanhaque e tudo. Eu falei “então tá combinado desde já que não se conta piada de gaúcho nesse centro cirúrgico, né”. O meu médico, que, com uma consulta já

me conhecia, caiu na gargalhada e as enfermeiras também. Aí o Dr. “é bom mesmo”. “Escuta, e de Catarina, pode?”. Aí ele abriu aquele sorriso: “mas claro que pode”. Sabe que eles é pior que Rio e São Paulo, né? Entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina é uma coisa ferrenha”.

Dario: ah, é?

Betinho: ele falou: “mas lógico que pode, tchê! Catarina faz bem até”. Eu falei: “Dr. o senhor sabe por que o Catarina, quando ele vai urinar, por que é que ele cospe no chão?” Aí ele fez aquela cara: “não”. “É porque quando ele olha pra baixo dá uma água na boca, tchê! Ai, desculpa, não era pra falar o tchê!”. É uma piada de gaúcho essa, né. O povo começou a rir. Ele me olhou sério, ficou com o êmbulo “tu tens noção de com que tu estás falando?”. Eu falei “olha, Dr., eu estou confiando no seu profissionalismo, mas, caso ele falte, já acabei de criar um caso pra colocar

Dario: hahaha...

Betinho: aí continuou naquela onda, ele fez a cirurgia, e aí veio a surpresa, que é um pouco de poesia: “é, Betinho, realmente aquele não tava lá, foi removido, mas apareceu um outro, na mesma região”. Eu falei: “ah, não brinca”. “Retirei também e ah, não tem jeito, meu querido, nós vamos ter que fazer um tratamento bastante sério”. Aliás, ele me encaminhou pra outro médico dali de dentro, que era uma outra especialidade dentro da área de câncer, e esse médico prescreveu, falou que vai fazer rádio. Eu falei: “Dr., antes de mais nada, o que nós temos aqui na região é o mais moderno que existe?”. Ele falou: “não. Em São Paulo você encontra tecnologia de radioterapia bem mais moderno, então, por favor, o senhor faz o encaminhamento, que eu vou procurar um hospital que tem”. Ah, é acelerador linear, nuclear e não sei o que, não sei que lá. Porque tem aquela radioterapia com uma placa, coloca uma placa em cima da região afetada, por exemplo, no meu caso, no reto, coloca lá. Vai realmente acabar com o câncer do reto, mas vai acabar com o reto, com a bexiga, com a próstata, vai acabar com tudo que tem no entorno.

Dario: sim.

Betinho: e essa radioterapia nova são três feixes que depois de um senhor mapeamento que vem a seguir e tudo. Bom, deixa eu contar a história: fui encaminhado e achei o A.C. Camargo, em São Paulo, uma puta referência, né, e do meu convênio. Falei: “aí que maravilha, perfeito!”. Aí começou uma sucessão de consultas e de tomografias, de encaminhamentos, era quase toda semana eu ia pra São Paulo, pra fazer esses exames tudo, mapeamento, consulta, até que identificou o lugar certinho, “bom, nós vamos fazer, vai ser quimio e radioterapia”, eu falei “Dr.,

acho que meu corpo não aguenta outra quimio não, eu faço um tratamento com coquetel há tantos anos que meu corpo já tá um bagaço, já tive problema pra cacete, fiz uma quimio que me deixou na capinha, eu acho que outra quimio eu fico além da capinha”. Ele pensou e colocou lá: quimio com morbidade, era a justificativa pra eu não ter a quimio. E aí eu, em 19 de dezembro de 2008, tava iniciando a minha radioterapia no A.C. Camargo, tinha mudado pra São Paulo, ia passar meu tratamento lá, que as aplicações são diárias, né, de segunda a sexta, e arrumei com três amigos, o Amigo Monteiro foi um deles, o Betinho, que era meu ex, o outro, e o Nando, que mora numa república. Então fiquei revezando apartamento pra não ficar muito tempo na casa de ninguém, porque ninguém gosta, né, chega um tempo, chega um limite que começa a ficar totalmente inconveniente e a atrapalhar ambas as partes. Então ficava 1 semana, 10 dias em cada um. Natal eu vim pra casa, réveillon eu fiquei lá, começou a minha rotina lá, que não era nada rotineira, né. Eu já tava acostumado com aquele tipo de sessão, já na minha primeira sessão de quimio, de rádio, já foi com meu jalequinho de médico, meu estetoscópio, “bom dia, bom dia”, “não, não sou Dr. não, vim me tratar”. E comecei a dar risada com um grupo de pessoas que era um barato, porque o grupo de rádio, você obrigatoriamente convive com aproximadamente as mesmas 80 pessoas, basicamente as mesmas 80 pessoas. Algumas saem porque começaram o tratamento antes, outras entram porque começaram o tratamento um pouco depois, mas o grosso são as mesmas pessoas que você encontra todo dia, as mesmas pessoas e famílias que tão em dificuldades tremendas, então é a família que tá derrubada, né? Ali ninguém tá tratando gripe, cara. Ali é só câncer, é tratamento grave, tem muita gente que tá agressivo, deita mal. E aquele estilão, o pessoal calado com a boca, essa história, eu chegava lá: “lá vem ele, oba”, já começava a brincadeira, tal.

Dario: mas você chegou a levar bronca do médico ou não?

Betinho: não, imagina, eu que dava bronca em médico, imagina, começou a faltar uma pastilha pro aparelho, mas mandei e-mail botando a boca no trombone, saí no programa lá do Zé Paulo, “boca no trombone” e tudo. Eu vivia tirando sarro, ele até tinha certo receio de mim, inclusive eu comecei uma campanha que eu preciso retomar, vou retomar com um blog isso aí, a questão de grupo de cuidados paliativos não ser para quem tá em terminal não. Eles mesmos acham que só pra quem tá terminal, pra ter um fim digno. Meu querido, a gente precisa ter um tratamento digno, a gente precisa ter uma vida digna.

Dario: sim.

Betinho: não é um fim digno, a gente tem que ter dignidade a vida inteira.

Dario: sim.

Betinho: eu já tô cheio de elementos. Eu sei que na Europa é de ataque, você sentiu algum efeito colateral, vai pra Equipe Central de Dor, vai pra cuidados paliativos. Eles entendem disso. E, mais, enfim, comecei o tratamento e aí foi, né, no começo tudo era festa, até que começou a irritar, a irritar, eu senti, logo no começo e já senti um efeito colateral que é terrível, que chama tenesmo. É o efeito que acontece com algumas parturientes que, após darem à luz, continuam sentindo, de um forma muito forma, inflamatória, dolorida, angustiante e no meu, que é como se você fosse dar à luz de novo, nas mulheres é a contração do parto como se fosse dar à luz novamente. Só que no meu caso, amigo, vamo combiná, se eu fosse pra um grupo de ajuda de portadoras de tenesmo, elas iam se condoer com meu caso, que eu tô dando a luz pelo cu, vamo combiná, né, lindo? Porque foi assim, além da dor, que não era muito forte no começo, mas era um incômodo, aquele negócio de você tá num lugar e sentir uma vontade, parecia que eu ia fazer cocô a qualquer momento. Era isso que, pra mim, não era dar à luz, parecia que eu ia me virar do avesso. Então, onde eu tava, eu tinha que voar pra um banheiro, porque a grande maioria das vezes não era nada, mas algumas das vezes era.

Dario: por via das dúvidas, né...

Betinho: por via das dúvidas eu enlouquecia, né, cara? E tudo isso sem abandonar o ativismo, lembrando, porque mesmo, não, não, durante o tratamento eu parei, fiquei em São Paulo só cuidando do tratamento mesmo. Simultaneamente, desde novembro, nós sofremos 8 assaltos sucessivos na ONG.

Dario: na ONG?

Betinho: na ONG. Invadiram pela porta, invadiram pela janela, invadiram pelo telhado, invadiram quebrando parede...

Dario: nossa...

Betinho: só não entraram pelo chão, cara. E eu não tava lá. Além de tudo, eu tava acompanhando a situação da instituição que eu geri, que eu gerei e que eu estava gerindo e sem poder fazer basicamente nada, porque o tratamento era de rádio, eu não podia desobedecer, tava com efeito colateral, sabe, aquela coisa assim?

Dario: sei.

Betinho: então tinha tudo isso correndo paralelo. E eu fiquei, né, na primeira semana na casa do Katrina. Depois fui pra casa do Nando, na Praça da República, Roosevelt, que é uma delícia, amo a Roosevelt, amo o centro; depois pra casa do Amigo, depois voltei pra casa do Nando, pra casa do Betinho e, os últimos 10 dias eu já tinha reservado, intuitivamente, pra ficar num hotel que tem ao lado do hospital, bem pertinho do hospital. Falei, vamo vê, se complicar alguma coisa eu tô sozinho, não incomodo ninguém. Dito e feito. Cara, os últimos dias de tratamento e os, terminei o tratamento em fevereiro, e os efeitos foram até julho, começo de agosto. Cara, foi um inferno, eu tomei coisa que Michael Jackson não tomou pra dor, cara. Tinha um coquetel que as pessoas se assustavam, eram três coquetéis, um de comprimidos de coquetel, outro pra dor, e outro que era uma pomada pra região, porque tinha uma parte do meu ânus que tava dividido em partes, porque era mais de um problema. Tinha região que tava queimada, tinha região que tava em bolha ainda, tinha região que tava fazendo uma rachadura, mas que tava cada vez mais profunda, correndo cada vez mais o risco de fazer, como é que chama? É uma entrada pro organismo, é quando faz o, quando a coisa atravessa a pele toda e abre pro organismo. Quer dizer, tudo, tem um monte de coisa, e eu chorando, gritava, “Dr., pelo amor de deus”, e ele respondeu: “ah, faz banho de camomila”. Quase que eu falei: “Dr., o senhor pega esse banho de camomila e enfia no cu, porque eu tô cansando, ou senhor entra com uma droga pra parar essa dor ou eu vou ficar louco aqui no hospital”. Aí ele começou com tramal, aí quando ele viu que não dava, ele me encaminhou pra central da dor, até que enfim. Cheguei lá já falei “escuta, querida, desculpa”, depois ela passou um monte de coisa, aí na próxima consulta, pumba, eu já tinha melhorado. Mas gente, por que é que eu não vim pra cá antes? Falei “posso fazer uma pergunta?”, “pode”, a médica e a enfermeira: “por que é que eu não vim pra cá antes?”. “Pode contar um segredo pra você?”, “pode”, “é que tem médico que acha que sabe de tudo”. Aí eu falei: “ah, minha querida, isso não é segredo pra ninguém”.

Dario: não é segredo mesmo.

Betinho: e aí começou a melhorar, mas esses dias que eu passei no hospital, eu te juro, cara, tinha hora que eu olhava pra sacada, eu tava no 8º andar, me dava um desespero tão grande, que não tinha posição, não tinha jeito, a dor não passava, e virava, e fumava maconha e fumava cigarro um atrás do outro, voltei a fumar, eu já tinha parado de fumar. Voltei a fumar por causa do tratamento. Eu tinha que arrumar alguma coisa que desse uma compensada, que se não eu ia fazer uma bobagem, ou ia começar a encher a cara, e enchendo a cara a gente faz bobagem, e aí

eu podia me jogar de lá de cima, né? Mas aí acabou o tratamentos, os efeitos continuaram por um bom tempo, né, aí, sim, já terminando o tratamento eu já voltei pro ativismo, mesmo com os efeitos, tava com dor, ainda, tal, tanto que, você chegou a ver meu depoimento, minha defesa de tese no STF?

Dario: eu vi, eu revi no sábado e revi ontem ainda.

Betinho: aí eu falo “estou aqui graças ao coquetel de medicamento que incluem duas doses diárias de sulfato de morfina”.

Dario: entendi, você falou mesmo, no início, né?

Betinho: e olha só, no meio dessa, a bipolaridade da minha vida de novo, né, cara, me vem essa coisa. A única pessoa, não sei nem se é do movimento ou da área de AIDS e já pisou no Supremo Tribunal Federal pra fazer uma defesa das nossas reivindicações, cara. Eu me senti, ali sim eu me senti o fudido, cara.

Dario: é.

Betinho: e principalmente porque dentro do movimento de AIDS, aí a ciúmeira atacou, muitas reações foram explícitas, viu? como? Ele nem advogado é, como é que ele pensa que vai conseguir fazer uma defesa no STF”, coisas desse calibre foram faladas de mim. E eu me iludindo, a Paula quando me contou falou “Betinho, o pessoal só faltou assinar um despacho contra você ali, e eu fiquei impressionada com o grau de críticas que foram feitas a você”, e o pessoal o próprio fórum falando “gente, ele só escreveu um trabalho, como todos aqui, e o STF julgou que o dele era o mais procedente, fazer o que?”. “Não, mas nós temos que definir o que é que ele vai falar, não sei que lá”, que nós temos que rever o que se escreveu pra ser apresentado lá. Aí virou um ativista também que nem tinha a ver com o Artemis e falou “escuta, você já fez até doutorado, né, querido? Você sabe que pra apresentar uma tese você não vai apresentar, você tem que apresentar aquilo que você submeteu, aquilo que foi selecionado pra você, você não pode fugir daquilo que você tá programado pra falar, querido, ele que vai falar do jeito que ele quiser, não tem essa, pá. E aí eu fui, cara, não sei se você reparou também, a primeira coisa que eu falei foi corrigir o Ministro e o Presidente do Supremo...”

Dario: de doutor...

Betinho: e aquele momento foi que eu explodi isso, que eu não me formei. Eu larguei a faculdade de comunicação e de publicidade faltando dois meses pra terminar o TCC, e esse sempre foi, esse é, o grande arrependimento da minha vida. Não me arrependo de ter abusado das

drogas, não me arrependo do HIV, não me arrependo de nenhum dos namorados horrorosos que eu tive, porque todos eles contribuíram, né, de alguma forma, pra o que eu sou hoje, mas ter abandonado a faculdade foi uma bobagem, né, foi abrir mão de um caminho, de um passaporte pra uns caminhos que hoje passam desfilando na minha frente, eu falo “puta, se eu tivesse a porra do diploma”... mas, enfim, e nessa audiência eu expurguei uma grande parte dessa culpa que eu tinha com relação a isso. E... nós tamo em 2009, né?

Dario: foi ano passado isso, né?

Betinho: é, e aí veio, pararam os efeitos colaterais, eu falei “cara, que maravilha!” e mais ou menos na mesma hora, a amiga minha que era pra ter ido lá, a Flavinha Cintra, tetraplégica do Viver a Vida, a inspiradora da novela Viver a Vida, que deu consultoria pra Alline Moraes, sobre como ficar com a perna caída, sobre como ficar o ombro meio duro, tal e coisa, com relação à tetraplegia dela, uma grande amiga minha, perguntaram pra ela, o pessoal da produção perguntou: “quem você sugeriria pra dar um depoimento, você gostaria de ver dando depoimento de superação na novela?”. Eu fui a única pessoa que foi indicada pela musa inspiradora da novela...

Dario: olha aí...

Betinho: é uma coisa que eu guardo no meu coração, são meus troféus, cara...

Dario: sim, com certeza.

Betinho: esse é meu ganho, meu ganho não é salário, esse é meu ganho, isso me completa, isso me dá forças, cara, né, me faz ver, “não, o caminho tá certo”, né? Parece que o caminho é assim mesmo, tem que dar forças pra continuar seguindo. E, ao mesmo tempo eu recebo a notícia de que eu receberia o título de cidadão honorário da minha cidade.

Dario: sério?

Betinho: sério, cara...

Dario: não acredito, Betinho, que ...

Betinho: um espe... não, é! Então teve “Viver a Vida”, teve o cidadão honorário, teve o STF e, de repente, eu recebo um convite pra filmar minha vida. Tem um projeto que tá aguardando a terceira fase de uma seleção da Petrobrás, já tá roteirizado, tudo, já tem várias cenas gravadas pra fazer um filme sobre mim. sabe que isso foi uma coisa, no encontro da rede de pessoas que têm HIV, o representante estadual, de Campinas, ele me prestou uma homenagem lá, na abertura, fiquei emocionado pra caramba. Falou, falou, falou: se vocês quiserem ter uma pequena noção do

que é o trabalho desse cara, vai no Google, vai no youtube, vai em qualquer mecanismo de busca na internet e vocês veem o que aparece lá. E isso é uma demonstração de trabalho. E eu nunca tinha feito isso, aí fui “nossa, que maravilha!”.

Dario: é muita coisa...

Betinho: é, aí veio o SBT Repórter, uma série de coisas de repercussão nacional, né. Quando foi ao ar o capítulo, tava minha tia de São José do Rio Preto, minha mãe, meu pai e eu na sala, e ela ia pegar o ônibus às dez e meia, e a rodoviária é pertinho de casa, daria tempo certinho de ver capítulo, dar uma abraço, um beijo e sair correndo pra rodoviária. Eu falei: “gente, eu não vou porque alguém deve querer ligar”. A hora que tamo abraçando começou a tocar os três telefones, o meu celular e os três aqui de casa. E começou, muitas vezes eu tava com três telefones, fazendo malabarismo pra atender, igual um chinesinho do Circo de Soleil, fazendo malabarismo com o telefone. A hora que eu abri o Orkut, 57 solicitações de nova amizade, cara, um monte, mas de monte, coisas loucas, assim, estourando, pipocando. Eu falei “gente, que que é isso!”. Aí foi, né, ali começou um monte de coisa. Aí, confirmou uma casa que me enchia o saco.

BETINHO 6

Betinho: só que desde 2008 mesmo, eu tinha assumido a diretoria do Artemis, metade de 2008, né, aquela coisa toda do tumor, de diagnóstico, tudo aconteceu na mesma época: a minha eleição para mais 2 anos de Artemis. Só que ali eu já tava assim, sabe, eu já tava cansado já, de saco cheio de quem tava do lado da gente, sabe aquelas coisas assim? Então não, eu já tinha feito um curso de gestão de instituições, né?

Dario: sim.

Betinho: e veja só, vou até te mandar o instrumento agora. É um instrumento de gestão que você que elenca, talvez você conheça, “forças, oportunidades, fraquezas, ameaças”.

Dario: hum, achei que era algum apelido que você tinha dado pra alguém... hahaha...

Betinho: não, não. É um quadrado, são quatro quadrados, uma tabela com quatro quadrados, né, você divide a página em quatro quadrantes, coloca do lado esquerdo “FoFra”, “forças e fraquezas”, que é um ambiente internos, minhas forças, no caso seria as forças da instituição e as fraquezas da instituição; e do lado direito seria o “o” e o “a”, as oportunidades e as ameaças, ou seja, o ambiente externo. Então é feita uma avaliação de quais são as fraquezas, quais são as forças, e com base no “FoFa” são definidas metas e atividades pra atingir as metas. E

eu apliquei na minha vida. Falei: “quer saber, tô precisando fazer um “FoFa”, e comecei. Ali eu já tinha falado “é minha última gestão”, vou começar a me preparar, tudo, dentro do possível, mas aí teve essa bagunça toda, mas eu consegui, de alguma maneira, eu procurei seguir as coisas que eu tinha planejado. E com o tempo isso (... e aí chegou o fim das mas eu já tava, sabe quando você já tá sa-tu-ra-do, né, cara. Eu tava já extremamente saturado, sabe, Teresa Batitsta, cansado de guerra, não de guerra, mas de como eu estava guerreando, né?

Dario: sim.

Betinho: e aí, que que teve 2010 afinal de contas? 2010 não teve nada demais, este ano que nós tamo, só mesmo essa questão de cada vez me sentir, foi como eu falei pro pessoal: “pessoal, essa é minha última gestão”, isso no começo do ano eu falei, “eu junho eu não estarei mais aqui”. Eles falaram “bom, vai acabar”, eu falei “não, não vai acabar, vocês passaram aqui com assalto e tudo mesmo sem mim e não fechou. Com tudo aquilo que aconteceu, no dia a dia não vai acontecer mesmo”. Eu deixei claro: “eu tô assim, me sentindo, eu tô no cúmulo, eu acho que eu nunca tive uma fase tão estressada, sabe, eu amo fazer, sabe, coisa que eu já falei pra você.

Dario: sei.

Betinho: porque eu tô me sentindo assim, com um pé numa barca e com o outro pé na outra, e cada um tá indo pra um lado: um pé é a Artemis; outro é a minha vida. Eu já optei, se eu ficar com um pé em cada um, eu vou acabar afundando.

Dario: sim.

Betinho: eu vou ter que optar pela barca e eu já optei, gente, eu vou continuar com a minha vida, né.

Dario: da última vez que a gente conversou você já tinha colocado isso também.

Betinho: é, então, e agora já tá se concretizando, né, lindo, tá se concretizando, eu já tô numa outra vida. Tô realmente cumprindo tabela na Artemis, o pessoal já tá preparado pra isso, tudo. E eu já tô começando a desenvolver o que eu quero da minha vida daqui pra frente. Eu vou abandonar o movimento social daqui pra frente, estou abandonando o movimento social organizado, porém, eu não vou abandonar a luta jamais! A luta a gente nunca abandona, eu vou mudar o foco da minha atuação. Eu vou dirigir meu holofote agora, ao invés de dirigir pro governo, eu vou dirigir pro movimento social com a mídia, isso tá bem claro pra mim, o meu trabalho, daqui pra frente, vai ser em ser uma espécie de *ombudsman* do movimento social,

porque, se tem muita coisa dando errado é porque o movimento social tá vislumbrado por verba, tá disputando poder e isso inibe com que novas pessoas entrem, né. Então muitos dos problemas que a gente fala e atribui à situação ou ao governo, não, é a gente mesmo. Então vou jogar meu foco sobre isso daí. E já fiz esse anúncio do fórum de São Paulo na sexta-feira agora e, inclusive, me perguntaram: “ah, cê vai fazer o que agora?”, eu falei: “vou virar ex!”.

Dario: hahahaha...

Betinho: é que tudo que começa com ex da merda, né, é ex-namorada, ex-secretária, estrógeno, então é uma bosta.

Dario: até o estrógeno?

Betinho: é, eu pus o estrógeno pra ficar igual. E é isso, lindo. Agora, o que que eu tenho, o que que eu penso pra mim, cara, sabe, eu quero, primeiro, um pouco de sossego, de saúde, cara. Eu queria desfrutar um pouco da vida, sabe, sem sobressaltos, apesar de que eu tenho certeza de que isso não é a minha vida, né, minha vida realmente parece que é feita de desafios e eu já aceitei isso, fazê o que, mas eu gostaria muito de ter paz, e nessa paz eu gostaria demais, demais, demais da conta que meu coração disparasse novamente. Eu tô com uma saudade enorme de me apaixonar por alguém, de compartilhar a minha vida com alguém. Se você perguntar uma carência que eu tenho hoje é essa: eu tô louco pra me apaixonar por alguém, sabe, eu quero ser cuidado, cara, porque, olha que louco, eu não agüento mais cuidar dos outros. Esses 11 anos foram SÓ cuidando dos outros. O que eu cuidei da minha vida eu não pude cuidar de maneira satisfatória, tanto que deu as merda que deu. É isso, tá contigo!

Dario: é isso aí. Bom, assim, eu só vou te colocar algumas coisas...

Betinho: coloca o que você quiser, cara, menos aquilo, porque eu não posso...

Dario: hahaha...

Betinho: ah, porque, além de tudo tem isso, né, lindo. E, ao mesmo tempo que eu tô tão cheio de amor pra dar, de coisas legais pra dar para uma pessoa, eu não vou poder dar uma relação sexual legal, porque a radioterapia teve uma sequela definitiva que não me falaram, que fechou meu cuzinho, né, eu tô cabaço e vou continuar, porque é uma coisa que se foi, foi a elasticidade.

Dario: entendi.

Betinho: então passivo, não mais; ativo, tô com problema de disfunção erétil há muito tempo. Só na base de viagra, essas coisas. Só que tem sido tanta barra, tanta barra, que nem

viagra tem ajudado muito. Tem uma série de coisa que eu vou ter que resolver porque, seu quiser realmente ter uma relação afetiva sem sexo, vai ser muito complicado achar alguém pra, que, sei lá, né, vamo vê.

Dario: é, mas...

Betinho: então isso te dá insegurança, eu não consigo deixar de esconder essa insegurança, é uma bosta.

Dario: ou seja, tá se apresentando um novo desafio na sua vida...

Betinho: é, com certeza, na melhor coisa... Eu li uma coisa que uma garota colega escreveu, de Ubatuba, que ela fala que ela passou a odiar o que ela sempre mais amou, que é o amor. Passou a odiar o amor. Mas eu não odeio, eu amo o amor, caralho, mas eu tenho medo, eu tenho, além de tudo, um medo terrível, porque essa figura que fiquei 4 anos e que terminou daquele jeito horroroso não só terminou daquele jeito horroroso, né, a questão de 1 ano, mais ou menos, ou seja, terminou em 2003, 6 anos depois eu fui saber que eu fui corno a minha relação inteirinha, manteve uma relação com um amigo que eu sabia que ele tinha esse amigo, que viva jogando vídeo-game com ele. Namorar muleque é foda, né. Vivia jogando vídeo-game, eu sempre desconfiava, mas não tinha nada, tudo, ele na minha casa, e ele socado na minha casa, sabe, bebia no meu copo, e comia meu namorado, durante os 4 anos. Passava “oi, tudo bom”, beijinho, isso é horrível, isso, quando eu soube disso, falei “caralho, não existe, não existe sinceridade nessa porra, vai tomá no olho do cu, que bosta” e jogou uma pá de cal. Ali eu achei que tivesse, não quero mais, não quero mais ninguém. Hoje eu já mudei de opinião, hoje eu quero, vamo vê o que acontece dessa vez.

Dario: você escutou aquelas músicas do Toquinho, do Vinícius, que fala que a gente não pode ter medo de gastar o coração.

Betinho: é, mas não sei, ao mesmo tempo eu continuo com medo. Então, pra variar um pouquinho, tão aí os dileminhas, se não é com a saúde é com o coração, se não é com o coração é com o trabalho, quando não é com o trabalho é com a família. É muito dilema, são muitas equações que são apresentadas pra mim, cara. Às vezes, sabe, a minha vida é elaborada até no ato de andar, pra andar eu tenho que elaborar, eu tenho que tomar cuidado com o lugar onde eu piso, eu tenho que olhar, eu tenho que, sabe, você viu como eu tô. Desde o simples atos de me deslocar, tudo requer elaboração, meu dia a dia requer elaboração, porque eu tenho horário pra

isso, eu tenho horário pra aquilo, muito horário, muita coisa dança, porque eu falei pra você, eu tô há muito tempo sem fazer fisioterapia.

Dario: e você tá mentalmente cansado também, né?

Betinho: eu tô mentalmente, emocionalmente, fisicamente, eu tô cansado de uma maneira generalizada. E eu tenho medo, Dario, de duas únicas coisas nessa vida, lógico que tem o medo de assalto, essas coisas, mas da vida mesmo eu tenho medo de duas coisas: uma delas já tá acontecendo, cansar, eu tô cansado, eu tô exausto; e a outra é pirar, entende, perder o controle sobre minhas atitudes. E se as duas coisas acontecerem juntas, eu tô fudido, né? Então, por isso que eu tô assim, não sei como eu vou sair da Artemis, se ameaçar fechar, desculpa, vão fechar então, mas eu não volto, não tem como, não faz parte da minha vida, não é mais a minha vida.

Dario: e o Artemis tem que aprender a caminhar com as próprias pernas.

Betinho: é como um filho, né. Vai que o filho cresce, vai sair de casa, vai viver tua vida, vai pra São Paulo e não enche o saco...

Dario: teve uma hora que você falou de se tornar “cidadão”. O que significa ser “cidadão”?

Betinho: ser cidadão é viver legal a vida e querer que todo mundo viva também, e querer que os outros também sejam. Já te falei, né, eu não tenho religião, tudo, mas eu uso muito analogia com religiões nas minhas palestras. (?) **12min 45s** público, em geral, tem muita gente evangélica, muita gente católica, tal, e tem aqueles conceitos todos assim. É aquela história de usar a arma dos outros contra o pensamento deles mesmos. Então eu falo, por exemplo, com relação a Deus ou a um tratamento: “ah, Jesus vai me curar”, eu falo “querido, você esqueceu que na palavra”, inclusive eu uso as termos deles mesmos, “você esqueceu que na palavra tá escrito que faça tua parte que serei por ti”. “É meu lindo, ele tá no controle, mas você esqueceu que quem guia é ele, mas quem dirige o veículo é a gente”.

Dario: (?) **13min 25s**

Betinho: é, não, não, não. Deus deu um caminhão para gente, mas quem vai dirigir é a gente, nego. Ele não tem tempo pra isso não, tem guerra em tudo quanto é lugar, tem aquecimento global, tá tudo uma bosta, tem muita coisa pra ele se preocupar. Então costuma usar assim em tudo, né. E nisso que a gente tava falando, que pra variar eu esqueci, eu tô tentando ganhar tempo contigo pra lembrar... ah, de ser cidadão, né? Eu eu, sabe, quando eu falo em cidadania, eu falo “gente, qualquer filosofia fala disso, ama teu próximo como a si mesmo”, né, não dá pra ser feliz sozinho, acho que é isso que Vinícius quis dizer, (?) **14min 10s** de que

adiante eu tá feliz e todos os meus à minha volta estão se fudendo. Cidadania pra mim é isso, é a gente amar o próximo como à gente mesmo, é fazer pros outros aquilo que a gente faria pra gente e não fazer pros outros aquilo que a gente não gostaria de fazer pela gente, é isso. Veja aí, eu já tive vários tempos, com eu já falei, eu me envergonho de algumas coisas e algumas delas eu vou levar pro túmulo, que tem coisa que dá até cadeia, pra falar a verdade. Mas... é, fofo, a coisa foi bastante feia, naquela época foi bastante pesado... e, é isso, ser cidadão pra mim é ser feliz tendo todo mundo feliz à minha volta.

Dario: e como que você resume...

Betinho: é mais ou menos mais uma frase do Guilherme Arantes, da mesma música do (?) **14min 55s** que eu coloquei lá no coisa, que parece que já tá até no site. É “como sou feliz, quero ver feliz quem andar comigo”. É por aí, eu uso muito essa música também.

Dario: e como você resume a sua história de vida?

Betinho: como? Bom, hum... com consequência de uma vida de excessos, né, minha vida sempre foi de excessos. Eu, em 96, fui condenado à morte, fui condenado não, fui executado, né, eu morri em vida pra muita gente, pra muitas coisas e, de repente, depois de tanta dificuldade, depois de tanto tempo a gente aprende que o monstinho que veio com a missão de me matar se tornou talvez o maior aliado hoje. Se não fosse ele, se não fosse ele, se não fossem todas as situações que vieram dele, tudo, inclusive, como eu te falei, o ativismo, não sei se eu teria trilhado um caminho tão legal como eu tô trilhando, né. Eu nunca fui uma pessoa do mal, mas também nunca fui do bem, eu só pensava em mim, nos meus prazeres, nas minhas coisas, provavelmente, depois de eu morrer, minha família e mais umas poucas iam se lembrar de mim. Hoje, não, acho que eu vou ser lembrado, vai ter alguma coisa legal e, não sei, eu tenho certeza de que ainda vai ter dias muito legais pra mim, né, eu espero, sinceramente, chegar aos 90 anos, por aí, com o sistema imunológico totalmente renovado com uma pesquisa nova que saiu agora de um medicamento que tá aguardando licenciamento que parece que é muito bom, produzido no Brasil, pela UFRJ...

Dario: bacana.

Betinho: um anti-infeccioso de maneira geral, que faz você (?) **16min 42s** Quer dizer, sempre tá acontecendo alguma coisa, eu sempre acredito, sempre, mesmo aquela época, alguma coisa me dizia que eu não ia morrer daquilo...

Dario: hum hum.

Betinho: que nem o Caetano fala “de susto, de bala ou vício” no “sou louco por ti América”.

Dario: hum.

Betinho: alguma coisa sempre disse, não vai ser disso, vai ser de outra coisa, não tem nada a ver. Não me vejo naquela de onda de “ai, você tem uma missão”. Missão é uma coisa muito, é coisa demais. Eu acho que eu tenho uma tarefa, né, acredito nisso. Eu acredito que a gente venha com alguns desafios, acredito em karma, acredito em reencarnação, eu acho que nós temos uma máquina espetacular, cara, espetacular, especialmente nosso cérebro, que a gente conhece tão pouco. Eu fui acreditar definitivamente na reencarnação foi na quimioterapia, quando eu via aquela molecadinha, caralho, que que essas porra dessas criança fizeram pra merecer isso? Como que vem, né? Eu acredito em Deus, porra, eu acredito em Deus e Deus pra mim é qualquer coisa que misture bondade e justiça, né, já falei isso pra ti na sexta-feira. É a mistura das duas coisas: boa e justa. Né, porque a bondade sem justiça dá merda; a justiça sem bondade dá merda também. Então eu acho que as duas coisas juntas é que formam uma coisa mais ou menos isso. Então, se não fizeram nenhuma coisa nessa vida, tem coisa lá pra trás. Não é possível que, de graça, seja uma criança submetida a uma provação desse tamanho. Foi ali que eu falei “não, tem alguma coisa que veio, que eu não sei o que é, não vou me preocupar em saber o que é, sabe, pra mim, tem gente pesquisando isso, o meu negócio é solucionar as minhas coisas e as coisas daqui agora, da história. E, então, eu acredito que o que eu tô passando realmente acho que não, o que eu tô passando, eu digo assim, a infecção pelo HIV, por exemplo, pombas, você vai ter uma infecção por HIV, uma dificuldade de saúde séria, vamo vê o que você faz com isso, como é que você trabalha essa história. Eu acho que talvez seja mais ou menos assim, não com essas palavras, lógico. Aí as atitudes dependem da gente, a partir daí, o desafio tá lá, o que a gente vai fazer com ele é totalmente nossa vida. Eu poderia já ter morrido há muito tempo, como quase fui, eu fiz uma opção extremamente errada, que foi a de não acreditar que o futuro daria certo, não acreditar que o futuro seria melhor que hoje, tanto que eu abusei das drogas. Hoje eu tenho clareza de que eu tentei me matar, né, eu tentei abreviar, eu sabia que o consumo excessivo de drogas ia abreviar a situação. Só que eu não tive a coragem que meu irmão teve de dar um fim de uma hora pra outra, eu digo graças a deus, ainda bem, é o que de uma certa maneira aumenta a tristeza por ele ter ido, né, tal, já tem tanta coisa moderna pra bipolaridade, que eu tenho acompanhado. Então é isso, meu lindo. Então, agora, daqui a quarta-feira, daqui a três dias,

menos de três dias, eu estarei dando vuvuzelada no ouvido do Ministro da Saúde. Vai ser um espetáculo. Já ouviu minha manifestaçãozinha?

Dario: não.

Betinho: é mais ou menos assim, por favor, vou continuar com o nosso sigilo.

Dario: sim.

Betinho: vai todo mundo entrar, a orientação vai ser passada pra sociedade civil na entrada do auditório, ninguém sabe como vai ser, três pessoas sabem, pra não vazar. Então a orientação é: apito e camiseta preta, e o que mais quiser levar, mas roupa preta e apito sim. As pessoas vão se dispor no auditória espalhadas, o mais espalhadas possível pelo auditório, que é gigantesco, são 5 mil pessoas, quase. Então vai espalhar. A gente vai simular uma infecção, na verdade, essa foi a ideia que eu tive.

Dario: foi você que teve essa ideia?

Betinho: foi. Ninguém discute nada, é isso que eu tô cansado, cara, sabe? E ainda cê pensa, cê fala, cê faz as propostas e é chamado de radical, tudo, e é jogado pra esquerda. Então vai se fuder, eu já vou me jogar pra escanteio, que do escanteio eu faço gol. Então vai espalhar e eu vou ficar lá frentinha, quietinho, bonitinho. Vou avisar o pessoal à minha volta, quando o mestre de cerimônias começar a falar alguma coisa, eu já vou avisar o pessoal à minha volta: “por favor, vocês não se assustem daqui a pouco, tá bom?”, porque eu não quero criar inimizades nem matar alguém do coração, porque a vuvuzela toca alto e a hora que o mestre de cerimônias falar “passamos a palavra agora para o Sr. Ministro da Saúde, Dr. José Ramos Temporão”, aí a hora que ele pegar o fôlego pra falar “boa-noite, Brasília”, eu vou levantar, vou estourar a vuvuzela, “cadê meu remédio?”, nisso vai todo mundo da onde que tá começar a apitar e vir em direção ao palco, tipo uma infecção mesmo, “tá faltando meu remédio, tá faltando meu remédio”...

Dario: que bacana...

Betinho: aí vai tá todo mundo lá na frente, quando tiver todo mundo lá na frente, eu vou dar uma vuvuzelada pro pessoal ficar quieto e vou falar “Seu Ministro, o Sr. vai desculpar a forma indelicada que a gente interrompeu a sua fala, mas é dessa forma indelicada que a gente tá sendo tratado pela gestão farmacêutica desse país, nós que vivemos com HIV tamos cansados, tamo tendo que ir 4 ou 5 vezes por mês pra retirar medicamento em saquinho de chup-chup, quando nós não tamo tendo nossa terapia substituída desnecessariamente e voltar pra casa sem os medicamentos. A proposta desse Congresso é viver direitos, mas como vamos viver direitos se

nós tão temos nem o insumo básico pra gente continuar vivo. Esse Congresso também tá programada uma conversa afiada, a gente tá com a conversa afiada, o que a gente tá cansado é de conversa fiada, a gente quer atitudes afiadas, é isso que nós tamo fazendo, assim como o Congresso, um chamado à ação e à vida”. Eu tô usando tudo palavras da base do Congresso “viver direitos”, “tamo fazendo uma chamado à ação e à vida, à nossa vida, eu vivo com HIV há 21 anos, assim como tem muita gente aqui que tem muito mais tempo que isso, a gente superou dificuldades extremas, a gente derrotou a própria morte, é o fim da picada a gente tá com nossas vidas nas mãos de uma gestão incompetente de um Estado que não reconhece tal, tal, tal... por esse motivo nós estamos abandonando essa cerimônia de abertura, não sem antes exigir que seja marcada, em caráter de urgência, uma audiência com os Ministérios envolvidos nas logística de medicamentos, da Saúde, Ciência e Tecnologia, Planejamento e Casa Civil, assim como também exigimos a valorização do Departamento Nacional DST/AIDS e Hepatites Virais, antes que eles se tornem uma subsecretaria dessa departamento. Por isso também convidamos o Sr.”, aí eu vou virar pra trás “convidamos os Srs. farmacêuticos e farmacêuticas, que não se conformam de estar sendo obrigados a distribuir medicamentos em saquinhos chup-chup; convidamos os Srs. médicos e médicas, que estão sendo orientados a fazer essas barbaridades com seu Código de Ética; convidamos todo mundo que não admita mais a gestão farmacêutica em DST/AIDS”. Aí todo mundo sai apitando “tá faltando meu remédio”. E aí o que a gente puder levar de gente a gente leva. E como é ano eleitoral, todo mundo que é PSDB vai sair. Tá na hora da gente usar os cara... hahaha...

Dario: hahaha...

Betinho: é, acha, esse negócio de financiamento de laboratório farmacêutico, “ai, não, não”, eu falei “gente, vocês não aprenderam com São Pepeu Gomes e Santa Baby Consuelo “o mal é o que sai da boca do homem”, nego. Esse dinheiro vai ser usado pra outra coisa, pra arma, pra qualquer coisa, que venha pra gente, a gente usa, desde que não fira nossos princípios, a gente usa. A gente sabe usar dinheiro, para. É isso.

Dario: ô Betinho, eu achei genial essa proposta, eu vou acompanhar pela mídia.

Betinho: é, talvez saia alguma coisa no jornalismo da TV à noite, de quarta, porque a manifestação vai ser às 7 da noite, então dá tempo de chegar no Jornal Nacional, da Record, cê entende, dá tempo de chegar nos maiores noticiários.

Dario: entendi.

Betinho: e no dia seguinte nos jornais, né, vamo vê.

Dario: e outra coisa que eu queria te perguntar: eu tenho um amigo meu que trabalha na Globo, ele tem contato na Globo de Brasília, eu vou, posso dar um toque pra ele, informalmente, pra lá na capital o que vai acontecer ou não?

Betinho: não, não, não, não, não...

Dario: é um segredo?

Betinho: é... pode falar que vai acontecer uma manifestação bastante impactante na abertura do Congresso, isso pode falar, e que o governo não sabe, pra imprensa falar, fala pro seu amigo não falar pro governo.

Dario: não, dá pra confiar na ética dele, eu posso falar pro pessoal ir lá cobrir.

Betinho: isso.

Dario: ele vai adorar.

Betinho: isso, dá meu nominho e tudo, a gente faz um barraco...

Dario: beleza! Ô Betinho, as últimas perguntas. Com que você define seu trabalho hoje?

Betinho: meu trabalho? Eu sou um instrumento nas mãos de Deus. Cê sabe que eu tenho o sonho de fundar uma seita, né, cara: “os portadores do apocalipse”, “sagrada ordem dos portadores do apocalipse”, bem apocalíptico mesmo pro pessoal ficar com medo e passar toda a grana deles pra gente, hahaha..., pro movimento, não tô brincando. Ah, cara, eu vejo como, é, assim, um grande amigo meu, o taxista que presta serviço pra mim, tal, uma vez falou pra mim: “ô, Betinho, você não tem noção do tamanho, da abrangência do teu trabalho, cada notícia, cada retorno, cada pessoa que vira pra você e fala o quanto você ajudou a ele, ao filho, tudo, tem um monte de gente que foi afetada e você não sabe, você não fica sabendo”. Outro dia, essa Flávia Cintra, quando eu tava falando que eu tava cansado, né, não aguentava mais, ela virou pra mim e falou: “Betinho, você tá deixando de ser um ativista, você tá virando um estrategista social, né, cê parar de fazer coisas e vai pensar em coisas pros outros fazerem, que tá claro”, ela falou pra mim. E eu comentei essa história do taxista e ela falou “Betinho, e tem outra coisa, é muito bom a gente não saber o total impacto que a gente causa, se não a gente ia se endeusar, a gente ia pensar que a gente é o rei da cocada e o cacete, então é bom ter essa humSra. Xde”. Então, assim, eu vejo o trabalho como, primeiro de tudo, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, esse trabalho foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, disparado, porque, mais uma vez, o maior beneficiado fui eu, se eu tive possibilidade de interferir positivamente em tantas vidas

assim, nossa, tudo isso tá voltando pra mim, o “Viver a Vida” é um exemplo: foi 1 minuto e 57 segundos que ficou no ar que passou força, o que eu recebi de, se você for no meu Orkut, cara, vai lá nas últimas, nas últimas mensagens do meu Orkut principal. Você tá no que tem um monte de gente?

Dario: sim, tô.

Betinho: então, vai nos meus recados, se tiver como ir nos últimos direto, cê vai ver o tipo de mensagem que eu recebi, cara.

Dario: tá, vou lá vê.

Betinho: são coisas maravilhosas, gente que eu não conhecia. A primeira coisa que eu recebi, inclusive, que eu fui ver era um e-mail que chegou logo depois assim, eu sei que era uma mulher assim, Solange não sei das quanta, duas linhazinhas, ela nem falava “oi, tudo bom?”, ela só falou “não nos conhecemos”, como é que foi que ela falou? “A gente não se conhece, mas...”, não, nem a gente não se conhece, foi direto, é “olá, tenho 48 anos, 12 deles trabalhei na IBM e 10, na Itautec”, não, não tem esse negócio: “olá, por 12 anos trabalhei na IBM, por 10 anos na Itautec, e hoje, aos 48, acham que a gente não vale nada. Eu estava numa profunda depressão até agora. Muito obrigada”, só isso, escreveu. Eu li aquilo, eu falei “gente, uma mulher de computação, mulher, computação, quer dizer, nada de afinidade até agora, não conheço nada e ela me fala que simplesmente eu a tirei de uma depressão profunda, por conta de 1 minuto e 57 segundos de mensagem que eu passei. A primeira vez que eu fui pra uma penitenciária pra fazer uma palestra, eu tava apavorado, era a primeira vez que eu ia numa penitenciária, tinha uns, nossa, tinha uma sala gigantesca, cheia de neguinho de laranja, roupa laranja, meio amarelada, pá, e, que tinha na época, né, agora mudou, e eu cheguei, eu vi que um cara ficou acompanhando a coisa, a coisa toda, tinha muito segurança, tal, e tinha um cara franzino, não tinha cara nenhuma de segurança de alguém, de óclinho, contando tudo, terminou, foi um barato, foi um barato. Depois de tudo, chegou essa cara e falou “ô, Betinho, tudo bom? Eu sou coordenador da parte psicológica, do departamento psicológico aqui da penitenciária, tal, meu querido, eu quero te dar os parabéns, eu nunca tinha visto uma coisa assim, em 1 minuto você tava com todo mundo na tua mão”. Sabe como eu começo uma palestra com adolescente, por exemplo?

Dario: hum?

Betinho: “antes de mais nada, quem aqui sabe o que significa ejacular”? Aí o pessoal já fica, já dá risada, pá, tudo, né. “Bom, pelo jeito eu já vi que todo mundo, sabe, mas escuta aqui,

você”, né, já vejo o que tem mais cara de esperto”, “quando você tá com a tua garota quantas vezes você fica, eu já começo a fazer um teatrinho “ai, eu já vou ejacular, eu vou ejacular”. Aí todo mundo já cai na gargalhada, né. “Aí como a gente fala?”, aí um ou outro “gozar, gozar”. “É isso aí, a palestra vai ser assim, tá? Quem tiver alguma pergunta vai falar claramente, eu vou falar os termos técnicos pra vocês terem a noção, tudo direitinho, mas a gente vai conversar falando a linguagem que a gente usa na cama, a linguagem que a gente usa na rua, se não não vira, se não a hora que vocês tiverem trepando, vocês vão pensar que sexo oral é falar sobre sexo e um abraço, né?”.

Dario: é.

Betinho: né, vai falar como? É tratar as pessoas com respeito, cara, né, isso é que o HIV, tudo isso, me ensinou o valor do respeito que tem que ter pelos outros e especialmente o valor eu mereço, cara. E já que eu mereço, todo mundo merece. É um círculo vicioso, né, que forma. Eu mereço um respeito e você também, é isso aí. Respeito, acho que é a palavra chave pra tudo isso.

Dario: entendi.

Betinho: a gente tem respeito pela gente, a gente se cuida; tem respeito pelos outros, a gente respeita, a gente cuida do outro.

Dario: ô, Betinho, como você vê a relação do seu trabalho com o seu enfrentamento?

Betinho: total, visceral, se o que eu, o que potencializa muito são duas coisas no meu trabalho, duas coisas: a primeira delas é, quando eu tô falando sobre o efeito colateral, é, as pessoas sabendo quem eu sou, que eu vivo com HIV, que eu sou chato, tudo, as pessoas pensam duas vezes antes de falar alguma bobagem. Eu olho, fico vendo a reação do pessoal que tá em volta, principalmente gestor, fica naquela cabreragem de contradizer etc., dá muita propriedade, né, tudo o que eu passei me dá muita propriedade pra encarar qualquer gestor, qualquer pessoa nesse assunto. Por isso que eu digo: eu sou pós-doutorado em resiliência avançada, formado pela Universidade de Cubatão, hahaha, a UniCu, hahaha...

Dario: hahaha...

Betinho: como eu me identifico em muitos lugares também, hahaha...

Dario: hahaha...

Betinho: a UniCu, sou professor de resiliência avançada, né, e acho um barato, porque, quando eu descobri o significado de resiliência, eu falei, pronto é isso, minha formação é essa, né, e é muito loco.

Dario: ô, Betinho, a última pergunta...

Betinho: ah, é, não, não, e a outra coisa que eu acho que tem relação pra tudo é que até hoje eu não recebi um único centavo público que não tenha sido reembolso das (?) **33min 50s** que eu tenho efetuado, eu nunca recebi um centavo público às custas da minha doença, às custas do meu trabalho. Eu já tenho dinheiro, graças a deus, tenho a minha aposentadoria e meu plano de saúde. Não é essa aposentadoria toda, mas é o suficiente pro meu básico e pra algumas bobagens de vez em quando.

Dario: bacana...

Betinho: inclusive, na entrada do camarote solidário, um advogado que trabalha com AIDS, tudo “e aí, Betinho, que cê tá fazendo?” “ah, também tô com um blog aí, com uma coluna”, “e aí, tá recebendo?”. A primeira questão que o pessoal vem perguntar é a questão de dinheiro. Falei “não, não, eu quero continuar me orgulhando de não ter recebido nem um centavo público pelo meu trabalho”. A figura do cara transfigurou: “ai, credo, calma”, mas eu falei tranqüilo, numa boa, “ai, credo, calma, não precisa ser xiita assim”, eu falei “eu não tô sendo xiita, tô falando como é minha vida, eu sou contra quem trabalha e receba, né, mas eu pessoalmente, tenho dinheiro”. Ele até riu, eu falei “eu tenho dinheiro, cara, minha família tem dinheiro”, não falei quanto, e não é muito mesmo. E esses exemplos todos eu peguei de casa, né, eu aprendi com meus pais, meu pai foi político, vereador, por 20 anos, foi diretor da prefeitura outros 20. E, cara, nós continuamos com o mesmo patrimônio, é uma bangalô rachada numa avenida e um Gol mim na garagem, enquanto que todos os contemporâneos dele tão tudo ricos, e chamando ele de bobo, e chamaram ele de bobo por muito tempo. Pelo contrário, eu me orgulho, tive oportunidade de falar, eu tô procurando cá o vídeo do cidadão emérito, do meu discurso, tive oportunidade de reconhecer isso no meu pai. Falar de meu pai, homenageei minha mãe e tudo, chorei e tal. Quando chegou na parte do meu pai foi mais delicado, meu pai tava representando o prefeito nesta audiência. Ele tava representando o prefeito, olha a responsabilidade, era o meu pai... depois de falar da minha mãe eu olhei, falei “pai, quantas diferenças marcaram sempre a nossa vida, hein? Eu de esquerda, o senhor, de direita, né”. Não falei que eu sou gay e o senhor hetero, também não cheguei a esse ponto...

Dario: hahaha...

Betinho: “algumas diferenças que sempre desafiaram nosso amor, mas ele superou tudo isso, superou tudo isso e hoje eu tenho o prazer, hoje eu tenho o orgulho de dizer que o senhor

sempre foi uma referencia pra mim, o senhor me ensinou que realmente o dinheiro não é isso tudo”. E ele dura, com aquela cara de paisagem que eu conheço que é quando ele tá estourando de emoção!

Dario: que bacana...

Betinho: uma coisa que me dá muito prazer, cara, é que, por conta do meu comportamento, né, os antecedentes do meu projeto, que não era nada legais, eu sempre fui mal visto, vamo dizer, muito zuera, pá, “ó o filho do Sr. X ali, ó o filho da Ida”, naquele tom de... hoje não, hoje é “ó, aquele lá é o filho do Sr. X, aquele lá é o filho da Ida”, com outro tom completamente diferente. Quando eu chego, várias pessoas chegam, meu pai não demonstra esse tipo de coisa. Meu pai é que nem aquele cara do ônibus da “Central do Brasil”, que a Fernanda Montenegro vira pro moleque e fala “olha, tá vendo aquele cara, conheço aquele tipo, na rua é um palhaço, em casa é um bispo”. Exatamente a mesma coisa, chega em casa sério, pá, tudo. Então ele não transmite essas coisa, mas muita gente já chegou e falou “nossa, Betinho, com seu pai se orgulha de você, quando ele começa a falar de você os olhos dele brilham e ele fala com muito orgulho de você, não sei que lá”. Isso pra mim é uma outra vitória, essa é minha medalha, essas medalhas. Sabe quantos partidos políticos já me convidaram, querido, pra ser candidato a alguma coisa?

Dario: não.

Betinho: chuta.

Dario: uns 5.

Betinho: nenhum.

Dario: nenhum.

Betinho: Nenhum! Essa é outra senhora medalha de honra, cara, né, eu não interesso ao sistema político-partidário do Brasil, e sim (?) **37min 42s** ao sistema do Brasil que é, eu tomo isso como um puta elogio, né, eu atribuo isso a uma imagem de independência, uma imagem de coerência, sabe, se tiver coisa errada eu não vou aguentar, eu vou falar, (?) **37min 55s**, né, eu bato nos meus maiores parceiros, sempre avisando eles, fazendo a coisa de uma forma da forma mais ética possível, mas, sabe, é por isso. Você tinha uma última pergunta...

Dario: ô, Betinho, é seguinte, a mais importante: me fala uma coisa que você gosta, uma coisa que te irrita e um objeto que você levaria pra lua... hahaha...

Betinho: hahahaha. Uma coisa que eu gosto, um objeto que eu gosto, ai, já foram uns objetos tão legais, mas todos... mas o objeto que eu gosto, tem que ser um objeto?

Dario: não, uma coisa que você gosta, uma coisa que te irrita e um objeto que você levaria pra lua.

Betinho: um objeto que eu gosto, que eu amo de paixão, é minha família, eu sou que nem os meninos de Down, cara, minha família. Sem ela eu não seria ninguém, sem ela eu não estaria aqui, sem ela eu não teria tido educação, sem ela eu não teria uma estrutura física que tá suportando isso tudo, sem a minha família eu não teria nada, cada, não seria nada sem minha família, né, então, é minha família. Uma coisa que me irrita profundamente? Traição, qualquer que seja a traição, né, qualquer atitude feita por trás, que não seja um sexo, eu odeio.

Dario: sim.

Betinho: e o que eu levaria pra lua?

Dario: é, um objeto...

Betinho: um coquetel, querido, levava um coquetel.... não tenha dúvidas, se não eu vou morrer, um coquetel e um foguete pra voltar...

Dario: é, cê falou ontem do foguete...

Betinho: ou então não, um foguete pra voltar na hora de tomar o coquetel, pronto, melhor ainda, já abrange as duas coisas, um foguete pra voltar e tomar o coquetel!

Dario: ai, tá bom então, te agradeço de coração, viu...

Betinho: e aí, meu lindo, só te falar uma outra coisa, o que eu mais desejo, hoje, a coisa que eu mais desejaria, hoje, é parar o tratamento, se houvesse alguma maneira de tomar tanto medicamento que tá destruindo meu corpo aos poucos, e que me dá tanta insegurança com relação ao futuro.

Dario: entendi.

Betinho: se, por um lado, ele estabilizou meu sistema imunológico e a quantidade viral, por outro, meu corpo está sendo absolutamente detonado, já foram três cânceres, já foi cirurgia pra caralho, cirurgias ósseas, lipodistrofia e isso e aquilo e aquilo outro, sabe, acha, meu corpo tá cansado, chega, chega, tá pedindo pause. Meu maior desejo seria parar o tratamento, de maneira responsável.

Dario: entendi, pra poupar o teu organismo, né?

Betinho: com certeza. Eu tô indo pra um neurologista agora, tô pra marcar consulta, porque eu tô sentindo que a minha cabeça tá se desintegrando, sabe. Eu te contei da Dra. Denise Lotufo, que a conheci numa reunião?

Dario: sim, você me contou.

Betinho: sábado, essa minha amicíssima que levou pra cirurgias espirituais em São Paulo, na festinha da ONG, foi minha tesoureira comigo presidente, simplesmente eu não a reconheci, cara. Levou aqueles, sabe aqueles 5 segundos, 10 segundos, eu olhando e ela, “Betinho, Betinho, sou eu”. Aí eu falei “Rosane, querida, desculpa”, sabe, isso tá acontecendo com frequência, eu tô ficando muito preocupado. O que agora, a gente sempre tem apreensão com relação ao futuro, isso é normal, né, mas quando você tem o futuro já previamente comprometido por conta dessas situações todas, aí é complicado. Da morte que realmente não tenho medo nenhum, né, a morte, é realmente, como eu até já escrevi. Você viu no “crônicas” “vidas em crônica” do site do Departamento Nacional?

Dario: não.

Betinho: aids.gov.br, do lado direito no menu lá, do lado direito, em “vidas em crônica”, Betinho. Ainda teve isso, cara. Ainda fiz parte de uma publicação que foi lançada em 1º de dezembro, do Ministério da Saúde, e que eu não fui na cerimônia de lançamento em Brasília, eles não têm (?) cara, não é que não deu, não dava, porque eu tava (?) terrível.

Dario: eu lembro desse projeto, eu lembro sim.

Betinho: é, então, eu tive dois textos classificados.

Dario: bacana.

Betinho: e ali eu falo no final, né, como é que eu falo, quer ver, pera só um pouquinho, eu já vou ver já...

Dario: ah, aqui, anos 80 e anos 90...

Betinho: é, e o 2000 não colocaram, porque tinha muita, tinha toda essa porrada, né, cara, os problemas ósseos, meu irmão, (?)

Dario: ô Betinho, você me autoriza publicar esses textos junto com teu depoimento, claro, é lógico, tranquilo.

Betinho: alguns bichos são mais iguais que os outros, você leu George Orwell...

Dario: sim.

Betinho: “Revolução dos Bichos”?

Dario: sim, eu li.

Betinho: pra você ter uma ideia de como eu trabalhei, de como eu conquistei inimizadas, a rede de pessoas com HIV, no Estado de São Paulo, achou por bem que ia virar uma ONG, quer

dizer, um rede, com poder de capilarização, de se meter eu tudo quanto é lugar, como qualquer rede, ia virar uma ONG, ia engessar e fudê de vez, já não tinha trabalho, ia ter menos ainda, né. Aí eu soltei um artigo, especialmente São Paulo, “Alguns bichos são mais iguais que os outros” e fiz uma analogia. Quem lesse o artigo ia identificar quem era o porco, quem era o cavalo, ia ver claramente uma assembléia, uma plenária ao final do encontro de pessoas vivendo com HIV. E o povo ficou louco, né, quando saiu o artigo, a gente avisa antes, né, nego não toma jeito, vai se fudê. Poxa, mas tô triste de não tá achando isso aí, cara, ah que saco. Mas, assim, o bichinho que veio pra mim com a missão de me matar, acabou se tornando meu, a minha fonte de energia e a morte, minha companheira de vida, simplesmente. Que é, né, acabou virando que é, porque a morte é companheira da vida. Não é, fio? Um não vive sem o outro.

Dario: é verdade.

Betinho: e a gente não tem, tem até um ditado que diz assim “a gente deve viver cada dia como se fosse o último”. E tem uma continuaçãozinha: “ gente deve viver cada dia como se fosse o último, porque um deles vai ser”.

Dario: hahaha...

Betinho: esse “porque um deles vai ser” é que não cai a ficha da gente, né?

Dario: é.

Betinho: a gente fica negando, negando, e quando acontece é aquele desespero. Não, nego, é fatal. Eu tive muito medo quando eu percebi que eu tava começando a ficar mais (?) **50min 50 s** morreu, assim, morreu. Eu lamento muito quando a pessoa sofre demais antes de morrer, porque morrer todo mundo morre, e os porquês a gente não sabe, a gente acha que foi por causa disso, daquilo, a gente nem sabe direito.

Dario: é verdade. Eu tava lembrando a (?) **50min 40 s** da metodologia hinduísta, você conhece?

Betinho: Deus Shiva?

Dario: é.

Betinho: mais ou menos, né, mais ou menos.

Dario: quem é mais conhecido é a Nataraja, hindu dançarino, questão da (?) **51min 20 s**

Betinho: é, exatamente, Shakti é da criação, não é?

Dario: aí eu não sei.

Betinho: não, não. Vishnu, que é o preservador e Bhrama que é o criador. Eu sou o destruidor. Gostei, adorei. Vai ser o nome de uma coluna, “coluna de Shiva”, no meu blog. Pois é, meu lindo, destrói pra construir algo novo. Ontem o João, que é uma pessoa muito simples, e, mais é braço direito nosso, tudo, fundador da ONG, ele agora vai assumir a presidência, não pela competência técnica dele, mas pela força que ele tem na instituição junto a essas pessoas com HIV, pela história na ONG dela e tudo. E ele falou, dentro da simplicidade dele, ele falou uma coisa, a gente tava discutindo algumas coisinhas, né, na festinha, ele virou e falou “é, quando a gente achou que era o fim, tava começando”.

Dario: é isso aí.

Betinho: falei “cara, eu vou guardar essa frase”. Mas é né, quando a gente acha que é o fim, é o começo, é o começo de uma outra coisa, e tudo na vida é assim. A gente olha a folhinha que cai da árvore na Amazônia, que cai no chãozinho despercebida de tudo no mundo, ela vai virar um adubinho, ela vai contribuir pra que a árvore que ela caiu se fortaleça, ou que outra planta fortaleça, né, tudo que é descartado acaba sendo aproveitado, a natureza inteira é exemplo disso, por que a gente vai ser diferente? Não é? Eu tomo muito por base, eu não tomo por base, alguns preceitos religiosos sim, mas eu tomo por base os preceitos naturais, cara, a natureza, o universo ensinam tanto pra gente, tanto, não é?

Dario: sim

Betinho: então, pronto.

Dario: deixa eu te perguntar, que nome você quer que eu coloque no artigo, quando eu for fazer uma descrição sua, qual o pseudônimo você quer que eu coloque na entrevista?

Betinho: de codinome?

Dario: sim, sim.

Betinho: meu nome real mesmo, sim, sim, eu sou transparente até demais. O pessoal me critica “você expõe muito as coisas”. Todo mundo expõe, todo mundo sabe, aqui em Brogodó, que eu uso droga, que eu sou gay, portador de HIV e todo mundo, tirando as maldições, todo mundo me respeita, senhoras de Rottary, disso, daquilo outro, que sabem de tudo, me respeitam uma barbaridade, me elogiam publicamente, isso é muito bom, cara.

Dario: essa questão da visibilidade, né.

Betinho: você ser reconhecido pelo que você é independentemente do que você faça, pelo que você é. O que eu faço não mede o que eu sou, a essência minha é essa, então foda-se.

Dario: é, cara, é isso aí. Eu vou, assim que eu transcrever, eu já te mando pra você dar uma olhada.

Betinho: tá, e assim que eu achar a porra do texto eu mando pra você também.

Dario: tá legal. Muito obrigado, viu?

Betinho: magina, posso fechar o Messenger, então?

Dario: pode.

Betinho: eu vou fechar aqui, se não daqui a pouco chega alguém querendo bater papo, aí fudeu.

O poeta ficou cansado

Pois não quero mais ser Teu arauto.

Já que todos têm voz,
porque só eu devo tomar navios
de rota que não escolhi?

Porque não gritas, Tu mesmo,
a miraculosa trama dos teares
já que a tua voz reboe
nos quatro cantos do mundo?

Tudo progrediu na terra
e insistes em caixeiros viajantes
de porta em porta, a cavalo!

Olha aqui, cidadão,
repara, minha senhora,
neste canivete mágico:
corta, saca, fura
é um faqueiro completo!

Ó Deus,
me deixa trabalhar na cozinha,
nem vendedor nem escrivão
me deixa fazer Teu pão.
Filha, diz-me o Senhor,
eu só como palavras

Adélia Prado
(Oráculos de Maio, pág.13)

Paldeira